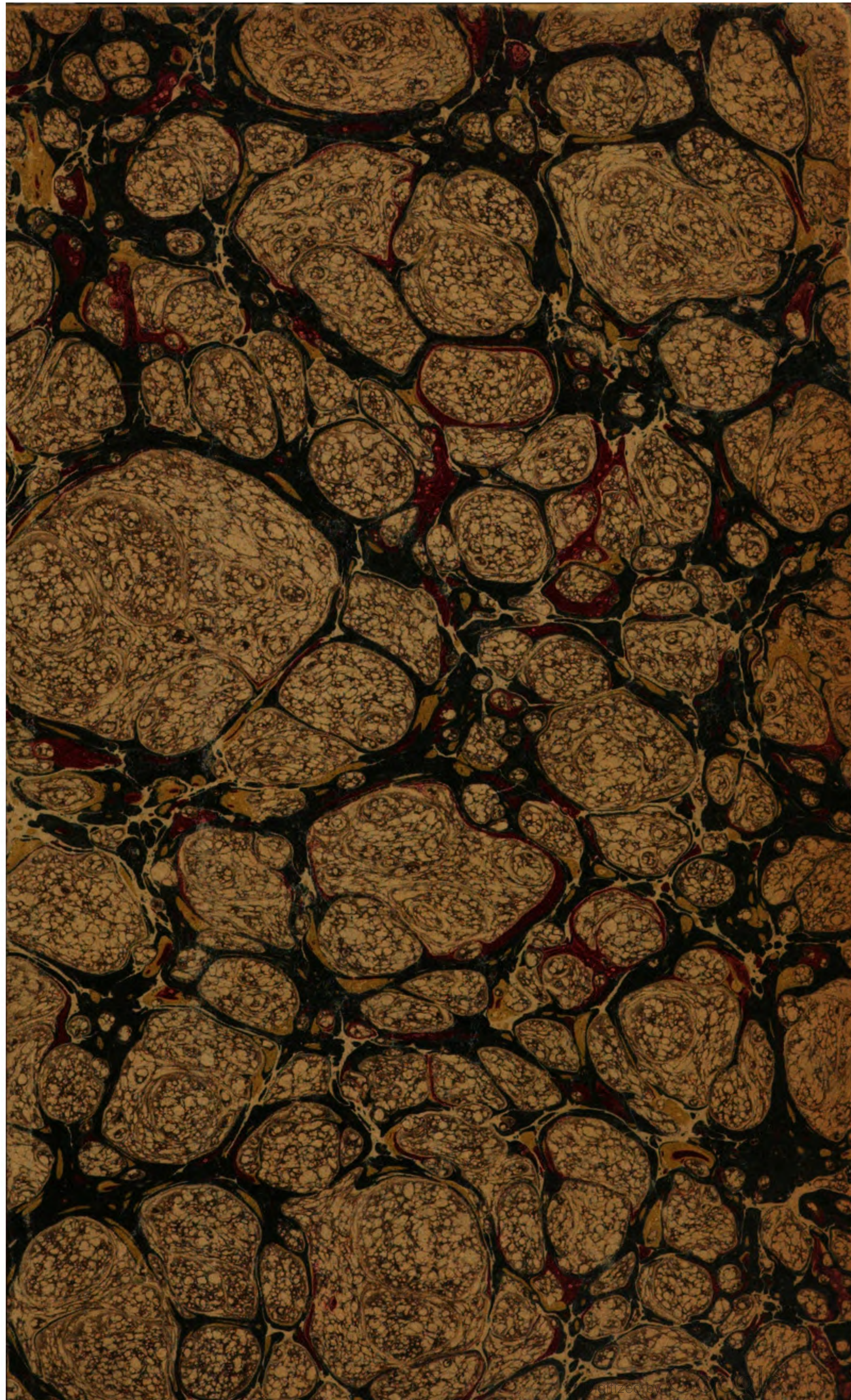
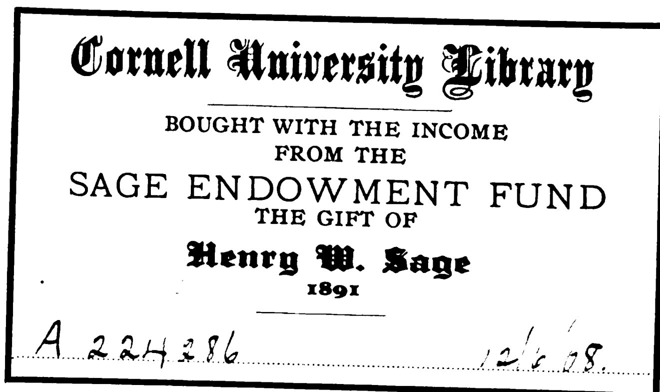






The date shows w

HOME USE RULES.

All Books subject to Recall.

Books not needed for instruction or research are returnable within 4 weeks.

Volumes of periodicals and of pamphlets are held in the library as much as possible. For special purposes they are given out for a limited time.

Borrowers should not use their library privileges for the benefit of other persons.

Books not needed during recess periods should be returned to the library, or arrangements made for their return during borrower's absence, if wanted.

Books needed by more than one person are held on the reserve list.

Books of special value and gift books, when the giver wishes it, are not allowed to circulate.

Marking books strictly forbidden.

Readers are asked to report all cases of books marked or mutilated.

REVISTA LUSITANA

REVISTA LUSITANA

Archivo de estudos philologicos e ethnologicos relativos a Portugal

PUBLICADO

com a collaboração dos especialistas portugueses e a de alguns estrangeiros

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Professor do Curso de Bibliothecario-Archivista e Conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa

VOL. VIII

LISBOA
ANTIGA CASA BERTRAND
75, Rua do Chiado, 75

1903-1905

LISBOA

IMPRENSA-LUCAS

93 — Rua do Diario de Noticias — 93

MALAIO E PORTUGUÊS

I

O elemento português na lingua malaia [1]

A influencia do idioma de Camões no malaio, — o italiano do Oriente —, que se falla como lingua vernacula em Sumatra, Malaca, Bornéo, Batavia e ilhas adjacentes, e como lingua geral da politica e do commercio em toda a extensão do archipelago indiano, de costa a costa, nunca foi verdadeiramente importante. Isto explica-se, de certo, pela curta duração do contacto que outr'ora houve entre os povos d'aquellas regiões e os Portugueses, hoje completamente extincto, excepto em parte da ilha de Timor, onde estes dominam ainda, pois é só alli que, fóra porém do país malaio propriamente dito, os descendentes dos Albuquerques e dos Almeidas tem conservado um resto de acção.

Aquella diminuta influencia do português no malaio não póde attribuir-se ao caracter linguistico, pois o primeiro d'esses idiomas é muito apto para ser fallado pelos Malaios, para cuja loquela e ouvido quasi todos os sons portugueses são faceis.

O número das palavras adoptadas pelos Malaios é importante, considerando quanto foram curtas as relações em vista das quaes elles as introduziram.

E' tambem notavel que quasi todas essas palavras ainda hoje se usem com a *significação primitiva*, phenomeno que, como se sabe, nem sempre se dá quando várias linguas estão em contacto entre si. Assim no malaio as palavras provindas do sánscrito perdem muitas vezes a significação primeira, como tambem grande

[1] [Este artigo enviou-o o seu auctor, o Sr. Dr. Fokker, para a *Revista Lusitana*, a meu pedido. Vinha escrito em francês, e foi por mim mandado verter em português. — O Sr. Dr. Fokker rege uma cadeira na Universidade de Amsterdam, e é professor da Escola de Commercio e do Collegio de Marinha da mesma cidade. — J. L. DE V.].

número de palavras arabes: *muka* (pronuncie-se *muca*), do sánscrito *mukha*, significa «rosto», «face», «frente», e não «bôca», como em sánscrito; *asta*, do sánscrito *hasta*, «mão», significa uma medida (da extremidade da mão até o cotovelo); a palavra arabe *fitnah*, na fórma malaia *pitănah*, não quer dizer «prova», «ensino», «seducção», mas «calumnia», etc.

Comparando-se a influencia da lingua hollandesa na malaia á da portuguesa, fica-se surprehendido ainda mais da superioridade d'esta última. Nós, Hollandeses, mantemos com o povo malaio relações que podem considerar-se tres vezes mais duradouras que as dos Portugueses; comtudo a quantidade de palavras nossas por elle adoptadas póde avaliar-se talvez em metade das portuguesas. O nosso idioma é demasiadamente duro para os Malaios o pronunciarem bem, ao passo que o português é muito proprio para ser emittido pelos orgãos vocaes, um tanto preguiçosos, d'aquelle povo; isto prova-se claramente pela feição que os Malaios deram ás palavras adoptadas, a qual ainda hoje se conserva a mesma, ou apenas com leves modificações.

Citaremos algumas palavras de origem portuguesa. A orthographia é pouco mais ou menos a do sánscrito, conforme a transcripção usada na Europa (c = *tch*, j = *dj*, etc.).

MALAIO	PORTUGUÊS	MALAIO	PORTUGUÊS
algôjo	*algoz*	garpu	*garfo*
alpèrès	*alferes*	iñgris	*inglés (ingres)*
bălanda	*Hollanda*		
băludu (băludru)	*veludo*	janêla (ou jăndêla)	*janella*
băndêja	*bandeja*	kaldu	*caldo*
băndêra	*bandeira*	kămêja	*camisa*
bañku	*banco*	kantu	*canto*
biôla	*viola*	kapitan	*capitão*
bôla	*bóla*	kărèta	*carreta*
bonêka	*boneca*	kărpuz[1]	*capuz*
burdu	*bórdo*	kasta	*casta*
butañ	*botão*	ká(s)tèla[2]	*Castella*
căpêo	*chapeo*	kêju	*queijo*
cărutu (ou sărutu)	*charuto*	kubis	*couves*
cinêla	*chinela*	kunta	*conta*
dâdu	*dado*	lămâri	*armario*
gâlay	*galé*	lántêra	*lanterna*
gâlôjo	*goloso*	lañca	*lancha*
gardu (ou gărdu)	*guarda* (ou *guardião?)*	lêlañ	*leilão*
		lidal	*dedal*
găr êja	*igreja*	mâi	*mãe*

[1] Com inserção de *r*, como na palavra puramente malaia *bărjálan*.

[2] Especie de batata: o *s* elide-se, a palavra adquire assim a fórma usual dos nomes de plantas e de partes de plantas.

MALAIO	PORTUGUÊS	MALAIO	PORTUGUÊS
mandil *	*mandil*	rènda	*renda («tecido»)*
mandur [1]	*mandador*		
măntêga	*manteiga*	roda	*roda*
martil	*martello (de metal)*	* rua *	*rua*
		rumbu	*rombo*
maski	*mas que*	săldădu [4]	*soldado*
mèja	*mesa*	săkôla	*escola*
miñgu [2]	*domingo*	saku	*saco*
molèr	*molher*	sămòla *	*esmola*
nôña [3]	*senhora?*	săpañul	*espanhol*
pâdri	*padre*	săpâtu	*çapato*
palûru	*pelouro*	séka	*seccar*
palsu	*falso*	sêla	*sella*
păniti	*alfinete*	siño	*senhor*
pantasma *	*fantasma*	sita	*citar*
părañcis	*francès*	tălèdor [5]	*traidor*
părèsku	*fresco*	tămbakaw	*tabaco*
părum	*prumo*	tărăñkêra	*tranqueira*
părusa *	*força*	tărigu	*trigo*
părâda	*prata*	tăruñku [6]	*tronco*
pètor	*feitor*	tărwêlu	*coelho*
pigûra	*figura*	tinta	*tinta*
pipa	*pipa*		
pita	*fita*	gălapăgu [7]	*galapago*
pomba'	*pomba*	kadêra	*cadeira*
rêal	*real*	lénsu	*lenço*
		milu	*milho*

N. B. — As palavras seguidas de um asterisco (*) parecem ser pouco usadas; o proprio auctor d'este artigo, ainda que natural do Oriente, onde residiu, em Java e Bornéo, e não obstante ter viajado muito, nunca as ouviu da boca popular.

Quanto á origem da palavra *ñoña*, que alguns pronunciam *nóña* (molher, casada com europeu ou com Chinês) [8], os etymologistas não estão de accôrdo. É mais provavel que a palavra venha do chinês, do que do português *senhora* com elisão da primeira syllaba, como em *garéja*, «igreja».

Notemos tambem que algumas das palavras citadas figuram

[1] Elidiu-se uma syllaba, para que a palavra adquirisse a fórma bissyllabica ordinaria.
[2] Elisão de syllaba.
[3] Vide observação no fim.
[4] Do exercito europeu.
[5] Nada tem com o malaio *tidur*.
[6] Com intercalação de *a*: vid. *kăpus*.
[7] «tartaruga». — Esta palavra e as segg. só se usam nas Molucas.
[8] Prof. Schlegel in *Tsoung-Pao* («Annaes do Extremo Oriente»).

sòmente na litteratura, e que ha outras que tem o aspecto de provirem do idioma português, mas que, realmente, provém do hollandês, por exemplo: *kartu,* «carta de jogar», *lampu,* «lampada». A palavra *bañku* tanto póde ser corruptela da palavra hollandesa *bank*, como da portuguesa *banco*.

Amsterdam, Maio de 1902.

DR. A. A. FOKKER.

II

Vocabulário malaio, derivado do português

Em 1896 fui convidado a colaborar na publicação que os amigos e admiradores do falecido orientalista, Monsenhor Carlos de Harlez, lhe desejavam consagrar por ocasião do vijésimo quinto aniversário do seu professorado na Universidade de Lovánia.

Tivera eu ensejo de travar conhecimento com o erudito sinólogo, em 1889, quando, na companhia do meu amigo Guilherme de Vasconcelos Abreu, me dirijia, pela Béljica e Alemanha, a Estocolmo e Cristiánia, onde se realizava o VIII congresso dos orientalistas.

Recebeu-nos carinhosamente o douto professor na sua casa, e aí pelo meu amigo e companheiro lhe fui apresentado pessoalmente, pois que por correspondéncia lhe não era estranho; e, cativados da franca e carinhosa hospedajem, com êle passámos os dois um saudoso dia, quasi enteiro, na mais instrutiva e amena conversação.

Incerto sôbre a contribuição com que poderia prestar homenajem a tam ilustre professor e abalisado orientalista, ocorreu-me dedicar-lhe a pequena memória que traduzida se vai ler, e cujo assunto me foi sujerido pelo estudo pessoal que então eu estava fazendo da língua vulgar malaia, em cujos livros elementares descubri algumas dezenas de palavras portuguesas, submetidas á fonolojia especial daquelle idioma polinésio. Sabia que varios trabálhos análogos já estavam publicados, e notas preciosas se encontravam no fascículo IX dos Estudos Crioulos do meu amigo o Dr. Hugo Schuchardt, então professor na Universidade de Graz. O que procurei todavia no meu artigo foi principalmente averiguar, por larga cópia de exemplos, as transformações fonéticas a que obedecera a transmissão de palavras portuguesas a uma língua da nossa tam diferente.

Reproduzo aqui essa memória, omitindo nela apenas aqueles vocábulos que a judiciosa crítica do doutissimo professor austríaco

provou não terem aí cabimento, por serem de origem diversa da que, com maior ou menor probabilidade, eu lhe supusera.

Entendi, para maior elucidação dêste objecto, que devia consultar dois trabalhos análogos e anteriores ao meu, os quais naquela ocasião não tivera presentes, e que me foram indicados pelo meu amigo o Dr. Francisco Adolfo Coelho, na notícia que a respeito do meu opúsculo inseriu na «Revista Crítica de Historia y Literatura». Intitula-se o mais antigo (1881) «Mots malais de provenance portugaise» *(Annales de l'Extrême Orient*, N.° 36), e é o autor o Professor Aristides Marre, da Escola de Línguas orientais vivas, de Paris: nele colijiu 155 palavras malaias, em grande parte de procedéncia portuguesa indiscutível. O segundo, muito importante, foi dado á estampa na cidade de Haia, em 1889, redijido também em francês pelo Dr. J. C. Th. Heyligers, com o título «Traces de portugais dans les principales langues des Indes Orientales Néerlandaises», e aí foram incluídas 127 palavras, portuguesas na sua maior parte igualmente, 109 das quaes usadas em malaio çundonês (de que ulteriormente me ocuparei, principalmente do javanês, para o qual disponho de alguns elementos de estudo) e as restantes em linguas congéneres (javanês, mandurês), colhidas, ao que parece, no falar cotidiano. A ambos êstes trabalhos, como a vários outros, se referira minuciosamente o Dr. H. Schuchardt nos seus Estudos Crioulos, já mencionados. Designarei o primeiro dêles com o algarismo **2**, e o segundo com o algarismo **3**, nas citações que farei na compilação que remata êste artigo, e que estão dispostas por ordem cronológica das publicações respectivas.

Para a memória com a qual contribuí, como disse, para a Miscelánea belga (Mélanges Charles de Harlez) tinha lido três manuais, que me haviam servido de guia no estudo do malaio, e que por sua ordem assinalo aqui com os n.os **4**, **5** e **6**: (R. Hindorf, «Leitfaden zur Erlernung der Malayischen Sprache», Berlim, 1890; «The traveller's Malay pronouncing handbook», 1891; Rijnenberg «Spreekt Gij maleisch?», sem data). Adquiri posteriormente, sôbre o mesmo objecto, os seguintes livros aussiliares: Leóncio Richard, «Cours théorique et pratique de langue malaise», Bordéus 1872, que indicarei com o n.° **1** por ser o mais antigo, e S. A. Seidel, «Praktische Grammatik der Malayischen Sprache» (Viena, Peste, Lípsia), que denoto com o n.° **8**. A nova resenha agora publicada na *Revista Lusitana*, pelo Dr. A. A. Fokker, «O elemento português, na lingua malaia», marcá-lahei com o n.° **9**, por ser a derradeira das que cito.

Nove são portanto as publicações que tive á vista para a organização do vocabulário português transmitido ao malaio, com o qual findarei por agora êste estudo. Entendi ser mais conveniente inscrever nele primeiro cada vocábulo português e a seguir a forma, ou formas que obteve em malaio, conforme as ditas fon-

tes de que me servi, reduzindo porém essas formas todas a uma só transcrição, aquella que adoptara na minha monografia de 1896, e que mereceu a aprovação do Dr. F. Adolfo Coelho.

Sómente os n.os 2, 3, 7 e 9 *(Kreolische Studien)* tratam especialmente dêste assunto, no mesmo ponto de vista que o meu; os outros são vocabulários malaios, mais ou menos copiosos, sem a mínima referéncia porém a ser, ou não, portuguesa a orijem das palavras que compreendem.

Julguei oportuno apresentar de novo aqui, em português, e levíssimamente alterado na redacção, o estudo que, como fica dito, escrevi em francês há sete anos, porque, destinado como foi para uma publicacão votiva, de carácter especialíssimo e tirajem muito restrita, dêle teve o público escasso conhecimento em Portugal.

Os vocábulos malaios derivados do português

(Les vocables malais, empruntés au portugais, in MÉLANGES CH. DE HARLEZ, *Leide 1896)*

Qualquer pessoa que, mesmo superficialmente, conheça o léssico português, fica admirada, ao percorrer um vocabulário baixo-malaio, por aí ver as numerosas palavras que daquela lingua hispánica se lhe deparam.

Esses vocábulos, adoptados, na sua maior parte, desde o século XVI, por ocasião das grandes navegações dos portugueses, designam objectos materiais, ferramentas, utensílios, partes de edifícios, ou então empregos, cargos, profissões. Expressões de carácter mais geral, como verbos, adjectivos, são pelo contrário, raríssimas.

É conhecida a extrema simplicidade gramatical da língua malaia e dos demais idiomas com ela aparentados, em que a distinção das diferentes categorias gramaticais está apenas esboçada, e tam pouco assente, que, a bem dizer, se lhes pode até com razão negar a existéncia de verdadeiros pronomes pessoais independentes; sendo por outra parte certo que os verbos, se é lícito dar tal nome aos radicais que expressam acções, estados ou propriedades, teem uma só forma vaga, sem modificações morfolójicas que designem o momento da acção, ou o modo pelo qual tal acção se liga aos outros membros do período, ou ao sujeito da oração.

Esta fase das línguas, que existe mais ou menos caracterizada nos falares crioulos, é soberanamente favorável á aceitação de termos peregrinos, visto que em se êles ajeitando ás alterações fonéticas, exijidas pelos idiomas que os aceitam, aí permanecem, confundidos com os outros vocábulos, sem perturbarem o aspecto geral dêsses idiomas.

Coliji umas cem palavras portuguesas em três vocabulários malaios: R. Hindorf, *Leitfaden zur Erlernung der Malayischen Umgangssprache*, Berlim 1890; *The traveller's Malay pronouncing handbook*, Londres, 1891, e J. Rijnenberg, *Spreekt Gij maleisch*, Leide, sem data [1].

Nem todos os vocábulos que se vão ler teem orijem portuguesa evidente. Dividi-los-hei em dois grupos: o primeiro abranjerá todos aquelles cuja etimolojia não poderia ser contestada; no segundo estão incluídos os que só por conjecturas, mais ou menos plausíveis, podem considerar-se de proveniéncia portuguesa.

Examinemos, porém, de relance primeiro os sistemas fonéticos do português e do baixo-malaio.

Para melhor compreensão do valor de cada símbolo devem ter-se em atenção as seguintes convenções:

O acento agudo (´) designa a vogal forte da sílaba tónica, o acento grave indica vogal aberta, o circunflecso vogal fechada. O símbolo ǫ indica um *u* fraquíssimo; o sinal ($_{\circ}$) subscrito serve para marcar as vogaes neutras *a*, *e*, (de *lavou*, *levou*); o til assinala as vogais nasais *ã*, *ẽ*, *ĩ*, *õ*, *ũ*, do português; e o signal (°) a parte átona de um grupo de vogais consecutivas.

Vogais e ditongos. O português devia possuir no século xvi, e possui ainda, em grande parte, os elementos vocálicos seguintes:

Vogais orais tónicas:	*à*	*è*	*é*	*i*	*ò*	*ô*	*u*
« « átonas	*ḁ*	*e̥*				*ǫ*	
« nasais	*ḁ̃*	*ẽ̥*		*ĩ*		*õ*	*ũ*
Ditongos orais	*ài ḁì àu èı èu éi êu iu òi ôi ôu ui*						
« nasais	*ḁ̃i ãu ẽi (ĩi) õi (õu) (ũu)*						

O malaio não tem vogais nem ditongos nasais. Entre os ditongos orais sómente *ai* e *au* se lhe podem atribuir com segurança, e êstes mesmos não constituem verdadeiros ditongos, pois êsses grupos se pronunciam *ài*, *àu*, sem que a segunda vogal se atenui.

As vogais orais do malaio são; tónicas: ***a e i o u;***
surda (quási sempre átona): *e̥*

Para que possamos fazer as comparações que nos sujerem os vocábulos que o malaio recebeu do português, é conveniente apontarmos aqui algumas leis fonolójicas das vogais portuguesas.

1. **e** inicial átono vale por *i*: **erguer**=**irguer**;

2. a *ò*, *ô*, tónicos, corresponde em geral *o* (=*u*) átono: **portão**=**purtão**;

[1] «Guia para se aprender a lingua malaia de conversação»; «Manual malaio fonético do viajante»; «Falais malaio?».
V. igualmente: Dr. Hugo Schuchardt, «Estudos crioulos», ix, *Ueber das Malaio-portugiesische von Batavia und Tugu.*

3. *e*, *o* átonos antes de vogal valem *i*, *u*: **cear=ciar**, **soar=suar**;

4. *a* átono converte-se geralmente em *ḁ*: **cásḁ**, **cḁsár**;

5. *è*, *é*, átonos valem ambos *e̥*: **pédra**, **pe̥dreira**, **cêra**, **ce̥ról**;

6. *e* antes de palatal vale *i*: **melhor=milhor**[1];

7. Não existem ditongos nasais senão em fim de vocábulos; e sómente *ãu* (**ão**, **am**), *ẽi* (**em**) podem ser átonos: *lávam*, *lávem*.

Sistema de consoantes:—Consoantes portuguesas:

Guturais	*k*	*g*(**g**, **gu**)	*ṅ*(**nc**, **ng**)				
Palatais	*ċ*(**ch**)		*ṅ*(**nh**)	*ṡ*(**x**)	*ż*(**g**, **j**)	*l̇*(**lh**)	*i̊*
Linguais	*t*	*d*	*n*	*s*(**s**, **ç**)	*z*(**z**, **-s-**)	*l*, *r*, *rr*	
Labio dentais				*f*	*v*		
Labiais	*p*	*b*	*m*				*ů*

O ponto sôbre as letras *c*, *n*, *s*, *z*, *l* indica palatalização, isto é, **ch**, **nh**, **x**, **j**, **lh** de **chá**, **lenha**, **caixa**, **já**, **malha**; o símbolo *ṅ* denota o *n* gutural de **franco**, **frango**, o **ng** germánico; *i̊*, *ů*, são **i**, **u** assilábicos (quási **y**, **w** ingleses), como em **sáia**, **águia**, **água**. O som *ċ* (quási *tx*) foi no sul do reino, bem como no Brasil e na língua literária em geral, substituído por *x*, (*ṡ*), conservando se apenas no norte com o antigo valor de *tx*.

No século XVI havia diferença entre *ç* (**ce**, **ci**) e **s**, **-ss-**, entre **z** e **s** sonoro. Como, todavia, para o nosso estudo, com relação aos vocábulos portugueses que passaram ao malaio, é ociosa esta distinção, que só prevalece no norte do reino, não a teremos em consideração aqui.

Consoantes do malaio:

Guturais	*k*	*g*	*ṅ*				
Palatais	*ty*	*dy*	*ny*				*y*
Linguais	*t*	*d*	*n*	*s*	*l*	*r*	
Labiais	*p*	*b*	*m*				*w*

Destas consoantes podem considerar-se quasi idénticas ás portuguesas as seguintes, duas a duas: *k-k*, *g-g*, *ṅ-ṅ*, *ty-ċ*, *ny-ṅ*, *y-i̊*, *t-t*, *d-d*, *n-n*, *s-s*, *l-l*, *r-r*, *p-p*, *b-b*, *m-m*, *w-ů*.

[1] Era esta a antiga escrita da palavra, assim como **pior**, por **peor**.

Vê-se que o sistema consonántico do malaio é muito mais pobre que o do português. Se compararmos com rigor os dois, observaremos que faltam ao malaio as sete articulações seguintes: as fricativas sonoras *z*, *ż* e *v*, as fricativas surdas *ṡ* e *f*, e as ancípites *l̇* e *rr*. O malaio, pela sua parte, possui a explosiva sonora *dy*, estranha ao português do continente [1].

Deveremos, pois, contar, ora com permutações regulares de sons, ora com substituições imitativas, imitação imperfeita todas as vezes que a articulação portuguesa se não podia reproduzir, nem mesmo por equivaléncia aprossimada; neste caso está, por exemplo, *p* malaio, correspondendo a *f* português.

É dever meu advertir aqui ao leitor que tenho idea de haver lido, há muito tempo, um trabalho do sr. Aristides Marre sôbre as palavras portuguesas admittidas no malaio; dêle nada, porém, me ocorre á memória, e não pude obtê-lo nesta ocasião. É possivel que aí estejam apontadas já algumas das observações sujeridas pelo exame das tabelas seguintes. Dêste autor apenas possuo um folheto, que trata das palavras malaias adoptadas na Europa [2].

O Dr. Hugo Schuchardt, na preciosa monografia acêrca do crioulo malaio-português de Batávia, anunciou que se ia ocupar do estudo dos vocábulos portugueses no baixo-malaio. Ignoro se já deu á estampa êsse estudo. [3].

Vou apresentar ao leitor uma resenha dos vocábulos porgueses recebidos em malaio. Está dividida em dois grupos, o primeiro dos quais abrange os de orijem portuguesa evidente, compreendendo-se no segundo aqueles em que tal orijem é mais ou menos contestável, mas que dão marjem a interessantes aprossimações.

I. Vocábulos malaios derivados do português

MALAIO	PORTUGUÊS	OBSERVAÇÕES
áya	aia	
albáṅka	alavanca	
almári, *lamári*	armario	vulgar, *almário*
antéro	enteiro	pron. *ènteiro*
bandéra	bandeira	

[1] Os grupos *ty*, *dy*, *ny* (**tj**. **dj**. **nj** da transcrição holandesa) representam, respectivamente, *t*, *d*, *n* palatalizados, e são figurados cada um por uma só letra, no alfabeto arábico de que usam os malaios.

[2] «Petit vocabulaire des mots malays que l'usage a introduits dans les langues de l'Europe», Roma 1866.

[3] Na análise que dêste meu trabalho o douto professor publicou («Wiener Zeitschrift für die Morgenlände») e da qual mais adeante extrato o que mais importa á elucidação do assunto presente, declarou não ter feito até então a publicação referida.

MALAIO	PORTUGUÊS	OBSERVAÇÕES
bánku	banco	
bási, basu (?)	vaso	
belúdru	veludo	
bióla	viola	
bóla	bola	
bóya	bóia	
brus	bruça	
bútan	botão	
dádu	dado	de jogar
(di)spéns	dispensa	
dyandéla	janela	
gádyi	gajes	estipéndio
gárpu	garfo	
g(e(rédya)	igreja	
glódyo	goloso	
ingris	ingrês	antigo, «inglês»; cf. **ingresia.**
káldu	caldo	sopa
kámar	cámara	
kamédya	camisa	
kamídi («teatro»)	comédia	
róda	roda	
sábtu	sábado	
sábon, sábun	sabão	
sáku «bôlso»	saco	
s(a)láda	salada	
s(a)pátu	çapato	
sáya	saia	
séla	sela	
sínio (?)	senhor	
skóla	escola	
soldádu	soldado	
spen (V. *dispens*)		
témpu	tempo	
tínta («tinta de escrever»)	tinta	
tíras («fios para feridas»).	tiras	
tuála	toalha	
tuála médya	toalha-de-mesa	
tyenela	chinela	

II. Vocábulos malaios de possível orijem portuguesa

MALAIO	PORTUGUÊS	OBSERVAÇÕES
dyánkar	áncora	
Gágap	gago	
índyin	enjenho	
karidór («janela sacada, varanda»)	corredor	
kása	cassa	
kaus	calça	
lámpu	lámpada	
mártil	martelo	
mendait («coser»)	emendar	
mísigit	mezquita	
mískin	mezquinho	
monyet	mono	
níla	côr de anil, azul ferrete	
pásu («vaso de flores»)	vaso	
pégan (pegar em»)	pega(r)	
petikán («cão de arma de fogo»)	cão	
pírin	pires	
por	por	
selúar	ceroula	
serútu V. *tyerutu*		
táwon (abelha»)	tavão	
telána («calças»)	pantalona	
tembaku	tabaco	
tyap («carimbó»)	chapa	
tyerút(u)	charuto	
tyita	chita	
waranda	varanda	
wolanda	Holanda, dantes escrito **Olanda**	

Examinando a primeira tabela, podemos apurar os seguintes factos.

1. As vogaes tónicas permaneceram geralmente.

2. Contraíram-se os polissílabos, tanto quanto possível, para que resultassem deles palavras dissilábicas com o acento na penúltima, constituição vocabular da predilecção das línguas polinésias; ex.: *sábtu*, *lélon*, *bútan*. Para se obter êste resultado, suprimiu-se comummente a vogal átona inicial das palavras portuguesas, principalmente se não estava acompanhada de outro fonema, por isso

que são raríssimos em malaio os vocábulos começados por vogal átona.

Por vezes desappareceu enteiramente a sílaba átona inicial: ex.: *ge(e)rédja*, «igreja», *spens*, «dispensa», *míngu*, «domingo», *piníli*, «alfinete», *lamári*, «armário» (dantes almário). É notavel esta última forma, principalmente em razão da metátese a que foram submetidos os dois fonemas *al*, conquanto se possa também admitir que a fórma *lamári* fosse antes *alamári*, com vogal intercalada a desunir o grupo *lm*, sucedendo-lhe a queda posterior do *a* inicial [1].

3. Todos os ditongos, com excepção de *ai*, *au*, perderam o elemento átono, ás vezes com mudança da tónica para vogal mais fechada; ex: *bandéra*, *kédyu*, «queijo», *parséru*, «parceiro», *pelúru*, «pelouro», *kúbis*, «couves», *merínyu*, «meirinho».

4. As vogais e ditongos nasais portugueses, todas as vezes que eram finais, reduziram-se, por falta de amparo, ás correspondentes vogais orais, seguidas de *ṅ*. No interior das palavras aquelas vogaes foram substituídas igualmente por vogais orais, seguidas da consoante nasal que pedia o fonema inicial da sílaba imediata; ex.: *bútaṅ*, «butão», *lélo*ṅ, «leilão»; *baṅku*, «banco», *témpu*, «tempo», *bandéra*, «bandeira», *spens*, dispensa».

5. Não possuindo o malaio fricativas sonoras (com excepção de *r*, *w*, talvez vogais assílabicas *i*, *u*, como em português), foram aquelas representadas pelas explosivas correspondentes:

z (j,) por *dr*: *médya*, «mesa»;
z por *dy*: *gerédya*, «igreja»;
v por b: *belúdru*, «veludo», *bióla*, «viola», *krábu*, «cravo»;
por *p* (?): *pasu*, «vaso» (também *basu)*.

Vê-se pois que se quis, em várias circunstáncias, conservar a sonoridade da consoante portuguesa, substituindo-a, não pela competente fricativa surda, mas sim pela explosiva sonora, que no efeito acústico melhor lhe correspondia.

6. A fricativa surda *f*, desconhecida no malaio, substituíu-se a explosiva do mesmo órgão, igualmente surda, *p* por *f*; ex.: *pita*, «fita», *piníti*, «alfinete».

7. Muitas vezes encurtaram-se as palavras, por perda de sílabas, antes ou depois da predominante; ex.: *albaṅka*, «alavanca», *glódyo*; «goloso», *kámar*, «cámara», *spatu*, «çapato»; reduzindo-se dêste modo os polissílabos, quanto possível, a dissílabos.

Examinemos a segunda tabela, bem como certas formas, ás quais accrescentámos o sinal (?).

Dyáṅkar, «áncora»: poderia comparar-se a *kámar*, «cámara», pelo que diz respeito á perda do *a* final.

[1] V. in *Revista Lusitana*, t. v, p. 388, a opinião conforme com esta, expressa pelo seu Director.

Como se há de, porém, explicar a inicial *dy?*

Talvez se quisesse evitar a vogal inicial, mesmo tónica como era (cf. *wolanda*, «Holanda»), visto os vocábulos malaios começarem quási sempre por consoante.

Gágap: acode inevitávelmente á memória o comparar-lhe o português *gago;* mas a aprossimação oferece dificuldades insuperáveis.

Indyin: poderia admitir-se a palavra portuguesa *enjenho*: ter-se-ia suprimido primeiro a vogal final, para se obter um dissílabo, seguindo-se-lhe a substituição de *j* por *dy*, e retrocendo o acento tónico.

Karidór: fôra aceitável «**corredor**», se a diferença de significação a isso não se opusesse.

Kasa, «cassa». Foi o malaio que recebeu do português este vocábulo, ou, pelo contrário, o português que do malaio o adoptou? Parecerá mais bem fundamentada a segunda hipótese, se considerarmos que a palavra é estranha ás outras línguas románicas, e a fazenda que designa é de origem asiática.

Kaus: o português *calça* seria admissível; a significação, porém, do vocábulo talvez se lhe oponha.

E preferível, portanto, como étimo, o holandês *kous*, que, pela sua parte, se deriva das línguas románicas, provávelmente do castelhano antigo *calças*.

Lámpu. A perda da sílaba final de *lámpada* explicaria em última extremidade a derivação, atenta a impossibilidade de em malaio se admittir o grupo *mpd*, de três consoantes: todavia é mais natural que o étimo seja o holandês *lamp*.

Mártil. O Dr. Schuchardt não hesita em ver neste vocábulo o português *martélo*. E' inegável, porém, que a palavra malaia nos apresenta uma forma dêle bastante arredada.

Mendáit: assim como em *gágap*, a terminação ficaria inexplicável.

Mísigit: este termo, o qual atraíu já a atenção dos autores do «Glossário das palavras e frases usadas na Índia inglesa» (Yule & Burnell, Hobson-Jobson, A «Glossary of Anglo-Indian colloquial words and phrases», Londres 1886) há de ter para o malaio, assim como para o português, orijem imediatamente arábica, *masged*. O malaio introduziu-lhe uma vogal *(i)* para desunir o grupo *sg*, de fricativa surda mais explosiva sonora; o português e o castelhano. mudaram essa explosiva sonora em surda, **qu** por *g*, *mezquita (=meçquita)*. Como em nota se diz no Glossário indicado, o *g* pronunciar-se-ia como *g* (gutural) nesta palavra, e não como *dj*, o que é muito de estranhar, pois esta letra arábica se acha representada sempre por **j (ge, gi)** nas línguas da península Hispánica [1].

[1] V. «Toponymia arabe de Portugal» por David Lopes, in *Revue Hispani-*

Por outra parte, como se há de explicar a substituição de **t** a **d**?

Mískin: é do arabe MESKIN, que deu orijem também ao português *mesquinho* (antes *mezquinho*), ao castelhano *mezquino*, e ao italiano *meschino*, do qual proveio o francês *mesquin*.

Mónyet «mono»: mera aprossimação. Talvez a palavra seja própriamente malaia.

Níla. Este vocábulo pertence ás linguas áricas da India (sânscrito *nila*, «azül ferrete», «preto»), de onde os árabes o receberam, comunicando-o depois tanto ao malaio cómo ao português, em que o vemos como substantivo, precedido do artigo arábico AL (**annil**). Para o malaio pode admitir-se proveniéncia directa da India, pôsto que a perda do *a* inicial se explicasse perfeitamente sem isto.

Nóna, *nónya*: Veja-se *sínyo*.

Pasu, basi: Serão alótropos, com diferénciação de sentido? Mas, a aceitar-se esta hipótese, como se há de explicar haver-se mantido o *s*, em vez de êle se converter em *d*, visto que em português era sonoro? Além desta consideração, porque será que aqui figura *p* inicial, representando o *v* português?

Pégan. «pega». E' talvez mera coincidéncia de formas; veja-se, no entanto Schuchardt, *op. cit.* p. 78.

Permísi. Tem de admitir-se a forma portuguesa **permisso** (castelhana **permiso**), desusada hoje em dia, e substituída por **permissão**.

Petikan: Sómente a última sílaba é explicável pelo vocábulo português **cão**, «de arma de fogo».

Por, «por». O emprêgo desta proposição em baixo-malaio corresponde melhor ao de **para**, no português moderno.

Pírin, «pires». Este vocábulo encontra-se em indostano com forma semelhante á portuguesa *(piris)*. Qual das três línguas é a que o transmitiu ás outras duas? Entre todas as línguas románicas é o português a única, que saibamos, a designar por êste nome tal objecto; o mesmo se pode dizer de **chávena**. Importa, por conseguinte, supor origem indiana a estes dois vocábulos [1], pôsto não serem raras as palavras portuguesas admittidas no indostano.

Selúar, «ceroulas». O termo malaio parece haver sido adoptado directamente do árabe *sarual*, cujo plural *saráuil* deu **ciroila**, **ceroulas** ao português, **zaragüelles** ao castelhano; com a diferença, que êste último é de emprêgo muito restrito, e o por-

que, t. IX, trabalho a todos os respeitos digno de atenta leitura, e de incondicional louvor.

[1] V. *Revista Lusitana*, t. VI, p. 205: atribuí aí ao vocábulo **chávena** orijem japonesa, *tiya wan*, omitindo, porém, que para o japonês como para o português e malaio veio do chinês *ca wan*, citado por A. Marre, no seu glossário das palavras malaias tiradas de chinês, publicado na Miscelánea «Charles de Harlez», p. 188 a 193.

tuguês se generalizou para designar o que em francês se denomina **caleçon**.

sinyo, «senhor», *nona*, *nonya*, «senhora».

Houve retrocessão do acento tónico no primeiro vocábulo apontado, e perda da sílaba inicial nos outros três.

telána, «pantalona». Existia já esta palavra no português do XVII século?

tembáku: E' de estranhar a intercalação do *m*: desviando a hipótese de êste termo se aprossimar do português **tabaco**, que também não é antigo na língua [1].

tuála: Esta palavra oferece-nos a singularidade de não sómente ser empregada no sentido de **toalha**, mas também a de formar um nome composto com a palavra *medya*, para denotar o que chamamos **toalha da mesa**, *tuála médya*.

tyap, «chapa». O vocábulo português tem sido explicado por **klapp**, radical germánico, e também por ***plak**, igualmente germánico. Nesta última hipótese teria havido metátese de consoantes, por **klap**. Parece-nos admissível ter vindo da Índia esta palavra (v. HOBSON-JOBSON s. v. *chop*).

O Dr. Hugo Schuchardt, *op. cit*, crê que a existência desta palavra em baixo-malaio se deve á influência do português, o que todavia não exclui a hipótese de a orijem ser indiana.

tyerú(u), *serút(u)*, «charuto» inglês **sheroot**: É palavra tamul, e desta língua do sul da Índia a receberam, provávelmente, tanto os malaios como os portugueses.

tyita, «chita». É outro termo que procede da Índia, em marata *cit* (sanscrito *citra*, «mosqueado»), e de lá foi transmitido ao malaio e ao português.

waránda, «varanda»: Sobre êste vocábulo, cuja orijem sanscrítica, tanto tempo aceita como incontestável, é mais que duvidosa, veja-se HOBSON-JOBSON, *s. v.* **veranda**, e Skeat, CONCISE ETYMOLOGICAL DICTIONARY OF THE ENGLISH LANGUAGE, *s. v.* **veranda, verandah**; cf. também o português **varão**.

wolanda: A etimolojia portuguesa parece-nos a mais aceitável, porque, se os malaios tivessem dos holandeses recebido o vocábulo, ter-lhe-iam conservado o *h* inicial, com tanto maior probalidade, quanto vemos que lhe introduziram um fonema novo, o *w*, para evitarem a vogal inicial átona.

---

[1] Vem já no Vocabulário de Bluteau, e aí se diz a orijem de outro nome por que em português é conhecida oficialmente esta planta, o de **herva santa**, o qual lhe foi dado (HERBA SANCTAE CRUCIS), em atenção ao Cardeal de Santa Cruz, núncio apostólico, que foi quem primeiro de Portugal a mandou a Roma.

O Dr. Húgo Schuchardt, professor agora jubilado da Universidade de Graz, bem conhecido pelos seus importantíssimos trabalhos em quási todos os ramos da filolojia comparada, e nomeadamente os seus preciosos estudos relativos aos dialectos crioulos, deu a lume no XI volume da «Gazeta Vienense para o conhecimento das terras do Oriente» (WIENER ZEITSCHRIFT FUR DIE KUNDE DER MORGENLÄNDE) uma particularizada e erudita análise da monografia que, traduzida, demos aqui ao leitor, e em francês escrevêramos por ocasião do jubileu do doutissimo lente da Universidade de Lovánia, como contribuição á Miscelánea, que os admiradores do sutil enjenho de tam assinalado orientalista e tam honrado homem lhe consagraram. Como a crítica do nosso amigo, que teve por fim principal corrijir muitos dos elementos que agrupámos na dita monogrfia, é extensa, não a daremos completa, como desejaríamos.

D'essa análise traduziremos sómente os tópicos em que discretamente se emendam e se refutam ou modificam algumas das aprossimações que fizemos. Unificaremos igualmente a transcrição, afim de que a comparação se torne mais fácil, e acompanharemos a sua análise de algumas considerações, que nos não parecem descabidas.

— **basi**, prato: «Não provém de **vaso**, mas sim de **bacio**, crioulo malaio-português *basin*, português de Ceilão **basim**. A forma *básu* procede provávelmente do holandês **vaas**, «vasilha».

É possível que em português existisse a forma *bacim*, como existe em castelhano *bacín*, na mesma acepção em que a vemos empregada hoje em dia na nossa língua; e além desta na de «**bacineta para pedir limosna** (Diccionario de la lengua castelhana por la Real Academia Española, 13.ª edição, Madrid 1896), o que nós denominamos **bandeja**.

Singular é decerto não mencionar quási nenhum dicionário português, além daquele significado grotesco, a acepção que a palavra tinha antes, análoga á da castelhana citada, e que vemos, por exemplo, em Garcia de Resende: Cronica de El-Rei Dom João II, capítulo 127: — «E a mesa de ElRei com todolos oficiaes vestidos de brocados, e servida por moços fidalgos, que serviam com tochas e bacias, ricamente vestidos» —; ou neste outro passo: — Dom Manuel ordenou ao thesoureiro.. que entregasse.. os dois bacios dourados e o gomil» (*O Archeologo português*, t. V, p. 72).

O Elucidário de Santa Rosa de Viterbo diz-nos: «BACIO na provincia de Trás-dos-Montes ainda conserva o seu antigo significado, pois chamam *Bacios* aos pratos. Mas note-se que antigamente *Bacio* se tomava por todo o vaso de boca larga, como gomis, canecas, etc., e nisto se diferençavão das *Bacias* que erão de mais bojo, e fundas, e aquelles erão espalmados a modo das nossas bandejas. V. *Mon. Lus.* t. v, f. 204.»

O Dr. Cándido de Figueiredo, no seu «Nôvo Diccionário da Língua portuguêsa», Suplemento (Lisboa, 1889) aduz esta significação pelas seguintes palavras,—«(ant.) prato grande e achatado, em forma de bandeja»—menos explícitas que as do Elucidário, as quais nada deixam a desejar como definição.

Continua o Dr. Schuchardt:

—Muitas palavras passaram directamente do holandês para o malaio, conquanto sejam orijináriamente románicas. O critério para se diferençarem umas das outras é principalmente a terminação com que subsistem em malaio: se é vocálica essa terminação, a proveniéncia imediata é portuguesa; se consonántica, holandesa. Por esta razão é natural ser o termo *b(e)rús)*, «escôva», o inglês **brush**, holandês do Cabo **bras**. Êste vocábulo parece ser recente, porque a verdadeira palavra malaia para designar êsse objecto é *sikat, sekat*.

Em virtude do princípio exposto, de terminação consonántica, *kamar*, *musik*, *pistol* veem do holandês **kamer**, **musiek**, **pistool**, e não das formas portuguesas correspondentes, **cámara**, **música**, **pistola**.

São da maior importáncia as duas leis fonolójicas a que se refere o Dr. Schuchardt.

—*s(e)pens* deve ser o inglês *spence*, ou o holandês **spinde** [?]. A forma *dispens* será também o holandês «*dispens*, que existe no dialecto do Cabo, com a significação de «copa, dispensa».

mustardi, ou *mosterd*, hol. **mostaard**, **moster**.

kamídi, *komédi* (Hindorf) *komedi* (van der Meulen), holandês **comedie**.

sinyo (também *sinyor*, crioulo malaio português *sinyor*, *sinyu*, *siyu)* e *nona*, *nonya*, *nyora* proveem certíssimamente de **senhor**, **senhora**.

mártil não é forma muito desviada da portuguesa **martelo**, que nas ilhas de Maluco, ainda se profere *martelo*, *martelu*.

wolanda, é o português **Olanda**, não em razão da omissão do *h*, que é geralmente nulo em malaio, mas por virtude da terminação vocálica, em *-a*. Por outra parte a inicial *w* só é explicável pelo português, em que é usual a intercalação de *u*, para evitar o hiato; assim **a-u-Olanda**, por a **Olanda** [?] [1].

karidor; «varanda» tem por orijem remota talvez o português **corredor**, e não obsta a esta identificação a alegada diferença de significado. Rijnenberg cita *karidor di atas* [«varanda de cima»], e esta expressão coincide com o objecto designado, que é uma galeria superior.

Como, porém, o vocábulo é de introdução recente, a orijem inglesa ou holandesa é mais admissível.

indyin: Pela forma está mais perto do inglês **engine**, especialmente com a significação de «maquinismo»; na acepção, porém, de «eixo de roda de carro» é preferível o étimo português

1 É muito contestável a explicação. Nas circunstáncias sintáticas em que se encontram os dois vocábulos A OLANDA, não seria admissível a intercalação de *u*, quer o *O* inicial se proferisse *ó*, quer *u*, como actualmente.

enjenho, porque assim melhor se explica o desenvolvimento de significação que obteve. Favre traz também o signifi-cado, «leme, gonzo de porta», e deriva-o do holandês **hangsel**, **hengsel**, [na mesma acepção]. Estranhável é, por outra parte que no vocábulo *ingenyio*, aduzido por Wall Tuuk e usado nas ilhas de Maluco, o *g* se profira como gutural [**g** português de **guerra**], por isso que se escreve no alfabeto arábico com a letra que a tal som corresponde.

tembaku, *tembakau*, javanês *tembako*, do português **tabaco**, não é de estranhar, pois é freqùente o grupo *mb*. Poder-se-ia aduzir o indostano *tāmbāku*; é todavia natural que êste mesmo proceda da palavra portuguesa [?].

mísigit, *mesígit*, *masigit*, também javanês, não pode ter outra orijem a não ser o português, não obstante o holandês **missighiet**, dado por Meulen, porque o *g* e o *t* indicam procedéncia románica [?].

kaus, do holandês **kous**, e não do português **calça**, não por causa do significado, mas em virtude da terminação.

dyánkar. Explica-se pelo inglês **the anchor**.

Todos os outros vocábulos da II tabela são certamente de orijem asiática. Pelas terminações, *gágap* e *pegan* são malaios; é todavia notável a analojia de significação nos vocábulos portugueses **gago** e **pegar**. Para o último já admiti certa influéncia de significado, corroborada pela analojia de estrutura fonética. Com relação a *gagap*, como correspondendo ao português *gago* [1], convém citar mais as seguintes formas: *gagu*, nas ilhas de Maluco, *gagu* em Macáçar; em Batávia *gagu* equivale a «mudo». Cumpre ainda notar as formas *gegep* «titubear», e *gagap, gagáp, gegáp* «confuso», *gugup* «sussurro».

petikan. É enteiramente malaio, derivado de *petik* «comprimir», carregar» [De certo].

pasu, *paso:* foi transmittido ás demais línguas do Arquipélago, e significa, não só «vaso de flores», mas qualquer vasilha, de madeira ou de barro.

pírin, «prato», «covilhete»: convém citar o vocábulo holandês do Cabo **pierentje**.

mónyet. É certíssimamente malaio, como já o dissera nos «Estudos crioulos», javanés *monyat*, cávi *munyun*, cf. *montyon*, «tromba de porco».

táwon, «abelha». É malaio e javanês.

mendait e *telana:* Devem ser corrijidos em *mendahit*, *telana*, e nada teem que ver com as palavras portuguesas **emendar** e **pantalona**.

E' indubitável: a sílaba *men* é preficso formativo de verbos transitivos, quando estão acompanhados de complemento objectivo.

Nos vocabulários que G. V. examinou escaparam-lhe mais algumas palavras de orijem portuguesa: *dansah*, **dançar**, *gansa*, **ganso**, *kawelu*, **coelho**, *misti*, **mester**; *mandor* **manda-**

1 E' desconhecida a etimolojia dêste vocábulo português: a que o DIC. ET. do dr. Ad. Coelho nos dá, o castelhano GAGO, nada adeanta, e além disto e de ser pouco usada tal palavra nessa língua, tem significação muito diversa, correspondendo á usual *gangoso*, que quere dizer «fanhoso», e não «gago».

dor, *pastil*, **pastel**, *pigura*, **figura**, *pompa*, **bomba**, não obstante o holandês **pomp**, em razão da terminação vocálica; *bala*, **bailar**, *pipa*, **pipa**.

Sôbre as palavras *gansa* e *pipa* observarei, com relação á primeira, que, existindo também em malaio a forma *(h)ansa*, é mais provável que as duas formas *gansa* e *hansa* procedam de qualquer língua da India, representando o *g* inicial o *h* sonoro do sânscrito *hãsa*, que provém de uma forma com *g* inicial aspirado; e relativamente á segunda, que na acepção de **cuba, pipa** a palavra é inquestionávelmente portuguesa: outro tanto não direi porém, com respeito á acepção de **cachimbo**.

Dos vocábulos dados por G. V. são aceitáveis sessenta e cinco; sendo certo que da lista mais numerosa de A. Marre («Annales de l'Extrême Orient», 1881), a qual contém 155, haverá a fazer maior abatimento.

Refuta ainda o Dr. Schuchardt a asserção, por mim feita, de que são raríssimas em malaio as palavras portuguesas de sentido mais lato, como verbos, adjectivos, citando em abôno da sua opinião **almoçar, assar, cantar, durar, entendimento, entregar, fadiga** (no sentido de «gonorrea»), **fastio, fitar, fôrça fresco, justo, pontar (?), sangrar, sudar (?), tio, tomar**, em *toma ánin, hárus*, «tomar o vento, «a corrente», por «navegar contra a corrente», sem nos dar porém as formas que essas expressões adquiriram no malaio.

É licito, portanto, ficar de sôbre-aviso com relação ao emprêgo de tais palavras, pois que com fundamento análogo se poderia dizer que **garden-party, five o'clock tea**, ou **délivrance** são expressões portuguesas, por haver quem, falando ou escrevendo, as empregue. Todavia, para **fôrça, fresco**, oferece-nos o malaio as formas, perfeitamente regulares, *perusa, peresku*.

Prevalece, conseguintemente, a minha asserção, e com tanto maior probabilidade, quanto é evidente, pelo escasso número de vocábulos abstractos aduzidos, a desproporção entre estes e os de sentido concreto.

Não neguei eu, na realidade, a sua existéncia, antes a afirmei, asseverando serem raros, comparados aos outros das categorias indicadas. Basta o leitor lançar os olhos para o vocabulário geral que mais adeante compendio, para se convencer da verdade e fundamento da asserção; que por outra parte nada tem estranhável, se considerarmos nos motivos que determinaram a adopção de tantos vocábulos portugueses no malaio, os quaes foram a tradição oral principalmente, e a necessidade de introduzir termos pe-

regrinos correspondentes á importação de objectos materiais, até ali desconhecidos, e a intervenção de pessoal administrativo ou militar para cargos de orijem portuguesa, durante o tempo do nosso predomínio no sul da Ásia, nos seculos xvi e xvii.

Encarece o Dr. Schuchardt com muita razão quanto é necessário examinar a difusão e alteração que os voçábulos portugueses adquiriram nos vários dialectos do sul da Ásia, por exemplo no de Java e de Çunda, e aponta a palavra **algoz**, em malaio *algódyo*, *algódya*, *algúdyu*, em javanês *legódyo;* advertindo que entre o português e o malaio, própriamente ditos, há de permeio o crioulo malaio-português, que é preciso ter em atenção; assim, *indyeolar*, «ajoelhar», explica-se pelo crioulo *indyubel*, *indyabel*, «joelho» (melhor **geolho**, que é a antiga fórma do vocábulo), derivado da expressão **em joelhos**, que vamos encontrar, como diz, no indo-português de Ceilão, **injuelho**, **injevelho**, «joelho».

Termina o douto professor a sua interessantíssima análise, declarando que o fito a que devem dirijir-se os estudos subseqùentes é a compilação de um Glossário, onde se reúnam os vocábulos portugueses que entraram nas diversas línguas da Ásia, com as quais nos achámos em contacto, e que foram ou introduzidos por nós directamente em cada uma delas, ou aí figuram por mútua transmissão.

Conformo-me com as emendas feitas pelo meu doutíssimo amigo, exceptuando aquelas a que acrescentei notas, ou um ponto de interrogação.

Mereceu a minha curta monografia também ao meu amigo e illustre professor do Curso Superior de Letras, o sr. Dr. F. Adolfo Coelho, uma notícia, por êle publicada na, «Revista Crítica de Historia y Literatura», (1896, n.º 9.) como já disse. Nessa notícia, sumamente lisonjeira para o meu estudo, estranha com certa razão o Dr. A. Coelho que eu não consultasse outros trabalhos análogos; viu porém claramente que o meu principal fim tinha sido, não o colijir todos os vocábulos portugueses que houvessem passado àquela língua geral do sul da Ásia, mas antes, por grande cópia dêsses vocábulos, deduzir as leis folonójicas que explicam a forma que adquiriram nela, fim que aliás transparece do facto, que tal exame principalmente avulta na dita memória, especial intuito que parece não ter sido compreendido pelo Dr. H. Schuchardt.

Termina o conceituado filólogo português a sua notícia com estas palavras: — «A memoria do sr. G. Vianna impõe-lhe a obrigação de nos dar em breve um estudo completo sobre o assumpto, em que estenda as suas observações ás outras linguas do archipelago malayo, além do malayo, que experimentaram a influencia lexicologica do português».

Corrrespondem perfeitamente estas palavras ás que terminam a notícia dada pelo Dr. Hugo Schuchardt, com a única diferença, que o crítico português me considera habilitado a executar êsse importante trabalho. É ser demasiadamente benévolo para comigo. Se as minhas informações não são erradas, êsse encargo está sendo actualmente desempenhado por quem suponho habilitado com maior ou menor conhecimento das línguas que hão de ser submetidas ao exame, e que por trabalhos seus anteriores nesse domínío nos dá fiança bastante de que produzirá estudo digno de menção, e verdadeiramente útil.

Concluiremos apresentando uma tabela geral, mais completa, do vocabulário português até agora apurado como havendo sido transmittido ao malaio, com a citação dos escritores que pudemos consultar.

Expunjiremos, todavia, da tabela todas as palavras, que, em virtude da lucidíssima crítica do Dr. Hugo Schuchardt, aí figuram indevidamente, e ainda aquelas que o nosso próprio critério nos aconselhou a omitir. É claro, que existem ainda outros trabalhos análogos, além dos que extratámos, mas que não esteve ao nosso alcance ver e examinar. A luminosa crítica do sábio professor austríaco, de que fizemos os extratos que acima se leram, contém uma bibliografia, pode dizer-se, copiosíssima.

Reunidos assim todos estes vocábulos, será mais fácil, por meio de sucessivos apéndices, aumentar êsse cabedal com investigações posteriores, quer directas nos próprios lugares em que os dialectos malaios se falam, quer indirectas pela consulta ulterior de estudos congéneres já publicados, ou que venham a publicar-se, bem como pela leitura de outros escritos, em que possam apurar-se mais alguns termos dispersos, que não ocorreriam aos autores de vocabulários, ou aos escritores que trataram, ou tratarem *ex-professo* dêste objecto.

Cumpre ainda advertir no seguinte:

I. Os números referem-se ás obras consultadas e citadas anteriormente (V. p. 5).

II. Conquanto expunjissemos das tabelas as palavras cuja orijem portuguesa era ou falsamente atribuída, ou demasiado problemática, julgámos conveniente que figurasse na compilação um pequeno número, ainda hipotético, antecedendo cada uma destas dições duvidosas com um ponto de interrogação entre paréntese.

Ulteriores averiguações decidirão se essas derivações serão confirmadas, ou rejeitadas definitivamente.

Compilação de vocábules malaios de orijem portuguesa

Agosto	*agústu* 2, 8
aia	*áya* 5
ajudante	*adyudán* 2
ajoelhar	*indyeolar* 7
alavanca	*albaṅka* 2, 5
alférez	*alpéres* 2, 3, 8, 9
alfinete	*peníti, piníti* 1, 2, 4, 5, 6, 8, 9
algoz	*algódyo, algódya, algúdyo* 7, 9
arco	*árku* (no papagaio de papel) 7
armada	*armada* 2
armário	*almári, lamári* 3, 4, 6, 8
(?)aroma	*arúm* 1, 3
arruda	*aruda* 3
bacio	*basí(n)* 7
baetilha	*bitíla* 3, 7
baioneta	*gaganét* 2
baluarte	*baluwárdi* 2
banco (a[s]sento)	*bánku* 2, 4, 5, 6, 9
bandeira	*bandéra* 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9
berinjela	*berindál* 2
bandeja	*bandédya* 2, 9
bocal (frasco)	*bókar* 1
boceta	*bosséta* 2
boia	*bóya* 2, 5
bola	*bóla* 2, 3, 5, 6, 9
bolina	*bulín* 2
bomba	*bómba, pómpa* 1, 2, 3, 4, 8
boneca	*bonéka* 2, 3, 9
bordo (de barco)	*bórdo, búrdu* 2, 9
bota-fóra	*botafóra* (dinheiro para o mealheiro) 7
botão	*bútaṅ* 4, 9
cabeça (do peão)	*k(e̥)mbésa* 7
cadeira	*kadéra* 3, 9
caldo	*káldu* 5, 6, 9
camisa	*kamédya* 1, 2, 3, 4, 5, 6, 9
(?) candil	*kandíl* 8
(re)canto	*kántu* 9
çapato	*s(e̥)pátu* 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8
capitão	*kapitán* 1, 2, 3, 8
carapuça	*ka(r)pús* 1, 2, 3, 7, 9
carreta	*k(e̥)réta* (carruajem, carro) 4, 5, 6, 8, 9
carta (de jogar)	*kárta* 3, 4, 6, 8, 9

casta (raça)	*kásta* 9
castanha (pancada no jôgo do peão)	*kestén* 7
Castela	*ka(s)téla* (batata doce) 9
castor	*kastúri* (gato de algália) 3
católica	*katólica* 2
ceroula(s)	*seráwal, selúar* (calças) 1, 5
chapéu	*tyapéu, tyapíyu* 1, 2, 7, 8, 9
(?) charuto	*tyerút(u), serútu* 3, 5, 6, 8, 9
(?) chávena	*tyáwan, tyéwan* 8
chinela	*tyenéla* 2, 3, 6, 7, 8, 9
cita(ção)	*síta* 3, 9
cobra	*kóbra* 3
coelho	*kawélu, tarwélu* 2, 6, 7, 8, 9
coifa	*kúpia* (barrete) 1
comenda	*koménda* 2, 9
komendador	*komendór* 3, 9
conta	*kúnta* 9
(?) cor(o)nel	*kornél* 6, 7
(?) corredor	*karidór* (sacáda, varanda) 6, 7, 8
couves	*kóbis, kúbis* 1, 2, 3, 5, 8, 9
cova (termo de jôgo)	*kóba* 7
cravo	*krábu* (brinco de orelha, de filigrana) 1, 3, 7, 8
dado (jôgo)	*dádu* 3, 4, 8, 9
dança	*dáñsa* 6, 7
didal	*didál, deidál, lidál* 2, 8
dinheiro	*diné* 3
domingo	*(do)míngu* (semana) *hári míngu* (domingo) 3, 5, 6
em(bornal)	*bornal* 2
enjenho	*índyin* 4, 6, 7
enteiro	*antéro, entero* 2, 3
escola	*s(e)kóla* 2, 3, 4, 7, 9
esmola	*s(e)móla* 9
espanhol	*s(e)panyúl* 9
Europa	*Irópa* 2
espingarda	*istingarda* 2
falso	*pálsu* 3, 9
fantasma	*fantásma, pantásma* 9
feitor	*feitór, petór* 1, 2, 3, 9
festa	*pésta* 3, 4, 6
figura	*pigúra* 3, 9
fita	*fita, pita* 2, 3, 4, 6, 8, 9

fitar (apontar)	*pitar* 2
fôrça	*p(e)rúsa* 9
fôrno	*fúrnu*, *fúrun* 1, 2
francês	*fránsis*, *p(e)rántis* 1, 5, 9
fragata	*pragáta* 2
frecha	*p(e̥)rétya* 7
fresco	*p(e̥)résku* 9
(?) fulano	*fulán* 2
fusta	*fusta* 2
gajes (estipéndio)	*gádyi* 1, 2, 4, 5, 8
(?) galeria	*gal(e̥)ri* 3
galé	*galay* 2, 9
galeão	*galyún* 2
gancho	*gántyu* 5
garfo	*gárfu*, *gárpu* 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9
gorgoleta	*ge̥rge̥lét* 7
governador	*gubernadúr*, *gurundúr* 1, 2,
guarda	*gárdu* (de polícia) 2, 9
guloso	*g(e̥)lódyo* 9
história (conto)	*s(e̥)tóri* 2
Holanda (holandês)	*wolánda* 7, 8
igreja	*g(e̥)rédya*, *grydia* 2, 3, 4, 6, 9
inglês (ingrês)	*íngris* 1, 5, 9
janela	*dyan(d)éla* 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9
(?) lacre	*lák(ri)*, *lekári* 1, 4, 5
lagarto	*lagárti* (jacaré) 7
lancha	*lántya* 9
lanterna	*lantéra* 2, 3, 4, 5, 8, 9
leilão	*lélon*, *lénlan* 1, 3, 5, 8, 9
lenço	*lénsu*, *línsu* 2, 3, 7, 9
(?) limão	*limáu*, *limún* (laranja, limão) 1, 7
loja	*lódyi* 1, 3
mãe	*mái* 9
mandador	*mandúr* 2, 3, 6, 9
(?) mandil	*mandil* 9
manteiga	*mantéga* 1, 2, 3, 4, 3, 6, 8
marca	*márka* 2
março	*márso* 2
mármore	*mármor* 2
martelo	*mártil* 3, 4, 6, 8
mas que	*máski* 2
meirinho	*merínyu* 3, 5
mesa	*médya* 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8

mester (necessidade)	*mestér, misli* 6, 7
milho	*mílu* 2, 9
mulher	*molér* 9
murrão (de artilheria)	*murañ* 2
ordem	*úrdi* 1, 3
órgão (instrumento)	*orgaon* 2
padre (sacerdote)	*pádri* 1, 2, 3, 9
pão	*paoñ* 2
parceiro (sócio)	*perséru* 3, 6
passear	*pasiyár* (passeio) 2, 3, 6, 7
pastel	*pastil* 2, 6, 7, 8
pau (varal)	*páu* 2
pelouro	*pelúru* 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9
pena (de escrever)	*péna* 3, 4, 8
pipa	*pípa* 1, 2, 3, 7, 8,
(?) poltrona	*pátarána* 1, 2
pomba	*pómbak* 2, 9
por	*for, por* (para) 4, 6, 7
prata	*p(a)rada* 2, 9
presente (mimo)	*persén* (espórtula) 6
prumo	*p(e)rum* 7, 9
queijo	*kédyu* 1, 2, 3, 5, 6, 9
ração	*rañson* 3
real (dinheiro)	*re(y)al* 1, 2, 3, 5, 6, 9
renda (tecido)	*renda* 2, 3, 7, 8, 9
roda	*róda* 2, 4, 5, 6, 9
rôdo	*ródok* 2
ronda	*rónda* 2, 3
rosa	*ródya* 7
rua	*rúa* 9
rumo	*rúmbu* 9
sábado	*sábtu, sáptu* 4, 5, 6, 8
sabão	*sabún, sábun,* 3, 4, 5, 8
saco	*sáku* (bôlso) 2. 3, 4, 5, 6, 8
saia	*sáya* 6, 7
salada	*s(e)lada,* 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8
sangrar	*sañgra* 2
Santo Papa	*Sánto Pápa* 2
secar	*séka* 3, 9
sela	*séla* 3, 4, 5, 6
senhor	*sinyo, siyu* 2, 3, 7, 9
senhora	*nyóra, nyónya, nónya, nóna* 3, 6, 7, 9
soldado	*soldádu, saldádu* 2, 3, 5, 6, 9
sopa	*sópa* 2
(?) tabaco	*tembáku* 2, 3, 4, 6, 7, 8

tambor	*tambúr* 1, 2, 9
tanjedor	*tandyidúr* 3
tanjer	*tándyi* 3
tempo (duração, e estado atmosférico)	*témpo* 2, 3, 4, 5, 6, 8
tenda	*ténda* (tôldo) 2, 3. 6
tinta	*tínta* 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8
tiras	*tíras* (fios) 7
toalha	*tuála* 1, 2, 5, 8
toma!	*tóma* 7
topa! (jôgo do peão)	*tópa* 7
traidor	*teledor* 9
tranqueira	*terañkera* 2, 7, 9
traquete	*triakét* 2
trigo	*terígu* 2, 9
trocar	*tukar* 2, 8
tronco	*terúnku* 2, 9
varanda	*baránda*, *waránda* 4, 7
vaso	*pásu* 1, 5, 7
veludo	*belúdu*, *belúdru*, *beldúwa* 1, 2, 3, 6, 7, 8, 9
viola	*bióla* 1, 2, 6, 8, 9
viso-rei	*bizurey* 2
vésperas	*wésperas* 9
voltar (no jôgo)	*bortá*

Examinemos de relance os vocábulos assinalados com ponto de interrogação, como de duvidosa orijem portuguesa:

AROMA, *arum*. Não sendo a terminação vocálica, e sendo pouco vulgar a palavra em português, é natural que a malaia não provenha desta.

BAIONETA, *gaganét*. É possível que o vocábulo malaio proceda de qualquer das formas em que o termo se nos oferece nas várias línguas europeias; da forma portuguesa, porém, pode quási afirmar-se que não. A arma que designa começou a usar-se na Europa pelos fins do século XVII, quando já toda a influência portuguesa no sul da Ásia se tinha desvanecido.

CANDIL, *kandil*. O vocábulo é árabe, e é possível que por êste directamente passasse ao malaio.

CHARUTO, *tyerutu*. Além do que fica dito a respeito dêste vocábulo, é êle relativamente tam recente, em Portugal, que não poderia ser por nós transmitido ao malaio. É mesmo provável que para português êle proviesse do anglo-índio *cheroot*, cujo étimo, conforme HOBSON-JOBSON é o tamul *suruṭṭu*, «rôlo, torcida de tabaco». Vemos aí que a primeira menção desta palavra data de 1725.

É pois evidente que da India, e não de Portugal, passou á língua malaia o termo, como passou á inglesa, e desta ao português.

CHÁVENA, *tyáwan*. Já vimos que a palavra é de orijem chinesa (V. p. 14, nota).

É possível que os portugueses a recebessem do malaio directamente, com os dois vocábulos BULE e PIRES *(pirín)*, designativos de peças de louça. Em todo o caso, o que podemos ter como certo é que não foi o português que do seu cabedal os transmitiu ao malaio, pois nenhum dêles tem símile nas demais línguas románicas.

COR(O)NEL, *kornel*. Já o Dr. Schuchardt disse que não é fácil, pela forma exterior da palavra, conhecer se proveio do holandês, se do português, êste vocábulo, que é de orijem italiana, COLONNELLO de COLONNA (V. Littré, s. v. COLONEL).

CORREDOR, *karidór*. Apesar das ponderações do Dr. Sch. persisto na minha indecisão: CORREDOR, em português corresponde melhor ao francês COULOIR, que a GALERIE.

FULANO, *fulán*. Esta voz é arábica (FULAN), e, pela terminação consonántica, é mais natural que do árabe fosse directamente transmitida ao malaio, e tanto mais que a verdadeira forma portuguesa é FUÃO, sendo FULANO a castelhana.

GALERIA, *gal(e)ri*. É tam pouco vulgar esta palavra em português, que nos parece improvável havermos sido nós, de entre os povos europeus, quem a passasse aos malaios. É mesmo de crer que do francês GALERIE ela nos viesse.

LACRÊ, *lák(ri)*. Qualquer que seja a orijem do vocábulo, semítica, árica, dravídica, ou mesmo de outra família de línguas da Ásia, é indubitável que nós o recebessemos de lá, em vez de para aí o levarmos. (V. Bluteau, *Voc. port. lat.*, *s. v.* LACRE, e HOBSON-JOBSON, *s. v.* LAC, a que dá como étimo o sánscrito *lākṣā*, que tem a significação de «goma laca» (V. também Dozy *Oosterlingen*, *s. v.* LAK, e M. Devic, no Suplemento ao Dic. francês de Litré, *s. v.* LAQUE, onde o deriva imediatamente do árabe).

limáu, *limún*. A primeira deve ser o português LIMÃO, a segunda o árabe LIMUN.

MANDIL, *mandil*. A palavra existe em árabe, e é de presumir que dêste o recebessem independentemente os portugueses, os castelhanos e os malaios. Conforme Dozy *(Glossaire des mots espagnols et portugais dérivés de l'arabe)*, em última instância o vocábulo é o grego bizantino *mandēlion*, derivado da baixa latinidade mantile, mantus, donde também proveio MANTO e MANTILHA; MANTÉU deve ser o francês MANTEAU (pronunciado antes *mantéu)*, que é forma deminutiva.

POLTRONA *putarana*. O vocábulo português veio certíssimamente do italiano, e designou ao princípio uma espécie de sela (V. Bluteau, *s. v.)*. Como, segundo L. Richard *(op. cit.)*, em malaio êle significa «sofá», «cadeira de braços», como actualmente em

Portugal, não é presumível que nós lho transmitíssemos nos séculos XVI ou XVII, em que ainda não era usado cá em tal acepção.

TABACO *tembaku*. Subsiste no meu espírito a dúvida; seria longuíssimo, porém, o expô-la aqui com a clareza devida. É de notar que algumas das palavras, que se relacionam com o uso desta planta, teem em português nomes de difícil identificação: TABACO, CIGARRO [1], CHARUTO, RAPÉ, SIMONTE, ESTURRO, etc. As três primeiras parecem vozes americanas, não estando claramente averiguado a que línguas da América pertencem; RAPÉ é provávelmente o francês RÂPÉ, «raspado com o ralador», «ralado» vocábulo que todavia não consta haja sido em França aplicado ao tabaco moído; ESTURRO tem ares de provir de ESTURRAR, «queimar»; SIMONTE é um verdadeiro enigma, com relação á sua orijem, e como se sabe designa uma espécie de tabaco em pó, sêco e meudíssimo ao contrário do rapé, que é húmido e mais grosso.

Feitas estas deduções na lista das palavras malaias derivadas de português, restam 180, que parece não oferecerem dúvida, quanto á sua identificação com os correspondentes vocábulos portugueses que lhes são indicados como étimos, e são perfeitamente conformes, não só relativamente ás transformações fonéticas a que foram submetidos na sua adopção, mas ainda ás causas históricas que a determinaram. Em outro artigo examinarei as vozes malaias que entraram no nosso lécsico, a algumas das quais já aludi aqui.

A. R. GONÇÁLVEZ VIANA.

[1] O Padre Brasseur de Bourbourg no seu curioso e interessante livro «POPOL VUH, le livre sacré et les mythes de l'antiquité américaine, etc.» [Paris, 1861], diz-nos, a pag. 84, o seguinte sôbre a origem da palavra *cigarro:* — *ciq* ou *ʒig:* C'est le tabac (na língua quiché da América Central), et par extension le cigare, et quelquefois la pipe. *Zig* signifie aussi parfum, voix, cri lamentable; *ʒigar*, fumer, parfumer. C'est évidemment l'origine de l'espagnol *cigarro*, et de notre *cigare*».

Para português, como para francês e outras línguas europeias, o vocábulo procede do castelhano *cigarro*, «charuto», a que o Dicionário da Academia espanhola dá como orijem o nome commum dum insecto, *cigarra*, étimo ridículo, que Körting [«Lateinisch-romanisches Wörterbuch», Paderborn, 1891, n.º 1865] incautamente perfilhou.

Na realidade, um cigarro parece-se tanto com uma cigarra como um ovo com um espêto.

W. W. Skeat («A Concise Etymological Dictionary of the English Language») dá o vocábulo ingles *cigar*, como procedente do castelhano, acrescentando: — «orig(inally) a kind of tobacco from Cuba» —.

Como o quiché não possui o som *z*, é provável que a verdadeira escrita do vocábulo citado por B. de Bourbourg seja *cig* (isto é *sig*) e não *ʒig*. Consultando os cronistas espanhóis do tempo das conquistas, é presumivel que encontremos neles notícias que infirmem ou confirmem o étimo do douto Padre, editor e tradutor do POPOL VUH, e americanista de grande autoridade.

POESIA E ETHNOGRAPHIA

Em meio de tantos livros de versos que quasi diariamente vem a lume, destaca-se de modo brilhante o *Allivio de tristes*, do sr. Correia de Oliveira, publicado em nitida edição, em 1901, pela acreditada casa Aillaud. Encanta-nos neste pequeno volume de 76 páginas a pujança do sentimento poetico e a naturalidade da expressão, ao mesmo tempo que, ao lê-lo, se apodéra de nós irresistivelmente a melancolia que o auctor exprime no decurso da obra. Um dos caracteres da nossa poesia é a tristeza. Os grandes poetas portugueses, como Camões e Garrett, vibraram essa corda; e o mais lyrico de todos, o povo, lá diz:

O cantar é para os tristes:
Quem o póde duvidar?
Quantas vezes cantarei
Com vontade de chorar!

O sr. Correia de Oliveira seguiu a mesma senda,

Por esta pobre terra portuguesa,
A mais triste entre as outras...

como refere a pag. 72. Revela-se nisto um curioso facto de psychologia ethnica.

Não é, todavia, do valor geral da obra que pretendo fallar, mas unicamente de parte d'elle.

I

Como verdadeiro poeta, o sr. Correia de Oliveira inspira-se por vezes nas tradições.

Assim, a pag. 40-41, falla de um d'esses *ex-votos* de que estão cheios os santuarios rusticos, e que na sua apparente originalidade christã provém do paganismo (chamados em latim *donaria*) [1]:

Representa o painel (e faz tristeza!)
Uma donzella morta no seu leito,
Com seus ares de martyrio e de pureza...

As suas mãos unidas sobre o peito...
Um sorriso na boca, que parece
Aos sorrisos do céo andar afeito...

Aos pés do leito então logo apparece
Numa nuvem de luz Nossa Senhora
Que parece fallar... Ao fundo vê-se

[1] Cfr. o que a respeito d'elles escrevi na *Revista Lusitana*, III, 205.

Um comido letreiro, aonde agora
Ha só estas palavras: POR. AMOR.
UM. MILAGRE. QUE. FEZ. AQUI. IMPLORA.

Já tambem Guerra Junqueiro nos *Simples*, Lisboa 1898, pag. 69, cantou os *ex-votos* populares, ao fallar da Virgem Maria:

E por isso ex-votos, que relembram dores,
Cobrem de ternura todo o seu altar:
Bustos de meninos, mãos de cavadores,
Tranças de donzellas, soluçando amores,
Corações e peitos de fazer chorar!...

E, antes d'elle, Nicolau Tolentino de Almeida havia em dois graciosos sonetos satyricos (*Obras*, t. I, Lisboa 1801, sonetos XIV e XXV) alludido ao mesmo costume; num d'elles nem lhe escapam os medicos, que vulgarmente se vêem pintados nos quadros:

Vai piedoso jarreta construindo
Em santo alpendre os votos pendurados:

Alli mostra grilhões despedaçados,
Rotos baixeis aos mares resistindo,
E pallidos doentes resurgindo
D'entre medicos máos! — até pintados!

porque o povo, no seu syncretismo pagano-christão, ao mesmo tempo que nas doenças consulta a medicina, invoca os santos: se os doentes saram, attribue aos santos o milagre; se pelo contrário morrem, inculpa da morte os medicos! Para elle a cura é menos natural que a morte, e por isso a reveste de caracter maravilhoso.

A innocente abusão do *malmequer*, que é um vestigio dos an-antigos processos de sondar o futuro (oraculos), acha-se, no *Allivio de tristes*, descrita d'esta maneira:

E a Estrella disse então: «Linda donzella,
Que estás no teu jardim a desfolhar
Um malmequer, que sonhas?...» E diz ella,

Mas vagamente, como que a scismar:
«Bem me quer, mal me quer...» E vão voando
As folhas, uma a uma, pelo ar...

«Bem me quer, mal me quer»: eis que cifrando
Se vai aqui a ansia incomprehendida
D'aquelles [1] que vão sonhando, e vão amando.

O povo canta igualmente a mesma flor numa das suas cantigas:

[1] O poeta, até nisto seguindo o veio popular, conta «aquelle, aquelles» por duas syllabas, isto é, pronuncía «aquel', aquel's» (e igualmente «el', el's»). Em português antigo encontra-se effectivamente «aquell, ell», mas o pl. era em «-les»; só os Trasmontanos dizem hoje, e regularmente, «el—éis», «aquel—aquéis».

Mal me queres, *bem me queres*
Tenho eu no meu jardim:
Bem me queres já acabou,
Mal me queres não tem fim!

a qual publiquei nas minhas *Trad. pop. de Portugal*, Porto 1882, pag. 116. Esta, como em geral todas as outras superstições portuguesas, não é especial ao nosso pais, encontra-se tambem fóra d'elle: em França, por exemplo, a cita Sébillot *(marguerite)* [1] e na Allemanha cita-a Liebrecht *(Dotterblume)* [2].

A bem conhecida adivinha da *luz*, que o vulgo compara a uma *abelha* na seguinte adivinha:

Do tamanho de uma abelha,
Enche a casa até á-telha [3],

traduziu-a o auctor graciosamente nestes versos de pag. 73, em que falla da gloriosa Terra Portuguesa, que é:

Pequenina tambem (como uma abelha),
E que tambem, lá como o povo diz,
«Enche a casa de luz até á telha».

Taes crenças e costumes não apparecem em serie, como menção fastidiosa de factos ethnographicos (*fastidiosa*, por se tratar de poesia): vem sempre a proposito, como explicação ou desenvolvimento de situações moraes. Está nisso o merito do auctor, tanto mais que este foi meramente levado do seu genio, da sua inspiração natural, e não teve por fim prestar serviços ao *folk-lore*.

II

Não é a tradição oral a unica fonte de inspiração do nosso poeta; tambem o é a tradição litteraria.

Por exemplo, a pag. 59, diz o sr. Oliveira:

És como aquella ave de plumagem
Brilhante como o sol, que em breve canto
(Pois breve pareceu!) de entre a ramagem

Trezentos annos entreteve um santo,
Que voltando, de ouvi-la, ao seu convento,
Tudo achava mudado por encanto...

Estes versos exprimem uma anecdota que o Padre Manoel

[1] *Traditions et superstitions de la Haute-Bretagne*, II (1882), 339.
[2] *Gött. gel. Anz.*, 1883, p. 249.
[3] Publicada na *Era Nova* (1880-1881), p. 437, segundo versões que ouvi no Minho e na Beira. Vid. uma variante em Th. Braga, *O povo português*, II, 389, e na *Tradição*, II, 14. Nas tradições estrangeiras encontram-se factos semelhantes. Em valenciano: *Una cosa com una abellota — Que tota la casa retrota* (Demófilo, *Enigm. y adivinanzas*, 1880, p. 369). Em italiano (dial.): *Io ci ho 'na cosa — Larga come un' amandola — Che rischiaro tutta la cambora* (Rolland, *Devinettes*, 1877, p. 81). Etc.

Bernardes (sec. XVII) expôs no *Pão partido em pequeninos* [1], e que, como me parece, constitue uma variante da lenda dos *sete dormentes* de Epheso, que ascende não só á idade-média occidental [2] e oriental [3], mas á antiguidade classica [4],—lenda que é muito conhecida [5].

O facto ethnographico, porém, mais importante para mim no livro do sr. Oliveira,—pois principalmente por causa d'elle escrevo este artigo—, é o que se acha mencionado a pag. 49-56. O poeta, para se consolar da desventura e desamor que, da parte d'aquella a quem consagra intimos canticos, tem sempre encontrado no seu caminho de paixão, diz que vae procurar viver na grande esperança de ainda um dia, por sentença do destino, symbolizado em Deus, colhêr alegrias; e conta *ad hoc* a seguinte historia:

Era uma vez um ermitão que vivia numa serra. Começando a duvidar da justiça divina, que concede na terra felicidades aos maus e atormenta os bons, appareceu-lhe um anjo em figura de mancebo, o qual o convidou a segui-lo. Partiram ambos, e chegaram a uma casa em que vivia um homem pobre, mas virtuoso, que com grande primor os recebeu e tratou, e lhes deu vinho numa

[1] A pag. 6 (t. I) da ed. de 1757. Esta variante vem reproduzida nos *Varios tratados* do mesmo A., Lisboa 1737, t. II, p. 4–5, e, com leves differenças, nos *Sermões*, II (1762), 241. — Quanto ás fontes de que se serviu, diz o oratoriano no *Pão partido* e nos *Varios tratados* apenas o seguinte: «hum exemplo que trazem graves authores»; nos *Sermões* cita: *Speculum exemplorum*, Francisco Costero, e *Alap.*, fazendo porém as citações de tal modo, que não posso de pronto verificá-las, — ainda que supponho que o primeiro livro é o *Magnum speculum exemplorum*, de que fallo mais adeante; *Francisco Costero* creio ser Francisco Coster, theologo belga, tambem conhecido pelo nome de *Malleus haereticorum* († 1619); *Alap.* deve ser Cornelio *a Lapide* (= van Steen), outro theologo belga († 1637), auctor de extensos commentarios da Biblia, que tiveram muita voga no sec. XVII. — A anecdota contada por Bernardes vem reproduzida numa das *Selectas* escholares de Caldas Aulete; foi talvez lá que o sr. Oliveira a conheceu.

[2] Vid Chardry's *Set dormanz*, public. por J. Koch, Heilbronn 1879 *(Altfranzösische Bibliothek)*. Chardry ou Chardri: poeta anglo-normando do sec. XIII.

[3] Cfr. J. Guidi, *Testi orientali inediti sopra i sette dormienti di Efeso* (nas *Memor. della R. Acad. dei Lincei*, Roma 1884, p. 343: cl. sc. mor.).

[4] Somno de Epimenides, que se tornou proverbial *(ultra Epimenidem dormis)*. Epimenides: poeta cretense do sec. VI a. C. Segundo Plinio, *Nat. Hist.*, VII., 175, Epimenides esteve a dormir numa caverna 57 annos. De Vit, *Onomasticon totius latinitatis*, s. v. «Epimenides», cita a este proposito toda a bibliographia antiga.

[5] Como o sr. Oliveira não se baseia propriamente na lenda, mas numa anecdota que julgo, segundo disse, ser variante d'ella, não tenho de entrar aqui em desenvolvimentos, e por isso remetto o leitor curioso para a obra de Koch, intitulada *Die Siebenschläferlegende*, 1883. — Na lenda propriamente dita se inspirou o sr. Eugenio de Castro para escrever o seu conto *Os sete dormentes*, Lisboa 1895 (Brinde aos assignantes do *Diario de Noticias*, 21.° anno, p. 3 sgg). Em português, já antes, ella tinha sido tratada mysticamente no *Flos sanctorum* de Fr. Diogo do Rosario, a pag. 263 sgg. da ed. de 1767, conforme o texto de S. Gregorio Turonense e outros.

taça de oiro, unica riqueza que possuia; foi o anjo, e furtou-lhe a taça. Andaram outro dia, e foram bater á porta de um palacio, onde lhes puseram por ceia apenas pão e agua, e por cama o sobrado nu; o anjo, em recompensa, offereceu a taça ao dono do palacio. No terceiro dia hospedaram-se em casa de um bom homem que os tratou bem e os mandou acompanhados por um criado para lhes ensinar o caminho; ao passarem a barca num rio, o anjo afogou o criado. Por fim dormiram numa casa onde tambem os acolheram com affecto; nessa casa havia uma criança de berço, e o anjo matou-a de noite, ás escondidas, fugindo depois com o ermitão. Este, suppondo que o seu companheiro era o proprio demonio, começou a exorcismá-lo, mas o anjo disse-lhe: «Não sou quem tu cuidas. Só quis mostrar-te os juizos de Deus: roubei a taça ao pobre, para que elle se não prendesse com as coisas mundanas, e só voltasse os olhos para Deus; presenteei com ella o avarento, porque este ha de ser condemnado ás penas eternas,—e era pois justo que recebesse em vida uma recompensa por nos ter acolhido, bem ou mal; afoguei o criado, porque elle estava para assassinar o patrão; matei o menino, porque, sendo d'antes o pae d'elle muito caritativo, se havia tornado mesquinho para os necessitados». Tendo assim fallado, o anjo desappareceu, e o anachoreta ficou instruido com esta lição sobrenatural.

Quem houver lido o artigo do sr. Gaston Paris, *L'ange et l'ermite*, publicado no vol. 1.º de *La poésie au moyen âge*, Paris 1899, p. 151 sqq., e composto naquella primorosa linguagem que é um segredo do illustre professor do Collegio de França, e que conserva o mesmo esplendor, quer quando elle escreve, quer quando elle falla, vê immediatamente que o sr. Correia d'Oliveira, para a elaboração dos seus lindos versos, se serviu d'um thema tradicional e antigo, já muitas vezes aproveitado na litteratura; elle mesmo o dá a entender:

E tiro esp'ranças e energias (eu!)
D'esta historia que li num livro antigo,
Onde me juram que ella aconteceu.

Como me occupo, entre outros assuntos, do estudo dos contos e lendas, e de tudo o que tem relação com as tradições, despertaram-me estes versos a curiosidade de saber onde iria o poeta buscar a historia que nos relata, e de seguir o fio d'ella até á origem.

No citado estudo o sr. Gaston Paris parte do conto de Voltaire, *Zadig ou o Destino*, onde, no cap. XX, vem a lenda de que estou fallando,—e, de referencia em referencia (Parnell, Percy Herbert, H. More, Antoinette Bourignon, Luthero), chega até á idade-media, em que encontra a lenda na *Scala celi* de Jean le Jeune, sec. XIV, nos *Gesta Romanorum*, sec. XIII, num conto em verso que

se suppõe pertencer ao reinado de S. Luis (seculo XIII), e em Jacques de Vitri, arcebispo de Tiro, fallecido em 1240; depois determina a fonte das versões medievaes, a qual fixa numa narrativa que anda annexa ás *Vidas* dos padres anachoretas ou monges do deserto, narrativa que por sua vez se relaciona com lendas orientaes, chegando o auctor por fim a attribuir-lhe origem judaica, pois: «Elle répond merveilleusement à la préoccupation constante et passionée d'Israël: comment concilier la justice de Dieu avec la façon dont les choses se passent dans le monde? Dieu a dit: Je récompenserai le juste, je punirai l'impie; et cependant nous voyons chaque jour l'impie vivre heureux et prospère, le juste souffrir tous les malheurs. Ce problème poignant, la pensée juive a essayé de le résoudre.» (pag. 172).

O sr. Correia de Oliveira não conheceu porém nenhum d'estes textos, nem mesmo sahiu da litteratura portuguesa para encontrar a lenda. Mais interesse tem por isso os seus versos.

O titulo *Allivio de tristes*, que o nosso poeta deu ao seu volume, é, como se sabe, o de uma obra do seculo XVII, *Allivio de tristes e consolação de queixosos*, do Padre Matheus Ribeiro, cujo 1.º volume se publicou em Lisboa em 1672. D'essa obra ha varias edições. Ora, se o sr. Correia de Oliveira colheu ahi o titulo dos versos, e vária inspiração, como consta das tres citações que faz no principio do livrinho, colheu tambem a lenda ou historia que com tamanho sentimento poetizou. Ella encontra-se lá, a pag. 36 sqq. do vol. 1.º, da edição de 1764. Para não alongar este artigo, não a transcrevo, mas o assunto é o mesmo: só emquanto o Padre Matheus diz que o criado do hospedeiro do 3.º dia foi lançado de uma ponte abaixo pelo anjo, o sr. Oliveira, certamente por conveniencia metrica, diz que elle foi lançado da barca ao rio, episodio que occorria naturalmente, por isso que um rio se póde atravessar em ponte ou em barca. Por curiosa coincidencia, tambem numa das versões estudadas pelo sr. G. Paris apparece o episodio de uma barca, porém com desfecho diverso.

Determinada a origem immediata da lenda exposta no livro do sr. Oliveira, falta determinar a fonte em que bebeu o Padre Matheus. Aqui é muito facil a determinação, porque elle faz na margem do capitulo a citação seguinte: *Magnum speculum, s. v. «iudicium Dei»*. O *Magnum speculum exemplorum* é uma obra mystica, o auctor da qual se julga que viveu no sec. XV; tenho presente uma edição de 1618, e ahi, a pag. 495, exemplo XI, encontro exactamente, no essencial, o conto moral do Padre Matheus; eis o titulo do capitulo: *Angelus apparens in specie hominis cuidam Eremitae, spiritus blasphemiae tentato, patefecit occulta Dei iudicia*. O Padre Matheus só teve o trabalho de traduzir e amplificar. O *Magnum speculum* diz que o referido exemplo XI foi extrahido de Jacobus de Vitriaco. Este *Jacobus de Vitriaco* não é outro senão Jacques de Vitri ou Vitry, que acima citei.

Assim está completamente reatado o fio da lenda, e juntam-se mais uns elementos ao magnifico estudo do sr. G. Paris [1].

Os versos do sr. Correia de Oliveira relacionam-se pois com uma extensa serie de obras em que uma idéa antiga revestiu fórmas variadas, em poemas, em romances, em discursos moraes, nenhuma porém talvez tão bella como a que lhe deu o poeta português, que, seguindo apenas os impulsos do coração, transportou, sem o saber, para as verdes ribeiras do seu patrio Vouga, que (vid. p. 40)

Vae sob os amieiros, brandamente,
Chorando de mansinho entre os penedos,
Como quem tem saudades, anda ausente...

uma lenda nascida entre os seccos areaes dos desertos da Asia!

Lisboa, 13-III-902.

J. Leite de Vasconcellos [2].

DOCUMENTOS ANTIGOS DA BEIRA

Cartorio de Ferreira de Aves

(vid. *Revista Lusitana*, VII, 59)

No exame que novamente effectuei dos pergaminhos pertencentes ao extincto convento de Santa Eufemia de Ferreira-de-Aves encontrei mais nove documentos portugueses, além dos já publicados nesta *Revista*, que se tornam notaveis pela sua linguagem, os quaes adeante vão transcritos *in extenso*. O mais remoto tem a data de 1270, e o mais recente a de 1293.

Alguns documentos foram escritos, como claramente mostram, em Lamego, Ferreira de Aves e Pindo. As povoações apontadas nas cartas são as seguintes: Aguiar (da Beira), Casal do Ribeiro, Carapito, Cobal, Correga, Fólares (Förles), Lamaçaes, Meoma,

[1] Como appendice a esse estudo foi publicado na *Mélusine*, II, 444 ss., e III, 258 ss., uma serie de noticias com o titulo de *L'ange et l'ermite*, pelos Srs. R. Basset & H. Gaidoz, e ahi se cita: um artigo de J. Lévi na *Rev. des études juives*, 1884, n.º 15, p. 64-73, «où il a cherché les origines de cette légende dans le Talmud»; uma narrativa das *Mil e uma noites* e de *El libro de los enxemplos;* e uma variante oriental do nosso conto em que este se confundiu com outro.

[2] [O artigo precedente foi já publicado na *Sociedade Futura*, I, n.ºs 3 e 7, d'onde se fez edição á parte, em opusculo de 12 pag. — Reproduzo aqui o opusculo com algumas poucas modificações].

Pereira, Pineiro (Pinheiro), Rapa, Cerdeira do Corredouro, Verziella, Villa Boa de Ferreira, Villa Chã e Záátan (Çatam). Estas povoações ficam distribuidas pelos concelhos existentes nos districtos de Viseu e Guarda, principalmente Aguiar da Beira, Sátão e nas abas da Serra da Estrella [1] e da Lapa. Para o oriente destas regiões o territorio naquellas epocas era pouco povoado e de recente acquisição.

Pela primeira vez encontro numa carta *nn* para representar *nh*. Esta fórma, digna de registo, encontra-se no doc. I, datado de 1270, na palavra *venna;* ao passo que no doc. VII de 1276 apparece *uena*.

O uso de um sinal de abreviatura para representar a suppressão do *n* ou *m* é bastante remoto, encontrando-se não só na paleographia latina, mas tambem nos romances peninsulares e no provençal. Este signal tomou em portuguès na abreviatura mencionada, que se conservou tambem na typographia, o nome de til de *tilde* (titulus). Parece que alguma vez teve outro nome, como collijo dos *Annaes historicos do estado do Maranhão*, de Bernardo Pereira de Berredo, pg. 5, publicados em 1749, onde se diz: «huma plica sobre o ñ (que no idioma Castelhano serue de h)». Mas só a lingua portuguesa aproveitou a abreviatura na representação methodica da nasal. Nos documentos latinos geralmente o *m* e o *n* finaes erão representados por um traço collocado sobre a vogal, uso adoptado tambem no portuguès. No interior da palavra, mormente entre vogaes, era pouco vulgar ser abreviado o *n* por aquelles que escreviam latim. Entre nós já muito cedo se empregou este processo, até em casos que nos fazem duvidosa a pronuncia de certas palavras. Tal se dá em *joãez* (I), *dõa* (III), *iões*, *ioãs* e *Jõe* (VI), mas *menesmo* (I) deve estar por *mẽesmo* como apparece no doc. III em *meesmo*.

Rarissimos são os casos, neste periodo, em que a nasal é representada por um *m* no final da dicção, como succede em *sum* (I), *uiram*, *ouuiram*, *steuam* (II), *pertéémças* (VIII).

É vulgar omittir-se por qualquer circumstancia o til, como nos seguintes exemplos: *Martijz* (I), *Piido* (II), *irmao* (IV), *huu*, *chaa hua* (VI), *afoso* (VII), *Santadre* (VIII), e *quihentos* (IX); e ainda em *testemoyo* (III), *estraios* (V), *vio* (V e VI), *thyia* (V), *Joanio* (VI e VIII), *Muio* (VI), *permaesca* (IV).

Em logar do til encontram-se muitas vezes dois accentos, o que se dá principalmente quando se succedem duas vogaes iguaes, o que nem sempre evita a collocação pela parte superior de um traço: bóós, bóós, dalgúú, húú, húú, homéés, mááo, martíjz, remíjmento, tíja, uéér.

O uso indicado de accentuar as letras dobradas encontra-se

[1] Chamada Herminio, como se vê da citação a fls. 27 v. do *Livro Preto*: «*territorio Sene subtus mons ermenus*». Cfr. *Revista Archeologica*, IV, 67.

tambem no tombo da abbadia de Saint-Victor de Marselha, do meado do seculo XIII [1].

Todavia não ficão exceptuadas vogaes isoladas de receberem um accento como se vê em *tiuj*, *á* (II), *ó* (III), *é* (V).

A graphia *nh* só apparece em 1274 em *nenhũa* e *Nhoã* e em 1292 em *testemonho*

Dois *ee* com o valor de *i* moderno acham-se em *quaees* (VII).

U por *o* encontra-se em *Cõnucuda* (I, VI), *afonsu* (II), *Gunçalo* (V), *cũ* (V), *fui* (VI), *susu*, *jesu*, *creudo*, *estrumento* (VIII) e *octubru* (IX), *muniz* (II).

Ay, *ey*, *oy*, e *uy* encontram-se a cada passo, mais raros são *hy* (V), *y* (VIII e IX), *douyda* (VII), *Vycente* (VII), *synal* (VII), *pyneiro* (VI), *lhy* (VIII e IX).

Temos o *j* o *g* e o *y* para representar o mesmo som: *ioanes* (II, III, e VI), *iazen* (V), *seia* (VIII), *iacenço* (II) e *ajades* (V); *agades* (IV), *pugj* (IV), *Tareyga* (V); *aya* (VI), *Eygreya* (V), *seya* (I, II, V, VI, VII), *seyan* (VII), *yaz* (V).

O *g* gutturai sem *u* em: *domingiz* (V, VIII, IX), *rodrigiz* (V, VI), *agiar* (VIII), *pege* (IX), *Jurgey* (VII), *e algẽ* (IV), a par de *alguẽ* (VI).

Lh encontra-se nos annos 1292 e 1293 em *auangelhos*, *lhe*, *lhes*, *lhy* (VII), *molher*, *Milho*, *lhy*, *tolha* (IX).

Só um *l* em *aqueles* (I, II, III), *aquele* (I, IV), *ela* (III), *el* (VIII), *ele* (IX).

Um *s* só em *abadesa* (VII, IX), *noso* (VI), *ese* (VII IX), *esa* (VII), *dese* (VIII), *achasen* (VIII), *entregasen*, *fezese* (VIII), *peytase* (VII), *noso* (VI).

Ás vezes no principio *ss* dobrados como succede em *o sseu* (I), *cõ ssa* (II), *ssas* (III), *ssa* (II, VI), *a ssaber*, *Outro ssy* (V), *ssi* (VI).

Falta o *h* em *á* (II, VI, VII), *ospital* (II), *erdades* (V).

Encontra-se o *z* archaico em *fazo* (IV, VII), *doazõ*, *rezebi* (IV), *fazades* (IV), *Záátan* (I, etc.)

O *s* por *c* em *uosem* (II), *Gonsalo* (VIII), *fes* (VIII), *pas* (IV), *Martins* (VII).

Eis uma lista das contracções que se encontram nos nove documentos.

a de (V)
a do (III)
aa (V)
aa de (V)
ááuer (VIII)
aiuramentouos (VIII)
cona (V)
cono (II)
cũ na (V)
do outra (II)
éé (V)
ena (VIII)
eno (V, VI)
éénses (VIII)
éésa (VIII)
enle (VII)
hou (VII)
lej (VII)

[1] Prou, *Manuel de Paléographie* [2], — 379.

del rej (VII)	lho (VIII)
denprazamento (XI)	no (I, V, VI)
dalgúú (VIII)	nos (VIII)
daquelles (VIII)	óȯ (I)
dese (VIII)	óo (II)
docteiro (VIII)	ou (IV)
dagiar (VIII)	óóutra (V)
da dauã dita (VII)	pela (V, VII, VIII)
dauandito (VII, VIII)	pola (VIII)
dele (IV)	pera (III, V, VIII)
do (VI, VII)	teuesse (V)

Entre as formas dignas de registo encontram-se as seguintes:

atrááqui (II)	estradea (V)
Bartolameu (VII) Bertolameu, (VIII)	fizi (III)
ceueira (VI)	kada (V)
Caseual (VIII)	Gunçalo (V), Gonsalo (VIII), guncalves (V)
conphaneiros (VIII)	iacenço (II)
conocida (VI)	isto (III, VII)
dona Domenga (I)	Mouro (IX)
douyda (VII)	moasteiro (I, II, III, V), moesteiro (IV)
enquerer (VIII)	octubru (IX), outubro (VII) oytubro (III)
outoridade (VIII)	pregontou (VIII)
pedriz (IV)	pobrico (VIII)
pedrez (IV)	don Róól (V)
poul (V)	Roy (III, VIII), Rúúi (VIII)

O nome *Eufemia* apresenta-se-nos nas seguintes formas:

Eufemea (V)	Offemea (IV)
Efemea (II)	Ouffemea (III)
Eufemina (II)	Houfemea (VII)

Por vezes nos documentos portugueses resalta uma ou outra palavra influenciada directamente pela orthographia latina como succede nos seguintes:

directo (II)	octubru (IX)
est (IV, IX)	pectade (I)
est (VI, IX)	pecte (I, VI, IX)
ĩ (I)	post (I)
morabitinos (I)	Pt.º=Pedro (VII)
octeiro (VIII)	sum (I)

O pronome *minha* offerece as seguintes formas: *ma* (vi, vii), ma (vi), mia (ii) e Mha (iii). O traço sobre o *h* nesta ultima forma equivale ao til devendo portanto ler-se: mĩa.

Em tres das cartas publicadas apparece a notificação: *Conuçuda cousa seya*. Como todo o formulario diplomatico, não é tambem exclusivamente português aquelle modo de notificar, pois encontra-se no francês: *Connue chose soit*, no provençal: *Conoguda causa sia*, e no castelhano: *Connosçuda cosa sea*.

I. Carta de doação a Pedro Martins, de um casal no termo de Çatam, que fez a abbadesa de Santa Eufemia. 1308 (1270), Cfr. o doc. iii.

Cõnuçada cousa seya a todos aqueles que esta carta uiren e ouuiren que eu Maria rodrigez *(sic)* Abadessa de... conuento fazemos carta a tj Pero martjz de uno casal que auemos ĩ termo de záátan no logar que chamã... Maria rodrigez a esse moasteiro por ssa alma. no qual morou fernan ioãez e Dona Domenga fazemos carta... que fezestes ao moasteiro e faredes senpre per tal preeto que uos tenades ele [1] en uossa uida. e den ende... cimento a esse dito moasteiro e de post uossa morte uenna o moasteiro receber o sseu casal esse... moasteiro quer britar esta carta ou uoluer pecte a ti Pedro martjz .C. morabitinos e a quen deres tua uoz outro... ou uosso filo esta carta quiserdes britar pectade óó moasteiro .C. morabitinos. e a quen der sa uoz outros tantos... M.ª CCC.ª viij.ª Qui presentes foron estes sum, Roy fernandiz Abade de Santa Maria de Záátan fern .. tin pirez de meoma. Ts. Lourenço fernandiz caualeyro desse menesmo logar. ts. este feito foron firme... fazer duas cartas partidas per A b c. A.................................... [2]

II. Carta de restituição de bens que fez Gil Mendes ao mosteiro de Santa Eufemia de Ferreira de Aves em 1308 (1270). Feito em pindo.

Sabuda cousa seya a todos aqueles que esta carta uiren que eu Gil meendiz tíuj úún prado forçado do Moasteiro de Santa Eufemina e á iacenço en Lamaçaes aquele que tíya Gil méédiz que foy do Casal do Ribeiro que mandou Lourenço fernandiz ao Moasteiro de santa Efemia e por que o tíuj sen directo á tráâqui dou por ende ao Moasteiro de Santa Eufemia á Casa do Eyrado

[1] Esta construcção era vulgar. Num documento de 2 de julho de 1311, Santarem (Caixa 89 da *Collecção Especial* n.º 21), encontro o seguinte: «E nos de suso ditos que esta carta mandamos fazer *ela* per dante homéés bóós a renovamos e outorgamos». E ainda no mesmo documento: «E nos se en conçelho a uos a dita vinha con seu oliual outorgar non quisermos óu defender non podermos conpõhamos a uos ela dobrada».

[2] Caixa 52 da *Collecção Especial*, maço 3 do mosteiro de Ferreira de Aves.

cõ seu seydo e cõ ssa eyra e a Leyra da Serdeyra da coredoyra como parte cono moasteyro da una parte e da outra e uay óo rrio e eu Orraca fernandiz *uxor sua* de Gil mééndiz outorgo este feito e si aliquid homo uenerit tam de nostris quam de extraneis qui hoc nostrum factum isrumpere uoluerit sit maledictus et quantum inquisierit tantum in duplum conponat et insuper pectet .C. morabitinos ad cuj dederit uosem uestram. Facta karta in mense Januarij. Sub. Era M.ª CCC.ª viij.ª in Port. regnante rex. A. domine terre penalua don Lopo afonsu et fuit istum factum in Píido in ecclesie. Ts. que uiram e ouuiram fazer esta carta. Egas muniz freire do ospital e Pedro de meyra e fernã rodrigiz clerigo de záátã e Pedro uéégas clerigo de ferreira e fernã (?) martiz de píido e Steuam ioanes de víla boa de ferreira e Joã escudeiro de piido e Martin gago da correga e Pedro ioanes de Lamaçaes [1].

III. Carta de doação que fez Pedro Martins Botelho d'um casal ao mosteiro de Ferreira de Aves em Outubro de 1308 (1270), o qual era situado em Mioma. Cfr. doc. I.

Cõnoscã todos aqueles que este testemoyo uiren que eu Pedro martíjz dito botelo dou ao Moasteyro de santa Ouffemea de ferreira húú Casal pola Alma de Mh̃a madre dõa Maria rodrigiz ó qual Casal ela auia en Meoma a do Ribeyro aquele casal en que morou fernã ioanes é eu Pero martíjz fiz esta entrega do sobre dito casal a Maria rodrigiz Abadessa do sobredito Moasteyro per logo de mh̃a Madre por que mh̃a madre leyxou en mj todas ssas mandas pera conprirlas eu por sa alma. e por que entendi que isto era prol de ssa alma fizi isto per ante ho*(mens)* bóós que que forã ts. conuen a ssaber Roy Fernandez priol de santa Maria de Záátan e fernã rodrigiz clerigo desse meesmo logar e Lourenço fernandez caualeiro e Martin pirez da meoma e Steuã gonçaluiz clerigo e outros o*(men)*s bóós. e isto foy feito no Mes doytubro en Era de Mil e CCC.ª e viij.º [2].

IV. Carta de doação dum casal, sito no outeiro de Aldeia Nova, ao mosteiro de Ferreira de Aves, que fez D. Maria Moniz. Carta lavrada pelo tabellião de Lamego em Fevereiro de 1309 (1271).

EN nom *(sic)* deus eu dona Maria moniz per outorgamento de meu filo Egas moniz en boa ¡paz e en boa uóóntade e en mia saude. A uos dona Maria rodrigiz abbadessa de sancta offemea de ferreira dáaures e ou conuento desse moesteiro fazo carta de

[1] Caixa 52 da *Collecção Especial,* maço 3 do mosteiro de Ferreira de Aves.

[2] Caixa 52 da *Collecção Especial,* maço 3 do mosteiro de Ferreira de Aves.

doazõ e de perdurauil firmedoe e de ualor de húú meu casal que eu ey en ferreira en logar que est dito Outeiro de Aldeia noua aquele casal em que mora Domingos migééiz. e pedro migééiz seu irmao. e Domingos pedriz e Joã pedrez e Joã domingiz e Pedro domingiz e fernã martíjz. e Domingos da deuesa. Dou e outorgo a uos esse sobredito casal cũ sas entradas e cũ sas saidas e cũ sas herdades rotas e por rõper por muito ben e por muito algo e por muito ajudoiro que de uos per muitas uezes rezebi. en remijmento de meus pecados. Agades uos esse sobredito casal assj como de suso est recõtado e fazades dele perdurauilmente assj como uos quiserdes. e se algẽ uéér assj dos meus come dos estraios que aqueste meu feito queira contradizer ou embargar. quanto a uos buscar tanto a uos en dobro conpona e a quen derdes uossa uoz .C. marauedis peite e meu feito permaesca en sa forteleza. feita a carta no mes de feuereiro da Era. M.ª CCC.ª viiij.ª os que presentes forun Vicente rodrigiz de mondin Pedro eanes de meira. Pedro ueegas. Domingos da rrapa. e eu Steuã méééndiz publico Tabaliõ del Rej en Lamego a rrogo e a mandado da sobredita dona Maria moniz esta carta cũ mia mao fiz e meu sinal en ela pugj + testemoya :. ———— :. ———— :. ———— [1]

V. Inventario dos Reguengos que o mosteiro de Santa Eufemia tinha em Carapito. Uma noticia datada de 1312 (1274) e uma lembrança sem data.

Conuçuda cousa seya dos Regaengos que a santa Eufemea en Carapito en primeira mente hũa leyra que iaz aa presa como parte cũ Martĩ gunçalauez e da outra parte cũ outro Martin gunçaluez e a ende a de (?) Joã martijz filo de Martin gunçaluez .v. peladigas de vio kadahúú ano no lagar. It no Castelo duas Quayrelas assi como parte hũa cũ testamento da Eygreya óóutra parte cũ Domingos rodrigiz e da outra parte cũ dona Tareyga e da outra parte pela augua da feruença. It. outra que iaz aa fonte do sapo como parte cũ Joã paez e da outra parte cũ Gunçalo domingiz. It. outra que iaz aa estradea [2] e parte cũ filos de Mẽe fernandiz e da outra cũ Martin piriz. It. outra que iaz ao espial e parte cũ testamento da Eygreya. e da outra parte cũ filos de dõ Siluestre. It. outra que yaz aa de don Róól e parte cũ testamento da Eygreya e da outra parte per uia publica é outra que yaz ao porto da feruença é parte cũ na Eygreya é da outra parte cũ Joã durã. It outra quayrela que parte cũ Joã siluestre é da outra parte cũ Martin ioanes e a ende a dar dõ Simõ húú sesteyro de uio cada húú ano no lagar. It. Mẽe piriz a a dar iij. quartas de uio cada húú ano da vina que iaz en cima de uua asi como parte cũ Domingos martiiz é da outra parte cona que foy de Joanafonso e

[1] Caixa 52 da *Collecçao Especial*, maço 3 de Ferreira de Aves.
[2] Cfr. *escadea*, que tenho ouvido a individuos de Tondella.

dalo uio no lagar. na Era de mil é CCC.ª e xij no mez de Janeyro entregou Tareyga rodrigiz ao Moasteyro de santa Euffemea de ferreira húú Casal o qual mandou Martin martiiz a qual foi desse Moasteiro Abadessa éé sa morte de Martin martiiz mandou esse casal a ese Moasteiro é Tareyga rodrigiz teuesse casal a força do Moasteiro e porque entendeu que o thyia per força leyxou ao Moasteiro é Maria rodrigiz Abadesa recebeu esse casal pera esse moesteiro. testemoyas Roy fernandit Abade de santa Maria de zaatã é ffernã diaz caualeiro é ffernã rodrigiz clerigo é Joanio de Lamas que era Juyz de ferreira. Paay piriz do Poul. João ueegas e Pero carneiro. Steuan domingiz ç'pateiro.

Outra letra. Diego lopez nenbreuos que sse por carapico que ajuramentedes Martin da Lama e sa irmãa por ffeito das erdades que hy iazen e eles uos dirã todo o ffeito da uerdade. Outro ssy uos nenbre que uos ajades hũa carta descum*(unhão)* do bispo da guarda pera erdades que iazen eno dito logo da guarda e de çelorico pera dizeren algũus o que ende souberen. [1]

VI. Carta de doação numa vida do Casal de Villa Chã. Feita pela Abbadessa de Ferreira de Aves em Agosto de 1312 (1274).

Conocida *(sic)* cousa seya a todos aqueles que esta carta uiren que eu Maria rodrigiz abadesa do Moesteiro de santa Oufemea de fferreira dou a Paaj iões *(Ioanes)* huu Casal que esse dito Moasteiro a en fferreira eno logar que chamã vila chaa per tal preito que ele aya esse casal en dias de ssa uida e a ssa morte de Paaj iões ficar esse casal liure ao Moasteiro sen nenhua contenda e eu Paaj iões e ma molher Maria iões por este ben que recebo do Moasteiro damos ao Moesteiro o noso quinon do Muio do sseidoiro e que eu Paaj iões moa m̄a ceueira sen maquia e adubarẽmi ben o Muio e damos hi hua quarta de uio que a nos auia a dar don Bartolameu do castelo e ssi alguẽ ueer que esta *(sic)* feito quiser britar pecte áá outra parte .C. mrb. *(marauedis)* e a quen essa uoz der pecte outros cento e ssa demanda non uala esta carta fui feita no mesmo Agosto Era M.ª CCC.ª xij. Juizes de ferreira Domingos rodrigiz e Jõe *(Joane)* meendez. regnaua Rei dõ Afonso en portugal e no Algarue. Ts. que steuerã e uirã e ouuirã Roj fernandiz Abade de santa Maria de zaatã Pero afonso clerigo de ferreira e eu Joanes de vila boa Steuã glz. *(Gonçalviz)* clerigo de zaatã. Martin mẽediz. Domingos da rapa. Pero rodrigiz de vila boa. Giraldo steuez. [2]

[1] Caixa 52 da *Collecção Especial*, maço 3 do mosteiro de Ferreira de Aves.
[2] Caixa 52 da *Collecção Especial*, maço 3 do mosteiro de Ferreira de Aves.

VII. Traslado feito pelo tabellião de Aguiar da Beira de uma carta de D. Affonso III de 15 de Outubro de 1314 (1276), pela qual o concelho de Aguiar é obrigado a pagar certas cousas ao convento de Ferreira de Aves.

Don afoso pela graça de deus Rej de Portugal e dAlgarue a todos aqueles que esta carta uiren fazo a saber que o procurador daa aBadesa e do conuento de Santa houfemea de ferreira daures quitou ao Conçelo dagiar todos hos fruytos que esse Concelo leuou da dauã dita aBadesa e do Conuento hos quaes fruytos eu Juygej a ese Conçelo que peytase a esa aBadesa e ao Conuento por tal preito que o dauandito Concelo dagiar seyan bóós uizĩos a ela aBadesa e nõ uenã contra as cousas e deuẽ li a dar noue Libras que esa aBadesa a de dar ao Porteyro. E se pela ventuyra ho Concelo dagiar nõ conprir as cousas dauanditos ááBadesa e o conuento esa abadesa seya tẽuda de demandar todos hos fruytos hos quaees lej eu Juygados. E que isto nõ uena en douyda dou hou dauandito Concelo esta ma Carta aberta. Dada en Lisbõa .xv. dias andados doutubro El Rey a mandou per dõ Martin e per Pt.º *(Pedro)* Martins caseual Coregedores dos feitos do reyno de mãdado delrej. Vycẽnte perit a fet. Era M.ª CCC.ª xiiij.ª

Nhoã domingit publico Tabalion del rej en agiar este tralado fet e seu synal enle fet que tal Este + en testemũio desta cousa [1].

VIII. Inquirição feita por Bartholomeu Moniz, conego de Viseu, por ordem de D. Dinis sobre se a aldeia de Pinheiro fora em tempo de D. Affonso III, por mandado deste rei, entregue a Santa Eufemia de Ferreira de Aves. Instrumento escrito por Affonso Pires, tabellião de Ferreira de Aves em 8 de Fevereiro de 1330 (1292).

Sabhã quantos este est(or)mento uirẽ e léér ouuirẽ que ena era de Mil e Trezentos e trijnta. oito dias andado de ffeuereiro, Bertolameu moniz Cóónigo de uiseu foy a Aldeia do Pineiro per mandado e per sa Carta de noso senor Don Denis pela graça de deus Rei de Portugal e do Algarue pera auer acordo com homéés bóós Jurados nos sãntos auãngelhos daqueles que presẽetes foron e uiron quando ese Bertolameu moniz e Gonsalo uelho de Trancoso e Domingos martinz que enda *(sic)* por Tabaliõ foron áá sobredita aldeia de Pineiro en tenpo del Rey don Afonso per mandado e per sa Carta dese Rey don Afonso pera enquerer e saber per u era éésa aldeia o seu dereito do Moesteiro de Santa oufemea de ferreira e per u achasen que era que logo lho entregasen e qual acordo achase en si e cénses homéés que en aquel tenpo presentes foron y con ele que o fezesse escreuer pera enuialo

[1] Maço 3 do most·iro de Ferreira de Aves. Caixa de 52 da Collecção Especial.

a el Rey en escripto e so seu séélo e so sinal dalgúú tabaliõ pobrico. E'ése Bertolameu moniz seendo na dita aldeia presente fes chamar mjn Afonso pirez tabaliõ per outoridade de noso senor el Rey en ferreira daures Rúúi fernandiz abade de Çáátan e Pedro uéégas e Pedrafonso clerigos de misa de santadre de ferreira e Rodrigo pááiz de uila bóa e Johanio docteiro morador en pyneiro. Afonso pirez tabaliõ de ferreira e Martin fernandiz de pyneiro don Andre de ferreira e Pedro ioãs *(iohannes)* de pineiro e Johã piriz de pineiro e domingos méèndiz de pineiro moradores todos tres en herdamentos dagiar e dõ Aparico de pineiro e don Egas de pineiro e aiuramentous todos nos Santos auangelhos e pregontou cada húú de nos ap(ar)tadamente séèndo eu dauandito Tabaliõ presente cõ ele per seu mandado que lhy dixese cada húú de nos como se acordaúúa se uirã ou sabiã como ele enquerera con os sobreditos seus conphaneiros per u era o dereito ao sobredito Moesteiro ena dita aldeia de pineiro e se lhe lo uirã entregar a ese Moesteiro o dereito que seu acharon na aldeia sobredita per u... E nos pregontados do dito Bertolameu moniz cada húú per si asi como de susu e dito pelo Juramento que fezemos todos nos acordamos con el e el cõ nosco que acharan por herdamento do Moesteiro sobredito a aldeia de pineiro como parte pela careira que uay antre esa aldeia de Pineiro e o logar que chamã o Cobal herdamento da Giar indo Jusu (?) dereito paráá ribeira de verzela e que lhes uiron logo entregar ao dito Moesteiro esa aldeía de Pineiro pola deuisõ sobredita con todas sas pertéémças e seus dereitos os quaes o dito Moesteiro ante ende acostumara ááuer. E por... seer mais creudu ú quer qne mester seia o dito Bertolameu moniz pedio a mjn Tabaliõ sobredito e mandou que eu lhy dese desto húú testemonho so meu sinal. E eu sobredito Tabaliõ a rogo e a mandado do dito Bertolameu moniz a estas cousas todas presente fuy e este estrumento con mha mááo propia escreui e esto meu sinal que tal e + eele pugi en testemonho de uerdade. Esto foy feito en pineiro no dia e na era sobreditas. Ts que presentes forõ Steuã Domingiz. Afonso martjnz, Pedro queiriga. Mouro do mingiz. Andre steueiz clerigo de ferreira. Pedro domingiz da pereira e outros muitos [1].

X. Carta do emprazamento feito pela abbadessa de S. Eufemia de Ferreira a Mauro Domingues e a sua mulher, de metade de um moinho sito em Fólares (forles). escripta por Affonso Pires (?), tabellião de Ferreira de Aves, em Outubro de 1331 (1293),

Conoscã todos que eu Eluira Lourenço abadesa do moesteiro de Santa oufemea ensenbra cõ o conuento dese meesmo logar fa-

[1] Documentos de Ferreira de Aves, no Gabinete do antigo Inspector dos Archivos.

zemos carta denprazamento a uos Mouro domingiz e a uosa molher Domingas.... de hũũ meio de muino que o dito Moesteiro a en Folares por en dias de uosa uida danb(as as pe)soas (en cada) húú ano ende no dito Moesteiro dous segundos de pã e seer ende os dous quarteiros de Milho e uos nõ poderdes moner o dito muĩo nen fazerdes outro sobre ele nen so ele que o pege nen que lhy agoa tolha e se estas posturas nõ atender ficar o dito muĩo con o outro que fezerdes ao dito Moesteiro e a uosa morte e de uosa molher sobre dita ficar o dito muĩo ao dito Moesteiro liure e quite e en pas e cõ todas sas ben feitorias feitas e por fazer. E quaes quer de uos que esta carta queira britar ou rõper pecte áá parte que ouuer o torto quihentos soldos. ffeita a carta no mes doctubru. Era Mil e trezentos e trijnta e húú. Reynante dõ D Juizes Afonso Martinz e Steuan d° ts. Mẽe gonçalviz. Pero piriz. Nouo homẽ. Martin durã de folares e eu Afonso per. tabaliõ de fferreira esta carta fiz e meu si+nal y pugi que tal est. [1]

PEDRO A. D'AZEVEDO.

Poetas populares portugueses

Nos *Ensaios ethnographicos*, I, 27, nota 7, dei noticia de dois poetas populares, *Manoel de Almeida Margarida* e *José de Almeida Candido*. Neste número da *Rev. Lusit.* abro uma secção destinada a archivar noticias analogas, umas escritas tambem por mim, outras escritas por outros.

J. L. DE V.

I

O Cantador de Setubal

Em 1902 passei parte do verão em Setubal. Uma tarde recebi um recado de Paulino de Oliveira para ir a casa d'elle, porque estava lá o Cantador [2], a quem eu desejava conhecer pessoalmente. Fui, e confesso que, quando encarei com aquelle velho de 81 annos, rijo e de aspecto inculto, a recitar bellos versos de sua lavra, me senti bastante impressionado. O Cantador é alto, encorpado, de voz grossa. Diz os versos com emphase no tom e no gesto, dá-lhes vida, e communica tambem a propria emoção a quem o ouve. Que forte organização poetica! E comtudo é analphabeto; mal sabe lêr lettra redonda, e só esta, pois na de mão

[1] Documentos de Ferreira de Aves, no Gabinete do antigo Inspector dos Archivos.
[2] Antonio Maria Eusebio, vulgò o *Calafate*.

não entra. Elle mesmo o confessa nos versos em que se refere aos elogios que lhe fez Guerra Junqueiro:

Como posso agradecer
Tanta bondade e affecto,
Sendo um pobre analphabeto,
Infeliz até morrer? [1]

As suas producções são numerosas: *Versos do cantador de Setubal*, Lisboa 1901, vol. de XVI-120 pag.; *Tudo e nada*, Lisboa 1901, folheto de 8 pag.; e uma serie de *pliegos sueltos*, como por exemplo: *Cantigas para guitarra* (pelo menos ha tres folhetos com este titulo); *Cantigas* (ha tambem tres, pelo menos, com este titulo); *Versos bregeiros; Cantigas á guerra de Hespanha e festa d'Arrabida* (assuntos bem heterogeneos!), *Quadras glosadas sobre a guerra hispano-americana.*

Como amostra das suas composições, aqui transcrevo duas quadras glosadas, que lhe ouvi em casa de Paulino de Oliveira, e que julgo ineditas:

CANTIGAS

1.ª PARTE: — PERGUNTA

Mote

Com dinheiro de contado
Ninguem a morte comprou,
Por ser fruto precioso
Que no mundo se pagou.

Glosa

De que serve a um avarento
Tanta riqueza e cobiça,
Se uma recta justiça
'Stá sempre em seu seguimento?
É este um fatal tormento
Para quem se acha culpado:
Ser da justiça julgado
Sem aggravo nem appello,
Nem comprar o [2] seu zelo
Com dinheiro de contado.

Oh! justiceira sentença,
Que tudo á morte condemna,
Por ser a terrivel pena
Que a Parca deu á nascença!
Homem que o contrario pensa
Nunca bem ajuizou:
Se a Parca o fio cortou,
Não vale [3] prata nem ouro!
Nem c'o mais rico thesouro
Ninguem a morte comprou!

A vida é fruta outonada,
Nunca tem muita doçura:
Quando está quasi madura,
P'la mão da Morte é cortada.
Depois da vida acabada,
Fica o corpo desditoso.
Medonho... e pavoroso,
Como arvore denegrida
Q'inda chora pela vida,
Por ser fruto precioso.

O fruto que esta arvore deu
No mundo se pôs em venda:
Se o comprou a Morte horrenda,
Foi a Parca que o vendeu.
Até'qui disputei eu,
E agora perguntar vou
(Se algum sabio me escutou,
Responda p'ra seu producto!):
Qual foi o mais caro fruto
Que no mundo se pagou?

[1] De um dos seus folhetos de *Cantigas*. Não se menciona nelle logar de impressão, nem de paginação, nem data.

[2] Elle dizia sem *o;* ainda assim fica errado o verso. Deve lêr-se de modo que se syllabe *com-pe-rar*, como no canto.

[3] Isto é: *Não vale nada.*

2.ª PARTE: — RESPOSTA

Mote

Foi a maçã da sciencia
O fruto que Deus prohibiu;
Só se pagou com a morte:
Bem cara a todos sahiu!

Glosa

Adão foi o que se via
Rei, senhor de todo o mundo:
Não tinha rival segundo,
Tinha tudo quanto q'ria.
Até Deus lhe apparecia
Com a sua omnipotencia:
No jardim da innocencia
Toda a ventura lhe deu;
Sómente o que não foi seu
Foi a maçã da sciencia.

Seu rival foi Satanás,
P'ra acabar co'a f'licidade,
Por ser da humanidade
Um inimigo sagaz:
Com a astucia perspicaz
A nossos paes seduziu;
Mas Adão não engoliu,
Ficou-lhe o nó na garganta,
Porque era a maçã sancta
O fruto que Deus prohibiu.

P'ra o nosso pai desgraçado
Nada mais lhe foi preciso
P'ra sahir do Paraiso,
A mil males condemnado,
A' morte sentenciado,
Por esta pena tão forte!
E toda a adversa sorte
Soffre Adão com paciencia,
Porque a desobediencia
Só se pagou com a morte

O mundo todo se encheu
De uma glória vã.. [1]
Por causa de uma maçã
Que nem toda Adão comeu,
Tudo o que é vivo morreu!
Á morte ninguem fugiu!
Se o fruto que Deus prohibiu
É ferro que a todos mata....
Sendo a maçã tão barata,
Bem cara a todos sahiu!

Os leitores admiraram a grandeza de pensamento e a philosophia que se revelam em alguns dos versos transcritos.

O nosso poeta dedicou-se durante toda a sua vida ao mister de cantador, que elle exerceu concomitantemente com o de calafate. Agora já não calafeta barcos, e só raro canta; mas a veia poetica não se lhe extinguiu. Nas terras do Sul do Tejo estão muito em voga, no povo, décimas feitas por cantadores. Ha mesmo cadernos manuscritos com ellas, que passam de mão em mão, e de casa para casa. As décimas, como nos exemplos que a cima vimos, servem de glosa a uma quadra que tem a fórmula *a b c b;* esta quadra é extremamente simples, e as décimas, em que já fica assim havendo versos conhecidos, tornam-se um pouco mecanicas [2]. Á sua disposição natural para rimar junta o Cala-

[1] O Cantador pronunciava *guloria,* segundo a phonetica popular. Admittindo-se o hiato entre as duas primeiras syllabas, o verso, que apparentemente está falho, fica certo: *de-u-ma gu ló-ria-vã.* No canto, *de* soa *di.*

[2] Convém não confundir as décimas, ou *décemas*, como dizem os Transtaganos, com a verdadeira poesia popular. Esta é tradicional, muito antiga, e não se lhe conhece auctor; as décimas, pelo contrario, são relativamente modernas, e muitas vezes sabe-se ainda o nome de quem as fez. A poesia popular nunca reveste a fórma de décimas, e só a de quadras, disticos e poucas mais (e essas muito raro). As *décimas* constituem uma especialidade da ethnographia transtagana. Fóra d'ella encontrar-se-hão apenas esporadicamente.

fate prática e exercicios continuos, desde os verdes annos: em virtude d'isso, e da relativa facilidade com que se fazem as décimas, compõe as suas poesias com muita rapidez, não obstante empregar de quando em quando rimas opulentas; os versos saem-lhe fluentes, e geralmente correctos.

Não é lyrico nem sentimental; nas suas poesias ha poucas imagens e comparações. As décimas limitam-se não raro a meras enumerações. Todavia o Calafate tem grande poder de observação: pinta o que vê em volta de si, — as arvores, os trajos populares, os objectos domesticos; discute os assuntos que no momento preoccupam a opinião publica, como a cima se viu de alguns dos titulos das Cantigas; verbera, com mordaz ironia, o que na vida ou na sociedade lhe não agrada. O caracter fundamental da sua poesia é este: realistico, sentencioso e satirico. Na satira usa frequentemente da licenciosidade, como por vezes Bocage, seu conterraneo, usou.

Num homem sem instrucção de especie alguma, a não ser a que espontaneamente colheu na prática da sua longa vida, é admiravel esta malleabilidade de talento, e esta fecundidade metrica.

Lisboa, 5 de Dezembro de 1902.

J. LEITE DE VASCONCELLOS. [1]

II

José dos Reis

(VALLONGO)

É ainda com grande compungimento na alma que venho fallar-lhes da morte de José dos Reis, o alegre e gracioso espirito que com as suas anecdotas e improvisos de fertil versejador tantas horas deliciosas nos proporcionou.

O popular poeta nasceu nesta localidade, indo em plena juventude para o Brasil, onde, reconhecida a sua veia poetica, era disputado para os festins, como o «melhor prato» do fim».

De taça na mão nervosa, ahi desfiava, ao «toast», o rosario de brindes rimados, encadeando os nomes de todos os convivas, a cada um dos quaes annotava chistosas referencias.

*

Chorava ao narrar os interessantes episodios das suas viagens pelo Amazonas: as festas do Espirito Santo com as suas novenas

[1] [Este artigo sahiu primeiro na *Saudação ao Cantador*, n.º unico, publicado em Setubal (15-XII-902), por Henrique das Neves, D. Anna Osorio de Castro e Paulino de Oliveira, e d'elle se fez separata, em folheto de 8 pag, ed. de 50 exs., com leves differenças. O que reproduzo aqui é o folheto].

suas lubricas danças gentilicas, e as suas aventuras amorosas por entre as collossaes florestas virgens do maior rio do mundo, como elle com respeito sagrado lhe chamava.

«Com vinho de «cuspuscú»
Ella matava-me a sêde;
Trazia-me, á noite, a rede;
Chocolate com «beijú»;
De milho fazia «angu».
Sabia bater «timbó»,
Cozinhava o «sarapó»,
«Marapá» assado em espeto.
Um dia fugiu co'um preto
P'ras bandas de Marajó!»

Cantava tambem ao desafio, á viola, levando de vencida os mais afamados «cantadores» e «cantadeiras» d'estas redondezas.

*

José dos Reis teve alguns meios de fortuna, grangeados no Brasil. Por mil contrariedades da sorte, vivia ultimamente sustentado pelos seus bons filhos, que elle amava doidamente.

Convidado uma vez para cantar ao desafio, a «cantadeira» atira-lhe esta quadra, de fazer encavacar o mais pintado:

Oh, que rico cantador
que me apparece p'la frente:
Elle será brasileiro,
Mas não mostra na corrente...

José dos Reis, já pobre, usava um relogio de prata com corrente de metal barato.

O poeta, ferido na sua vaidade de repentista invencivel, funga com a mão trémula uma pitada de vinagrinho, e canta:

Tive uma corrente d'ouro,
Mas vendi-a pelo Entrudo,
Porque as mulheres como tu...
Deram-me cabo de tudo.

É escusado dizer que a «cantadeira» encavacou. E, se não fôra a intervenção do grupo de aldeãos que havia convidado José dos Reis, este viria para casa com os ossos num canastro. Porque a cantadeira era casada!

José dos Reis escreveu alguns folhetos com poesias suas, com muita graça, mas sem rigor metrico, porque desconhecia o rhythmo e a technica poetica. Conhecia, porém, as obras dos principaes poetas portugueses e brasileiros, dos quaes recitava de cór estrophes e até cantos inteiros.

*

Possuia compassivo coração. Emquanto a fortuna lhe sorriu, ninguem era pobre a seu lado; e ainda agora, no meio da sua pobreza, repartia com um vizinho tisico a sua comida de doente!

Quantos dinheirosos enfatuados terão de aprender no amor do poeta á sua terra natal e aos seus patricios que lutam com a miseria!

Se nesta terra houvesse gente de coração, o entêrro de José dos Reis tomaria as proporções de arraial lutuoso, em que as raparigas, cuja formosura elle cantou nos seus versos, conduziriam regaçadas de rosas, para com ellas lhe tecerem um florido lençol, sob o qual ficasse dormindo o seu emmudecido cantor!

*

Aqui deixo nestas despretenciosas linhas o meu tributo de saudade pelo amigo e de homenagem pelo poeta que tanto me fez rir, e que agora me fez chorar.

(Do *Primeiro de Janeiro*, de 7 de Setembro de 1902, — correspondencia datada de Vallongo).

III

Antonio Augusto Monteiro

(PENAJOIA)

Roçou hontem pela policia, para ali arremessado por um desolante contratempo, um pobre homem da Penajoia — *Antonio Augusto Monteiro* se chama elle — que é um curioso exemplar de poeta popular. Mal sabe lêr — ao que elle diz — mas é de certo modo instruido e mostra verdadeira paixão pelo estudo.

Tem olhar vago de demente, mas discreteia com certa fluencia e com acerto tal, que realmente se não espera d'elle.

Camões é a grande summidade poetica, de quem falla com calor e enternecimento. Póde a crítica moderna encontrar lhe defeitos de factura ou desprimores de linguagem — diz elle —, mas jámais houve quem tão bafejado fosse pelo genio. Dos poetas modernos conhece principalmente o sr. dr. Guerra Junqueiro, que o tem ouvido e que é verdadeiramente seu amigo. Sente bem que elle tão afastado ande sempre do ponto onde mora, porque lhe podia prestar entre outros o auxilio da leitura.

Na aldeia, diz elle, raro se consegue um livrinho de emprestimo, porque não ha quem os tenha. Aqui no Porto ha a biblioteca, mas para a frequentar é preciso não se precisar de trabalhar...

Tem varias composições poeticas suas. Umas coisas ligeiras, ou *canalhices* [1], como elle lhe chama — e uma ode consagrada a Mousinho de Albuquerque, cujo valor guerreiro proclama.

[1] [Note-se que na lingoagem do Norte e centro do Reino *canalha* e *canalhada* querem dizer «criançada», i. é «conjunto de crianças»; *canalhices* significa pois «criancices». — J. L. DE V.]

É homem curiosissimo, verdadeiramente sedento de saber, em luta aberta com o meio em que tem vivido.

Tem mulher e dois filhos o Augusto Monteiro. Antes do mal das videiras vivia rasoavelmente do amanho de poucas terras que possue. Mas agora está tudo queimado...

Veio ao Porto, embalado na doce esperança d'uma collocação de 800 réis diarios na Companhia do Gaz. Esse logar havia sido dado a um lavrador remediado da sua freguesia; mas esse, com outros habitos de vida, outras exigencias de bôca, não podia sustentar-se no Porto com tal quantia, e, assim, offereceu-lhe o emprego e veio com elle para o Porto, para conseguir nomea-lo em seu logar. A companhia não accedeu, e, portanto, elle viu-se ahi em difficuldades. Teve de ir á policia solicitar uma guia do caminho de ferro, afim de poder seguir para a sua terra.

(Do *Primeiro de Janeiro*, de 14 de Setembro de 1902).

Dialectos Interamnenses

«.. Antre-Douro-e-Minho, conservador da semente portuguesa».
João de Barros, *Copilação de varias obras*, ed. de 1785, p. 225.

Vou continuar agora a publicação da serie de trabalhos que iniciei em 1885 sobre a lingoagem popular de Entre-Douro-e-Minho. Sahiram até o presente nove artigos, que constituem cinco fasciculos.

No primeiro d'estes fasciculos e na *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, Paris 1901, p. 357, indiquei quasi toda a bibliographia respectiva a essa lingoagem; aqui só tenho de accrescentar a menção de uma comedia-drama intitulada *Leandro*, por Valladares Torres, Porto 1890, na qual varios personagens fallam lingoa do Minho.

I—IX

Noticia dos artigos já publicados

Para evitar a reproducção dos artigos que já vieram a lume, e tambem para não começar numeração nova, o que difficultaria as citações, faço aqui a lista d'aquelles artigos:

I. Lingoagem popular de Monção[1].
II. Lingoagem popular de Soajo.
Estes dois artigos, que primeiro sahiram na *Revista de Guimarães*, vol. II, constituem um opusculo com o titulo de *Dialectos minhotos*, Porto 1885.
III. Linguagem popular de Baião.
Opusculo publicado no Porto em 1885, separata da *Rev. de Guimarães*, vol. II.
IV. Lingoagem popular de Ponte-do-Lima.
V. Lingoagem popular de S. Jorge.
VI. Lingoagem popular de S. Lourenço de Sande.
VII. Lingoagem popular de Baião (2.º artigo).
Estes quatro artigos sahiram na *Rev. de Guimarães*, vol. II. Separata em um unico opusculo, Porto 1885.
VIII. Uma excavação.
Artigo publicado na *Rev. de Guimarães*, vol. III. Separata em opusculo, Porto 1886.
IX. Lingoagem vulgar do Porto.
Artigo publicado na *Rev. de sc. nat. e soc.*, vol. II. Separata em opusculo, Porto 1891.

X

Palavras e phrases de Melgaço

Na bibliotheca de Evora, Mss. $\frac{\text{III—IV}}{\text{maço 37}}$, pasta n.º 12, que tem por titulo Papeis de D. João d'Annunciada, ha um folheto de 3 paginas, escritas á penna, cada uma em duas columnas, com o titulo de *Palavras e frases de Melgaço,* que copiei ha annos, e que vou aqui publicar. A lettra d'este folheto não é da mão de Annunciada, como se mostra da comparação d'ella com a de outros papeis escritos por elle.

A respeito de D. João d'Annunciada vid. *Dicc. bibliogr.* de Innocencio & Aranha, vol. III e X, s. v. Na referida pasta ha outros papeis d'onde se colhem várias noticias biographicas que completam as do *Diccionario bibliographico.* Para o meu intuito basta lembrar o seguinte. D. João nasceu nos Covões, comarca de Cantanhede, na 2.ª metade do sec. XVIII, e morreu em 1847, em Evora, de cuja sé foi conego. Exerceu o cargo de bibliothecario do mosteiro de S. Vicente de Fóra, em Lisboa, e ahi regeu a cadeira de rhetorica, assunto sobre que publicou um livro com o titulo de

[1] A boa orthographia é com *ç*, e não com *s*, pois a palavra não póde vir de *Montesanto*, como eu disse no artigo a que me refiro. O povo ainda hoje lá a pronuncia com *ç* (e não com *s*). No onomastico hespanhol existe *Monzón*, que de certo tem analogia com a nossa palavra.

Methodo de ensinar a eloquencia, Lisboa 1826. Por causa das suas ideias liberaes mandaram-no sahir de S. Vicente, e deportaram-no para o mosteiro de Refojos de Lima, em 1828; esteve lá até 1834. Foi provavelmente nesta epocha que adquiriu o vocabulario das palavras e phrases de Melgaço que se encontra entre os seus papeis em Evora. As predilecções de Annunciada pela philologia explicam-se em parte pelo facto de elle ser professor de rhetorica e bibliothecario.

Citarei ainda outros factos que testemunham a actividade philologica de D. João. Entre os annos de 1825 e 1847 escreveu uma *Historia da litteratura poetica portuguesa desde as origens até Miguel do Couto Guerreiro*, de 556 pag. (algumas em branco), in-4.º, que não chegou a imprimir-se, mas que existe tambem na bibliotheca eborense, passada a limpo, com indice, e pronta para o prelo. O A. revela ahi grande leitura dos nossos poetas, e nos trechos que li, pois não tive tempo de ler tudo, faz apreciações acertadas, e ás vezes com graça e vivacidade: tem de ordinario modos de ver seus. Foi pena que na epoca a obra não viesse á luz. Hoje não digo que se publicasse na integra, posto valesse a pena fazer d'ella longos extractos, supprimindo-se sobre tudo algumas das páginas do princípio. Na *Revista Lusitana*, vi, 59, transcrevi a parte em que se refere a Gil Vicente. A Sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos dá d'ella, segundo informações que lhe mandei, uma notícia no que respeita ao Cancioneiro da Ajuda, a pag. 12-14 da resenha bibliographica que acompanha a edição que d'esse Cancioneiro está fazendo. — Juntamente com a *Hist. da litt. poetica*, ha muitos rascunhos e apontamentos litterarios na referida pasta.

O primeiro editor do Cancioneiro da Ajuda, outr'ora chamado *dos Nobres*, foi, como é sabido, Lord Ch. Stuart, em 1823: a obra tem o titulo de *Fragmentos de hum Cancioneiro Inedito que se acha na Livraria do Real Collegio dos Nobres de Lisboa*, e a edição constou de restricto numero de exemplares (apenas 25!), pelo que ficou rarissima. D. João manteve relações com Stuart, que, alem de offerecer á bibliotheca de S. Vicente de Fóra um exemplar do Cancioneiro, deu noticia a D. João da existencia da *Grammatica comparada das lingoas da Europa latina* de Raynouard (1821), onde o português é estudado concomitantemente com as outras lingoas romanicas [1]. O nosso philologo escreveu ao

[1] Entre Raynouard e Stuart havia igualmente relações. Na *Grammatica*, pag. xli, diz aquelle: «Une collection précieuse qui m'a été très utile, c'est le Cancioneiro manuscrit que possède la bibliothèque du collège royal des Nobles de Lisbonne». E em nota: «Le chevalier Charles Stuart, ambassadeur d'Angleterre en France, avait fait prendre une copie de ce manuscrit pendant son séjour à Lisbonne. Il a bien voulu me le communiquer, et il m'a autorisé à en prendre des extraits» (continúa ainda a fallar do Cancioneiro; mas o que se segue não vem para o meu caso). — Do Cancioneiro, após a ed.

philologo francês a pedir-lhe a remessa da Grammatica: isto consta da cópia que da mesma carta existe na bibliotheca de Evora. Parece-me interessante reproduzi-la. Eil-a:

«COPIA DA CARTA AO SR. RAYNOUARD, ESCRITA EM 8 DE MAIO DE 1825

Sr. Raynouard:

O Sr. Carlos Stuart, embaixador que foi de Inglaterra em França, teve a bondade de offerecer á Bibliotheca de S. Vicente, de que eu sou Bibliothecario, hum exemplar do *Cancioneiro* chamado *Galliciano*, que elle fez imprimir em Paris o anno passado, extrahido de hum manuscrito antigo existente no Real Collegio dos Nobres em Lisboa. Parece-me o Cancioneiro tão curioso e fóra da intelligencia commum, que poucos certamente, ainda mesmo bons grammaticos, serão capazes de penetrar a sua lingoagem e sentido verdadeiro. Esta obscuridade faz desejar alguma explicação, e eu estou determinado a dar-lhe minhas notas, que sirvão como de chave á sua intelligencia. Propondo este meu projecto ao mesmo Sr. Stuart, elle me lembrou que vós, Sr., tendes escrito huma grammatica na qual amostraes a união intima e a estreita fraternidade das duas lingoas mais occidentaes da Europa, allegando para isto exemplos tirados do dito Cancioneire e outros de hum Cid hespanhol que tendes encontrado em huma edição mui antiga [1].

Vedes já, Sr., que outras pessoas, que vos conhecem de mais perto e admirão em vós hum sabio de primeira ordem, forão os causadores da confiança que tomo em vos distrahir; pelo respeito e attenção que lhes he devida, vos peço me desculpeis, ainda que a honra de tratar um sabio do vosso credito justificará na vossa presença toda a temeridade do meu proceder.

Eu desejo pois muito obter a vossa Grammatica e quaesquer outras ideas que tenhaes escrito sobre a materia; para isto são as minhas supplicas, os meus rogos, e faço esta carta que vos será entregue por via do Sr. José Aleixo Falcão Vanzeller, fidalgo português

de Stuart, fallou Raynouard em artigo especial no *Journal des savans*, Agosto de 1825, p. 488-495.— Como illustração, e para citar todos os documentos que conheço das relações de Raynouard com a philologia portuguesa, lembrarei que no *Lexique roman* (1836-1844, em 6 vol.) e no *Choix des poésies originales des troubadours* (1816-1821, tambem em 6 vol.), Raynouard allude muitas vezes á nossa lingoa (o vol. 6.º do *Choix* é constituido pela *Grammaire* que citei acima, a qual se publicou tambem á parte). Todos os camonianistas conhecem a ode de Raynouard a Camões; cfr.: *Camões, ode do cavalheiro Raynouard*.. correcta e annotada por Araujo Carneiro, Lisboa 1825; *Version portugaise de l'ode à Camoens de M. Raynouard*, avec des notes [por F. L. Verdier], Paris 1825.

[1] [De Annunciada dizer «hum Cid hespanhol» não se conclua que desconhecia este poema, pois elle o cita, bem como a outras obras da antiga poesia hespanhola. Serviu-se da collecção organizada por Sánchez.—J. L. DE V.].

assistente em Paris, e a elle mesmo recommendo o cuidado da remessa e a inteira satisfação do seu preço e importe.

Se vos dignardes, Sr., attender-me nisto, receberei hum obsequio mui distinto, e ao motivo que já tenho [1] de ser vosso grande admirador accrescentarei outro que me pertence, e vem a ser: vosso obg.^mo^ servo (?), D. J. AN., Bibli.» [2].

Raynouard attendeu o pedido, e enviou a Grammatica a D. João, como se vê do seguinte, que se lê no cit. ms. da *Hist. da litt. port.*, p. 190-191: «Mr. Raynouard, membro do Instituto, socio e secretario perpétuo da Academia de França, na sua obra *Grammaire comparée des langues de l'Europe latine*, impressa em 1821, e que teve a bondade de me remetter de Paris em 1826..» D. João cita-a tambem noutros logares da *Historia*, o que prova que a aproveitou.

Ainda a respeito de Lord Stuart, transcreverei um bilhete do mesmo, contido na referida pasta:

«SIR CHARLES STUART tem a honra de remetter ao Illmo e R.^mo^ Padre Bibliothecario mór da Bibliotheca de S. Vicente de Fora o livro que lhe tinha emprestado, e aproveita esta occasião de lhe fazer os seus agradecimentos.—Janellas Verdes 21 de Maio de 1825».

Fallarei agora do Vocabulario. A lettra d'este, como acima ponderei, não é da mão de D. João, embora pertença ao sec. XVIII. Foi pois um antigo ms. que elle obteve no Minho, ou que de lá lhe mandaram, feito por algum curioso, no gôsto do *Vocabulario de palavras e modos de fallar do Minho e Beira*, publicado por Bluteau em 1728, e por mim reproduzido nos *Dialectos interamnenses*, VIII. Nas *Noites de Evora* de A. F. Barata, 1897, p. 29-33, já este Sr. fez largo extracto do Vocabulario de Melgaço, mas não indicou a proveniencia, e alterou o texto, e a significação das palavras: assim, mudou para o singular as palavras que estavam no plural; pôs *estinhar* por *estinhar-se*, deu a *feso*, por *fezo*, a significação de «feito», quando essa palavra significa «fez»; a respeito de *bica* (*do borralho*) não apresentou toda a definição que vem no original; etc. [3]. Não é pois inutil republicar o Vocabulario, o que realizo assim: escrevo com lettra minuscula cada vocabulo inicial; melhoro a ordem alphabetica e a pontuação, e introduzo leves modificações que indico em nota; no mais observo o texto.

[1] [Numa entrelinha lê-se *digno de vós*, que não faz sentido; talvez essa phrase deva ficar depois de *distinto*.—J. L. DE V.].

[2] [A carta não tem data; mas vê-se, pela allusão á edição que do *Cancioneiro dos Nobres* fez Stuart, que foi escrita em 1824].

[3] [O sr. Candido de Figueiredo aproveitou no seu *Diccionario* o escrito do sr. Barata, e com tanta fidelidade, que até reproduziu *feso* como participio de «fazer» !].

Palavras e frases de Melgaço

A

abaladura,—aborto.
acabanar-se a mulher,—fazer-se *cabaneira*. Vide.
acadar hũa pessoa,—esperala, sahindo aonde ella vem, etc.
achar-se ao engano,—enganar-se.
adonde elle (hir), [1]—hir aonde hũ sujeito está.
a feito,—a fio, a heito.
affuzal [2] **de linho**,—hũ molho como *pedra de linho*.
agarimado, — abrigado (sitio) [3].
alboyo,—alpendre.
ametade [4] (masculino), *O ametade* [5].
amistade,—amizade.
anaco,—pedaço, etc.
ante conto,—de pressa.
arjoadas, —as.. [6] videiras atadas a paos.
arjoens,—paos em que se atão as videiras.
arrendo,—arrendamento.
arribada,—parte do vallado cahida.
atuir,—entulhar.

B

barbadas, — videiras de raiz para pôr [7].
barbeito,—terra que só se lavra de 2 em 2 annos.
beira; estar á beira,—he estar ao pé, ou á borda.
bêo,—veyo.
bessada,—campo mayor e desigual; e o acto de o lavrar.
bica do borralho,—pão asmo cozido na lareira; tão bem [8] he hũ tal pedaso [9] de manteiga.
binherom,—vierão.
bôla—he o mesmo[10], com pouca differença.
borregar, ou **berregar**,—gritar, clamar [11].
botado(vinho)[12],—he o mesmo que corrupto, turvo.
bouça,—mato de giesta.
bourar em hũ sugeito,—dar lhe pancadas [13].
brandouro, — pesqueira no mais interior do rio.
broyar,—dar com forsa e estrondo [14].
burgar,—cavar mato e sacodilo [15].

[1] [No original falta o parenthesis]. [2] [=afusal].
[3] [No original falta o parenthesis].
[4] [No original está por engano *ametae;* e falta o parenthesis].
[5] [Deve entender-se *u' ametade* = *ũa ametade* ou *ũ' ametade*. A palavra não é pois masculina].
[6] [No original *mesmas*, porque no ms. *arjoadas* vem depois de *arjoens*, em que se falla em *videiras;* por isso supprimi aquella palavra inutil].
[7] [No ms.: *por*]. [8] [=tambem]. [9] [=pedaço].
[10] [Subentenda-se: *que em português*].
[11] [Hoje só se usa *berregar*].
[12] [No original falta o parenthesis].
[13] e [14] [Lá hoje usa-se *bruar*].
[15] [Lá usa-se hoje na accepção de «arrotear monte»].

burro,—todo o genero de besta.

C

cabaneira,—mulher solteira, que vive só[1].
cabirto,—cabrito.
calor, a calor[2](femenino),—o calor.
campo,—terra pequena, que dá pão.
cangos,—barrotes ou tirantes.
cangosta, congosta, quingosta,—azinhaga.
cápeas,—pedras mayores por sima da parede.
carrejão,—homem que acarreta ás costas.
carrejar,—accarretar por qualquer modo.
cebado,—porco.
cerdeira,—cereigeira.
chimpar,—derrubar.
cocar (o linho)[3],—massalo 2.ª vez, depois da agoa, etc.
cocos,—abobras.
confradaria,—confraria.
cordada de linho,—hũ grande feixe delle por massar.
corga,—vale fendido com agoa.
côrte,—curral ou córte de gado.
costaã [?][4], da casa,—parede por onde cahe a agoa.
coutada,—mato tapado para tojo e pastos.
crabunhas,—caroços da fruta.
crega,—a filha do clerigo.
cresposso[5],—pescoço.

D

dar de perda,—deitar a perder.
debousar[6] **o linho**,—he purificalo nas maons e pedra.
deveza[7],—mato com arvores tapado.
deya: «quer que se lhe deya», etc.,—quer que se lhe dê, etc.
dia passado, o dia passado, em logar de: os dias passados.
discante,—viola pequena.
duzia de linho,—certa conta de estrigas.

E

eido,—morada com seus logradouros.
embarrada (mulher)[8],—pejada, prenhe.
empessar[9],—comessar.
emporisso,—ainda assim, todavia.
emprégado,—entrevado.
em tanta fòrma,—de tal sorte.
enta,—camada de algũa cousa.
envidadouro das pesqueiras, — barasso

[1] [E que não tem modo de vida].
[2] [No original falta o parenthesis]. [3] [No original falta o parenthesis].
[4] [No original: *costaa*, havendo adeante do último *a* uma haste que considero como til, a julgar de outras palavras onde é evidente o til assim figurado. Comtudo *costãa* não se usa hoje em Melgaço].
[5] [=crespoço. Hoje diz-se lá *cospoço*].
[6] [=debouçar. Cp. *bouceira* nos diccionarios]. [7] [=devesa].
[8] [No original falta o parenthesis.—Assim no ms.; mas a palavra não se usa lá hoje, e só *embaraçada*]. [9] [=empeçar].

grande que segura as redes.
escalão,—pedras na parede, para se passar.
escaleira,—escada.
esgassado [1],—arranhado.
esguitar hũ campo, partilo em leiras entre muitos.
esmonar-se,—quebrarse hũa parte de qualquer couza, separarse, etc.
estar com, etc.,—conversar com um sugeito, buscalo.
estezo [2],—estendido.
estinhar-se (a agua) [3],—deixar de correr.

F

faldro ou [**faldra**?]—fralda.
fame,—fome.
fartes, ou **que fartes**,—he o mesmo que *muito*.
fato,—pequeno rebanho de gado.
fez,—he o mesmo que fiz [4].
fezo,—fêz.
fiz,—tambem significa *fez*.
folheteiro,—pesqueira na parte exterior do rio.
formalidades,—quinhões de terra.
fum,—fui.

G

gando,—gado.
gaza, trave [5].
goarida,—rego continuo de vinha [?] [6].
grabato,—paozinho.
graxa,—gordura.
guiar,—concertar, compor.

H

herdeiros,—consortes ou socios.
hir ante conto,—hir de pressa a hum negocio.
hir em hũ sitio, etc.,—hir a hũ sitio, etc.
hir onde elle,—hir aonde elle está.

I

invaza [7] (do vinho),—he tiralo do lagar onde está alguns dias, e lansalo nas pipas.
iuvenca [8],—vaca ou bezerra.

L

lardo,—toucinho.
lareira,—lar onde se faz lume.
lata,—latada ou parreiral.
legão,—enxada.
leiva,—aduela de pipa.
limar o campo,—trazerlhe agoa de inverno.
lomêdro,—parte da perna superior ao joelho.

1 [=esgaçado].
2 [=esteso].
3 [No original falta o parenthesis.—Tambem se diz do sangue].
4 [No original lê-se por engano *fez*. Como a linha inferior, isto é «*fezo*,—fez», fica por cima d'esta, quem escreveu equivocou-se com o *fez* superior, e escreveu essa palavra em vez de *fiz* (o que é confirmado pelo *tambem* que se lê s. v. *fiz*). No povo do Norte usa-se por vezes *fiz* em logar de *fez*].
5 [No original vem *iaza*. Em Melgaço diz-se *gaza*].
6 [No original parece ler-se *devido* ou *devinho*].
7 [=invasa]. 8 [=juvenca].

M

mal de fóra,—feitiços.
mandil,—avental.
manozear, — trazer entre maons.
mayozia [1],– mayoria, ventagem.
mercedes!, — viva muitos annos!
moço,—filho pequeno, menino.
molete,—pão mole.
mora, — amora, e pizadura negra.

N

nenho, — mentecapto, pateta, inerte.
ningum,—nenhum.
nobios,—noivos.

O

o ametade,—a ametade [2].
obrejar, v. g. com frio,—tremer com frio.
o dia passado,—hũ destes dias.

P

pata,—pé.
peja [?] [3], - peya do animal.
pejado [?] [4], animal,—peado.
pelo,—campo de erva.
pervage, — mergulhão de hũa vide.
perzigo,—conducto de carne ou peixe.
peũgas, —polainas ou meyas das Crastejas [5].
pial,—parede alta da pesqueira.
poços, — cepas [6] de mergulhia.
pôda,—podão ou podoa.
ponto, — pontada, dôr do pleuriz.
portêlo, passage *(sic)* com pedras na parede, para se pôr o pé.
pouco de si,—falto de juizo.
pruga,—purga.
purgar, o vinho, etc., — alimpar da flôr.

Q

quedar,—ficar.
que fartes,—muito.
quelha,—rua estreita.
quingosta,—azinhaga.
quinteiro,—quintal, pateo, ou pequeno cerco ao pé das cazas.
quitar,—tirar.

R

rabiar,—enraivecer-se.
rapaza,—rapariga.
rapazo, ou **aparigo,** —rapaz.
rebotado,—corrupto, avelhentado.
recio, — logradouro á roda das casas; e orvalho da noite.
reconto,—pergunta que se faz da gente por hũ rol.
reloucar, — enlouquecer, sahir de si.

[1] [Ha êrro? Tal palavra não se usa hoje em Melgaço]. [2] [Vid. *ametade*].
[3] e [4] [Como *peja* e *pejado* não se usam, talvez esteja *j*=*g* (cfr. *gaza*), e seja *pega*, *pegado*. Cfr. gallego *pega* «peia», do lat. pedica].
[5] [*Crastejas*, mulheres de Castro ou *Crasto* Laboreiro]. [6] [Ou *covas*?].

repêlo, — escalabradura em mão ou pé.
ressa de sol, — restea, rayo do sol.
rezuras,—dores depois de parir.
rifar,—ralhar, peleijar.
rodo e **rodilha**,—joelho.

S

sabajo, sabajora, — cousa de endemoninhada.
sandar,—sarar.
sanja, — barroca, rego de dezagoar a terra.
sayo,—véstia.
simentos,—alicerses.
sinaes, nas teyas,—6 varas das mesmas, ou 7.
sopeado, menino,—bàtizado em caza.
sumidouros, — barrocas subterraneas [para dezagoar a terra] [1].
surreira, — por onde entrão os enxurros nos campos.

T

tânjara,—carga de pancadas.
tardo,—pezadelo.
tascar o linho,—espadelar.
tizouras,—tisoura.
tóla da agoa,—parte do rego onde ha muitas roturas, para sahir a agoa.
tolheito,—tolhido.
traguer,—trazer.
trépa de pao,—[carga de pancadas] [2].
trepar,—calcar, pizar cõ os pés.
trespôr,—lansar longe qualquer couza.
tritar, v. g. com frio,—tremer com frio.
trono,—trovão.
trousar [3] **o vinho**, — trasfegalo, mudalo para outra vazilha.

V

valos,—valados de terra ou pedra nas fazendas.
ullo elle?,—onde está elle?
vieche,—vieste, etc.; como *foche*, por foste, etc.
viela,—uma travessa estreita ou caminhozinho.
vinhoens da teya, — cabrestilhos, cada hũ de hũa certa conta de fios.

X

xeroubia,—raiz branca, como rabão ou como senoura.
xibar,—roncar como valentão, fazendo sécia. —**Explique**a o inventor.

Z

zeba [ou **ceba**?] dos porcos, — cêva, etc.
zoar,—ralhar, peleijar.

---

[1] [No ms., em vez da phrase que ponho entre colchetes, diz-se *para o mesmo effeito*, porque o vocabulo vem immediatamente após *sanja*].
[2] [No ms. diz-se *o mesmo*, porque o vocabulo vem logo depois de *tânjara*].
[3] [=troussar.].

Muitos dos vocabulos transcritos são, como se viu, fórmas verbaes: *binherom*, *beo*, *deya*, *fezo*, *fum*, *tolheito*, *vieche*. Todas ellas tem seu parallelismo em gallego: *viñeron*, *veu*, *dea*, *fixo*, *fun*, *tolleito*, *viñeche*. De facto, a lingoagem geral de Melgaço estabelece transição do português para o gallego; nesse concelho ha mesmo, na aldeia de Parada do Monte, um fallar com caracteres proprios, entre os quaes, como mostrei na *Rev. Lusit.*, VII, 137, sobresaem os preteritos em *-che* e em *-o*, que estão no Vocabulario representados por *vieche* (e *foche*, s. v. «vieche») e *feso*.

Ás palavras *fame*, *gando*, *rapaza*, *trono*, correspondem em gallego palavras iguaes; a *emporisso* corresponde *emporesso;* a *broyar (bruar)* corresponde em parte *bruar;* a palavra *eido* tem a mesma significação em gallego. O estudo do lexico confirma pois a deducção tirada do estudo da morphologia.

*
* *

Segundo o Sr. Dr. Antonio Pereira de Sousa, digno medico em Melgaço, — a quem enviei uma prova typographica do Vocabulario precedente, para elle o examinar, — alguns dos vocabulos e expressões já hoje não se usam nessa localidade. Vou aqui indicá-los, juntando-lhes algumas notas para mostrar que elles, se já não se usam, estão porém geralmente de accôrdo com as leis philologicas, ou com os que se encontram em idiomas vizinhos: o que faz crer que o Vocabulario foi coordenado com exactidão. Ei-los:

achar-se ao engano. A expressão é de comprehensão facil; nós ainda hoje dizemos correntemente *achar-se enganado*.

ante-conto. Tambem póde comprehender-se.

confradaria. Deriva de fratrem; cf. no português corrente: *fradaria*.

cordada de linho. A palavra *cordada* explica-se bem por *corda*, com o suffixo *-ada*, como *folhada* «conjunto de folhas no chão», etc.

crespoço. Creio já ter ouvido algures *quespoço* ou *crespoço*; mas não posso dar agora informações certas.

dia passado. E' de facil comprehensão.

discante. Corresponde-lhe em hesp. *discante*, que, entre outras accepções, tem a de «especie de vihuela pequeña, de voces mui agudas» *(Dicc. de la Acad.)*.

esteso. E' o lat. exte(n)sus.

folheteiro. Não se usa esta fórma, mas *folhateiro*. O ms. porém tem *folheteiro*.

formalidades. Em vez d'esta palavra usa-se *formal*; ella porem comprehende-se bem.

fum. Já acima disse que se usa em gallego.

juvenca. É a propria palavra latina iuvenca.

lomedro. Em gallego tem a significação de «hueso que forma el anca del animal» (*Dicc.* de Valladares). As accepções em gallego e no fallar de Melgaço são bastante vizinhas.

mercedes. Só se usa hoje no sentido de «muito obrigado!». As duas accepções são porem muito proximas uma da outra. A aldeões tenho ouvido por vezes dizer «viva!» no sentido de «muito obrigado!» (Beira).

nenho. Só se usa hoje no sentido de «pouco desembaraçado». Mas em gallego, *neno*, além de outras, tem a accepção de «el que obra sin reflexión» (*Dicc.* de Valladares), que é identica a duas das que dá o ms. a *nenho*.

nobio. Em hespanhol ha *novio*.

obrejar com frio. Para esta accepção não achei parallelos.

reconto. Compare-se em gallego *reconto*, na accepção de «lista».

rezuras. Só se diz hoje *razuras*. A troca de *re-* e *ra-* é muito frequente: cf. *rezão* < > *razão*.

rodo. Tambem lhe não acho parallelos; mas *rodo* e *rodilha* estão entre si em certa relação morphologica. *Rodilha* é claramente o mesmo que *rodilla* em hespanhol, derivado do latim rota; o *rodo* foi deduzido de *roda* < rota.

recio. Só se usa *rocio*. Deu-se evolução parallela na lingua litteraria, pois ao antigo *recio* corresponde hoje *rocio*.

sayo. A palavra existe em hesp. na accepção de «vestuario». Em português tambem ella existe, embora hoje só litterariamente.

tânjara. Só se usa *tanja*, que parece realmente ser a fórma primitiva, — substantivo verbal de *tanger*, como: *escolha* de *escolher*. Quanto a *tânjara*, estará por *tanj'ra*, com intercalação de -*r*-.

traguer. O vocabulo *traguer* é muito usado; sobre elle não póde haver dúvida.

xibar. O proprio auctor do Vocabulario diz d'este vocabulo: «explique-o o inventor», dando assim a entender que lhe não comprehendeu a formação. Todavia é certo que na lingoa commum temos *chibante* «valentão», *chibança* (tambem escrito *xibança*: vid. *Dicc. Port.* de Fonseca & Roquete) «presumpção de valentão»; logo *xibar* (=*chibar*) pertence sem duvida á mesma familia de palavras.

zeba. Só se usa *ceba*. No ms. está sem duvida *zeba*; mas talvez com o *z* se quisesse notar a pronuncia sibilante do *ç* inicial (=*ç*). O verbo *cevar*, com o qual se relaciona *ceba*, vem do lat. cibare.

J. Leite de Vasconcellos.

NOTAS PHILOLOGICAS

I

OBSERVAÇÕES SOBRE O VALOR PHILOLOGICO DA EDIÇÃO DAS **Obras** DE GIL VICENTE FEITA EM HAMBURGO

Quando, no vol. II da *Revista Lusitana*, p. 340 sqq., inseri uma *Nota sobre a linguagem de Gil Vicente*, disse eu que tencionava publicar na mesma *Revista*, em um dos numeros seguintes áquelle em que sahiu a *Nota*, algumas observações sobre o valor philologico da edição das *Obras* de Gil Vicente feita em Hamburgo. Não pude cumprir prontamente a promessa, mas, para que ella não fique em falso, reproduzo aqui um artigo que faz parte do opusculo que com o titulo de *Gil Vicente e a linguagem popular* dei a lume em 1902, por occasião da celebração do centenario do grande comico, opusculo em que tambem entra a *Nota* que primeiro appareceu na *Revista Lusitana.*

*

Como é sabido, as antigas edições das Obras de Gil Vicente tornaram-se rarissimas, e hoje os estudiosos servem-se quasi sempre da que foi feita em Hamburgo em 1834 por Barreto Feio & Gomes Monteiro; todavia esta edição contém inexactidões e falhas, e quem, sobretudo para trabalhos linguisticos, quiser servir-se d'ella, precisa de proceder com circumspecção.

Aqui vou apresentar alguns exemplos d'esses defeitos, cotejando o texto da farça do *Juiz da Beira*, segundo a edição de Hamburgo, com o texto da editio princeps. Não faço cotejo completo; só quero dar uma amostra.

Para simplificar, noto por H a edição de Hamburgo (vol. II), e por P a editio princeps. Os algarismos arabigos representam as paginas d'aquella, e os romanos as folhas d'esta.

canceira, páçeiro, assucaradas, H 161 e 162; *canseyra, passeyro, açucaradas*, P CCXX-*v*, e CCXXI.—Não é indifferente transcrever os textos antigos com *s* ou com *ç*, pois esses sinaes representavam pronun-

cias differentes (além d'isso, neste caso, *passeyro* não é o mesmo que *pàceiro)*; cfr. os meus *Estudos de philol. mir.*, I. 34, n. Pôr *s* em vez de *ç*, seria como, por ex., pôr *b* em vez de *f*. Em geral os modernos editores não comprehendem isto!

mundar, H 167 e 168; *mondar,* P 222. Aqui alterou-se tambem a pronuncia. Hoje a gente do Minho e a de alguns pontos do Sul é que dizem *mundar*. Tanto *mondar* é a fórma litteraria, embora vinda do lat. mundare, que o substantivo correspondente a este verbo é *monda* e não *munda.*

alheio, meio, H 178 e 179; *alheo, meo,* P CCXXXIII-*v*, e CCXXIIII. Onde o port. ant. tem *eo*, o moderno tem *eio*, em syllaba tonica. E' por isso que deve escrever-se, por ex., *meado, alheado*, e não *meiado, alheiado,* como ineptamente para ahi se escreve; não só estas palavras se formaram das antigas em que ha *eo*, mas hoje a pronuncia é com *i* (valor do *e* atono antes de vogal), e não com *ei*.

pertence, H 162; *pertem,* P CCXXI. Aqui o erro consiste em substituir uma palavra por outra, pois *pertence* vem da fórma inchoativa de pertinere, ao passo que *pertem* vem de pertinet cujo accento tonico passou para o *i*, segundo a lei chamada *da recomposição*, que, como é sabido dos romanistas, se observava no latim vulgar.

s'he, H 162; *see,* P CCXXI. Aqui os editores não entenderam o sentido, pois *see*, que elles substituiram arbitrariamente por duas palavras, é fórma verbal archaica, e vem do lat. sedet.

Em H 164 lê se o verso *dae ó demo a cancella*, com falta de uma syllaba, ao passo que P CCXXI-*v* tem *day day oo demo a cancella*. Outra omissão: em H 164 falta o *eu* de P CCXXI-*v*. Em H 190 falta uma explicação em prosa, que se lê em P CCXXVI.

Não podendo, por falta de tempo, alongar muito este artigo, citarei agora em resumo alguns factos mais:

H:	logar,	como,	p'ra,	direito,	melhor,	peor,	d'asno,
P:	logo,	come,	pera,	dereyto,	milhor,	pior,	do asno;

H:	como,	Beatriz,	alcochetaria,	sou,	agora,	visinha,	mi c'o,
P:	coma,	Breatiz,	alcahuetaria,	sam,	aora,	vezinha,	mico;

H:	buen,	por,	Lumiar,	vi,	dizia,	mister,	nunca,
P:	bel,	per,	Lumear,	sey,	dezia,	mester,	nam na;

H:	se,	tesoura,	trovazinhas,	mangedoura,	arruido,
P:	s'eu,	tisoura,	trovezinhas,	manjadoura,	arroido.

E ainda não é tudo: assim, onde H tem *Não sei s'he crime ou se que*, p. 166, tem P CCXXI-*v*, a menos o *ou*; a p. 175 tem H um *o* que não está em P CCXXIII; a p. 182 tem H *hum christão,* quando P tem *em christãos,* o que é differente quanto ao sentido e mesmo quanto á

rima; em H 189 falta um *o* que está em P CCXXVI, o que faz que em H haja uma syllaba de menos.

D'aqui se vê que a edição de Hamburgo não satisfaz, e que precisa de ser substituida. A ed. que se fez em Lisboa em 1852 contém, no que toca, pelo menos, á farça do *Juiz da Beira,* os mesmos erros que assinalei na de Hamburgo. Não comprehendo como no prologo d'ella, a p. IX, se possa dizer: «Confrontamos a 1.ª ed. com a 3.ª (a de Hamburgo).. A presente edição é a reproducção completa da 1.ª com as correcções da 3.ª». O que é certo é que ella não reproduz a 1.ª. e que contém os erros da 3.ª.

Ha muito que penso em fazer, segundo os preceitos da philologia moderna, uma edição critica e commentada das obras de Gil Vicente; mas ainda não sei quando poderei realizar esse trabalho.

Infelizmente no nosso país apreciam-se pouco estes estudos, e, a julgar de exemplos, por assim dizer, quotidianos, está nelle enraizado o preconceito de que os livros antigos, quando se reimprimem, devem ser totalmente modernizados na phonetica e nas flexões, para que o publico os possa saborear. Tal preconceito, todavia, é imbecil e futil: é imbecil, porque cada livro representa o estado mental da sua epocha, — e alterar a lingua d'elle corresponde a dar da epocha ideia falsa; é futil, porque em Portugal o povo não sabe lêr, e as pessoas de pouca ou mesmo mediana instrucção não lêem senão jornaes de 10 réis e cartazes de espectaculos. A edição de um livro antigo é unicamente destinada a individuos de certa educação intellectual; e para que esses entendam o que lêrem não se torna necessario commetter barbaridadas nos textos.

Muita gente ha tambem, que chama discussões *de lana caprina* a estas minucias philologicas. A todos é licito, com effeito, principalmente aos vaidosos e presumidos, pensar como quiserem; mas não ha duvida que, sem boas edições dos auctores antigos, os trabalhos historicos e grammaticaes, que nelles cegamente se basearem, ficarão sem base solida.

II

TIBALDE, TIBALDINHO

Tibalde é uma aldeia na freguesia de Fornos de Maceira-Dão, concelho de Mangualde; ha Tibalde-de-Baixo e Tibalde-de-Cima. Tibaldinho fica ao pé de qualquer d'estes dois povos.

A palavra TIBALDE foi na origem o genetivo de um nome germanico alatinado na fórma Tibaldus, e significou certamente que houve alli uma propriedade pertencente a um individuo chamado Tibaldo, tal como *villa Tibaldi*, ou outra semelhante.

A fórma Tibaldus é variante de Theobaldus; a ambas correspondem nos documentos medievaes *Tybald, Tibald, Tebald, Thiebald,*

Tiebald, Theobald, Teubald, Theudobald: vid. E. Förstemann. *Altdeutches Namenbuch,* vol. I, 2.ª ed., Bonna 1901. col. 1417-1420. Em allemão existe ainda hoje *Theobald* e *Theodebald.*— Temos nestas palavras um composto, cuja primeira parte está representada pelo gotico *thiuda* «povo», e cuja 2.ª parte está representada pelo gotico * *balths,* que se encontra no adverbio *baltha-ba* «audazmente».

Tibaldinho é mero deminuitivo de *Tibalde,* por ser o nome de uma aldeia menos importante do que esta. O nosso onomastico apresenta a cada passo factos semelhantes: por ex.: *Barcellinhos,* nome de um logar que fica em frente da villa de *Barcellos.*

III

Palavra imaginaria: *julgajul*

D'esta palavra diz Viterbo, *Elucidario,* s. v.: «o que tinha officio de julgar, ministro de justiça, corregedor de cidade».

Numa *These* de concurso para uma cadeira de philologia do Collegio de Pedro II do Rio de Janeiro, sobre archaismos e neologismos, publicada em 1879 por Lameira de Andrade, cita se, a pag. 9, *julgajul* como exemplo de archaismo fossilizado.

O sr. Candido de Figueiredo acceita a palavra com ambas as mãos no *Novo Diccionario da ling. port.,* vol. II; e digo *com ambas as mãos,* porque a pag. 14 escreve: «*julgajul,* popular ant(igo). o mesmo que juiz», notando de mais a mais a palavra com um sinal que indica que ella não andava nos diccionarios usuaes; e a pag. 825 preceitua que tal palavra vem da locução latina *judicat jure.* Todavia o que seria de esperar de tal etymo era que d'elle proviesse **julgajur;* e o sr. Figueiredo não explica por que motivo é que *-r* se transformou em *-l.*

Não é preciso porém ter muito apurado o instincto philologico para vêr que *julgajul* destoa da nossa lingoa. O texto em que se funda Viterbo para dar a definição que elle nos apresenta, e que os srs. Lameira e Figueiredo, sem mais fé que a que tinham no prestimoso auctor do *Elucidario.* acceitaram, é o seguinte, que faz parte da *Rellação da tomada de Lisboa:* «era cavalleiro de bóó entendimento..e tinha sempre na cidade *logo julgajul* por el-rei». Se attendermos a que na nossa antiga orthographia se escrevia *i* pelo moderno *j,* e que não ha nada mais facil do que um copista esquecer ou deslocar o ponto de um *i,* chegamos á conclusão de que no manuscrito originario podia estar escrito *ıulgauıl* (com o 2.º *i* sem ponto) ou *iulgaiul,* palavra que Viterbo leu *julgajul* = *iulgaiul,* e que evidentemente se deve lêr *iulgauil,* i. é, com orthographia moderna, *julgávil,* que não é substantivo, mas adjectivo, que concorda com *logo* «logar», e vem do lat. iudicabilis, pela conhecida correspondencia da terminação archaica *-vil* ou *-bil* á lat. -bile-, como em *terribil* (*terrivil*) etc.

Portanto, *logo iulgauil* quer effectivamente dizer «logar de julga-

dor», como Viterbo nota, mas *julgajul* tem de se eliminar dos diccionarios, pois é mais do que archaismo fossilizado, é palavra phantastica.

P. S. — Havendo eu communicado ao meu amigo o sr. dr. Gama Barros o assunto d'esta nota, elle teve a bondade de me enviar uma carta em que se lê: «O texto da *Rellação da tomada de Lisboa*, citado por Viterbo, vb. *julgajul*, está publicado nos *Port. mon. hist.*, Scriptores, p. 407, e confirma que deve lêr-se *julgauil*». A correcção que acima fiz é pois absolutamente certa. Embora me ficasse prejudicada a prioridade d'ella, estimei vêr, mais uma vez, que o methodo scientifico, quando convenientemente applicado, dá resultados seguros.

IV

Toponymia do Alto-Minho: nomes do typo de *Suatorre*

Chama-se *Toponymia* ao estudo dos nomes proprios de logares e de sitios (cidades, villas, aldeias, campos, rios, montes, etc.). Este estudo, posto que muito interessante,— porque, d'um lado nos revela costumes que desappareceram, e do outro nos faz descobrir fórmas obsoletas da linguagem, e processos psychologicos especiaes,— tem andado ainda muito descurado entre nós, quasi só tratado por curiosos que se dedicam a elle accidentalmente, sem o considerarem debaixo do aspecto geral da glottologia, ou sciencia das linguas.

O que primeiro tem de se fazer, para se proceder com methodo a este estudo, é colligir muitos nomes, porque uns esclarecem os outros. Encontra-se abundancia de nomes nas matrizes prediaes das repartições de fazenda.

Occupando-me eu do estudo da toponymia portuguesa, e tendo vindo a esta villa [1], percorri algumas matrizes do concelho dos Arcos, para colligir nomes, e fui surprehendido por expressões como *Sua adega, Sua casa, Sua chousa, Sua cruz, Sua eira, Sua janella, Sua levada, Sua poça, Sua quelha, Sua quingosta, Suatorre, Suavinha* (umas escritas como duas palavras, outras só como uma): a surpresa provinha de se notar ahi ao primeiro aspecto o pronome possessivo *sua*, e de este não formar lá sentido nenhum. Continuando a investigar, encontrei tambem (e algumas d'estas expressões eram já muito minhas conhecidas): *Sucarril, Sueido, Su moinho, Su-poço, Surego* ou *Sorrego* e *Su-ribeiro*. O processo da formação de taes expressões era agora clarissimo, pois *Suatorre* está por *so a torre, Sueido* por *so o eido*. Em português antigo a palavra *so*, variante phonetica de *sob*, do latim sub, significa «debaixo», e encontra-se ainda hoje, na lingoa

[1] Este artigo foi escrito nos Arcos-de-Val-de-Vez, e publicado primeiro n-*O Arcoense* de 17 de Agosto de 1902. Reproduzo-o com algumas modificações.

commum, em palavras compostas, como *soerguer;* consta-me que no fallar da Gavieira *sude* (por *so de)* significa tambem «de baixo».

Expressões como *so a torre, so o eido* tinham fatalmente de se pronunciar *su-a-torre, su-(o)-eido,* do mesmo modo que *soerguer* se pronuncía *suerguer;* e como na lingoa commum existe a palavra *sua,* os que escreveram as matrizes regularam-se por esta palavra e pela pronuncia, e escreveram *Sua adega, Sua casa,* etc. Na fórma masculina, todavia, a orthographia oscillou entre *Sorrego* e *Su-rego,* pois que ahi não havia uma palavra que a fizesse fixar, e só a fôrça da pronuncia obrigou a escrever quasi sempre *su.*

Nas fórmas masculinas *Sucarril, Sueido* etc., póde ao repente parecer que entra apenas *su,* i. é, *so* e o respectivo substantivo; comtudo os femininos *Suaeira, Sua janella* etc., provam que entra nellas o artigo *(so a eira, so a janella* etc.), e que portanto *Sucarril, Sueido* e os outros nomes correspondem a *So o carril, So o eido,* e assim successivamente, tendo-se elle fundido no *o* da preposição, pois que tanto nesta como naquelle o *o* sôa *u.* Além d'isso, numa aldeia perto dos Arcos, ouvi pronunciar *Susribeiros* a par de *Surribeiros,* o que bem mostra *so os ribeiros.* Em *Surribeiros* por *Susribeiros* o *s* póde ter sido absorvido pelo *r* seguinte, como quando dizemos *urreis* por *os reis, dèrreis* por *dez reis.*

Na aldeia de Gração, no caminho de Soajo, ha umas casas abertas no solo, chamadas lá *barracas de suchão;* provavelmente tambem ahi *suchão* ou *sochão* está por *so o chão,* e não simplesmente por *so chão,* como primeiro suppus [1].

Em confirmação do exposto notarei que numa das matrizes ha *Suas casas,* por *So as casas,* e *Sob a levada.* Deante d'estas duas expressões, ninguem duvidará da explicação que acima dei. Fórmas parallelas, expressas não com *so* ou *sob,* mas com a preposição opposta *sobre,* são *Sobre-adega* (por *Sobre a adega)* e *Sobre-a-poça;* o processo linguistico é evidentemente o mesmo.

Não obstante o que fica dito da intercalação dos artigos *o, os, a, as,* encontra-se na matriz da freguezia da Gavieira a palavra *Sucaminhos,* e noutras matrizes *Su casa, Sueira, Sulameira,* ao passo que se esperaria *Suscaminhos, Sua-casa, Sua-eira* e *Sua-lameira.* Quanto a *Su caminhos* cfr. gallego *Soaiglesias* e *Socasas.* Nas outras palavras o *a* desappareceu pela rapidez da pronuncia, estando portanto *Sueira* por *Su(a) eira, Su-lameira* por *Su(a)-lameira* etc., factos comparaveis a muitos outros da nossa lingoa, como, por exemplo, *Ruancha* em vez de *Rua ancha* (Evora), *ti-Maria* em vez de *tia Maria* (expressão popular), *ũ'hora* por *ũa hora* (na Beira), *embora* por *em boa hora, Aldegavinha* por *Aldea-gavinha, Aldegallega* por *Aldea-gallega,* etc., em todos os quaes vêmos uma vogal postonica desapparecer deante de uma palavra que está muito ligada áquella a que a vogal pertence (próclise).

1 No meu opusculo *Uma excursão ao Soajo,* Barcellos 1882, p. 6.

*

O processo linguistico que acabamos de observar no nosso onomastico, observa-se igualmente no da vizinha Galliza, e no das Asturias, provincia continante com a Galliza. No onomastico gallego temos, por exemplo: *Soarriba, Soacosta, Soaiglesia, Soaserra, Soas-Rivas, Socampo, Socastro.* No asturiano: *Solapeña* (= So-la-peña), *Solasierra.*

V

ANTRE

Antre, por «entre», é, como se sabe, expressão corrente em portuguès archaico. Nem sería preciso citar estes exemplos:

Sec. XII: «fazemos *antre* nós», *Dissert. chronol.* de J. P. Ribeiro, I, 276.

Sec. XIII: «e fezerom *antre* si», *Dissert. chronol.* de J. P. Ribeiro, I, 281.

Sec. XIV: «e deitou-s' *antr'* ũas flores», *Cancioneiro de D. Dinis,* ed. de H. Lang, v. 457.

Sec. XV: «*antre* pessoas virtuosas», *Leal Conselheiro* de D. Duarte, ed. de Roquette, p. 72.

Sec. XVI: «nem isto que anda *antre* nós», *Obras* de Sá de Miranda, ed. de D. Carolina Michaëlis, p. 75, soneto XIII, vv. 9-10.

No sec. XVII a palavra restringiu se mais ou menos ao uso popular, e já como tal a condemna J. Franco Barreto, na *Ortografia,* Lisboa 1671, p. 265. A condemnação repete-se no sec. XVIII em Monte Carmelo. *Compendio de Ortografia,* Lisboa 1767, p. 518, onde a reconhece como antiquada.

Na linguagem do povo se conserva ella ainda hoje a par de *entre,* como tambem em gallego. Em mirandês ha igualmente *antre.*

De *antre* se formaram outras expressões, como:

antrecambadamente «alternadamente», nos *Ineditos de Alcobaça* de Fr. F de S. Boaventura, I. 270;

antrelĩar «entrelinhar». Viterbo cita-a no *Elucidario* sob a fórma *antreliar,* e assim vem reproduzida na edição que d'esta obra fez Innocencio; mas evidentemente falta um til sobre o *i,* o que acontece várias vezes nos documentos transcritos na mesma obra (cfr. *Rev. Lusit*, VII, 308);

antrelinhadura «com entrelinha», no referido *Elucidario,* s. v.;

antrelinado, que deve ler-se *antrelĩado* ou *antrelinhado,* tambem no *Elucidario,* onde vem, tanto na 1.ª ed., como na 2.ª, com a fórma *antreluiado,* tendo-se tomado *in* por *ui;*

antrepoimento «interposição», igualmente no *Elucidario,* s. v.;

Antre Douro e Minho, correntissima outr'ora, e ainda empregada por F. d'Oliveira (sec. XVI) na *Grammatica,* 2.ª ed., p. 85.

E muitas outras podiam citar-se.—Á mesma categoria pertence o verbo *antrar,* ainda usado em Tras-os-Montes, e certamente tam-

bem o gallego *antruido* e *antroido* $<$ l. introitu, palavras em que influiu a particula *antre.*

*

O etymo de *antre* é o lat. inter, que se tornou successivamente *intre, *entre.* A fórma *entre* coexistiu outr'ora com *antre,* mas com menos sorte do que esta, que foi a que fez figura na lingoa litteraria; depois trocaram-se os papeis, passando *entre* a ser litteraria, e *antre* a ser exclusivamente popular.

De *intre desenvolveu-se *entre,* por o *i* ser breve; porque é, porém, que *entre* se desenvolveu em *antre?* Explicá-lo é o intuito d'esta nota, e vou fazê lo em breves palavras.

A fórma *antre* existe tambem fóra do dominio português.

Em provençal antigo temos: «*antrels* efanz de las femenas», *Sermons du XIIe siècle en vieux provençal,* ed. de Armitage, Heilbronn 1884, p. 7; «*antrels* II altares», *ib.* p. 65; «per so que digan *antre* lor». *Flamenca,* ed. de P. Meyer, 2.ª ed., v. 1132; vid. outros exs. em Bartsch, *Chrestomathie provençale,* 5.ª ed., 6-16 (sec. XI) e 296-18 (sec. XIII); e em Appel, *Provenzalische Chrestomathie,* p. 46, v. 157, etc.

Em hespanhol não conheço fórma correspondente á particula que estou estudando, mas existiu outr'ora *antruido,* e hoje existe *antruejo,* e o asturiano tem *antroxu* «antrudo», *antroxar* «celebrar o entrudo».

Em ladino ha *antroqua* $<$ inter + hocque (vid. Körting, *Lat.-rom. Wb.,* s. v.), que poderá tambem pertencer á mesma categoria.

Tal extensão geographica, — Iberia, Provença e talvez Rhécia —, faz crer que o *a* inicial em vez de *e* terá uma causa geral, e não peculiar a qualquer dos citados idiomas (por ex. a simples mudança de *en* em *an* em syllaba inicial atona, por *entre* ser proclitico). Essa causa supponho consistir no seguinte: que a particula lat. ante, representada em português antigo e hesp. por *ante,* em port., gall., mir. e hesp. por *antes,* em prov. por *ans* e *anz,* influiu em *intre, e fez que o *in-* se mudasse em *an.* Influencia inversa, exercida pela syllaba inicial de *entre,* se encontra nas expressões populares portuguesas *diente* = deante, muito vulgar no pais, e *êntes* = antes, que ouvi no concelho de Sátão no seguinte verso: «*êntes* eu q'ria ser porca». Parece me existir outra influencia inversa, exercida agora porém não por *entre,* mas por *antre,* no gallego *antronte* em vez de *antonte* = ant'onte, fórma citada por Valladares no *Dicc. gallego-cast.,* s. v.

Vemos, portanto, que no espirito do povo alternaram de certo modo entre si as palavras *ante* (e *antes*) e *entre,* o que fez produzir de um lado *antre* e do outro *di-ente* (e *entes*) [1].

J. Leite de Vasconcellos.

[1] Em leonês e mirandês ha *adelantre* e *alantre:* cfr. *Estudos de philol. mir.* I, 448. Se a epenthese de *r* em casos taes não fosse phenomeno frequente, poderia tambem ver-se nas syllabas finaes d'essas palavras influencia da syllaba final de *antre.*

ROMANCEIRO TRASMONTANO

(Da tradição popular) [1]

1. O Cavalleiro

—Tu, cavalleiro, não ames
A filha *ó* teu senhor;
E' novinha, põe-te fóra,
Que tu morres com amor.

Cavalleiro descor'çoado
Longes terras foi casar;
A menina foi crescendo,
Tambem deu em consid'rar.
Andou de terra em terra,
De logar em logar,
D'onde foi pedir pousada
A' casa d'onde ella estava.
Procurava p'la Senhora,
Se ella alli iria cear;
A menina, p'ra bem dizer,
Ainda ia sem jantar.
Estavam nesta conversa,
Cavalleiro a chegar:
—Que faz por aqui, menina,
Menina d'esta idade?
—O amor d'um cavalleiro
Ao que me fez chegar!
—O teu amor, donzella,
P'ra mim não vae prestar,
Que tenho a mulher nova,
E os filhos para criar.
—Se tens a mulher nova,
Deus t'a deixe conservar;
Se tens *los* filhos pequenos,
Deus t'os deixe criar.
Cavalleiro, abre os braços,
Que eu nelles quero findar!

—Dize, mulher, que hei de fazer
Numa noite de tão pezar?
—Pega-lhe pelos cabellos
E vae-a deitar ao mar;
Se tu lá não queres ir
Eu lá a vou botar!
—Eu quero-lhe tanto bem,
Não lhe quero tanto mal;
Mandarei vir pedrarias
De Castella a Portugal;
Mandarei fazer uma ermida
Toda de pedras de crystal.

Um morre pelo almoço,
Outro morre no jantar;
Um enterra-se no altar-mór,
Outro no altar de crystal:
No mór nasceu *olivia,*
Como não ha igual;
No altar de crystal,
Nasceu um videiral.
A oliveira dava azeite
Pr'ó Senhor alumiar;

[1] [Era meu desejo annotar estes romances com a citação das variantes já publicadas; mas, postoque eu possua, e tenha á mão, todos os materiaes necessarios para tal trabalho, falta-me absolutamente o tempo para elle. — A provincia de Tras-os-Montes é, em romances populares, a mais rica das de Portugal; o Sr. Abbade Tavares presta bom serviço á sciencia colhendo e publicando o maior numero que puder. — J. L. de V.].

O videiral dava vinho
Pr'a no *cales* consagrar;
Na mais alta galhadinha
Lá se foram abraçar.

—Se eu soubera, donzellinha,
Que me vinhas descasar,
Inda tinha doze irmãos
Pr'a te mandar matar. (MAÇORES).

2. D. Estephania

Um rei tinha tres filhas,
A mais velha se chamava
Dona Estephania;
Seu mano a escolheu
Para ser a sua dama.
Deitou se sabbado á noite
Até domingo de tarde;
Sua mãe, que lhe tardava,
A' cama o foi procurar:
—Que tens tu, meu filho,
Pr'a ainda estares na cama?
—Eu morro com mal d'amores
Pela mana Estephania.

—Que comerás tu, meu mano,
Que te hei de trazer á cama?
—Um migalho de cabrito
Que tu assasses, Estephania.

Estephania assou o cabrito,
Foi levá-lo á cama:
—Parece que estás maluco...
Não vês que sou tua mana!

Apenas isto ouviu,
Nem o cabrito comeu;
Viu-se coberto de bichos,
Castigo que Deus lhe deu.
Veu-lhe uma carta do céo
Mandada por Deus *devino,*
Que fosse a Roma descalço
Como um *pelingrino;*
Que bebesse bôas aguas
E deixasse *bonos* vinhos;
Dormisse em cama de tojos
E a cabeceira de espinhos.
Acabou de ler a carta,
O homem logo morreu,
Não pôde ir cumprir a Roma
O perdão que Deus lhe deu.
(LOUSA).

3. D. João

—Que tens tu, ó *mé* filho,
O' filho da minha alma?
—Estou deitado nesta cama,
Minha mãe *num* é nada!
Só me doe D. Isabel
Que a deixo desfolhada!
—Deixa-lhe cem mil cruzados
Para que seja morgada.

—Eu *num* quero morgadios
Nem tão pouco ser mórgada;
Em morrendo D. João,
O mundo pr'a mim acaba
—Se me eu erguer d'esta cama,
Minha roseira abanada,
Ha-de ser em tumba d'ouro
Em *alcatrunfa* dourada!
Não lances as mãos ás galas
Emquanto se a hora acaba,
Que te *num* chamem viuva...
Nem nunca serás casada!

Mandou chamar dois *çurjões,*
Em que se ella mais fiava:
—Quatro horas tens de vida:
Uma já vae acabada;
Uma é de sacramentos,
Hora tão bem empregada;
Outra é de testamento,
Deixa bens por tua alma;
Outra da despedida
Da sua [1] querida amada.

Volveu-se para a parede,
Não tornou a dizer mais nada.
(LIGARES).

[1] [Deve ser *tua*].

4. «Retira-te, ó ama»

—Retira-te, ó ama,
Que vem *na* justiça.
—Se vem *na* justiça.
Que venha muito embora;
Eu hei de ter dama
Do juiz de fóra.
O juiz de fóra
Diz que está doente:
Eu hei de ter dama
Do seu escrevente;
Não me quer fallar,
E eu pr'ó mór d'isso
Hei-de-me casar.
Se me não casar,
Metterei me freira.
Se nunca fôr freira,
Serei regateira:
Hei de comprar caro,
E vender barato;
E se vir que perco
Largarei o trato. (Ligares).

5. A Condessa d'Aragão

—Ala, ala da condessa,
Da condessa d'Aragão!
Se me dá uma das filhas,
Das mais lindas que ellas são.
—Eu não dou minhas filhas,
Das mais lindas que ellas são,
Nem por ouro nem por prata,
Nem por fios d'Aragão [1].

—Tão contente como vinha,
E tão triste como vou!
Pedi-lhe uma das suas filhas,
E nenhuma que me *dou*.

—Volta atrás, cavalheiro,
Par'ceis-me homem de bem;
Darei-vos uma das filhas,
Se vós m'a tratardes bem.
—O trato que *le* hei de dar:

[1] Var.: Nem por sangue de Leão.

Assentada numa almofada,
Fazendo topes de renda,
Topes á minha esposada.

—Esta levo por esposa,
Esta por minha mulher;
Que *nu'* parece mais feia
Do que a folha de papel.
(Carviçaes).

6. A Vilaninha

—Vilaninha me *sondes* ora!
—Vilana sou, mas não vossa!
—Como passa *la* vilana
Lá no rio sem uma ponte?
Alvejavam-lhe os pés n'agua,
Parece a neve no monte...
Como passa la vilana
Lá no rio sem *na* pedra?
Alvejavam-lhe os pés n'agua,
Parece a neve na serra...

Bem lhe mirava el-rei
Ás suas altas janellas:
—Oh! quem fôra senhor, fôra,
De tão *alvezinhas* pernas!
—Fazei-me vós a mim senhora
Das vossas altas janellas,
Que eu vos farei a vós senhor
Das minhas alvinhas pernas.
—Oh! quem fôra senhor, fôra,
De tão lindos pernegões!
—Fazei-me vós a mim senhora
Dos vossos altos balcões,
Que eu vos farei a vós senhor
Dos meus alvos pernegões!
(Vinhaes).

7. Rosa Branca

Oh! que linda rosa branca,
Lá no claro se passeia!
Oh! que lindo botãozinho
Se passeia a par com ella!

—Se ella é de gente nobre,

Eu hei de casar com ella;
Se ella é de gente baixa,
Ha de ser minha manceba.
Caçador que vaes á caça,
Caça-me aquella manceba.
—Se m'a vós mandais caçar,
Eu ficarei a par d'ella.
—Pois tu que lhe queres tanto,
Porventura tens com ella...
—Morreu-lhe seu pae ha pouco,
E eu ficava tutor d'ella!

(Vinhaes).

8. O Seginebra

Navegava o Seginebra,
Vespera de Nossa Senhora,
Pensando de navegar
O dia e a noite toda.
Indo no meio da *navega*,
O navio cahiu á onda.
—Valei-me aqui, ó Virgem,
O' Virgem Nossa Senhora!
Uma vez que me valestes,
D'ouro vos dei uma c'rôa;
Agora, se me valerdes,
D'ouro vos vestirei toda.

As palavras não eram ditas,
O navio sahiu da onda:
—Louvada seja a Virgem,
A Virgem Nossa Senhora!
Quantos milagres tem feito,
O maior foi o d'agora!
—Quando vos vêdes em pressa,
Chamaes-me nobre Senhora;
Quando vos não vêdes nellas
Chamaes-me perra traidora!

(Vinhaes).

9. O Galfeiro

Sentado estava Galfeiro
Em taboleiro real;
As cartas tinha na mão,
Os dados 'stá p'ra jogar.
—Sentado tu 'stás, Galfeiro,
Em taboleiro real;
Tua mulher entre os Mouros,
Sem a ires resgatar!
—Tres annos a *prècurei* por terra,
Outros tres annos por mar;
Ha seis annos que a busco
Sem a poder encontrar!
—Pois ella está em Salsellas,
Lá em palacio real!
Minhas armas meu cavallo
Tenho p'ra te acompanhar;
Meu dinheiro, minha força,
Se a queres ir buscar.
—Pois eu tambem tenho dinheiro,
Forças e ó meu cavallo:
Então irei só eu,
Para não dar tanto abalo.

Chegou á borda da praça,
Encontrou a sentinella:
—Dize-me tu, ó sentinella,
Por onde posso passar,
Para vêr a Melisende
Que está em palacio real.
—Vá por esta rua direita
Ter ao palacio real.

Chegou á borda do palacio
Tratou de examinar:
Logo viu a Melisende
Lá em palacio real
C'um pente d'ouro na mão;
Estava para se pentear:
—Desce cá, ó Melisende,
Que tenho que te fallar.

Pegara-lhe pela mão
Pusera-a no cavalgar:
—Olha que a vêdes ir,
Não *na* vereis cá voltar!

(Vinhaes).

10. D. Garcia

Eu montei no meu cavallo
Por aquella serra acima;
Pois a neve era mui grande,

Minha esposa vae perdida:
— *Visteis* por aqui, minha mãe,
A minha esposa linda?
—A tua esposa ahi vae,
Mui contente que ella ia!
Tocando numa guitarra,
Bom romance lhe fazia,
Com duzentos perros mouros...
Vão na sua companhia...
No romance vão dizendo:
«Morra, morra D. Garcia».
—Valha-me Deus, minha mãe,
Ella isso não dizia.
Vou saber da minha sogra
Que ella isso não diria.

—Vistes por aqui, minha sogra,
A minha esposa tão linda?
—A tua esposa ahi vae,
Mui triste que ella ia.
Tocando numa guitarra
Com duzentos perros mouros
Que vão na sua companhia;
No romance ia dizendo:
«Vale aqui, D. Garcia!
Se me não vales agora,
Não me vales outro dia».
—Adeus, adeus, minha sogra,
Que eu a valer-lhe já ia!

Chegou *ó* meio da serra,
Vira ir a D. Garcia:
—Descansa aqui, ó Mouro,
Que eu cansadinha já ia;
Tomaremos um taquinho,
Beberemos uma pinguinha;
Cavalleiro que alem vem
Elle para a Mouraria iria.
—Se elle era teu pae,
De beber se lhe daria!
—Elle meu pae não é.
Que eu pae já o não tinha.
—Pois se elle era teu irmão,
De beber se lhe daria!
—Pois elle meu irmão não é,
Que eu irmão já o não tinha.
—Pois se elle era teu marido,
De beber se lhe daria.
—Meu marido não é,
Que eu inda não o tinha.

—Deus os guarde, senhores,
Deus os queira guardar!
—D'onde era *lo* senhor,
Que é tão cortês no fallar?
—Sou Mouro da Mourama,
Pr'a lá vou a caminhar.
—Se é Mouro da Mourama,
Hade levar esta *ninha*
Que levamos d'esposa
O' nosso rei da Turquia.
—Menina que não tem honra
No meu cavallo não ia,
Pois de beijos e abraços
Que voltas já levaria?
—Pois, se a tinha, inda a tem,
Ninguem lh'a tiraria,
Pois levamol-a d'esposa
O' nosso rei da Turquia.

Pega[ra] lhe pela mão,
Sobre o cavallo a poria;
Os Mourinhos mar abaixo
E *los* Christianos mar acima.
—Torna nos cá, cavalleiro,
Torna-nos a nossa *ninha,*
Que a levamos d'esposa
O' nosso rei da Turquia!
—Dizei lá *ó* vosso rei
Que a *ninha* que era minha;
Que me pretencia a mim,
E não *ó* rei da Turquia.
—Torna-nos cá os vestidos,
Que já comprámos á *ninha.*
—Os vestidos não são vossos,
Os vestidos são da *ninha.*

(VINHAES).

11. A Serrana

Naquella serrinha alta,
Naquella mais alta serra,
.... lá uma serrana
Formosa e ganadeira.

Sua espingarda traz ao hombro
A' moda de caçadeira.
Quando lhe lembram amores
Baixa aquella ribeira.
Encontrou um pastorzinho
Que seu rebanho guardava:
—Queres tu, ó pastorzinho,
Viver [1] commigo, para a serra?
—Como eu irei, senhora,
Se o meu gado se me não perde? [2]
—O teu gado não se te perde
Que eu te *lo* arresponsára.

Deixára o seu rebanho,
Foi com ella para a serra.
Indo no meio do caminho,
Com muita cruz se encontrava.
—Que é isto, o Serrana?!
Tanta cruz por esta terra!
—E' signal de homens mortos
Que eu por minhas mãos matava,
E a ti te faria o mesmo
Se na vontade me dera.

Toda noite brincavam muito
Até sobre a madrugada;
E lá sobre a madrugada
Serrana se adormecera.
Quando foi a *recordar,*
O pastor não appareceu.
Botou pela serra abaixo.
Mas já por pouco o vira.
Tirou-lhe [3] uma frondada
C'uma frondinha de sêda;
Atira-lhe mais outra
Derriba-lhe uma orelha.

O pastor tanto fugira
Que já ia legua e meia!

(Vinhaes).

[1] [Deve ser: *vir*].
[2] [Deve ser: *se me perde*].
[3] [«Atirou-lhe»].

12. D. João

Tristes novas, tristes novas,
Corridas vão por Hespanha:
Dom João está doente,
Está doente de cama.
São tres medicos em cura,
E nenhum o desengana.
O mais novinho de todos
D'esta maneira lhe falla:
—Confessa-te, ó D. João,
E faz' bem por tua alma.
Tres horas te dou de vida,
E meia já vae andada:
Uma é de confissão,
Outra de remir a alma.
La outra para despedir
Da tua esposa amada.

(Vinhaes).

13. A Lavadeira

Bem cantava a lavadeira,
O' som da sua barrella...
Ella cantando dizia:
—Oh! que meada tão bella!

Os pannos que ella lavava
Eram do rei de Castella.
O sabão que lhe deitava
Viera d'Inglaterra.
A lenha que ella queimava
Era cravo e canella.
Lavava-os em tanques d'ouro,
Estendia-nos na primavera.

(Vinhaes).

14. Valdevinos

Quêdos, quêdos, cavalleiros.
Que el-rei vos manda contar!

—Aqui falta Valdevinos
E ó seu cavallo tremedal.
Não o achastes vós menos [1]

[1] [O original tinha: *Não achastes vós menos*, sem *o*].

A' ceia e *ó* jantar,
Mas achaste-lo vós menos
Em ponto de batalhar.

Deitavam sete sortes
A quem *no* ha de ir buscar;
Todas sete lhe tocaram
O' bom velho de seu pae:
Tres lhe tocaram por sorte,
E quatro por falsidade.
Elle, como era seu filho,
Tratou de o ir buscar.
Pelo alto vae gritando,
Pelos baixos procurando.
A' entrada d'uma villa,
A' sahida d'um logar,
Vira estar tres lavadeiras
No ribeiro a lavar:
—Deus *las* guarde, senhoras,
Deus *las* queira guardar!
Vistes por aqui Valdevinos
E *ó* seu cavallo tremedal?
—Esse soldado, senhor,
Morto está no arraial;
Tres feridas tem no corpo,
Todas tres de homem mortal:
Por uma entrava o sol,
Pela outra o luar;
Pela mais pequenina d'ellas
Um gavião a voar,
Co'as asas abertas
Sem *las* ensangrentar.

(Vinhaes).

15. O vestido novo

O meu vestidinho novo
D'ouro bem agaloado!
Se me eu vira tão nova,
Fui-me a passear *ó* adro:
Vira andar a meus amores
Passeando no mercado;
Acenavam-me c'um lenço,
E eu fui *ó* acenado.
Estando fallando d'amores,
Meu irmão tinha chegado;
Tantas pancadas me *dou*,
Por morta me deixára:
—Adeus, adeus, meus amores,
D'amores não quero nada!

(Vinhaes).

16. Oh! Triste Velha

—Meninas, fosteis á feira,
Visteis por lá meus amores?
—Sim, senhora, bem nos vimos
Na feira dos compradores.
—Meninas, minhas meninas,
Que visteis lá comprar?
—Oh! velha, oh! triste velha,
Um punhal, p'ra te matar!
—Meninas, minhas meninas,
Adonde me hei de acautelar?
—Oh! velha, oh! triste velha,
Debaixo d'um laranjal.
—Meninas, minhas meninas,
Deixae-me aqui descansar.
—Oh! velha, oh! triste velha,
Já te pódes levantar.

(Carviçaes).

17. O moleiro

Ao moleiro lhe furtaram
A mulher pelo telhado,
Pensando que era toucinho
Que estava dependurado.
Ao moleiro lhe furtaram
Sete pitas e um gallo:
Moleiro ficou perdido
E o ladrão ficou ganhado.
Uma certa cozinheira
Lá pôs dois cruzados novos;
Lá na sua frigideira
Deixou frigir um par d'ovos:
Pensou que era pão com queijo,
Comeu-lhe duas fatias;
Metteu-se em taes serviços...
Durou pouco mais de dois dias.

18. A mal casada

Estava a mal casada

No seu tear tecendo,
Da sua vidinha nova
Mal estava dizendo:
Ouviu-lh'a um clerigo
D'onde estava lendo;
Pegou no seu berviario,
Fôra-se lá correndo.
—Gertrudes, mal casada,
Que estaveis dizendo?
—Cahiu me a lançadeira
Estava-la eu erguendo.

Ouviu-a outro clerigo,
Donde estava rezando,
Pegou no seu berviario,
Fôra-se lá andando.
—Gertudes, mal casada,
Que estaveis fallando?
—Cahiu-me a lançadeira,
Estava-a levantando.

(Carviçaes).

19. Branca Flôr

—Já os gallos cantam,
O' meu amor, vae-te.
Uma mãe que tens
Vae-m'a cá chamar,
Que as dôres me apertam
E eu estou a acabar.
—Acorde, *mi madre,*
D'esse seu dormir,
Que a Branca Flôr
Ficou a parir.
—Se parir, que pára,
Que seja varão;
Que arrebente logo
Pelo coração!
—Consola-te, triste
Co'a Virgem Maria;
Que a minha mãe
Foi p'ra a romaria
—Já os gallos cantam,
O' meu amor, vae-te;
Uma irmã que tens
Vae-m'a cá a chamar,
Que as dôres me apertam
E eu estou a acabar.
—Se parir, que pára
Uma menina;
Que arrebente logo
A mãe e a filha!
—Consola-te, triste,
Co'a Virgem Maria;
Que aonde foi a mãe
Tambem foi a filha.
—Já os gallos cantam,
O' meu amor, vae-te;
Uma mãe que tenho
Vae-m'a cá a chamar;
Que as dôres me apertam
E eu estou a acabar!
—E's tu, ó meu genro?
Entra cá pr'ó quarto;
Buberás do tinto,
E comerás do alvo.
—Não venho, *mi sogra,*
Com tanto vagar,
Que a Branca Flôr
Ficou a acabar!
—Péga lá meu genro
Péga lá o avental;
Lá para o caminho
Me irei a apertar.
—Caminho assim...
Os sinos tocaram;
Procura *ó* pastor
Que guarda o gado,
Que toque é aquelle
N'aquelle sagrado:
—A Branca Flôr
Que morreu de parto!
—Quem tiver as filhas
Case-as na terra;
Que eu uma que tinha
Fiquei-me sem ella.

(Maçores).

20. A donzella

Alta vae a lua, alta,
Mais que o sol ao meio dia,
Quando aquella donzella
Metter freira se ella q'ria.

Indo-se ella a despedir
D'um jardim que seu pae tinha:
—Adeus cravos, adeus rosas,
Adeus fonte d'agua fria,
Adeus jardins das flôres
Onde me eu divertia!...
Se por aqui passar meu pae,
Meu pae que tanto me queria,
Dizei que vou c'um j [1]...
Ao jornal ganhar a vida;
Eu não sei se irei ganhada,
Ganhada, se perdida!...
—Ganhada, e não perdida!
Achareis muito ouro,
E muito da prata fria;
Achareis sala dourada
Para passear de dia;
Achareis ricas donzellas
Para vossa companhia;
Entre Mouros e Mouramas
Vós sereis a mais querida.

(Vimioso).

21. Bàtismo de Jesus

Bàtizaram a Jesus Christo
Nas aguas do rio Jordão;
Bàtiza S. João a Christo
E Christo a S. João!...
Todos os Anjos do céo
Ao seu bàtizado vão;
S. José péga na cruz
E S. João leva o pendão!
A Virgem N. Senhora
Leva uma vela na mão:
O nome que lhe puseram
«Manuel» do coração.
Abriram-se as portas do céo
Para entrar a procissão.

(Vimioso).

22. D. Filomena

Estando D. Filomena
No seu jardim a fiar,
Passou um triste soldado,
Tratou em o namorar.
—Vem cá tu, ó soldadinho,
Que vens em boa occasião;
Meu marido não 'stá cá,
'Stá na Serra d'Aragão:
Quem m'o lá fosse a matar
Dava lhe o meu cordão,
Que me custou doze libras
Lá na Serra d'Aragão.

Estando nesta conversa,
Seu marido aqui chegou.
—Que tens tu, ó Filomena,
Que tens tu, branca flôr?
Ou estás borracha de vinho,
Ou tomaste outros amores?
—Não 'stou borracha de vinho,
Nem tomei outros amores;
Perdi as chaves da adega
Nos mais altos corredores.
—Se as perdestes, vae acha-las
Ou depressa, ou de vagar!
—Por causa do soldadinho
Vou-me deitar a afogar!
—Se te deitares a afogar,
A culpa só é de ti;
O inferno já 'stá aberto
Para seculos sem fim.

(Carviçaes).

23. D. Angelina

—Angelina, ó Angelina,
Tanto te cresce a barriga...
Se me dás algum desgosto,
Mato-te, tiro-te a vida.
—Valha-o Deus, ó senhor pae,
Valha-o Deus, tanto ralhar;
Chegada a maldita hora
Vou-me deitar a afogar.
—Se te deitares a afogar,
A culpa torna-a a ti;
O inferno já 'stá aberto
Para seculos sem fim.

[1] [jornaleiro?].

Tira os brincos das orelhas
E o cordão do seu pescoço;
Enrodilha-os num bucinho
Vae-se deitar ao poço.
Só, de roda do seu poço,
Co'o seu pente a pentear-se,
Chegou-lhe a maldita hora;
Vae deitar-se a afogar.
O primeiro que a viu
Foi o senhor seu padrinho:
—Adeus, adeus, afilhada,
Já não logro teus carinhos!

A madrinha, assim que o soube,
Logo se foi a correr:
—Adeus, afilhada, adeus,
Já te não posso valer!

O' rapazes, ó rapazes,
Não tenhaes pena por ella;
Tende dó d'uma criança,
Que levava no ventre d'ella.

(Carviçais).

Abb.[e] José Augusto Tavares.

TESTAMENTO, EM PORTUGUÊS, DE D. AFFONSO II

O mais antigo documento do sec. XIII, em português, o qual se torna conhecido agora, e que, ao mesmo tempo, é o mais antigo diploma [1] que possuimos na nossa lingua, vem a ser o testamento de D. Affonso II.

Outro testamento mais recente d'este rei, em latim, foi já publicado na *Monarchia Lusitana* IV, 269 v., e na *Historia Genealogica da Casa Real,* Provas I, 34.

Do sec. XII são conhecidas, em português, duas cartas e uma *notitia,* publicadas duas por João Pedro Ribeiro nas *Dissertações* I, 273 e 275, 1810, com pouco rigor, e a restante pelo sr. dr. Leite de Vasconcellos na *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise,* Paris, 1901, p. 14; existindo todas no mosteiro de Vairão.

Os dois testamentos do rei, um em português, de 1214, e o outro em latim, de 1222, são quasi identicos nas linhas geraes, mas variam nalgumas das disposições.

Seguindo o costume das chancellarias medievaes, foram tiradas numerosas copias, nada menos de treze, com o intuito de serem depositadas nos cartorios das sés (e não só das portuguesas), dos con-

[1] *Diploma* em diplomatica é um documento emanado de um rei ou de outro grande magnate. A citação portuguesa mais antiga d'este vocabulo, se não ha interpolação, encontra-se na vida de Santa Senhorinha (*Port. Mon. Hist.*, Scriptores, pg. 51), do sec. XII, suppõe-se. Diz-se lá: «donauit cum *diplomate*». E' muito raro encontrar-se este termo antes do sec. XVI.

ventos e das ordens militares, e uma depositada *en mia reposte* [1]. Era esta multiplicação de copias, e o deposito d'ellas em logares sagrados, de preferencia ás fortalezas, a unica maneira de reagir contra a anarchia d'aquelles tempos, que só cedia um pouco no limiar dos estabelecimentos religiosos.

Interessante é, tambem, vermos mencionada neste testamento a existencia pelo país de varios thesouros reaes, não falando já dos dinheiros guardados no convento de Alcobaça. Os castellos, esses estavam a cargo de cavalleiros, e as *terras* (provincias), dos ricos-homens.

Não obstante o cuidado de D. Affonso II, só, ao que parece, um dos diplomas escapou á voracidade do tempo e aos maus tratos dos homens. E' necessario, porém, observar que foi collocado no escuro, e caducou, supplantado por outro testamento mais moderno.

Este documento guardou-se por mais de seiscentos annos no archivo da mitra de Braga, a Roma portuguesa, a qual tem posto mais difficuldades em abrir as portas dos escrinios, aos estudiosos, do que a capital do mundo catholico. Soromenho, que fôra encarregado, em virtude da lei de 2 de outubro de 1862, de recolher os documentos bracarenses, teve de recuar em frente de uma sublevação popular, depois de ter feito magra colheita.

O referido diploma é de facil leitura e com poucos breves. A orthographia é tambem assaz regular, e muito mais regular que a dos seculos posteriores. As vogaes iguaes, quando reunidas, são plicadas como: *Bragáá, cabidóó, omées, pées, sée, séer.*

Ha pouca tendencia para dobrar o *l*, como em: *aquelias* (sic), *aquilo, el.*

O *j* é representado por *gi: agia, beigio, segia.*

O som *lh* é indicado por *li: filia, filio, filios, li, lis, molier, vália.*

O *n* intervocalico (ou o til) só em dois casos não apparece, talvez por negligencia, como em: *dieiros* (=*dĩeiros*) e *uu* (=*ũu*); nos seguintes vocabulos o *n* veiu a transformar-se em til ou em *nh*. Dos primeiros são: *assunar, comemorazones, lixbona, manus, sano, una, uinir.* Dos segundos: *idania, raina, senior, tenio.*

O *z* conserva-se (=*ç*) em: *alcobaza, dezema, fazam, seruizo.*

Latinismos ou palavras com orthographia meia latina serão: *coĩbria, demorancia, departia, folgãcia, gaĩicia, gracia, recebia, regno, tercia* e ainda: *cũ, derecto, deus, luctosas, octaua* e *Portu.*

Para notar são: *proe, deuier, teuier, mouils, exetes, moira, nõbro, ontraquestes* e *ontreles.*

Pora (para) ainda se usava no meado do sec. XIII, tanto em português como em castelhano.

Como o leitor vai vêr pelo estudo do documento adeante im-

[1] Um diploma em latim, de 1216, diz *mei Repositi.* Cfr. João Pedro Ribeiro, *Memorias do Real Archivo*, 7.

presso, encontram-se no testamento de D. Affonso II, que é chronologicamente o quarto documento mais antigo conhecido em português, fórmas devéras interessantes.

PEDRO A. D'AZEVEDO.

Enome de deus. Eu rei don afonso pela gracia de deus rei de Portugal. seendo sano e saluo. temẽte o dia de mia morte. a saude de mia alma. e a proe de mia molier raina dona Orraca. e de meus filios. e de meus uassalos. e de todo meu reino fiz mia mãda per que de pos mia morte. mia molier e meus filios e meu reino. e meus uassalos. e todas aquelas cousas que deus mi deu en poder⁝ sten en paz e en folgãcia. Primeiramente mãdo que meu filio Infante don Sancho que ei da raina dona Orraca. agia meu reino entegramente e en paz. E ssi este for morto sen semmel⁝ o maior filio que ouuer da raina dona Orraca⁝ agia o reino entegramente e en paz. E ssi filio barõ nõ ouuermos⁝ a maior filia que ouuermos⁝ agia o. E ssi no tẽpo de mia morte meu filio ou mia filia que deuier a reinar nõ ouuer reuora⁝ segia en poder da raina sa madre. e meu reino segia en poder da raina e de meus uassalos ata quando agia reuora. E ssi eu for morto⁝ rogo o apostoligo come padre e senior e beigio a terra ante seus péés que el recebia en sa comẽda. e so seu difindemento a raina e meus filios. e o reino. E ssi eu e a raina formos mortos⁝ rogoli e pregoli que os meus filios e o reino segiã en sa comẽda. E mãdo da dezima dos morauidíís e dos dieiros que mi remaserũ de parte de meu padre que sũ en alcobaza e do outrauer mouil que i posermos pora esta dezima⁝ que segia partido pelas manus do arcebispo de Bragáá. e do Arcebispo de santiago. e do bispo do Portu. e de lixbona. e de coĩbria. e de uiseu. e de lamego. e da idania. e deuora. e de tui. e do tesoureiro de Bragáá. E outrossi mãdo das dezimas das luctosas e das armas e doutras dezimas que eu tenio apartadas en tesouros per meu reino. que eles as departiã assi como uirẽ por derecto. E mando que o abade dalcobaza lis de aquesta dezima que el ten ou teuier. e eles as departiã segũdo deus como uirẽ por derecto. E mãdo que a raina dona Orraca agia a meiadade de todas aquelias cousas mouils que eu ouuer a mia morte. exetes aquestas dezimas que mãdo dar por mia alma. e as outras que tenio en uoontade por dar por mia alma. e nonas uuer a dar. Et mãdo que si a raina morrer en mia uida. que de todo meu auer mouil agia ende a meiadade. Da outra meiadade solten ende primeiramente todas mias deuidas. E do que remaser fazam en tres partes. e as duas partes agiã meus filios e mias filias. e departiã se ontreles igualmente. Da terceira o arcebispo de Bragáá. e o arcebispo de santiago. e o bispo do Portu. e o de lixbona. e o de coĩbria. e o de uiseu. e o deuora fazã desta guisa. que u quer que eu moira quer en meu reino quer fora de meu regno⁝ fazam aduzer meu corpo per mias custas a alcobaza. E mãdo que deh a meu senior

o papa .iij. mr. A alcobaza .ij. mr. por meu ãniuersario. A santa maria de rocamador .ij. mr. por meu ãniuersario. A santiago de galicia .ij. ccc. mr. por meu ãniuersario. Ao cabidóó da séé da idania .mille. mr. por meu ãniuersario. Ao moesteiro de sangurge .d. mr. por meu ãniuersario. Ao moesteiro de san uicẽte de lixbona .d. mr. por meu ãniuersario. aos caonigos de tui .mille. mr. por meu aniuersario. E rogo que cada uu destes ãniuersarios fazam sẽpre no dia de mia morte. e fazam tres comemorazones en tres partes do ano. e cada dia fazam cantar una missa por mia alma por sẽpre. E ssi eu en mia uida der estes ãniuersarios mãdo que orem por mi come por uiuo ata en mia morte. e depos mia morte fazam estes ãniuersarios e estas comemorazones assi como suso e nomeado. assi como fazem enos outros logares u ia dei meus ãniuersarios. E mãdo que den ao maestre e aos freires deuora .d. mr. por mia alma. Ao comendador e aos freires de Palmela .d. mr. por mia alma. E mãdo que o que eu der daquesta mãda en mia uida. que nono busque nenguu de pos mia morte. E o que remaser daquesta mia tercia: mãdo que segia partido igualmente en cinque partes. das quaes una den a alcobaza u mando geitar meu corpo. A outra ao moesteiro de santa cruz. A terceira: aos tẽpleiros. A quarta: aos espitaleiros. A quinta den por mia alma: o arcebispo de bragáá. e o arcebispo de santiago. e os cinque bispos que suso nomeamos. segũdo deus. E den ende aos oméés dordin de mia casa e aos leigos a que eu nõ galardoei seu seruízo: assi comeles uiren por guisado. E as outras duas partes de toda mia meiadade segiã departidas igualmente ontre meus filios e mias filias que ouuer da raina dona Orraca. assi como suso e dito. E mãdo que aqueste auer dos meus filios que o teniã aquestes dous arcebispos cũ aquestes cinque bispos ata quando agiã reuora. E a dia de mia morte se alguus de meus filios ouuerẽ reuora: agiã seu auer. E dos que reuora nõ ouuerẽ: mãdo que lis teniã seu auer ata quando agiã reuora. E mãdo que quen quer que tenia meu tesouro. ou meus tesouros a dia de mia morte: que os de a departir aquestes dous arcebispos e aquestes cinque bispos. assi como suso e nomeado. E mãdo ainda que se sasunar todos nõ poderem ou nõ quiserẽ: ou descordia for ontraquestes a que eu mãdo departir aquestas dezimas suso nomeadas: ualia aquilo que mãdarẽ os chus muitos per nõbro. Outrossi mando daqueles que mia mãda an a departir. ou todas aquelias cousas que suso sũ nomeadas. que si todos nõ se poderẽ assunar ou nõ quiserem. ou descordia for ontreles: ualia aquilo que mãdarẽ os chus muitos per nõbro. Mando ainda que a raina e meu filio ou mia filia que no meu logar ouuer a reinar se a mia morte ouuer reuora. e meus uassalos. e o abade dalcobaza sen demorancia. e sen contradita lis den toda mia meiadade. e todas as dezimas. e as outras cousas suso nomeadas. e eles as departiã assi como suso e nomeado. E ssi a mia morte meu filio ou mia filia que no meu logar ouuer a reinar nõ ouuer reuora: mãdo empero que aquestes arcebispos e aquestes bis-

pos departiã todas aquestas dezimas e todas aquestas outras cousas. assi como suso e nomeado. e a raina e meus uassalos. e o abade sen demorãcia e sen contradita lis den toda mia meiadade. e todas as dezimas e as outras cousas que teuierẽ. assi como suso e dito. E ssi dar nõ li as quiserem: rogo (o)s arcebispos e os bispos comeu en eles confio. que eles o demãdem pelo apostoligo. e per si. E rogo e prego meu senior o apostoligo e beigio a terra ante seus péés que pela sa santa piadade faza aquesta mia mãda séér comprida. e aguardada. que nenguu nõ agia poder de uinir contra ela. E ssi a dia de mia morte meu filio ou mia filia que no meu logar ouuer a reinar nõ ouuer reuora. mãdo aqueles caualeiros que os castelos teen de mi e nas terras quo de mi teem os meus riquos oméés: que os den a esses meus riquos oméés que essas terras teuierẽ. E os meus riquos oméés denos a meu filio ou a mia filia que no meu logar ouuer a reinar quando ouuer reuora. assi como os dariã a mi. E mandei fazer treze cartas cũ aquesta tal una come outra. que per elas toda mia mãda segia cõprida. das quaes ten una o arcebispo de Bragáá. a outra o arcebispo de santiago. a terceira: o arcebispo de Toledo. A quarta: o bispo do Portu. A quinta: o de lixbona. A sexta: o de coĩbria. A septima: o deuora. A octava: o de uiseu: A nouea: o maestre do tẽplo. A dezima: o prior do espital. A undezima: o prior de santa cruz. A duodecima: o abade dalcobaza: A tercia dezima: facei guarda en mia reposte. E forũ feitas en coinbria .iiij.^or^ dias por andar de Junio. Era. M.ª CC.ª L^a^ij^a^.

No verso: Testamentum Regis domini Alfonsi secundj. [1]

ADAGIARIO MANUSCRITO

Em 1902 estive em Vianna do Castello, e, indo a casa do ex.^mo^ sr. João Coelho de Castro Villas-Boas, este nobre fidalgo ahi me mostrou várias obras, umas impressas, outras manuscritas, do seu antepassado D. Gaspar da Conceição Lobo. Entre ellas interessaram-me principalmente duas em manuscrito: *Adagios* e *Etymon grego*.

Como, por permissão do sr. João Coelho, eu trouxe para Lisboa, por emprestimo, o livro dos *Adagios*, estudei-o com algum vagar, e vou aqui apresentar o resultado do meu estudo, deixando para outra vez

[1] Archivo nacional, Caixa 47 da Livraria, Maço 3 da Mitra de Braga n.º 10.

o do *Etymon grego,* visto que o sr. Coelho me dá analoga permissão, logo que eu a queira tomar. Antes porém de fallar dos *Adagios,* direi duas palavras acêrca de D. Gaspar.

Num livro de familia, pertencente ao sr. João Coelho, diz-se que D. Gaspar da Conceição Lobo nasceu na freguesia da Areosa, ao pé de Vianna, em 5 de Setembro de 1781, e accrescenta-se o seguinte: «Foi conego regular de St.º Agostinho, occupou-se em procurador de Grijó 6 annos, foi vigario de St.ª Cruz [1], prior do collegio da sapiencia, e ultimamente procurador, quando forão lançados fóra os frades em 1834. Compôs algumas obras curiosas .. Foi Deus servido levá-lo para si a 17 de Dezembro de 1840, de uma *apopelecia;* está enterrado na igreja de St.º Antonio [2], ao entrar das grades». Cf. tambem *Diccionario Bibliographico* de Innocencio & Aranha, III, 128, e IX, 413 [3].

O titulo da obra de que em especial vou aqui fallar é o seguinte, escrito no principio da primeira pagina, como cabeçalho: ADAGIOS PORTUGUESES *esco- | lhidos, e postos em ordem | alphabetica* por D. G. L. | 1835. — Começam logo os adagios na mesma pagina. O livro está cartonado; por fóra, num pequeno papel collado na frente, lê-se: *Adagios.* Dimensões das folhas: $0^{m},28 \times 0^{m},163$, com pequenas oscillações. As folhas não estavam numeradas; numerei-as a lapis: são 86 fls. = 172 paginas; a folha 80 v. está em branco, porque os adagios terminam na fl. 80 r., começando em 81 r. um *Supplemento.*

Os adagios, como o titulo indica, acham-se dispostos pela ordem alphabetica dos assuntos: *Abril, Achar, Agoa, Agosto, Ainda, Alcaide, Aldeia, Alegria, Alma, Amarella, Ametade .. Barba, Beber, Boca.. Cabeça, Cabeçal* etc. Foi esta tambem a ordem adoptada noutros adagiarios anteriores, como nos de Rolland e Delicado, postoque no de Delicado não só se observe o alphabetamento nos assuntos, mas tambem nos proprios adagios.

Do confronto que estabeleci entre a collecção organizada por D. Gaspar Lobo e as de Bento Pereira [4], Rolland [5] e Bluteau [6] concluo que a quasi totalidade dos adagios contidos na primeira provém das tres ultimas. Fica um pequeno residuo cuja proveniencia, se é litteraria, e não oral, não posso de pronto determinar (nem valeria muito a pena proceder a tal trabalho). Não me parece necessario imprimir o livro todo; mas convém publicar esse residuo, o que adeante farei [7].

1 [de Coimbra].

2 [de Caminha].

3 Supponho que o sr. dr. Figueiredo da Guerra publicou algures (em um jornal) uma lista das obras mss. de D. Gaspar Lobo.

4 *Dos principaes adagios portugueses* (na *Prosodia*, Evora 1723, p. 213 ss.).

5 *Adagios, proverbios, rifões e annexins da lingua portuguesa,* Lisboa 1780. Esta obra é publicada com as iniciaes *F. R. I. L. E. L.*=F(rancisco) R(olland), i(mpressor)—l(ivreiro) e(m) L(isboa): vid. *Dicc. bibliogr.* de Innocencio, s. v.—Tem 2.ª edição.

6 *Vocabulario Português Latino;* e *Supplemento.*

7 D'este adagiario dei já breve noticia nos *Ensaios ethnographicos,* II, 290 e 381.

Entre os adagios de D. Gaspar, de um lado, e os de Bento Pereira, Bluteau e Rolland, do outro, ha ás vezes differenças de redacção ou de sentido. Aqui e além D. Gaspar emenda mesmo ou corrige os seus antecessores. De tudo se citam aqui exemplos:

Ha um anno me mordeu o sapo, E agora me inchou o papo.	Ora ha um anno etc.—Rolland.
Debaixo de má capa jaz hum bom bebedor.	Debaxo de huma roim capa etc.—Pereira.
Comer até adoecer, Jejuar até sarar.	Comer até adoecer, Curar até sarar.—Rolland.
Por hum esquecem os outros.	Por huns etc.—Pereira.
Bem venhas, se vieres só.	Com bem venhas etc.—Pereira.
Isto he buscar agulha em palheiro.	Buscar agulha etc.—Pereira.
Dá-me duas verdes com huma madura.	Duas verdes etc.—Pereira.
Não se dá murcella, Senão a quem mata borrega.	Nam dam murcella etc.—Pereira.
Quanto mais parvo Mais confiado.	Quem mais parvo etc.—Pereira.
Merenda comida, companhia desfeita.	Pão comesto [1], companhia desfeita. Rolland. Pão comido etc.—Pereira [2].
D'onde veio a Pedro Fallar grego? [3]	D'onde veio a Pedro Fallar gallego?—Pereira e Rolland.
Furtar o porco e dar os pés a Deus.	Furtar o carneiro, e dar os pés pello amor de Deus.—Pereira.
Matar de huma cacheirada dous coelhos.	Matar dous coelhos de huma cajadada.—Pereira.

[1] Do lat. comestus. — Este adagio tambem vem em Bluteau.
[2] Hoje diz-se: Merenda feita—companhia desfeita.
[3] Em nota accrescenta: «No trato e na falla affectava o que não era; queria passar por homem da Grecia, sendo natural de outra terra».

Atirar com barro á parede Até que pegue.	Tirar com barro etc.—Pereira [1].
Nem no inverno sem *capa*, Nem no verão sem cabaça.	Nem no inverno sem *copos* Nem no verão sem cabaça.—Rolland, p. 50 [2].
Viva minha vizinha, E tenha meu sacco farinha.	*Diga* minha vizinha, E tenha etc.—Rolland, p. 257.
Tirar a sardinha e a castanha do fogo com a mão do gato.	Tirar a castanha do fogo etc.—Rolland, p. 286.
Lingua de *prata*.	Lingua de *praga*.—Rolland, p. 142.
Dá-me duas verdes com hũa madura.	Duas verdes com hũa madura.—Pereira.
Longe dos olhos, longe do coração.	Quam longe dos olhos, tão longe do coração.—Pereira.
Máo anno has-de aturar, Com medo de peorar.	Máo anno has-de aguardar, Por não empeorar.—Rolland, p. 26.
O habito não faz o monge.	O habito—não faz o frade.—Pereira.
Cuidam os namorados Que todos tem os olhos tapados.	Cuidam os namorados Que todos tem os olhos quebrados.—Pereira [3].
Não me enganas a mim, que sou perro velho.	A mim não, que sou perro velho.—Pereira.

[1] Aqui a differença está só na substituição de *tirar* (arch.) por *atirar*.

[2] A rima indica a emenda *(copos,* por erro, em Rolland), que porém já vem feita em Bluteau. [Depois de impressa esta nota, vejo que Rolland repete a pag. 182 o adagio correctamente, i. é, com a palavra *capa*. Era pois inutil a reproducção].

[3] D. Gaspar achou talvez extranha a expressão *olhos quebrados*, e substituiu *quebrados* por *tapados*. Mas essa expressão acha-se noutro adagio (Rolland, pag. 233):

Quebrarei a mim um olho
Pera quebrar a ti outro.

E cfr. *Revista de ethnologia* de Ad. Coelho, p. 142.

A teu amigo—dize-lhe mentira;
Se te guardar puridade — dize-lhe a verdade.

Em Bluteau vem tambem assim mesmo. Em Rolland apenas: *A teu amigo, se te guardar puridade,—dize-lhe a verdade,* p. 21. Em Hernan Nuñez, *Refranes,* Valladolid 1602: *A tu amigo dile la mentira; si te guardare poridade, dile la verdade.*

Quem na vianda se aparelhar
Fartar-se [1] antes de jantar.

Quem sua vianda vê apparelhar
Farta-se antes de cear.—Bluteau, *Supplemento.*

Quem ao longe não olha,
Ao perto se fere.

Assim tambem em Bluteau, s. v. «olhar». Mas em B. Pereira:

Quem ao diante nam olha,
Atraz torna.

Fallae no ruim, olhae para a porta.

Fallai no roim, logo apparece diz B. Pereira e Bluteau. Na trad. oral tem fórma ritmica:

Fallae no mau,
Apparelhae o pau.

Cada terra com seu uso,
Cada roca com seu fuso.

Cada terra com seu costume.— B. Per., Roll., Bluteau.

Mao pão
Não o comas, nem o dês a teu irmão.

Bocado de mau pão
Não o comas, nem o dês a teu irmão. — Bluteau, *Suppl.*, s. v. «mao».

O adagio:

Pão tremês
Nem o comas, nem o dês,

que vem em Bluteau, e é analogo ao da gallinha [2], vem assim em H. Nuñez [3]:

[1] A syntaxe pede: *fartar-se-ha* (e não *fartar-se*, nem *farta-se*).
[2] Vid. *Trad. pop. de Portugal*, p. 155:

A gallinha pedrês
Não a comas (nem a vendas), nem a dês.

Outro adagio oral, que completa este:

Gallinha pedrês
Vale por tres.

[3] *Refranes y proverbios en romance,* Valladolid 1602.

Pan tremes
ni lo comas ni lo des,
mas guárdalo para Mayo
y comerás del buen bocado.

Ao adagio:

Cerco de lua pastor enxuga,
Se aos tres dias não enxurra,

que tem a mesma fórma em Bluteau, corresponde este em H. Nuñez:

Cerco del sol—molla el pastor,
Que el de la luna—ese le enxuga.

*

Da fl. 81 r. até o fim ha um *Supplemento,* em que os adagios vem tambem dispostos pela ordem alphabetica dos assuntos: *Abelha, Agua, Agulha* .. *Barca, Boda,* etc. Este Supplemento é na maior parte extrahido de Bento Pereira; outra parte é extrahida de Rolland; do pouco que resta, tambem não pude determinar a fonte.

Na fl. 72 v. ha uma secção intitulada:

Verdades ethicas, politicas e economicas

VERITAS ODIUM PARIT

cabeçalho que é igual ao que se vê em Rolland. *Adagios,* 1.ª ed., pag. 308. Estas *Verdades* são quasi todas extrahidas igualmente de Rolland. Como porém as sentenças subordinadas a esse titulo não são adagios no sentido proprio da expressão, não me dei ao trabalho de extractar as que differem das de Rolland.

*

Eis agora os adagios que vem em D. Gaspar Lobo, e que não encontrei nem em Bento Pereira, nem em Bluteau, nem em Rolland [1]:

1. Se estiveres na tua tenda,
   Não te acharão na contenda. Fl. 1 v.

2. Bocado comigo
   Não ganha amigo. Fl. 4 r. [2].

[1] Postoque eu gastasse bastante tempo com as minhas investigações, talvez que uma busca mais rigorosa indicasse outras coincidencias entre Gaspar Lobo e algum ou alguns dos tres AA. citados; todavia o fruto compensaria o trabalho?

[2] Em H. Nuñez: Bocado comigo—no gana amigo.

3. A pouca barba, pouca vergonha. Fl. 8 r. [1]

4. Casar, casar,
Que Deus dará pão. Fl. 14 v.

5. Barqueiro a barqueiro
Não paga dinheiro. Fl. 24 r.

6. A' conta de ciganos
Todos furtamos. Fl. 32 r.

7. Mais vale ter fome que fastio. Fl. 41 v.

8. Palita os dentes com ouro ou prata—bisnaga ou nada. Fls. 49 r.

9. Comeste a perdiz,
A barba t'o diz. Fl. 58 v.

10. Se foram céos os jardins,
Seria a rosa o céo d'elles. Fl. 64 v.

11. Se cahir o céo, ficaremos de baixo. Fl. 82 r [2].

12. Quem não tem que fazer
Bote a casa a baixo, e torne-a a fazer. Fl. 83 r [3].-

13. Na mesa cheia
Bem parece iguaria alheia. Fl. 84 r.

14. A oliveira não tem folha,
O pavão lh'a comeu toda. Fl. 84 v.

[1] Cfr. Bluteau, s. v. «barba»:

Queixadas sem barbas
Não merecem ser honradas.

[2] A ideia da quéda do céo encontra-se noutro adagio, que vem em Bento Pereira, e que ainda hoje corre na Beira-Baixa: *Se cair o céo, matará as cotovias.* Já os Romanos diziam proverbialmente: *Quid, si nunc caelum ruat?* Quando se ouve grande ruido de objectos que caem, diz se no Minho: *Lá cahiu um pedaço de céo velho!* A quéda do *céo velho* figura tambem num conto popular português.—Sobre o que os Celtas diziam da *quéda do ceu,* vid. D'Arbois de Jubainville, *Les Celtes,* Paris 1904, p. 169.

[3] Tanto em D. Gaspar como em Bento Pereira vem um adagio de fórma semelhante:

Quem não tem que faça—merque hũa pata;
Torne-a a vender,—terá que fazer.

15. He da razão alheio
Quem do sabio despreza o conselho. Fl. 85 r.

16. Os dinheiros de sacristão
Cantando vem, cantando vão. Fl. 85 v.

17. Seis horas de colmo
Equivalem a hũa de somno. Fl. 85 v.

18. Quem aos 20 não barba, aos 30 não sabe, aos 40 não tem:
Tarde barba, tarde sabe, tarde tem. Fl. 86 r [1].

19. De bom pastor é tosquiar
E não esfollar. Fl. 86 r.

20. A verdade páre odio, a nimia conversação desprêzo, a paz ociosidade [2]. Fl. 86 v.

*

O que deixo transcrito creio ser o que no Adagiario de que estou tratando tem interesse para a sciencia. Alguns, pelo menos, dos adagios transcritos andam na tradição oral.

Qual o intuito de D. Gaspar Lobo ao organizar este Adagiario? Parece que quis constituir com elle uma selecta. Não posso saber se a destinaria ao prelo. Pena foi que não colligisse todos os adagios que ou estavam já coordenados ou andavam dispersos; só assim se imporia hoje a publicação integral da collecção.

Ao ex.^me^ sr. João Coelho de Castro Villas-Boas, pela liberalidade com que me permittiu o exame do manuscrito, renovo aqui em publico os agradecimentos que já lhe dei particularmente por occasião de lhe restituir o livro do seu parente.

J. Leite de Vasconcellos.

---

1 Cfr. Bluteau, s. v. «saber»:

Quem de 30 não póde, e de 40 não sabe, e de 50 não tem:
Não póde, nem sabe, nem tem.

2 Este é antes sentença que adagio.

VOCABULARIO ALEMTEJANO

O Vocabulario que vae ler-se foi colligido pelo sr. A. Thomás Pires, a meu pedido, para eu o utilizar nos meus estudos dialectologicos; como porém tomou grandes proporções, entendo que deve ser publicado, como artigo especial, assignado pelo collector. O meu trabalho consistiu aqui apenas na revisão dos vocabulos, disposição para o prelo, uniformização da orthographia, e suppressão dos vocabulos que por lapso vinham repetidos, e de um ou outro mais que me pareceu descabido. O proprio Sr. Pires me disse em carta de 18 de Janeiro de 1900: «Rasgue o que não lhe parecer bem, e aproveite o que julgar razoavel, e pela maneira que muito bem entender. Sabe que a colheita a que procedi teve unicamente por mira ser-lhe agradavel e util, — e nada mais». Nestas palavras mostra o Sr. Pires quanto é modesto e desinteressado. — A fim de deixar ao escrito do Sr. Pires o mais possivel a integridade, não accrescento explicações etymologicas, nem sequer comparo com outros analogos os vocabulos ora reunidos.

No presente trabalho entram não só os vocabulos que pertencem á lingoagem do povo, mas os vocabulos litterarios que experimentam modificações na pronuncia familiar das pessoas mais ou menos cultas; todos elles foram colligidos da tradição oral no concelho de Elvas, e principalmente nas aldeias [1].

Ninguem desconhecerá a importancia de uma collecção d'estas. Muitos vocabulos são novos, como *apêrador* (= apeirador), *apertilho*, *apesunhar-se*, *apiaçar*; outros sahiram do uso commum da lingoa, onde já andaram, postoque continuem hoje a usar-se no concelho de Elvas, como *acrarar*, *antre*, *atá*; outros são alteração, mais ou menos moderna, de vocabulos que na lingoagem litteraria tem outra fórma, como *anesprêro*, *anunço*, *aplàdir*, *apossear*. As mais importantes d'estas tres classes são, sem dúvida, a primeira e a ultima: aquella, porque vem trazer ao thesouro lexical do português elementos que estavam em parte perdidos; esta, porque mostra que a lingoagem está em constante evolução, e porque revela a cada passo processos glotticos que convem conhecer, tanto para se apreciar melhor o aspecto geral da lingoa portuguesa, como porque podem auxiliar o philologo na resolução dos problemas etymologicos. A outra classe — a dos vocabulos antiquados — tem tambem importancia no campo da glottologia

[1] Isto, já se vê, não quer dizer que elles não tenham curso fóra do concelho de Elvas.

geral: de facto vê-se por elles, por um lado, que os vocabulos não saem do uso repentinamente, mas de vagar; e por outro, que o que se chama lingoa archaica não o é tanto, como á primeira vista parece.

D'esta collecção excluem-se aquelles vocabulos que, apesar de populares, e de cunho meridional, só comtudo se apartam dos vocabulos correntes em terem experimentado alterações que estão sujeitas a principios muito geraes e sabidos. Assim, sendo certo que em várias regiões do Alemtejo a uma palavra acabada em *-r* se junta *-e*, e este *e* se muda em *i* [1], é escusado archivar palavras taes como: *abafári* = abafar, *acendêri* = accender, *abríri* = abrir, *amôri* = amor, *Artúri* = Arthur; sendo tambem lei phonetica que no Sul os ditongos *ei* e *ou* se condensam respectivamente em *ê* e *ô* [2], torna-se inutil colligir vocabulos como *rê* = rei, *pôco* = pouco, excepto quando esses vocabulos apresentarem particularidades de outra ordem, por ex. o já citado *apêrador*. E' pelo mesmo motivo que não se archiva *anêrisma* = aneurisma [3], nem muitos outros.

A linguagem alemtejana tem sido várias vezes objecto de estudo (vid. *Rev. Lusit.*, II, 15-16, e outros volumes seguintes a este; e alem d'isso *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, p. 150-153), e por essa occasião tem-se colligido muitos vocabulos; a collecção organizada pelo Sr. Pires é, todavia, até hoje a mais vasta de todas. Ella está já ha mais de tres annos em meu poder — annunciei-a na *Esquisse d'une dialectologie*, Paris 1901, p. 69 —; se só agora a publíco na *Revista Lusitana*, é que antes não dispus de tempo para isso.

J. L. DE V.

A

abanão, abanadura, sacudimento.
abarçar, abraçar (mas dizem *abraço)*.
abarracado, alquebrado, ou deitado por effeito de febre.
abàrroar, abalroar.
abebrêra, abobereira.
abêrígo, abrigo.
abertanhado, abretanhado.
abetoar, abotoar.
abichornado, amechornado, emmechornado: abochornado.
aboar, voar.
abobeda, abobada.
aboinha, borboleta.
abóbra, abobora.
aborcêr, aborrecer.
aborcimento, aborrecimento.
aboteoar, apotecar, botecar, embotecar, hypothecar.

[1] Cfr. *Rev. Lusit.*, IV, 30.
[2] Cfr. *Rev. Lusit.*, II, 18, IV, 26. — Na condensação dos ditongos observam-se certas leis particulares que não posso aqui especificar, e que só podem ser estudadas numa grammatica.
[3] Cfr. *Rev. Lusit.*, IV, 26.

abridela, abertura. *(Abridella* das côrtes, *abridella* de boca). Vid. *abridura.*

abridura, abertura. Vid. *abridela.*

abriguar, averiguar.

abugão, abegão.

abugoaria, abegoaria.

abûi! Exclamação do rapazio ao ver abundancia de qualquer coisa. Ex.: «*Ábûi!* tanto trigo!», «*Ábûi!* tanta agua!».

abûitre, abutre.

àcacêr, alcacél.

àcáceva, açácema: alcaçova.

àcaçúz, alcaçuz.

acagadinha, acanhadinha. (Letra *acagadinha.)*

àcágóita, àlcágóita: alcaiota.

acâlitro, calito, calitro, écalítro: eucalypto.

açanar, acenar.

açâno, aceno.

acârditar, acráditar, aquerditar: acreditar.

àcarròba, alfarroba.

acartar, acarretar.

acási, acáijo, acuâso, cási: quasi.

acasiã, acasião, incasiã: occasião.

àcatífa, alcatifa.

àcedáiro, abecedario.

acedente, accidente.

acelarar, accelerar. (Passo *accelarado).*

acenar, açular (o cão).

àcensão, ascensão.

acérne, acerrimo.

acêsa, afilada. (Está de orelha *accêsa*).

achadóro, achádêro: achadoiro.

achávo, ochavo.

achinalar, achinelar.

acobrantar, aquebrantar.

acorçoar, acoroçoar.

acordar, arrecordar, asocordar: recordar.

açôtêra, sova de açoutes.

acramangalhado,* açodado, apressado.

acrarar, aclarar.

acrecente, accrescentamento.

acuatelar, acautelar.

açucre, açucar.

açuda, açude.

àcumenéres! — Sim! E' certo!

acupar, occupar.

adêga, adéga.

Adeláida, Deláida: Adelaide.

ade-Maria, ave Maria.

ademistração, amistração, amenistração, menistração: administração.

ademistrador, amistrador, amenistrador, menistrador: administrador.

aderenço, adereço.

admetir, ametir: admittir.

adonde, adonde, donde: aonde.

adregar, adergar.

adroêra, aroeira.

adromecer, adormecer.

adromentar, adormentar.

adronar, adornar.

advinhação, adivinhação.

advinhar, adivinhar.

afabéto, alphabeto.

afabledade, afavledade: affabilidade.

afalcoar, diminuir. (A nascente está *afalcoada.)*

àfarrabio, alfarrabio.

afaquiar, esfaquear.

afètivamente, afètivelmente: effectivamente.

afètuar, effectuar.

afelição, afflicção.

afifar, afinfar. *(Afifa-lhe:* bate-lhe.)

afondar, afundar.

aflegir, affligir.

Áfreca, Africa.

afrimar, affirmar.
agardecer, aguardecer: agradecer.
agárgójádo, encolhido.
ágebebe, algibebe.
ágebetêro, aljubeteiro.
agètivar, ageitar.
agóira, aóra: agora.
agoniação, agonia.
agostadôro, gostadôro: restolhice ou restolho.
agranger, abranger.
ágravío, algravio.
agresta, agreste. (Noite *agresta*).
agricla, agricola.
agrões, agriões.
Agua-de-lupi, Guadalupi.
agua rossa, agua ruça (agua albuminosa).
águêro, álguêro, árguêro: argueiro.
Águsto, Augusto.
águum, algum.
ajètivo, adjectivo.
ajudicar, adjudicar.
alabaça, planta hortense.
alaluia, alleluia.
alamã, alleman.
Alamanha, Allemanha.
alamão, allemão.
alarveirão: superlativo de alarve.
alarvidade, alarvice ou alarvaria.
alastar, alastrar.
alavancóte, pequena alavanca.
álbárgaría, albergaria.
álbernós, álbernó, ábernó: albornoz.
Álbertlo, Alberto.
alcade, alcaide.
alcagoita, alcaiota.
alçamáça, grande ruido, grande espalhafato.
alcandrózes: sapos *alcandrózes:* sapos grandes.
alcravão, alcaravão.
aldraba, aldrava.
aldrabão, aldravão.
aldrabar, aldragar: aldravar.
aldrabice, aldravice.
aldruba, aldralão, trapalhão.
alegante, elegante.
aleféres, alferes.
alendar, alindar.
aleviar, alliviar.
Alêxo, Aleixo.
alfaáte, alfaiate.
alfabaca, alfavaca.
alfacia, alfaça: alface.
alfanga, alfandega.
alfenete, alfinete.
alfêre, alfêrão: alfeiro.
alforrécas, hemorrhoidas.
Alfurêdo, Alfredo.
algazada, algazarra.
algimar, algemar.
algola, argola.
algravanhos, garatujas.
algrêvão, alcaravão.
álicéce, alicerce.
alicórnio, unicornio.
alifante, elephante.
Alifonso, Aldifonso: Affonso.
aliforme, uniforme.
alimal, animal.
álisbêra, aljebêra, áljubêra: aljubeira.
álisbêra, algibeira.
alistrar, alistar.
áljaroz, algeroz.
aljubre, aljube.
almairo, armario.
almajárra, almanjarra.
almazona, amazona.
almiára, alumiára, lumiára: almenara. (*Álmiára* de palha.)
almo, álimo: alamo.
almorço, almoço.
almufêra, albufeira.
alôjo, alojamento.
alomiar, lomiar: nomear.
alpragatas, alpercatas.
alpravázes, alparavazes.

alqueducto, acuduto: aqueducto.
alquêr, alqueire.
alquique, alchime. (Anneis d'*alquique*).
alquitrão, alcatrão.
alteza, arteza (amassadeira de pão).
altrar, alterar.
alturizar, auctorizar.
alùio, ululação. (O *âlùio* dos gatos.)
alumiação, enluminação, lumiação, luminação: illuminação.
alvanéu, alvinéu, alvenéu: alvenel.
alvoraçar, alvoroçar.
alvorado, arvorado. (Cabo *alvorado*)
alvorar, arvorar (fugir.). (*Alvorou de quêjêra:* abalou. *Alvorou de cachêra:* foi-se).
alvoredo, arvoredo.
alvorizar, arborisar.
Alxandria, Alexandria.
amáfica, almafega.
àmanaque, almanach.
amancipação, mancipação: emancipação.
amanhar, concertar.
amanhècída, d'amanhecida: de madrugada. (Partiu *d'amanhècída*.)
amanhẽi, amanhã.
amarelado, amarellado.
amaricano, americano.
amávil, amavel.
àmefariz, almofariz.
ametir, admittir.
Amblina, Emblina e **Imblina**: Umbelina.
ambos di dois, ambos os dois.
ambrião, embrião.
àmentar, inventar.
amentolia, amotolia, amintolia, mentolia: almotolia.
Amércula, America.
amesandar-se, mesendar-se: amesendar-se.
amètade, amêtade, mêtade, mêitade, mêiâtade: metade.
amezade, amezidade, amiçade: amizade.
a módes que, pelos modos.
amôitoar, amontoar.
amorfanhar, amarfanhar.
àmotacé, almotacel.
àmoxarife, almoxarife.
ampola, empola.
amprâdor, emparâdor, emprâdor, impârâdor: imperador.
amuar, não se desenvolver. (Esta planta *amuou*, ou está *amuada*).
analze, anályse.
Ànastacia, Anastacia.
ançárro, encêrro.
ancôlhas, encolhas.
andagóra, ondagóra, ontagóra, ontagóira: ainda agora.
andancia, andança.
andino, endigno, indino: indigno.
andoenças, endoenças.
anemar, animar.
anesprêro, nespereira.
anexim, alcunha.
Angelca, Engelca: Angelica.
anglo, angulo.
anh?, hein?
aniceto, insecto.
ànis, anus.
aniversairo, anniversario.
Anriques, Henrique.
ansanguentar, ensanguentar.
ansiadade, ansiedade.
antã, antão, atão, intão: então.
antescedencia, antecedencia.
antiado, entiado.
antitular, intitular.
Atónho, Atonio, Atónho, Tónio: Antonio.

antre: 1); ante; 2) entre.
antrelinha, entrelinha.
antreluzir, entreluzir.
antremês, entremês.
antremeter, entremetter.
antressor, **antessor**: antecessor.
antrior, **entrior**: interior.
antusiasmo, enthusiasmo.
anunço, annuncio.
anurisma, aneurisma.
anzonas, enzonas.
apacentação, apascentamento.
aparcer, apparecer.
apàzugar, apaziguar.
ápece, apice.
apeganhar, apegar.
apendícos, appendiculos.
àpenião, **oupenião**: opinião.
apêrador, apeirador (o que trata das alfaias da lavoira.)
àperce, alperce.
aperciar, apreciar.
apergoar, apregoar.
apertilho, aperto.
apezunhar-se, encostar-se.
apiaçar o gado: apertar o gado, forçando o a pascigar em pouco terreno.
apiàdar, apiedar.
apipinar, apepinar.
aplàdir, applaudir.
aplaso, applauso.
àplècía, **apurplecia**: apoplexia.
apodrocer, apodrecer.
apójo, apojadura.
apopriar, apropriar.
apossiar, apossar.
apostlo, apostolo.
aprefêçoar, aperfeiçoar.
apretar, apertar.
apricar, applicar.
apropiar, apropriar.
apuçonhar, apeçonhar.
aq'rir, adquirir.
aquáisqui, quasi que.
àque d'in rê, aqui d'elrei.
aquêl, aquelle.
aquidades, equidades (vantagens, conveniencias.)
àrada, airada *(vid'árâda)*.
àràtorio, **àràtoiro**: oratorio.
arbítro, arbitrio.
Àrêlia, Aurelia.
àremcús, **luzecús**: pyrilampo.
aréstia, aresta.
àrestocracía, aristocracia.
argalia, algalia.
argencia, agencia.
àrgolário, fallador, trapalhão.
àrguementos, argumentos.
argulhóso, orgulhoso.
àrientar, orientar.
ariosca, arriosca.
àrlequim, arlequim.
arnéla, mau genio. (Ter *árnella*).
Arnelas, Ornellas.
Arnesto, Ernesto.
àrora, aurora.
arrabanhar, arrebanhar.
arranca pinhêros: homem baixo de estatura. e gordo.
arrastrar, arrastar.
arrate, arratel.
arrecádia, arrecada (argola das orelhas.
arrecuão, arrepelão.
arregògádo, buliçoso.
arrepente, desmaio.
arriòla, arriosca.
arriosca, ariosca.
àrtemágens, exercicios gymnasticos.
àrtibanco, arquibanco.
àrtista, artista.
àrvorada, alvorada.
árvre, **árvem**, **árvi**: arvore.
asádo, certo vaso com asas.
asoroso, asqueroso.
asilio, asylo.
áspro, aspero.
assalganhar, confundir, misturar.

asséínha, assênha: azenha.
àsseluto, absoluto.
asservar, óssservar: observar.
assestir, assistir.
assintar, assentar.
àssoluto, absoluto.
àssolver, absolver.
àssólvição, absolvição.
assuísse, barulho, assuada.
assuliar, auxiliar.
assurriar, dar surriada.
ass'viar, assobiar.
ass'vio, assobio.
àstinado, obstinado.
astrever-se, atrever-se.
atá, até.
atabafilho, atabáfêra: atabafamento.
atalicádo, sujeito a quem outro desgosta e tortura com insistencia.
atanazar, atenazar.
atanger, attingir.
atàquí, até aqui.
atarentar, atarantar.
atarracado, homem grosso e baixo.
atarraçar, atenazar.
atègar, resistir. supportar.
atègora, atàgóra, entègòra, tégora: até agora.
atentar, inclinar-se. (F. *attenta* para Maria: quer requestá-la, namorá-la.)
àtercar, altercar.
àtilisar, àturizar: utilisar.
atóçar, açular.
àtócia, autopsia.
atólito, attonito.
atomatado, zangado.
atopir, entupir.
atremeter, intrometter.
atrèvado, intrevado.
atrivemento, atrevimento.
atrodoar, atordoar.
atrogalhado, mal arranjado.
atromentar, atormentar.
á ula ula, á ufa ufa.
Avaristo, Evaristo.
ável, ávil: habil. (Tempo *ável* e *ávil*).
ávem, ave.
aventejar, ventar (soprar o vento).
àventesma, àvestesma: abantesma.
averbado, abarbado.
aversairo, adversario.
avinçar, avençar: avançar.
avintal, avental.
avintura, aventura.
avoar, voar.
avondança, abundancia.
avondante, abundante.
avorrecer, aborrecer.
azebiche, azeviche.
azentar, ausentar.
azevía, especie de frito.
azevre, azebre.

(Continúa).

A. Thomás Pires.

FABULARIO PORTUGUÊS

MANUSCRITO DO SEC. XV

Em 1900 tive a felicidade de encontrar na Bibliotheca Palatina (*Hofbibliothek*) de Vienna d'Austria um livro manuscrito, em português, que tem no respectivo Catalogo esta marcação: «3270* Philol. 291». A lettra concorda com a de documentos portugueses datados do seculo XV; é boa e uniforme. O titulo do livro diz o seguinte, em lettra muito mais moderna que a do corpo da obra: *Fabulae Aesopi in lingua Lusitana.*

O livro está escrito em papel, com margens. Consta de 48 folhas, numeradas modernamente até 46, porque a numeração das folhas 28 e 40 está repetida. O verso da folha 46 está em branco. Por isso o numero total de paginas escritas é de 95. Ha paginas que tem 29 linhas; outras tem menos. Altura das folhas: 0^{m},215; largura: 0^{m},145. Altura da parte escrita, quando cada pagina tem o maior numero de linhas: 0^{m},140 a 0^{m},145; largura: 0^{m},100. A tinta é desmaiada, um tanto amarella. Varias folhas estão deterioradas pela traça e umidade, sobretudo as de n.ºs 25, 34-r, 38, 39, 41-r e 42 r, onde ha falhas de palavras. Outras tem estragos menores.

Na fl. 1-r. ha uma illustração á penna, e ha outra na fl. 3-v. Pelo meio do livro ha varios espaços em branco para conterem outras illustrações que não chegaram a ser feitas. Cada capitulo tem no principio um espaço em branco, destinado a receber uma lettra capitular floreada, que só rara vez chegou a escrever-se.

O volume foi encadernado em pergaminho branco; tanto na parte anterior como na exterior vê se ao centro, por fóra, o brasão da Austria. Na parte anterior, em cima, vêem-se as iniciaes da Bibliotheca de Vienna, e em baixo as de um antigo bibliothecario e a data da encadernação, — tudo disposto assim:

E. A. B. C. V.

Brasão da Austria

17. G. L. B. V. S. B. 53

Tanto o brasão como as lettras e a data são doirados. As iniciaes superiores significam: *E(x) A(ugustissima) B(ibliotheca) C(aesarea) V(indobonensi)* [1]. As inferiores: *G(erardus) L(iber) B(aro)* [2] *V(an) S(wieten) B(ibliothecarius)*, com a data de 1753. — Altura da capa: 0m,22; largura: 0m,1450; largura da lombada: 0m,020. Na lombada collaram-se duas tiras de papel encarnado, uma superior á outra, que dizem respectivamente:

FAB. ÆSOP. LING. LVSIT.	COD. MS. PHILOL. CCXCI

Como o titulo o mostra, o livro consta de fabulas em português; ellas todavia não são traducções de Esopo, são apenas no gosto esopiano. Chamo provisoriamente ao livro FABULARIO PORTUGUÊS. As fabulas são em numero de 63, ou, se contarmos como uma unica as de n.º XLIX e L, em numero de 62.

*

Na transcrição sigo sempre o ms., exceto no seguinte: emprégo lettra maiuscula inicial nos nomes proprios, e depois de ponto final; substituo o *s* longo, ou *ſ*, por *s*; substituo por *rr* um sinal que no ms. representa *r* forte (quasi sempre inicial) [3]; escrevo *i, ij*, por *ı, ȷ* accentuados; *j* por *J*; *y* por *y* pontuado; separo as palavras procliticas, quando (por ex., a conjuncção *e*, a preposição *a* e *de*, o artigo definido singular, etc.) vem unidas á palavra principal; separo por traço de união, como hoje se faz, as encliticas que no ms. vem unidas á palavra antecedente (escrevo, por ex., *tornauan-sse* por *tornauansse*); uso de apostropho para indicar a omissão que na pronuncia se fazia de certas vogaes (por ex. escrevo *lh'o* por *lho*); desfaço as abreviaturas, regulando-me pela maneira ordinaria como as mesmas palavras estão noutros passos, quando escritas por inteiro [4]; separo os §§; noto por travessões os dialogos; pon-

[1] *Vindobona* é, como se sabe, o nome da cidade antiga a que hoje corresponde Vienna, e por isso o nome adoptado para esta quando se escreve em latim.

[2] *Liber baro*, titulo nobiliario, «barão», = allemão *Freiherr: Frei* «liber», *Herr* «baro».

[3] Faço sem hesitação esta mudança, porque algumas vezes o tal signal alterna com *rr* no manuscrito. Podia, tambem, em vez de *rr*, adoptar R.

[4] A abreviatura *nhũ* por *nehum* ou *nem hum* é sistematica, e por isso deixo-a. Tambem hoje adoptamos sistematicamente certas abreviaturas, que nunca desfazemos, por ex.: «V. Ex.ª», «D.», «Fr.» e outras. No ms. não se adopta porém a este respeito regra constante. Convém notar o seguinte. No ms. encontra-

tuo [1] e accentuo moderadamente [2]. Com relação ás nasaes, observa-se no ms. que estas estão representadas por tres maneiras: por *m*, por *n* e por til. O *m* e o *n* alternam indifferentemente no corpo da palavra (*emveja, omde, homrra, ssenbramte, paamcadas, enpeecer*), mas o *m* é muito mais frequente que o *n*; no fim de palavra raras vezes se encontra *n*. O til usa-se principalmente no fim de linha, ou proximo do fim, para abreviar a palavra, e esta não ultrapassar a margem; tambem nas mesmas condições se usa ás vezes *n*. Ha porém casos em que o til se usa sem regra: *correrõ, mũdo*, longe do fim de linha. E' tambem frequente *nõ, my* com til (=*mim*) e *tpo* com til (=tempo). Os ditongos ou digraphos são quasi sempre notados com til: *homẽes, rãas, coraçõoes, hũu, hũa*. Pela minha parte, faço a respeito das nasaes o seguinte: substituo o til por *m*, quando eu vir que elle representa abreviatura; deixo-o nos casos em que é evidente que elle se adota sistematicamente (ditongos, etc.) [3]; conservo sempre o *n*, mesmo quando elle está no fim de linha. — Como no ms. se usa *ç*, mesmo antes de *e* e *i*, restituo a cedilha quando ella faltar, pois vê se que falta por engano. — Em todos os outros casos em que eu me afastar do original, indica-lo-hei em nota. Os accrescentamentos, incluindo os titulos do prologo e das fabulas, serão postos entre colchetes.

*

Seguidamente ao texto apresentarei um vocabulario, farei algumas considerações linguisticas, accrescentarei umas paginas com annotações ás fabulas e um estudo litterario d'estas.

Como reservo para o vocabulario a explicação das expressões que necessitarem d'ella, só raro accrescentarei ao texto notas que não sejam meramente paleographicas ou phoneticas.

A presente edição, apesar de critica, é pois quasi diplomatica. O

se frequentemente *dĉco, fĉco, dĉcor*, por *dĉto, fĉto, dĉtor* etc., latinismos orthographicos tradicionaes por *dicto* (dictus), *fecto* (factus), *doctor* (doctor); transcrevo essas palavras, e outras analogas, com *ct*. Quando estiver por extenso *autor, douctor, doutor*, transcrevo assim mesmo. Não ha duvida que na pronúncia o *c* não se fazia ouvir. — No ms. oscillam *pollo*, com *o*, e *pella*, com *e*, etc., oscillação que correspondia, como hoje, á pronuncia; como muitas vezes se encontra escrito *pllo, plla* etc., com *ll* cortados, é impossivel saber se quem escreveu queria representar *e* ou *o*: para a transcrição regulo-me pela fórma mais proxima d'esse logar, quando escrita por extenso. — Outras particularidades vão assinaladas nos seus logares.

[1] No ms. o ponto final está frequentemente indicado por dois pequenos traços verticaes e parallelos (//). Ha ainda outros sinaes de pontuação: por exemplo um ponto (.) serve de virgula ás vezes.

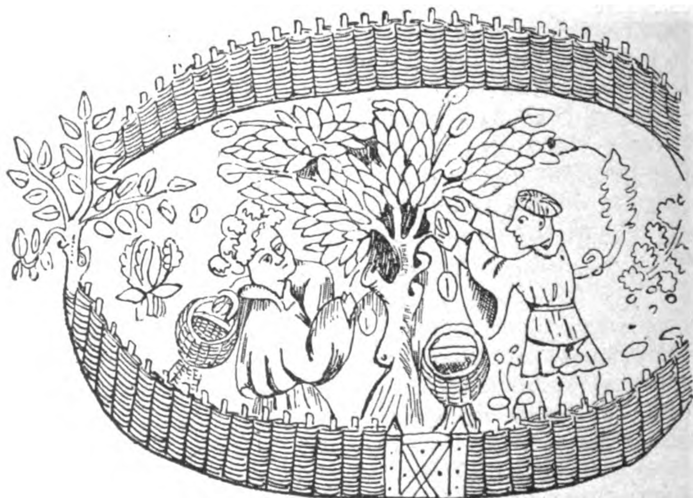
[2] Com estas alterações, que em nada modificam a pronuncia, torno o texto mais facil de ler.

[3] No ms. o til abrange geralmente mais de uma lettra. Quando as lettras são vogaes, não se póde saber a qual d'ellas propriamente pertence; comtudo escrevo *rãa, hũu, coraçõoes* etc., com o til na primeira.

manuscrito está inedito, e apparece agora a lume pela primeira vez. Tanto quanto pude averiguar, nunca nenhum historiador da nossa litteratura teve conhecimento d'elle. Escusado será encarecer a importancia da publicação, quer sob o aspecto litterario, quer sob o aspecto linguistico [1].

J. Leite de Vasconcellos.

[PROLOGO DO AUCTOR]



* [Fl. 1-r]. [2] [S]egumdo diz o *Liuro da uida e dos costumes dos philosofos*, conta-sse que no tempo d'ell-rrey Çiro, rrey de Persia, este autor viuia o quall sse chama Exopo Adelpho, e foy greguo da çidade de Amtiochia e foy ajmda poeta famosisimo e de graimde emgenho, o

[1] Quando estive em Vienna d'Austria em 1900, copiei algumas fabulas directamente do ms., e fiz um indice d'ellas. Como porém a copia me levava muito tempo, obtive para a Bibliotheca Nacional de Lisboa uma photographia de toda a obra, e por ella me regulo agora. Esta photographia, que ficou excellente, tirou-a o Sr. E. Schattera (Wien, Hauptstrasse, nr. 95), por intermedio do Sr. Dr. R. Beer, illustre funccionario da Bibliotheca Palatina. O texto que hoje publíco foi copiado da photographia pelo Sr. Balbino Ribeiro, 2.º conservador da Torre do Tombo, e collacionado com ella pelo Sr. Pedro d'Azevedo, 1.º conservador do mesmo estabelecimento, e por mim.

[2] Na margem esquerda lê-se em lettra moderna: *Ms: Phil: 201 | Fabulæ Æsopi | in Linguâ Lu- | sitanâ |. Cyro Rey de Persia.* E mais a baixo: *Translatur e | Greco in | latin |*.

quall fez este liuro em greguo. e depois foy trelladado de greguo em latino de hũu ssabedor chamado Rromulo. Aqueste Exopo no primeiro anno do predicto rrey Çiro sse comta que fosse morto de maa morte per emveja.

Este Exopo em aqueste sseu liuro poem [1] muytas estorias ffremosas d'animalias, de homẽes e de aues e de outras cousas, segumdo em elle veredes, pellas quaaes ell nos emsinaua como os homẽes do mumdo deuem de viuer virtuosamemte e guardar-sse dos males.

E assemelha este sseu ljuro a hũu orto no quall estam flores e * [2] fruytos: pellas frores sse emtemdem as estorias, e pello fruyto sse emtende a semtença da estoria; e comvida os homẽes e amoesta-os que venham a colher das frores e do fruyto [3]. Ainda compara este sseu liuro [4] aa noz, que ha dura casca, e haos [5] pinhõoes, que demtro teem ascomdido o meolo que he ssaborido: assy este liuro tem em ssy escondido muytas notauees semtenças. * [Fl. 1-v.]

I. [O gallo e a pedra preciosa]

[C]omta-sse que hũa vez hũu guallo, amdamdo em hũa caualariça escaruando por achar algũa cousa pera comer, [6] achou hũa muy fremosa pedra preçiosa; e maravilhou-sse e disse:

— Ó gema preçiosa e nobilisima, a quall jazes em aqueste vill luguar: tu nom fazes a mym nhũ [7] proueyto; mais sse te a ty achasse outra perssoa [8] que conhoçesse o teu nobre esplamdor, tu sserias posta em algũu luguar arteficioso e nobre. Çerto tu nom es compridoyra a mym, nem eu a ty [9]. Eu sseria mays ledo sse achasse hũa pouca de hisca pera comer, que achar ty.

Per aquesta hestoria rreprehemde este auctor os ssamdeus e homẽes de pouco emtender, os quaaes nom curam nem querem curar por a sçiençia quamdo podem; e quamdo achan algũa cousa que lhe sseria proueytosa, ha despre*çam e nom curam d'ella, e ao depois sse rrepemdem: assy que pello gualo sse emtende o ssandeu, e pella pedra preçiosa [10] sse emtende a graça da ssapiemçia, a quall nom he conhoçida dos samdeos, mais he conhoçida dos sabedores. * [Fl. 2-r.]

[1] Assim está no original. Leia-se *põe*.
[2] Repete-se *e* no começo da pagina.
[3] A esta imagem allude o desenho (á penna) no começo do prologo.
[4] Segue-se *q* riscado.
[5] Entenda-se «aos», dependente de *compara*.
[6] Segue-se um *e*, que parece estar riscado. De facto, não faz sentido.
[7] Leia-se *nem hũu* ou *nehũu*.
[8] No ms. *pssoa*, com *p* cortado na perna.
[9] Sobre o *ty* vê-se um til (um tanto sumido). Foi engano por influencia do *mym* precedente, isto é *my* com til. Logo a baixo o ms. tem normalmente *ty*.
[10] No ms. *pçiosa*. Acima porém está *preçiosa*.

II. [O lobo e o cordeiro]

[C]omta-sse que o lobo bebia hũa vez em hũu rribeyro, da parte de çima, e o cordeyro bebia em aquell medês rribeiro, da parte de fumdo. Disse o lobo ao cordeyro:

— Porque me luxas a augua e dapnas este rribeyro?

E o cordeyro rrespomdeo e disse homildosamemte:

— Eu nom te faço emjuria, nem luxo o rrio, porque a augua corre comtra mym, e a augua he muy clara; e pero sse a quisese aboluer, nom poderia.

Outra vez o llobo braada forte e diz:

— Nom te auonda que tu me fazes emjuria e dapno, e ajmda me ameaças?

E o cordeyro outra vez homildosamemte rrespondeo:

*[Fl. 2 v.] — Nom te ameaço, * mais eu me escuso com boa rrazom.

E o lobo respomdeo outra vez:

— Ajmda me ameaças? Já ssemelhauyll [1] jmjuria me fezeste tu e teu padre, ssom já bem sseis meses.

O cordeyro disse:

— Ó ladrom, eu nom ey tanto tempo!

E o llobo jroso disse:

— Oo maao rrapaz, ajmda ousas de falar?

E foy-sse a ell e matou-ho e comê'-o [2].

Em aquesta hestoria rreprehemde este autor os ssoberbosos e os arrogamtes homẽes do mumdo, os quaaes comtra os homildosos jgnoçemtes sse esforçam de buscar cajom comtra rrazom, por que ssem rrazom [os] possam offemder e fazer-lhe maas obras. E pollo lobo sse emtende[m] [3] os arroguantes e maaos homẽes, e pollo cordeyro os homildosos e ignoçemtes. E como este lobo mata este cordeyro ssem rrazom, assy ho maao homem faz mall ao boo ssem lh'o mereçer.

III. [O rato, a rã e o minhoto]

*[Fl. 3 r.] * [C]omta-sse que hũu rrato, amdando sseu caminho pera emderençar sseus neguoçios, ueo arriba de hũa augua, a quall ell nom podia passar. E estando assy cuydoso arriba da augua, veo a ell hũa rrãa e disse-lhe:

— Sse te prouuer, eu te ajudarey a passar esta augua.

[1] No ms. *semelhaũl;* na fab. XXXIV por extenso *estauyll*.

[2] =comeo-o. No ms. *comeo*. Podia tambem transcrever-se *comeo-'*, e semelhantemente as palavras analogas que apparecem adeante.

[3] Esta palavra no texto vem em fim de linha, e por isso, segundo a regra das nasaes (vid. Introducção), devia ter *ẽ*, mas o til não se percebe; só adeante, e em cima, ha um ponto.

E o rrato rrespomdeo que lhe prazia e que lh'o agradeçia muyto. E a rrãa fazia esto pera emganar o rrato, e disse-lhe:

— Amiguo, legemos [1] hũa linha no pee teu e meu, e ssube em çima de mym.

E o rrato feze o assy. E depois que forom no meo da augua, a rrãa disse ao rrato:

— Dom velhaco, aqui morreredes maa morte.

E a rrãa tiraua pera fundo, pera afoguá-lo de so a augua; e ho rrato tiraua pera çima. E estamdo em esta batalha, vi'-os [2] hũu minhoto que andaua voamdo pello aar, e tomou os com as hunhas e comê'-os [3] ambos.

Em aquesta hestoria este doutor rreprehemde os homẽes, os quaes com boas palauras e doçes, de querer fazer proll e homrra a sseu proximo, <e> [4] emganosamente lhe<s> [5] fazem maas obras, porque all dizem com as limguoas e all teem nos sseus coraçõoes.

E esto sse demostra per a rrãa, a quall dizia que queria passar o rrato, e tijnha no sseu coraçom preposito de ho afoguar e matar, como dicto he em çima [6].



1 Leia-se *leguemos*.

2 =vio os. No ms. *vios*.

3 =comeo-os. No ms. *comeos*.

4 O *e* está de mais, postoque nos textos antigos o uso de *e* não seja sempre rigoroso. Foi aqui talvez escrito por influencia do *e* seguinte.

5 Esperar-se-hia *lhe*, por se referir a *proximo;* mas no espirito do auctor ou no do copista a ideia de *homẽes*, que apparece no começo do periodo, alternou com a de *proximo*, e o *lhe* foi referido a ella.

6 No desenho á penna, illustrativo da fabula que acaba de se transcrever, lê-se adeante do bico da ave: *syyo vioviovio*, o que traduz a voz d'ella.

IV. [**O cão que cita o carneiro em juizo**]

* [Fl.3-v.] * [C]omta-sse que foy hũa vez gram demamda amtre o cam e o carneyro.

E o cam fez çitar o carneyro per diamte o corregedor, e demandou-lhe que lhe desse çerto trijguo que lhe emprestára; e o carneyro, que d'aquelo nom ssabia parte, neguou-lh'o [1] com rrazom, e defendia-sse o milhor que podia, dizemdo que lhe nom prestára cousa. O cam maliçioso [2] pressemtou testemunhas [3] per diante o dicto corregedor, as quaaes eram falsas e de maa fama, ·s· o minhoto, a abúter e o lobo. As quaaes testemunhas depois que forom examinadas, visto ho dizer dellas, foy dada a semtença comtra ho carneyro, e foy-lhe mandado que paguasse a dicta ssoma do trijguo ao dicto cam.

E o carneyro, veendo que nom avia per hu paguar, mandaronlhe que vemdesse a llãa. E assy o fez; e o frio era grande, e por mingua da lãa o carneyro morreo de frio. Depois que morreo, veo ho

* [Fl. 4-r.] cam com as testemu*nhas e comerom ho carneyro.

Em esta hestoria este doutor rreprehemde os mãaos, os quaaes prouam as mintiras com falsas testemunhas [4] e afoguam a verdade; e rreprehemde ajnda o juiz, o quall nom he auisado de conhoçer as falsas testemunhas [5], e dá ssua semtença falsamente. E pollo [6] cam sse entemde ho maao homem, e pollo [7] carneyro ho boom e homildoso.

V. [**O cão e a posta de carne**]

[C]omta-sse que hũa vez hũu cam furtou hũa posta de carne; e fugindo com ela passaua per hũa pomte, e memtres que passaua, guardou na augua, e vio a ssoombra da carne que leuaua na boca, a

[1] No ms. *neguolho*. Tambem podia entender-se *negou-lh'o;* cf. *rugoulho* noutro passo.
[2] No ms. *maliçõso*. O til representa o *i*.
[3] [4] [5] No ms. *ts* com til (cfr. lat. testis, pl. testes) neste ponto; mais a baixo, por extenso, como escrevo.
[6] [7] No ms. *pllo*, com *ll* cortados.

qual ssoombra pareçia a elle que era duas [1] tamta carne que aquella que [2] elle leuaua na boca. E veemdo a ssoombra, deytou-sse na * augua, cuydamdo tomar a outra carne. e abrio a boca; e abrimdo a boca pera tomar a ssoombra que lhe ssemelhaua carne, cayo-lhe a carne que leuaua na boca: e assy perdeo hũa e a outra. * [Fl. 4-v.]

Em aquesta hestoria ho douctor rreprehemde ha [3] aquelles que leixam as cousas çertas pellas jmçertas, e querem leixar as ssuas cousas por cobijça de cobrar as alheas, assy como fez este cam, que leixou perder a carne que leuaua na boca, por cobrar a ssoombra que lhe pareçia mayor.

VI. [O leão que vai com outros animaes á caça]

[C]omta-sse que hũa vez estas animalias predictas [4] fezerom todas companhia com esta comdiçom: que todas jumtamente fossem aa caça, e quamto filhasem, assy a gramde como a pequena [5], partisem igualmente em tall guysa, que cada hũu ouuesse ssua derejta [6] parte. E forom a ssua caça, * e a poucos passos o liom achou hũu çeruo, e como o vio, loguo o emcalçou, e filhou-ho e fez delle quatro partes, e disse: * [Fl. 5-r.]

—Eu mamdo que sse faça d'este çeruo assy: eu ssoo [7] herdeyro da primeyra parte, porque eu deuo de sseer prymeyramente homrrado; a ssegumda parte deuo de auer, porque ho [8] filhey; a terçeira parte deuo d' auer, porque filhey mayor afam [9] em ho tomar que nhũu de uós; a quarta parte quero pera mym,—e sse algũu de uós heque m'a queyra tolher, nom será meu amiguo.

[1] Isto é: *duas vezes tanta carne.*

[2] Depois de *que* está riscada a palavra *possta.*

[3] = *a.* Podia transcrever-se tambem: *haaquelles.*

[4] O A. emprega a expressão *predictas*, porque no começo da fabula devia haver um titulo com uma estampa representativa da acção; e effectivamente no ms. ficou espaço em branco para isso. (Aqui a estampa devia ir no começo e não no fim, como na fabula III; pois no fim não ha espaço).

[5] Subentende-se *caça*, palavra dita pouco antes.

[6] No ms. *djta*, com *r* sobre o *j*; na fab. LX por extenso *dereyto.*

[7] Talvez por *ssõo;* cf. *ssoom* na fab. XI, e *som (ssom)* noutras.

[8] Refere-se ao cervo.

[9] No ms. lê-se melhor *afom* (não *afan*) que *afam*. Na fab. XLI *afam* e *offam.*

E per esta guisa o leom ouue todo ho çeruo, e sseus parceiros nom ouuerom nhũa cousa.

Em aquesta hestoria este douctor rreprehemde os homẽes pequenos e de pequena comdiçom que tomam companhia com os gramdes e poderosos, — e [1] porque ho homem poderoso póde fazer força ao homem de pequena comdiçom, e nom lhe podem comtradizer: como fez o leom a sseus companheyros.

VII. [**O casamento do ladrão e o do sol**]

* [Fl. 5-v.] * [F]oy hũa vez hũu ladrom, e quys-sse casar com hũa molher: e de fecto [2] casou se com ella. E os vezinhos e amiguos fezerom gramde festa. Hũu homem ssabedor, o quall moraua em aquella rrua, chamou os vezinhos e disse-lhe este emxemplo:

— Hũa vez o ssoll quis tomar molher, e a terra queixou-sse muito ao deus Jouis, dizemdo-lhe que, sse o ssol tomasse outra molher, faria outros filhos, que sseriam ssolles e dariam tamta queentura de ssy, que nhũa criatura nom poderia viuer em ella. E assy fará este ladrom: fará filhos, e fará-os ladrõoes assy como ssy. E ora teemos em elle hũu maao vezinho, e depois terremos muytos.

Em aquesta estoria este douctor [3] nos demostra que nos nom deuemos d'alegrar da bem auemturamça dos maaos homẽes, os quaaes ssempre fazem mall; e nunca os deuemos de ajudar, porque quanto mais ajuda e bem lhe fazemos, mais poderio lhe damos de mall obrar: como fez este ladrom, que sse fazia poderoso de filhos pera poder muyto mais furtar.

VIII. [**O lobo e a grua**]

* [Fl. 6-r.] * [C]omta-sse que hũa vez hũu lobo avia [4] gramde fame, e achou carniça que auia muytos ossos. E comendo com gramde pressa da dicta carniça, atreuessou-se-lhe hũu osso na guarguamta, pella quall rrazom o llobo estaua em pomto de morte; e amdaua buscamdo phisico que lhe tirasse o osso, e achou a grua e rrogou-lhe aficadamente

[1] Isto é: *e isto*.
[2] No ms. *fc̃co*. Creio que deve transcrever-se *fecto*, e não *facto*.
[3] No ms. *dõuctor*. Apesar do *u* e do *c*, ha ainda til (de certo por equivoco).
[4] Assim se lê no ms. por *auia*. Ha outras irregularidades semelhantes.

que lhe tirasse o dicto osso, prometemdo-lhe que, sse ho désse ssaão, que lhe faria muyto alguo.

E a grua, ouvimdo sseu prometimento, prometeo de lhe dar ssaude e disse:

— Abre a boca.

E o llobo abrio a boca, e a grua lhe tirou o osso que trazia na guargamta trauessado. Depois a grua lhe rrogou que lhe désse o que lhe prometera; e ho * [1] lobo lhe disse: * [Fl. 6-v.]

— Eu fize a ty mayor graça que tu fezeste a mym, porque eu dey a vida a ty, ca eu te podera talhar ho collo com os meus demtes quando tu meteste a cabeça e o teu collo na minha boca, e nom te quys matar: sseja descomtamento do seruiço que tu me fezeste.

E per esta guysa ficou emguanada a grua.

Por esta hestoria ho douctor nos demostra que nós nom deuemos d'ajudar os maaos [2] homẽs [3], porque os maaos nom agradeçem nem ssom conhoçemtes do bom seruiço que lhe outrem faz, mais muytas vezes dam maao grado a quem lhe faz bom seruiço. No emxemplo [4] diz que ha [5] emgratidõoe sséca a fomte da piedade.

IX. [A cadella que pediu a casa a outra]

* [C]omta-sse que hũa cadella prenhe, queremdo parir e nom avemdo casa, disse a outra cadella, que era muyto ssua amigua, a quall tijnha hũa fremosa casa: * [Fl. 7-r.]

— Rrogo-te, amigua, que me emprestes a tua casa ataa que eu payra meus fi[lhos] [6].

A cadella rrespomdeo que lh'a queria emprestar de boamente. E leuou haa [7] dicta cadella prenhe pera ssua casa, e leixou-lhe a casa ataa que parisse.

Esta cadella prenhe pario e fez sseus filhos. E d'hi a hũu çerto tempo tornou a cadella cuja era a casa, e rrogou aa outra cadella que lhe desembargasse ssua casa. E a cadella muyto hirosa ssayo fora com sseus filhos; [8] compeçarom a dizer muytas maas palauras e morder todos na cadella, dizemdo:

— Falsa rribalda, nom ssabemos que dizes, ca esta casa he nossa.

[1] Na 1.ª linha da fl. 6 v. repete-se: *e o*.
[2] No ms. *mâaos*.
[3] No ms. *homẽs* por *homẽes*. A palavra está em fim de linha.
[4] No ms. *ex°* (por *ẽx°*), perto do fim da linha.
[5] = *a* (artigo).
[6] O que ponho entre colchetes está delido no manuscrito.
[7] = *aa* (preposição e artigo).
[8] Aqui falta talvez *e*. Por *compeçarom* o ms. tem *compecarom*.

E veemdo a cadella que sse nom pudia defemder da madre e dos filhos, fugio e leixou-lhe a casa.

Em aquesta hestoria ho douctor nos dá emsinamento e diz que nós nom deuemos creer aquelles que nos querem emguanar com falsas e doçes palauras. Ca muytas vezes acomteçe que muytos homẽes no mundo ssom emguanados com emguanos de palauras doçes. E esto sse entemde d'aqueles que hũa palaura dizem pella boca, e outra teem no coraçom [1].

X. [O villão que recolhe a serpente]

* [Fl. 7-v.] * [C]omta sse que no tempo do jmuerno hũa sserpemte muy fremosa jazia arriba d'hũa auga corremte. e jazia tamto fria com o rregelado. que nom ssabia de ssy parte. E hũu villãao. passamdo per o dicto rribeyro, vio a dicta serpente muyto fremosa com muytas diuersas colores. e ouue doo d'ella. porque ha via assy morta de frio, e tomou-ha e meteo ha no seo. E leuou-ha a ssua casa, e maudou fazer muy gramde foguo, e tirou ha serpemte do seo e posse ha açerqua d'elle, e aqueemtaua-a o milhor que elle podia; e quando a serpemte foy bem queemte, vio-sse poderosa e leuamtou-sse em pee comtra ho villãao. deytamdo comtra elle peçonha pella boca, e queria [2] ho morder. E o villaão, veemdo esto. fez quanto pode ataa que a lamçou fora de casa com gram t[r]abalho [3].

---

* [Fl. 8-r.] * Em aquesta estoria o doctor nos emsina que nom deuemos ajudar os maaos [4] homẽes quamdo os veemos em algũus prijgos [5], porque. sse algũu bem lhe fazemos. ssempre d'elles auereмos maaos mereçimentos. como fez esta coobra, que deu maao gualardom àquel [6] que a liurou do prijgo [7] da morte.

XI. [O asno e o porco]

[C]omta-sse que hũa vez hũu asno encontrou com hũu porco montês, e ssaudamdo-o disse com boo [8] coraçom:

1 No ms. *coracom.*
2 No ms. *q̃ria.*
3 No ms. *tabalho*, sem sinal algum de abreviatura.
4 No ms. *mãaos.*
5 No ms. *pijgos* com *r* sobre o *p*. Por extenso *prijguoo* na fab. XLVI.
6 No ms. *aquell* (= *aaquell*).
7 No ms. *pijgo*, com *r* sobre o *p*. Cfr. nota 5.
8 No ms. alterna *boo* (e *boos*) com *bõo* e *bom*.

—Deus te ssalue, senhor porco. Compre-te de mym algũu seruiço? Eu prestes ssoom pera vosso mamdado.

E o porco rreçebeo as doçes palauras por emjuria, e ameaçamdo com a cabeça, disse:

—Quem [1] es tu, vilãao, que ás tamta audaçia que me ssaudas? Se nom fosse porque [2] nom quero luxar o meu fremoso demte na tua vil * persoa, eu te adubaria como tu mereçes! * [Fl. 8-v.]

E o asno, ouuindo estas palauras, partio-sse com gram temor.

Em aquesta hestoria ho autor nos emsina que nos nom deuemos de assanhar d'algũa cousa que nos sseia dicta por bem e por folgamça. E ajmda nos emsina mais que, sse nos algem ssauda, que nos nom assanhemos [3], postoque a persoa proue sseja, e que nom despreçemos os proues, porque dho [4] rrico ao proue ha gram comparaçom: ca ho rrico muytas vezes escarneçe ao proue, e nom dá graças a Deus da mercê que lhe Deus fez.

XII. [**O rato da cidade e o da aldeia**]

[C]omta-sse que hũa vez hũu rrato que moraua em hũa çidade, amdando a hũa aldea omde moraua outro rrato sseu amiguo, quamdo este rrato da çidade chegou aa aldea omde moraua, este rrato sseu amigo ouue com elle gramde prazer, e dey-lhe a comer fauas e trijguo e er*uanços [5] com outros mamjares. * [Fl. 9-r.]

E depois que assaz comerom, o rrato da çidade deu muytas graças ao rrato da aldea, de quamta cortesia lhe fezera, e rrogou-lhe que viesse aa çidade [6] com elle aa casa omde moraua, que aly lhe emtemdya de dar muytas delicadas higuarias. Tamto o rrogou, que o dicto rrato sse ueo com ell aa çidade.

E leuou-ho a hũa cozinha omde elle moraua, na qual avia muytas gallinhas [7] e carne de porco, com outros boos comeres; e rrogou-lhe que comesse aa sua vomtade. E estamdo elles assy comendo sseguros a sseu talamte, chegou o cozinheiro [8] e abrio [9] a porta da co-

[1] A seguir está *es* riscado.
[2] No ms. repete-se *porque* por engano.
[3] Parte d'esta palavra está sobre lettras riscadas de *despreçemos*.
[4] = *do*. Primeiramente escreveu-se *ho;* depois *d* por cima, á esquerda.
[5] A pagina começa por *E eruanços*, apesar de na antecedente já estar *e er-*.
[6] No ms. *cidade*.
[7] No ms. *gªs*.
[8] No texto por lapso *conhozinheyro* (cf. *cozinheyro* infra). Infl. de *conhocer* e do *nh* seguinte.
[9] Depois de *abrio* ha uma lettra riscada.

zinha; e o rrato da çidade, que ssabia o custume da casa, fugio loguo, e ho outro rrato, porque nom ssabia o custume, ficou. E o cozinheyro, amdando em pos ell com hũu paao na maão [1] pera o matar, feri'-o [2] muy mall; empero fugio-lhe, e partio-sse muy mall ferido.

E o rrato da çidade, veemdo-o, chamou-ho, que outra vez viesse<m> [3] a comer com elle, e nom ouuesse [4] medo; e o outro rrato lhe respomdeo:

—Amiguo meu, ora fosse eu jajuum [5] do comvite que me fezeste! A mym praz mais de comer trijguo, fauas e heruamços em paz, que
*[Fl. 9-v.] gallinhas [6] e capões com temor e prijguo de morte. * A paz, a quall eu ssempre tenho comiguo, me faz a mym os meus comeres sseerem delicados. E porem teus comeres guarda-os pera ty, ca eu me comtemto do que hey.

E, as palauras dictas, partirom-sse.

Em aquesta estoria o doctor louua a proveza, e diz que quamdo a probeza sse toma com alegria de coraçom, nom sse deue chamar probeza, mas rriqueza, porque a probeza he a mays ssegura cousa que no mundo sseja; que milhor he a proveza que a rriqueza, a qual rriqueza ssempre faz viuer o homem com gram temor: e o probe que sse comtenta da ssua proveza mais rrico he [7] que ho rrico que nom sse comtemta, mais ssempre e numca he farto.

XIII. [A aguia que arrebata o filho da raposa]

*[Fl. 10-r.] * [C]omta-sse que hũa vez a aguia, andamdo buscamdo caça pera sseus filhos, achou os filhos da rraposa, e tomou-hos e leuou-hos a hũu ninho hu estauam sseus filhos, e queria-hos matar e dar-lh'os a comer.

Em esto estamdo, chegou a rraposa ao pee da aruor omde a aguya tijnha sseus filhos, e rogaua com doçes palauras que lhe desse<m> [8] sseus filhos; e a aguya lhe rrespomdeo que lh'os nom queria dar.

---

1 No ms. *maao*.
2 = *ferio-o*. No ms. *ferio*.
3 No ms. lê-se *viessem* com todas as lettras, mas deve ser *viesse*, como se mostra do *ouuesse* da oração seguinte. O *-m* resultou da influencia da ideia de «dois ratos» que estava na mente de quem escreveu.
4 No ms. *ouuvesse*.
5 Assim está, e não *jajũu*, como sería de esperar.
6 No ms. *gªs*.
7 Depois de *que* ha uma lettra riscada.
8 Quem escreveu pôs por equivoco *dessem*, pensando talvez na aguia e nos filhos, mas vê-se da sequencia das ideias que o sujeito da oração é só *aguia*.

E a rraposa, como he muyto maleçiosa, carretou muyta lenha e palha e estopa, e pô-la d'arredor da aruor domde a aguya tijnha sseus filhos, e foy por hũu tiçom e açemdeo o foguo e fez tam gramde fugeyra que os filhos d'aguia [1] estauam em pomto de morte; e a aguya começou a rroguar e a braadar aa rraposa que nom fezesse mays foguo e que lhe queria dar sseus filhos. E per esta guisa a rraposa cobrou sseus filhos.

Em esta estoria o douctor dá emsinamemto [2] aos gramdes homẽes que nom ssejam em todo crueuees, ca os pequenos homẽes de pequena comdiçom podem muytas vezes enpeeçer aos gramdes, e sse lhe nom poderem empeeçer, lhe podem fazer proueyto.

XIV. [**A aguia e o cágado**]

* [C]omta-sse que hũa vez hũa aguya leuaua hũu cáguado, com os pees, no haar, e nom ssabia como o comesse. E assy estamdo, ssaltou peramte ella hũa gralha e disse aa dita aguia: *[Fl. 10-v.]

—Queres que te dê hũu bom comsselho? Aleuamta-te bem em çima no aar e abre as hunhas e leixa cayr esse cáguado: e cairá em terra, e quebramtar-sse-ha, e emtom o poderás comer, ca he muy ssaboroso de comer.

E a aguia feze-o assy. E pella limguoa da gralha morreo ho cáguado.

Em aquesta hestoria o doutor ameestra os homẽes, que deuem temperar ssuas linguoas, e nom as deuem teer ssem freo, pollas quaaes póde proçeder dapno e escamdalo a sseu proximo, porque da limguoa que nom he temperada sse sseguem arroydos e mortes de homẽes e outros jmfijmdos males. E hũu proberbio diz:

A limguoa nom ha osso,
Mais rrompe o dosso.

XV. [**O corvo e a aguia**]

* [F]oy hũa vez hũu coruo que estaua em çima de hũa aruor, e tijnha hũu pedaço de queyjo na boca pera comer. E em esto estamdo, *[Fl. 11-r.]

[1] = da aguia.
[2] Aqui está *que* riscado; o escriba pô-lo por engano, em virtude do *que* seguinte.

chegou per hi a rraposa, e vio que o coruo tijnha o queyjo na boca, e começou-ho muyto de louuar, e dizia:

—Ho coruo, tu es hũa fremosa aue,—bramco e nobre! Sse tu ouuesses assy fremosa voz como tu has as ssimilidões do teu corpo, tu serias a mays fremosa ave do mundo! Rogo-te, ó amyguo, que camtes hũu pouco, ca muyto cobijço de te ouuyr camtar...

E o coruo, ouvindo ssuas palauras, começou de camtar; e cayolhe o queyjo da boca. E a rraposa o filhou muy asinha, e comê'-o [1], e escarneçemdo do coruo, dizia-lhe que era velhaco, e astrosa aue, e negro, e que o sseu camtar era muyto peor. Pola qual rrazom o coruo foy muyto nojoso polo escarnho que a rraposa d'elle fazia.

Em aquesta estoria o doctor nos emsina que nós nom deuemos creer pollas palauras meyguas, porque muytas vezes emganom os homẽes, e os homẽes quedam em vergomça, ca:

Muytas vezes o mell
Sse mistura com ffell.

XVI. [O leão velho, o asno, o touro e o porco]

*[Fl. 11-v.] * [C]omta-sse que hũu leom era tam velho que sse nom podia mouer; e emcomtrou com hũu asno e com hũu touro e com hũu porco. Veemdo estes que o leom per velhiçe nom sse podia [2] mouer, diserom amtre ssy:

— Ora he tempo que filhemos vimguamça d'este treedor, que matou nossos paremtes e fez [a] muytos mal [3].

E ho asno lhe deu dous couçes, e o porco com os demtes e o touro com os cornos. E o leom choraua e bradaua, dizemdo:

—Tempo fuy que eu vemçia todas as alimalias! E ora todalas animalias vemçem a mym! E eu perdoey a muytos, e estes nom perdoam a mym!

Per esta guisa o leom ficou choramdo.

Em aquesta hestoria o doctor diz que nas nosas bem avemturanças deuemos fazer muyto pera avermos amiguos e nom jmijgos, ca *[Fl. 12-r.] os * boos amiguos ajudam os homẽes nas ssuas pressas, e os emiigos

[1] = comeo-o. No ms. *comeo*.
[2] Aqui está *m* riscado, pois se tinha escrito antes *podiam*.
[3] No ms.: *fez muitos mal*.

fazem todo polo contrayro. Ajmda diz que o homem nom deue fazer a outrem aquello que nom queria que fosse fecto a elle.

XVII. [**O branchete, o seu senhor e o asno**]

[C]omta-sse que foy hũu senhor que tijnha hũu bramchete muy fremoso, com o qual muytas vezes brincaua; e o bramchete o mordia com a boca e o arranhaua com as maãos, como fazem os cãaes quamdo trebelham com sseu senhor. E hũu asno, veemdo que trebelhauam assy per muytas vezes, cuydou em sseu coraçom e disse:

—Eu todo o dia trabalho, e este meu senhor ssempre me mal diz e fere-me! Per vemtura o faz porque nom trebelho com elle, como faz este bramchete. Quero veer *se he assy. *[Fl. 12-v.]

E loguo começou de ssaltar amte sseu ssenhor e lamçou-lhe os braços no pescoço e começou de o abraçar e morder com os demtes; e o ssenhor começou de braadar, e os sseus seruydores veerom a elle com paaos e derom tamtas paamcadas ao asno que o fezerom fugir com gramde sseu dapno.

Em esta hestoria o doutor emssina aaquelles que nom ssom promptos a fazer as cousas e trabalham-sse de as fazer: que o homem nom·sse deue de trabalhar da cousa de que nom he meestre, ca sse o faz, mais asinha pode cayr em vergomça ca em homrra. E diz que ho ssamdeo cuyda [1] de fazer muytas vezes bem e faz mall. Ajmda diz que o ssamdeu faz muytas ssamdices, escarneçemdo de ssy pera fazẹr prazer a outrem.

XVIII. [**O calvo e a mosca**]

*[P]om este doutor emxemplo, e diz que hũu velho estaua ao ssoll com a cabeça [2] calua e descoberta, e hũa mosca o mordia na calua; e quamdo o uelho queria dar na mosca, daua na calua. E a mosca tornaua a morder o uelho na calua, e o caluo ssempre daua em ssy com a mãao e nom podia dar na mosca. E assy fez pe[r] [3] muytas uezes. O uelho lhe disse: *[Fl. 13-r.]

—Tu cuydas a brincar comiguo, e escarneçes de mym quando eu dou com a minha mãao na calua! Eu te diguo que por dar dez

[1] Ha aqui um borrão ou mancha no ms.; mas vê-se ainda parte do *y*.
[2] No ms. *cabeca.*
[3] No ms. *pe* (esqueceu cortar o *p*).

uezes na mynha calua nom me dá nada, ca me nom dooe; mays sse hũa uez te der, tu morrerás: pero aue ssiso e farás de tua proll.

A mosca ouue medo e partio-sse do uelho.

Per este emxemplo este doutor nos amostra que a emjuria e uergonça nom he d'aquell que a rreçebe, mays he d'aquelle que a faz, e nhũu nom deue brincar com alguem ssem ssua voomtade, ca rrazom mostra que rreçeba mal aquell que com outrem quer trebelhar comtra sseu talamte, pois o trebelho nom lhe praz.

XIX. [**A raposa e a cegonha**]

*[Fl.13-v.] * [P]om este poeta doutor emxemplo, e diz que hũa rraposa convidou a çegonha que jamtasse com ella; e a çegonha rreçebeo o comvite. E quando forõ asseentados na mesa, a rraposa meteo a vianda em hũu vaxelo muy larguo: e este comer era muy augaçemto, e a çegonha o nom podia tomar co'o bico, porque o tem longuo, e a rraposa lanbia todo com a linguoa, e por fazer escarnho convidaua a çegonha que comese, e a çegonha avia gram pesar, porque avia fame, e auia vergonça, porque scarneçiam d'ella. Depois que acabarom sseu jantar, a çegonha fingio que nom emtendia o escarnho que lhe fezera a rraposa, mays deu-lhe muytas graças do jamtar que lhe dera.

D'aly a poucos dias ha çegonha comvidou a rraposa pera jantar com ella, e aa rraposa prouue muyto. E quando forom asseentados na mesa, a çegonha pos a viamda em hũa gramde rredoma. A çegonha meteo o bico e o collo demtro, e comia e dizia aa rraposa:

—Amigua, comede [1]. Vedes que nobre viamda esta he!

A rraposa queria meter a cabeça demtro e nom podia e andaua lambendo d'arredor; e lanbemdo nom lhe prestaua nada e tomaua gram nojo. E partio-sse com vergonça.

---

*[Fl. 14-r]. * Per este emxemplo este doutor nos amoesta que os homẽes nom deuem a fazer a outrem o que elles nom queriam que a elles fezessem, mays deuem-sse trabalhar de fazer seruiço e prazer a toda jemte, assy aos estranhos como aos amigos, ca muytas vezes de pequeno seruiço rreçebe o homem boo gualardom. E pero diz hũu emxemplo:

A todo homem servirás;
A quem errares, d'ell te guardarás [2].

[1] No ms., por engano, *comedo*.
[2] No ms. *gdaras*, com til sobre as primeiras tres lettras. Cfr. por extenso *guarda-te* e *guardemos* na fab. XXIII.

XX. [O lobo e a cabeça de homem morto]

[P]om este poeta emxemplo e diz que hũu lobo amdando sseu caminho achou hũa cabeça de [1] homem morto; e este lobo compeçou-a a rroueluer com os pees. Falando dizia:

— Á boca ssem voz! á cabeça ssem emtendimento [2]! E vejo bem que quando * desfaleçe a alma fremosa e preçiosa, loguo o corpo perde *[Fl. 14-v]. ssua virtude e fremusura, pero que a fremusura da alma he aquella que afremosenta o corpo: e como a alma desfaleçe, o corpo sse torna no elamento da terra de que foy criado.

Per este emxemplo este doutor nos amostra que as cousas d'este mundo nom ssom estauees, e os homẽes que em este mundo poem ssua speramça ficam emganados, ca a uyda d'este mundo nom he durauyll [3], porque oje ssomos viuos e cras mortos: ssolamente a alma do homem he aquella que he durauyll [4], porque nom póde morrer, ca he fecta [5] aa ssimildom de Deus [6]. E a alma he aquella que afremosenta o corpo; e quando sse parte, fica o corpo terra. Assy como he a alma rracionauyl [7] que rreigna no homem, assy he da alma vegetatiua que rreigna nas eruas e nas aruores, que tamto estam em ssua froll quanto tem a alma em ssy; e depojs que perdem a alma, ficam nada e tornam-sse em terra.

XXI. [O corvo enfeitado com as pennas do pavão]

* [P]om este poeta e diz este emxemplo: que as aues fezerom *[Fl. 15-r.] grande homrra aos pãaos por a fremosura d'elles. Ho coruo, veemdo esto, ouue gram pesar e emveja, e foy-sse a buscar e achou muytas penas de pãaos e vistio-sse muy bem d'ellas e meteo-sse em conpanhia dos outros pãaos muy ssaborosamente. Os pãaos, veemdo ha maliçia do coruo, tomarom-no amtre ssy, fazemdo-lhe muyto mall e depenarom-no todo. Ell depenado partio-sse, e os outros coruos scarneçiam d'ell, porque o viam tam mall trautado.

---

[1] No ms. *do* (i. é *d'<o>homẽ*).
[2] *á*=«ah!».
[3] [4] No ms. *duraũll.* Vid. fab. II, nota 1.
[5] No ms. *fcta* ou *fcca,* com til por cima.
[6] No ms. *Ds.* com o *s* prolongado em fórma de curva; mas *Deus* por extenso na fab. XI.
[7] No ms. *rracionaũl.* Vid. porém fab. II, nota 1.

Per este emxemplo o doutor nos amostra que nos nom aleuantemos mays alto que o que nos compre, porque aquelles que em alto querem ssobir, mays que o que lhes compre, muitas vezes caem em terra e nom sse podem leuamtar. E diz que o cayr he cousa ligeyra, mays o leuamtar he mays graue. E cada hũu deue estar comtente da merçee que lhe Deus faz, e nos nom deuemos de tremeter das cousas que nos podem tornar em vergonça e dapno, como fez o coruo.

XXII. [**O azemel, a mosca e a mula**]

*[Fl. 15-v.] * [P]om este poeta exemplo e diz que hũu azemell fazia correr hũa mua. E hũa mosca mordia esta mua e dizia-lhe:

—Corre ligeiramente, astrosa, ca eu ssom aquella que te punguo e faço nojo comtra tua võotade.

A mua lhe respondeo cortesamente:

—Tu falas altamente, como sse tu fosses muy poderosa! Ca eu nom temo ty, mays temo este azemell que me atormenta e faz em mym quanto mall quer.

Per este emxemplo o doutor nos amoesta e diz que o homem de vill comdiçom nom ha audaçia de falar comtra o poderoso. E esto proçede de vileza de coraçom, ca o coraçom uill he aquell que faz homem sseer pera pouco.

XXIII. [**A formiga e a mosca**]

[Fl. 16-r.] * [P]om este poeta emxemplo, e diz que a mosca achou hũa [1] formigua, e conpeçou [2]-ha a desonrrar de maas palauras, dizendo:

—Tu, formiga mizquinha, ssempre moras nas couas da terra, e eu moro [3] nas nobres moradas omde me praz; tu nom comes ssenom trijguo, e eu como uiandas nobres, e como nas mesas dos rreis e dos senhores; tu bebes augua na terra, e eu bebo com taças e copas d'ouro preçiosas; tu andas com os pees na lama, e eu amdo pellos rrostros dos rreys e dos senhores, e como e bebo na camara dos rreys e dos ssenhores: e rreynhas e domzellas nom sse podem de mym defemder, pero que, quando he meu talante, no sseu rrostro alimpo [4] os meus pees. Mas como ja te disse, tu es estrosa cousa: pero guardate de my d'aqui adiante em [5] nom participar comiguo.

[1] No ms. *hua*.
[2] No ms. *conpecou*.
[3] No ms. *mora*.
[4] No ms. *alimpa*.
[5] No ms. *e*, por *ẽ*.

A formigua escuytou muy bem, e depois que a mosca disse sseu sermom, lhe rrespondeo com palauras escatimosas e disse:

—Tu, mosca uelha, ca me dizes que eu moro nas couas da terra, assy he uerdade como tu dizes: mais eu te diguo que as tuas velhacas allas numca ham rrepouso; e eu me comtento de pouco trijgo, e tu nom te comtentas de muitas [1] cousas; ha [2] minha pequena coua sse alegra comiguo, mas as casas dos rreis e ssenhores sse anojam * comtiguo; eu me comtento mays do meu grão que tu nom te comtentas das rriquezas dos rreis; e o trijguo que eu como, guanço-o per meu trabalho, e tu furtas o que comes; eu como o meu trijguo em paz, tu comes o teu com temor; eu como o meu trijguo limpamente, e tu comes o teu lixosamente; eu nom faço nojo a nhũa persoa, mais toda jemte sse anoja comtiguo; da minha viuemda todos tomam boo emxemplo, e tu dás de ty enxemplo lixosso e maao; tu deseias viuer per [3] comer, e eu deseio comer por [4] viuer; nhũa persoa nom dá a mym molesta, mas toda gemte te lamça de ssy com nojo que de ty ham; tu cuidas ssenpre no comer, e por ello perdes a uida, e quando cuydas beber boo uinho, bebes a peçonha e a morte, e sse as tuas aas nom ssom bem prestes pera fugir quando o abanador te dá, leixas-te cayr morta, e sse per auentura scapas o uerãao, do jmverno nom podes escapar que nom mouras. E por tanto está muda, astrosa fedemte, ca te nom compre muyto fallar. *[Fl. 16-v.]

Per este emxemplo este poeta nos dá ensinamento que nos guardemos de dizer palauras enjuriosas a nhũa persoa, porque sse o homem diz a alguem palauras enjuriosas, comvem que palauras enjuriosas rreçeba; e as palauras emjuriosas fazem o homem mudar do boo emtemdimento; * e das maas palauras proçedem mortes d'omẽes, e das maas palauras proçedem arroidos, batalhas e outros muytos males. *[Fl. 17-r.]

XXIV. [**O lobo que accusa a raposa perante o bogio**]

[P]om este poeta emxemplo e diz que o lobo acusou a rraposa d'auamte o bogio: que lhe deuia muytos dinheiros [5]. A rraposa sse escusaua quanto podia. Veemdo o bogio a escusa da rraposa, conhoçeo que o lobo a demamdaua e acusaua ssem rrazom, e disse ao lobo:

—Tu demandas o que nom deues comtra rrazom, e tu mereçes pena.

[1] No ms. estava *poucas* que foi riscado, escrevendo-se por cima *muitas*
[2] =a.
[3] No ms. *pr*, com *p* cortado.
[4] No ms. assim por extenso.
[5] No ms. está em breve: *drr^os*, com *rr* (por *jr*?).

Ho lobo sse partio comfuso, e o bugio começou a olhar a rraposa e escusá-la, dizemdo que era jnocente do que ho lobo a acusava.

---

*[Fl. 17-v.] * Per este emxemplo este poeta rreprehemde aquelles que demandam algũa cousa a sseu proximo contra rrazom. E diz que aqueles que ssom compridos de maliçias, e husam ssempre em ellas, nom as podem de ssy tirar; e aquell que he huseiro e [1] a fazer e uiuer com emganos, ssempre deseia d'enganar aquell que póde; e quando emgana algem, todo sse gloria no sseu maao fazer.

XXV. [A doninha e o homem]

[P]om este doutor emxemplo e diz que hũa donezinha fazia gram dapno em casa de hũu homem bõo. Este homem lhe armou hũu laço e tomou-ha. A donezinha, ueendo-sse em pressa, rrogaua ao homem que lhe nom fezesse mall, e prometia-lhe de guardar bem toda ssua casa, que os rratos nom lhe fezessem dapno.

*[Fl. 18-r.] Ho ho*mem [2] lhe rrespomdeo e disse:

— Tu, toda maa maliciosa, ssempre dizes doçes palauras e [3] fazes quamto mall podes; quando tu me podias fazer bem, nom m'o quiseste fazer, e fazias comtrayro. Mas sse os rratos me faziam dapno d'hũa parte, tu m'o fazias da outra muyto peor: e em fazemdo mall, enguordaste com gramde mjnha perda. Pero morrerás, e sserey sseguro de ty.

E dictas [4] as palauras, matou-ha.

Pom este poeta este emxemplo e diz que o seruiço que sse faz de uoomtade, aquelle he bem fecto [5]. E o sseruiço que sse faz per força, nunca he bem fecto [6]. Ssolamente a boa voomtade he aquella que adorna o boo seruiço; e nom sse deue tamto d'esguardar ao proueyto do seruiço, quanto sse deue louuar a boa emtençom d'aquell que o faz.

[1] Este *e*, comquanto em certo modo pudésse justificar-se syntacticamente, talvez porém aqui seja de mais, por influencia do *e* que vem adeante.

[2] No começo da fl. 18 repete-se o *ho-* da antecedente; a linha começa pois por *homem*.

[3] O ms. tem *a* por *e*. Comquanto em português se possa encontrar em certos casos *a* <> *e*, não hesitei em fazer neste caso a substituição.

[4] [5] [6] Com a abreviatura costumada.

XXVI. [**A rã e o boi**]

* [P]om emxemplo este doutor e diz que hũu boy, amdamdo a beber, pose o pee em çima de hũu filho d'hũa rrãa. E a rrãa, veendo esto, assanhou-sse muyto: conpeçou-sse muyto fortemente de jmchar, e queria-sse fazer tam grande como era o boy, pera sse matar com ell. O filho lhe disse: *[Fl. 18-v.]

— Madre, nom façass[1], ca tu es muy pequena cousa a rrespeyto d'este boy.

A rrãa, polo gram pesar que auia, outra vez muyto mays conpeçou de jmchar. O filho a rreprehemdia, dizemdo:

— Madre, nom te esforçes de te jmchar tanto, ca poderias arrebemtar; e ajmda que te jnches quanto poderes, nunca serás tamanha como o boy.

A terceira vez a rrãa sse jmchou tamto, que arrebemtou pollo uemtre e morreo.

Pom este poeta emxemplo e diz que o homem que he pequeno e de pequena comdiçom nom se deue d'esforçar e querer sseer gramde em fectos[2] e em palauras, mays deue tenperar o sseu coraçom, ssegundo sseu estado rrequere. E a pequena força nom sse deue comtestar com a grande: e sse o faz, he mingua de emtemdimemto. Por a quall rrazom boos homẽes[3] caem em grandes vergonças e dapnos.

XXVII. [**O leão e o pastor que lhe tira do pé uma espinha**]

* [P]om emxemplo este doutor e diz que, amdamdo hũu lleom sseu camynho, entrou-lhe hũa espinha no pee; e este liom, amdando muy tribulado com esta espinha pella mata, encontrou-sse com hũu pastor que guardaua guaado. Ho pastor ouue gram medo quando vyo o lleom, e tomou hũu carneiro e pose-o d'auante o lleom: ho lleom nom lh'o quys tomar, e mostraua-lhe ho pee omde tijnha a espinha, e rrogaua ao pastor que lh'a tirasse. E o pastor tomou hũa ssouella, e tirou-lhe a espinha e muyto uurmo que ja trazia. Ho leom lanbia a mãao a este pastor. *[Fl. 19-r.]

Depoys que o lleam sse ssentio ssãao, ssenpre o acompanhou; e quando avia talamte de comer, amdaua a caçar das alimarias aa ssilua; e como auia sseu mantijmento, tornaua-sse ao pastor. Em tall guysa

[1] I. é: *nom façaa esto.*
[2] Com a abreviatura do costume.
[3] No ms. *homees.*

lhe guardaua sseu gaado, que llobo nem outra anymalia nom lhe fazia dapno; e com todo esto o leom escpreueo [1] muy bem no sseu coraçom o seruiço que lhe o pastor fezera.

E d'emde a poucos dias ffoy tomado aquele liom em hũu laço e foy posto em Rroma com outros liõoes. D'aly a çerto tempo o pastor fez hũu maleficio; e mamdou a justiça que o metessem com os liõoes,
*[Fl. 19-v.] que o matassem: e ffoy posto amtre elles. * O leam a que ell tirára a espinha ho conhoçeo e chegou-sse a elle e andaua-o lanbendo e defendia-o dos outros lleõoes que lhe nom fezessem mall. Veemdo os senadores [2] esta maravilha, forom muyto espantados, e por esto perdoarom a morte ao pastor.

Em este emxemplo este poeta nos dá emssinamemto que per pequeno nem gram tempo nom nos deuem d'esqueeçer os seruiços rreçebydos, mays ssenpre os deuemos teer no coraçom e dar bom gualardom aaquelles que nos boos seruiços fezerom. Mas aquell que boo he, assy ffaz; o que maao he, depoys que rreçebe o seruiço, nom sse quer lenbrar d'aquell de que [3] rreçebeo boas obras. Mas o leom, porque he nobre, lenbrou-sse da boa obra que lhe o pastor fezera, e deu-lhe boo galardom.

XXVIII. [**O cavallo e o leão que se fingia medico**]

*[Fl. 20-r.] * [P]om enxemplo este poeta e diz que hũu cauallo amdaua em hũu prado a pasçer, e ueo hũu lleom e disse ao cavalo:

— Porque comes essa herua?

O cavalo lhe disse que a comia por meezinha, ca era muyto doemte.

E o leom lhe disse:

— Irmãao, ssabe por çerto que eu ssom gram phisico: pero leixame tocar teu pulsso e darey-te meezinha, que loguo sserás ssãao.

O cavallo conheçeo que o leom dizia esto maliçiosamente pera o matar, e cuydou em sseu coraçom [4] outra maliçia e disse:

— Mestre amiguo, eu traguo hũa espinha no pee: rroguo-te que m'a tires.

O leom acostou-sse ao caualo por de tras pera ueer a espinha, e o cauallo lhe deu hũu par de couçes na cabeça que o deytou em terra

[1] O ms. tem *escpueo* com sinal de abreviatura sobre o *p*. Tambem poderia transcrever-se *escrpeueo*.
[2] No ms. *Sors.* Creio que não é *senhores*.
[3] Aqui está riscada a palavra *o*.
[4] No ms. *coracom*.

quasy morto. Entrementes que o [1] leom assy jazia, o cauallo fugio pera casa de sseu senhor, e o leom acordou e achou-sse escarnido.

Per este emxemplo o ssabedor poeta nos amostra que nos [nom] [2] devemos fazer aquelles que nom ssomos, mas deuemos [3] dizer a verdade, quem nós ssomos, porque em dizemdo a uerdade o homem nom póde sser rreprehendido, e dizendo a mentira póde auer vergonça e maa fama.

XXIX. [O asno e o cavallo louçāo]

* [E]m este emxenplo o poeta diz, dando a nós enxemplo, e comta que hũu asno andaua per hũu camynho estreyto carreguado, e encontrou com hũu cavallo muy fremoso, o quall andaua louçãao, porque trazia muy fremoso freo, ssella, rretramcas e peytorall. *[Fl. 20-v.]

O asno disse ao caualo:

—Senhor, Deus te mantenha!

O caualo com grande ssoberba conpeçou a dizer muyta vilania ao asno, dizendo:

—Ó astroso uilãao, como ás tu tanto ardir de fallar e de te parares no camynho per omde ey-d'amdar? Tu cada dia carretas vinho e lenha e outras cousas lixosas em çima dos teus lonbos, e trazes albarda: e eu trago o meu senhor honrradamente em çima de mym, e traguo sella dourada, freo, rretrancas [4] muy preçadas. Eu te diguo que, sse nom ffosse que eu nom quero em ty luxar os meus couçes, que eu te faria que * nunca ouuesses ardimento de fallar a tam nobre cauallo como eu ssom! Vay, e nom te ueja eu mays passar per omde eu esteuer! *[Fl. 21-r.]

Ho asno nom ousaua de falar, e partio-sse com vergonça. D'aly a pouco tempo o caualo emagreçeo, e o sseu senhor o meteo aa carreta; e pello grande afam que o cauallo duraua, veo a sseer muy magro. E hũu dia aquell asno o encontrou no camynho e conhoçeo-ho muy bem e disse-lhe:

—Ó caualo, rrogo-te que me digas omde he a tua ssella e o teu fremoso guarnimento? Tu ssoyas sseer muy guordo! Ora te uejo muy magro!

[1] Aqui está riscada a palavra *cauallo*.

[2] Falta evidentemente *nom*, que escapou por causa da vizinhança de *nos*, que começa pelas mesmas lettras. O sentido é: «não devemos fingir que somos quem na realidade não somos».

[3] No ms. *dizemos* (por influencia do *dizer* seguinte), com *z* emendado em *v*, e plica no *i*.

[4] Aqui ha uma lettra riscada.

E per estas palauras escarneçia o asno do caualo. O caualo, pela gram vergonça que auia, nom falaua, e partio-sse com vergonça.

Per este emxemplo este poeta nos amostra que nós nom ajamos ffe nem esperança nas uãas glorias d'este mundo, porque nom som estauees; e homem que está em prosperidade em este mumdo nom deue [1] escarneçer do minguado, porque, quando sse nom percatar [2], elle pode vĩir em misseria, e o minguado em prosperidade, ssegundo veemos cada dia.

XXX. [**Batalha entre as aves e as animalias**]

*[Fl. 21-v.] * [E]m este emxemplo este poeta nos amostra e diz que foi hũa gram batalha antre as aues e animal[i]as [3], e foy assignado hũu dia çerto, que d'anbalas partes viessem aa batalha. A aguia ordenou ssuas aazes, ssegundo vio que conpria; o leam outrosy as ssuas.

Postas as aazes d'anbalas partes, o morçeguo, que vio tanta multidom d'animalias, e que dauam tam grandes vozes, ouue gram temor, e partio-sse das aues, e nom quis teer da hũa parte nem da outra.

Em esto foy fecta a batalha muyto cruell; e d'anbalas partes forom muytos mortos e feridos. Finalmente as aues vençerom por ssuas ligeyriçes, e pella [4] gram vertude da aguya, que ssoube muy bem
*[Fl. 22-r.] hor*denar ssuas aazes.

Depois que todas forom assenbradas, e a batalha vençida, foy dicto aa aguia que o morçeguo fezera treyçom e fugira e leixára sseu senhor no campo: a agia o fez chamar, e [5] ssabida a verdade, feze-o todo depenar, e mandou-lhe que nom voasse ssenom de noute, por pena do mal que ffezera.

Per este emxemplo este doutor nos amostra e diz que nom he boo uassalo nem fiell amiguo aquell que ao tempo da neçessidade [6] leixa sseu ssenhor no priigo [7] e foge, ca o homem nom pode bem

1 No ms. *deuem*.
2 No ms. *pcatar*, com a haste do *p* cortada perpendicularmente por um traço, abreviatura que d'ordinario no nosso ms. representa *per*. Este texto tem tambem: *espançá* (com *p* cortado) = esperança; *prospidade* (com *p* cortado) = prosperidade, mas logo em seguida *prosperidade* por extenso.
3 No ms. *animalas*, mas noutro passo, logo abaixo, *animalias*.
4 No ms. *plla* com os *ll* cortados.
5 Antes de se escrever *e*, escreveu-se outra lettra que foi riscada.
6 Aqui estão riscados dois *ss*. O amanuense ia a escrever *sseu*.
7 No ms. *prijgo*.

sseruyr a [1] dous senhores; e tal como este mereçe de auer mall e pena de treedor, porque desenpara sseu senhor, estreuendo-sse em ell, e lhe foge.

XXXI. [**O gavião e o rouxinol**]

* [P]om este poeta este emxemplo, e diz que estando hũu rroussinoll cantando no sseu ninho, omde tijnha sseus filhos, veo hũu gauiam e tomou-lhe hũu dos filhos do ninho. E este rroussinoll ho rrogaua, quanto podia, que lhe désse o sseu filho e nom lhe fezesse mall, e que ssempre faria sseu seruiço. O gauiam lhe disse: *[Fl. 22-v.]

—Sse queres teu filho, camta o mays doçemente que tu ssabes.

O rroussinoll começou de cantar o milhor que ssabia, e bem que camtaua com a boca, choraua de coraçom. E depoys que camtou, o gauiam scarneçia d'ell, dizemdo que lhe nom parecia bem aquell [2] camto; e d'auante a ssua madre lhe comeo ho filho.

E depois este gauiam voou em hũa aruor omde armauam aas aues com ho visco, e enviscou-sse: e o passareyro o tomou e matou ho. E o rroussinol vio matar o gauiam, e prouue-lhe d'ello muyto.

Per este emxemplo o poeta nos demostra e diz que os homẽes jnicos e cruees, que ssempre persseueram em mall, digna cousa he que façam maa fim, e mortes maas mouram, assy como ssem piedade derom morte aos jnoçemtes, ssem sseus mereçimentos.

XXXII. [**O lobo, o bode e a raposa**]

* [P]om este poeta emxemplo, e diz que hũu lobo furtou hũu bode e leuou-ho a hũu gram ssiluado e aly o comia a sseu gram ssabor. E a rraposa, que todo esto muy bem vio, foi-sse pera elle e ssaudou-ho e disse: *[Fl. 23-r.]

—Deus [3] te mamtenha, meu compadre! Gram tempo faz que eu nom vos vy! Prazer-m'-ia de me rrazoar e ffalar hũu pouco comvosco cousas que me muyto comprem.

Ho lobo lhe rrespomdeo:

—Tu, ffalssa comadre, me cuydas d'enganar com tuas doçes palauras, por comeres comiguo d'este cabram muy ssaborido! Por çerto d'esta uez tu nom me emguanarás!

[1] Aqui estão riscados dois *ss*, principio de *ssenhores*, que se segue.
[2] No ms. *aql* com *l* cortado (em fim de linha).
[3] No ms. *Des* (abreviatura). Mas na fab. XI, *Deus* por extenso.

A rraposa, veendo que o nom podia emganar, ffoy-sse ao que guardaua o gaado, e acusou o lobo, dizemdo aquelle lugar onde [1] acharia o lobo que lhe ffurtára o bode e lh'o jazia hi comendo. Ho guardador do gaado ffoy e achou o lobo no sylluado, assy como a rraposa lhe dissera, e matou-ho.

A rraposa foy pera comer a carne do cabrom que fiçaua do lobo, e ho pastor a matou.

E per esta guysa morreo o lobo e a rraposa.

Este poeta, queremdo-nos amaestrar, pom este emxemplo ssuso dicto, e diz que nós [nom] [2] deuemos viuer de rrapina, porque aquell que de rrapina viue, muytas vezes lhe aconteçe que perde o corpo. *[Fl. 23-v.] Diz ajmda que muytos perdem o corpo pollo dapno * d'outrem. Diz ajmda mays, que ho homem que ffaz furto he perdido, e pello comtrayro aquell que per sseu trabalho uyue he ssaluo, porque per nosso trabalho mandou Deus [3] que viuessemos, e ssaluariamos nossas almas.

XXXIII. [**O cervo e os seus galhos**]

[P]om este poeta este emxemplo, e diz que estamdo hũu çeruo bebendo em hũa fomte muy clara, vio os sseus cornos que lhe pareçiam muy fremosos, e tomaua por ende grande prazer e uãa gloria; er esguardou espelhamdo-sse na fomte e vio os sseus pees que eram *[Fl. 24-r.] muy delguados e ffeos, e tomou gram nojo. E estando-sse assy * espelhamdo naquela ffomte, vieram os caçadores com muytos cãaes. E o çeruo, quamdo os vio, começou de ffugir, e rrogaua aas pernas que o ajudassem, e ellas o ajudauam quanto podiam; em tall guisa o ajudarom, que escapou dos caçadores. Assy que sseemdo o çeruo escapado, deu gram louuor aas pernas; [4] brasfamou muyto os cornos que lhe dauam grande estorua quando ffugia.

Queremdo-nos este poeta amostrar, pom este emxemplo ssuso dicto, e diz que nós nom deuemos despreçar aquelas cousas que nos ssom proueytosas, posto que ffeas sseiam; nem deuemos louuar as cousas que nom ssom proueytosas, posto que ffremosas sseiam: mas deuemos amar mays as cousas que nos ssom proueytosos, ajmda que ffeas ssejam, que as fremosas que nom proueytam.

[1] No ms. está *o* riscado junto de *acharia*.

[2] No ms. falta *nom*. Podia tambem suppor-se que está *nos* por *nom*, mas é mais conforme com o estylo do auctor que estivesse *nos nom*.

[3] No ms. *Des* (abreviatura). Vid. uma das notas antecedentes.

[4] Provavelmente aqui falta *e*.

XXXIV. [A viuva e o alcaide]

* [P]om ho poeta este emxemplo e diz que hũa molher tijnha hũu sseu marido, o quall ella dizia que amaua ssobre todalas cousas do mumdo. *[Fl. 24-v.]

Aueo per caso que lhe morreo este marido e ffoy ssoterrado em hũa ermida, pouco fora da villa, quassy mea [1] leguoa. Aquesta ssua molher tomou gram nojo e foy-sse a esta ssepultura com gram chanto, e sobr' esta ssepultura dizia que queria viuer e morrer [2], e nom ffazia ssenom chorar; padre nem madre nem paremte nom a podiam d'aly tirar.

Acomteçeo que hũu ladrom, homem de gramdes paremtes, ffoy em aquell dia emforcado açerqua d'aquella jrmida, e ffoy dado em guarda ao alcayde porque o nom ffurtassem de noyte sseus paremtes da força, porque ell ffosse emxemplo aos outros mall fectores [3]; e o senhor disse ao alcayde que sse lh'o furtassem per ssua maa guarda, que emforcariam [4] ell.

E estando este a o guardar, ouue grande ssede e mandou aos sseus que o guardassem bem, ca ell queria hir beber aaquella hermida hy açerqua, omde pareçia hũu pouco de foguo. E em mentres que ell ueo aaquella hirmida, os sseus sse adormemtarom, e ffoy furtado o emforcado, nom ssabemdo o alcayde parte d'ello. Quando o alcaide chegou aa hirmida, derom-lhe da augua a beber. Depoys que bebeo, pregumtou porque choraua aquela molher. E foy-lhe dicto porque lhe * morreo ora aquy hũu sseu ma[ri]do [5] que ella amava mays que o sseu cor[açom] [6]. O alcayde lhe disse que ella nom tom[asse] [7] nojo por aquella cousa que ella nom podia cobrar por nhehũa rrem do mundo; ella disse que auia muy gram rrazom de chorar, ca ela nom poderia ja nunca achar homem que a tamto amasse como sseu marido fazia; ho alcayde lhe disse que era homem que a amaria e seruyria tamto e mays que ell, e que era tam rico e tam de proll como ell. E tanto lhe ssoube dizer com doçes palauras, que já nom choraua, e namorou-sse do alcayde, e rrecebê'-o [8] por sseu marido. Depoys tornou ell aa forca e achou que lhe furtarom o emforcado, e sseus homẽes eram fugidos, e ele tornou loguo aaquella molher e disse-lhe como lhe furtarom o emforcado e que sse temia que o senhor o faria emforcar. A dona, que ja d'ell era namorada muito, lhe disse: *[Fl. 25-r.]

[1] No ms. *mã*. Cfr. *meo* «meio» na fab. III.

[2] Isto é: dizia que queria viver e morrer sobre esta sepultura.

[3] No ms. *fccores* ou *fctores*, com til sobre a primeira metade da palavra.

[4] No ms. *enforcariã*. Poderia parecer que o til sería engano, e que *enforcaria* teria por sujeito grammatical o alcaide; *enforcariã ell* corresponde a «o enforcariam»=«sería enforcado».

[5] [6] [7] O ms. está roto nos logares onde ponho colchetes.

[8] No ms. *rreçebeo* = rrecebeo-o (Tambem poderia transcrever-se assim: *rrecebeo-*').

— Amiguo, nom tomedes nojo nem percades por emde a terra; mas nós tomemos este meu marido e ponhamo-lo na forca e eu vollo ajudarey a enforcar: e a gemte cuydaria que he o que furtarom.

E assy o fezerom, e viuerom anbos casados em ssuas vidas.

---

*[Fl. 25-v.] * Pom o poeta este emxemplo ssuso dicto pera [d]ar [1] emssynamento a nós, e diz que nom de[u]emos [2] creer nem ssiguyr [3] aa voomtade da molher, porque o sseu emtendimento nom he estauyll, mas muda-sse muytas vezes no dia, e Ssalamam diz: *ffemyna nula bona, quya ter mutatur im ora.* Diz ajmda: poucas uezes acaba cousa que compeçe; a molher he uaso de demonio que traz em ssy hũa doçe peçonha; a molher foy aquella que emganou Adam com outros gramdes ssabedores; a molher he hũu armuzello do demonio, e assy como o pescador pesca os peixes com o armuzello, assy a molher pesca os homẽes e manda-os ao Inferno breuemente; passa de ssabedor aquelle que sse d'ela pode guardar; a Virgem Maria ffoy aquella ssolamente que foy comprida de todas bondades e foy coroa de todalas boas molheres.

XXXV. [A rameira Tayda e o mancebo]

*[Fl. 26-r.] * [P]om ho poeta este emxenplo e diz que hũa [4] molher puta, que auia nome Tayda, muy fremosa, com ssuas doçes palauras enganava muytos homẽes.

Esta puta sse namorou d'hũu homem mançebo, e husando com ell, lleuou d'ell hũa ssoma de dinheiros; e ell ssentio-sse d'ella emganado, e apartou-sse e nom curaua mays d'ella. Veendo Tayda que ell nom ussaua com ella como ssoya, mandou por ell e disse-lhe que o amava, e que lhe oferecia sseu corpo ssem nhũu [5] preço. Ho mãçebo lhe rrespomdeo que ell a amaua, mas que nom queria mays converssar com ella, porque ja hũa vez o enganára, e nom queria que o mays enganasse.

Per este emxemplo este poeta nos amostra que polas cousas passadas deuemos a entemder as que ham-de uyr, e diz ajmda que o homem nom deue comverssar com aquelas persoas que useyras ssom d'enganar aquelles que emganar podem; pero que aquell que engana [6] hũa uez ho homem, cobijça de o enganar outra.

[1] [2] Onde ponho colchetes o ms. está roto.
[3] No ms. *ssiguyra*, estando riscado o *a*.
[4] No ms. *hua*.
[5] Leia-se *nehũu* ou *nem hũu*.
[6] O copista tinha escrito *enganam*, e depois riscou o *m*.

Deuemos [tomar] [1] emxemplo da aue que algũa vez come de hũu fruyto que ha nome taxo, que amarga muyto; e a aue, despois que o come hũa vez, nunca o come mays, * porque o acha muyto amarguoso: *[Fl. 26-v.] e este fruyto sse póde comparar aa puta que pareçe doçe, e no partir amarga, ca ella nom ama o homem ssenom a todo sseu proueyto, e pera leuar d'ell quanto póde.

XXXVI. [O camponês e o filho]

[P]om ho poeta emxemplo e diz que hũu ffilho de hũu burgês ssenpre fazia comtrayro do que lhe sseu padre emssynaua.

O padre nom ho podia castigar, e hũu dia tomou hũu paao ssem porquê, e firio hũu sseu seruo na pressença de sseu filho. O ffilho, veendo tam ssem porquê espaancar este sseruo tam cruellmemte, estaua com gram medo. Depoys preguntarom ao burgês porque * feria *[Fl. 27-r.] o seruo ssem seu mereçer; disse o burgês (que era homem amtijguo e discreto) que o boy pequeno aprende de arar do gramde, e quem quer castigar o leom ffere o cam:—e por tamto eu nom quero fferir meu filho, porque ja per fferidas nom ho posso castiguar, mays ffery o meu seruo, porque elle aja medo e tome emxemplo.

Per este emxemplo o poeta nos amostra e diz que nós deuemos auer maneira com discriçom nos nossos emssynos e castigamentos: e o padre deue castiguar sseus filhos com palauras e boos emxenplos, quando vee que com fferidas ho nom póde castiguar, e que o pequeno deue tomar emxemplo do gramde. E elle ffoy d'ello louuado.

XXXVII. [A vibora e a lima]

* [P]om este poeta emxemplo e diz que hũa bibera entrou em *[Fl. 27-v.] casa de hũu fferreyro pera comer algũa cousa, e nom achou em ella ssenom hũa lima d'aceyro. Ha bibera começou-ha a rroer com os demtes, e nom lhe podia empeeçer; ha lima ffalou aa bibera e dizia:

—Tu, bibera, quamto rroes em mym, todo he nada; tu dapnas os teus demtes, e a mym nom enpeeçes. Eu ssom de tamto poder, que do fferro faço poo, assy como sse fosse farinha, e nom ha fferro no

[1] No ms. lê-se: *deuemos emxemplo da aue*. Falta *tomar* ou outra palavra analoga. Cfr. «o pequeno deve *tomar* emxemplo do grande» na fabula XXXV (no fim).

mundo assy forte que ho eu nom ffaça fazer poo e talhar per meo: pero eu te consselho que te nom tomes comiguo, porque quanto me tu mays rroes, eu mays escarneço de ty. Tu cuydas ffazer mall a mym, e fáze-llo a ty.

Per este emxemplo este poeta nos amostra e diz que o homem forte deue sseer misurado, e o homem débille e fraco nom deue contrastar com o poderoso, porque póde d'ello auer uergonça e dapno.

XXXVIII. [**Os lobos e as ovelhas**]

*[Fl. 28A-r.] * [C]omta este poeta emxemplo pera nos amostrar, e diz que os lobos faziam cada dia gram dapno a hũu fato d'ouelhas; e porque quando os cãaes hi eram nom podiam fazer dapno, porque lhe defendiam o gaado, e quando os lobos vijnham pera tomar as ouelhas os cãaes as defemdiam [1], e cada uez os lobos leuauam a peor, e tornauansse com vergomça e dapno, veendo os lobos que lhe nom podiam enpeeçer, mandarom missegeyros aas ovelhas, dizemdo que queriam fazer paz.

Aas ouelhas prouue muyto de fazer a paz. Em esta paz ffoy acordado que as ouelhas mandassem aos llobos os cãaes por arrefẽes, e os lobos mandassem [2] sseus filhos aas ouelhas outrossy por arrefẽes. E assy o fezerom.

Hũu dia os lobinhos compeçarom de uyuar muy fortemente. Os lobos os ouuirom e correrom allá, e conpeçarom a comer das ouelhas a sseu talamte; e sse os lobos bem matauam, nom matauam menos os filhos. E per esta guisa sse quebrantauam as treguoas, e d'aly auante ssempre viuerom e viuem em guerra.

---

*[Fl. 28A-v.] * Per este emxemplo este doutor nos amostra e diz que o homem que nom está sseguro de sseus jmijgos ssempre deue teer defenssores que o defendam, porque, nom auendo defenssores, ligeyramente sseus jmijgos o podem ofemder, como entreueo aas ouelhas que, depoys que os cãaes nom as defemderom, os lobos sseus jmijgos faziam d'elas maao pesar a sseu talamte.

[1] Em vez do *m* ha um borrão no ms.
[2] Depois d'esta palavra está riscado *fazer*.

XXXIX. [O machado e o bosque]

[C]omta o poeta este enxemplo pera [1] nos amostrar, e diz que hũu machado nom auia manguo, e foy-sse a hũu mato e cortês memte [2] lhe rrogou que lhe desse hũu paao pera hũu mango: * ho mato lh'o *[Fl. 28a-r.] deu de boa mente [3].

Ho vilaão, depoys que pos o manguo ao machado, tornou aa mata e compeçou a talhar das aruores quanto lhe prazia; e fazia-lhe muyto dapno. A mata sse anojaua muyto e dizia:

— Ay mizquynha! ca eu ssom culpada d'este dapno que me este machado faz, ca sse lhe eu nom dera o manguo, ell nom avia poder de me fazer o dapno que me faz! Bem empreguado sseja em mym, ca eu fuy cajom de meu mall e dapno que rreçebo!

Per este emxemplo este doutor nos amostra e diz que nós nom deuemos dar ajuda nem comsselho aos nossos emijgos, porque quanto nossos jmijgos forem mays fortes, tamto averam mayor audaçia ssobre o sseu jmijguo, e dando-lhe ajuda e comsselho, ell medês he cajom de ssua morte ou desonhorra [4].

XL. [O lobo e o cão nedio]

* [P]om o poeta este emxemplo por noso amoestramento, e diz que *[Fl. 28a-v.] andando hũu lobo sseu camynho, encontrou com hũu cam. Ho lobo ho ssaudou e mostrou-lhe boo ssenbramte, e disse que queria ser sseu companheyro. O cam disse que lhe prazia d'elo muyto.

Andando anbos de companha, o lobo compeçou de olhar o cam, e disse-lhe:

— Como tu estás guordo e fremoso?!

Ho cam lhe rrespondeo:

— Porque de noute eu guardo a casa de hũu senhor com que viuo, e non leixo acheguar a ella nhũu [5] ladrom. E por tamto meu senhor me ama muyto, e dá-me de comer e de beber quanto me faz mester.

Diz o lobo:

— Eu me quero vĩjr com tiguo [6], porque me faças poer na graça do teu ssenhor.

[1] No ms. *pa,* tendo havido esquecimento de cortar o *p*.
[2] No ms., em separado *cortes mente,* como transcrevo; hoje *cortesmente.*
[3] No ms. em separado *boa mente.*
[4] *Sic.*
[5] Leia-se *nehũu* (ou *nem hũu*).
[6] No ms. *com tiguo* em duas palavras.

O cam disse que lhe prazia d'ello muyto.

Amdando assy anbos, o llobo esguardou e vio que o cam avia o pescoço pelado, e preguntou-lhe [1] por que avia o pescoço pelado. O cam lhe disse que o sseu senhor o tijnha leguado o dya porque nom mordesse a gemte, e aa noute ho leixaua andar ssolto, por lhe guardar a casa. Quando o lobo ouuyo que legauam o cam de dia, disse:

—Nom quero hir com tiguo. A mym praz mays viuer em mynha
*[Fl. 29-r.] liberdade e comer [2] mall, que bem comer e sseer * sempre seruo.

E loguo sse partio do cam.

E este emxempllo sse concorda com este vesso que diz: *Ne ssyt alterius.*

Diz este poeta per este emxemplo, querendo-nos amaestrar, que o homem proue que viue em ssua liberdade he mays rrico que o rrico quando viue e he seruo alheo. E o homem que seruo he nom he ssenhor de ssy meesmo, nem he senhor do que tem; ho homem que he em ssua liberdade, e em ella viue, nom póde cobrar ssemelhamte tesouro; e quem seruo sse faz, esperando de sseer rrico, tal como este se pode chamar proue. Ha liberdade nom sse póde comprar por todo o auer do mundo; ha liberdade he hũa graça celestriall, a quall passa todalas rriquezas do mundo.

XLI. [**Os membros do corpo e o ventre**]

*[Fl.29-v.] * [C]omta este poeta este emxemplo e diz que os pees e as mãaos acusarom o uentre, dizemdo:

—Nós ssenpre ssosteemos grande afam em andando de cá e de llá em muytos trabalhos; e todo nos este uemtre come, e numca sse farta nem comtenta; e elle está occioso e nom faz nem dura trabalho. Nom lhe demos de comer!

E assy o fezerom. Ho uemtre começou a auer fame, e disse aas mãaos e aos pees:

—Amygos, dade-me de comer, ajudade-me, ca eu mouro com ffame.

As maãos e os pees diserom que lh'o nom queriam dar, e dizian-lhe:

—Sse tu queres comer, toma affam, assy como nós fazemos; d'outra guysa, nom queremos que [3] comas quanto nós trabalhamos.

[1] No ms., por extenso, *preguntou,* sem a abreviatura usual.

[2] No ms., por engano, *commer,* com reduplicação da syllaba.

[3] No ms. lê-se: «nom queremos *que co* que comas». Vê-se que o copista ia a escrever *que comas,* escrevendo primeiramente só *que co,* e parando; mas repetiu *que* adeante, e escreveu *comas* por inteiro.

Em esta perfia esteuerom per espaço de dias, tanto que os pees começarom de enfraqueçer, e outrossy as mãaos.

E os pees diserom:

—Nom podemos andar.

E as mãaos diserom:

—Nom podemos trabalhar.

Veemdo esto as mãaos, tomarom do pom para dal-lo aa boca; e a boca e o corpo eram ja postos em tamta fraqueza, que os demtes da boca nom sse poderom abrir. E per esta perfia o corpo morreo: e elle morto morrerom os pees e as mãaos com todolos outros nembros.

---

* Pom este poeta emxemplo per nosso amaestramento e diz [1], rre- *[Fl. 30-r.]
prehendendo os auaros, os quaaes nom querem ajudar o sseu proximo nas ssuas neçessidades. Ajnda diz que nhũu homem sse deue rreputar d'atanto, por muy poderoso e rrico que sseia, que algũas vezes nom lhe faça mester o seruiço d'outrem e d'outros que ssom de muy mays pequena condiçom que ell, porque hũu amyguo ssenpre lhe conpre seruiço d'outros: hũu amyguo serue o outro amiguo. Outrossy diz que, bem que o [2] homem sseja tanto maao [3] que nom queyra perdoar a outrem, deue perdoar assy medês, por nom sseer rreputado cruell e maao.

XLII. [**A bugia que pede á raposa um pedaço da cauda**]

* [C]omta este poeta este emxemplo e diz que hũa bugia fazia *[Fl. 30-v.]
gram queixume aas outras animalias, porque nom tijnha rrabo pera cobrir ssua vergonça; e foy-sse aa rraposa e disse-lhe:

—Amigua, uós teemdes muy grando rrabo, e uay-sse-uos rrojando pello chãao e luxa-sse muyto; outrossy dá-uos muyto trabalho, ca vos peja muyto e empacha-uos o amdar: porem vos rroguo, comadre amjgua, que me dees hũu pequeno d'elle pera cobrir estas mynhas nadeguas, que me metem em gramde vergonça. A uós nom fará myngua, e a mym fará proueito.

A rraposa lhe disse:

—Comadre bugia [4], a mym [5] pareçe que este meu rrabo he muy fremoso e muj leue, e pareçe-me muy pequeno: pero tomade cuydado de uós, e nom o tomedes do meu rrabo. A mym [6] praz mays que elle

[1] O rigor da syntaxe pedia para *diz* complemento directo, que mal póde ser *exemplo*, dito antes; mas o auctor confundiu-se, e escreveu *reprehendendo* em vez de *que reprehende*, ou escreveu inutilmente *e diz*.
[2] As palavras *bẽ q̃o* estão em entre-linha.
[3] Por engano *mãao*.
[4] *bugia* está em entre-linhas.
[5] [6] No ms. *my* (falta o til).

jhore [1] pelo chãao, que uós cobrirdes d'ele as vossas velhacas nadeguas.

E assy sse partio ha bugia da rraposa.

Pom o poeta este emxemplo, pello quall nos dá amostramento que nom deuemos sseer avaros ao nosso proximo, porque o auaro nom
*[Fl. 31-r.] faz bem a ssy nem a outrem. Ho auaremto ssempre * cree que as cousas pequenas ssejam grandes. Ho auaro he seruo dos jdolos ·s· [2] dos dinheiros [3]: que quem serue aos dinheiros [4] serue aos jdolos. Ho auarento faz tesouro, e nom ssabe pera quem o guarda, e morre e viue mizquynho.

XLIII. [**O villão que vae com o asno á feira**]

[E]ste poeta nos dá este emxemplo e diz que hũu vilãao trazia hũu asno com ssua cárregua de mercadaria pera vender na feyra, e dizia ao asno que andasse agynha. Este asno com perfia nom queria andar e dizia:

— Antes quero que me mates, que viuer comtiguo em tanto tra-
*[Fl. 31-v.] balho: ca * cada dia leuo cárrega, e tu ssenpre me vaas ferindo de tras; cada dia me ameaças e cada dia me feres. Por çerto eu nom quero padeçer tamto mall e tanta vergomça! Amtes quero morrer!

Ho senhor lhe deu tamtas paamcadas, que o matou. E esfolou-ho e uendeo o coyro.

Pom este poeta emxemplo pera nos amostrar, e diz que nós nom deuemos deseiar a morte per tribulaçom que ajamos, porque ho homem cree a auer avantagem por rreçeber morte, e ell pejora, porque, depoys que o homem morrer, comem-ho os vermẽes, e a alma outrossy sse vay ao Inferno, e pejora, ca muyto peor pena he aquela do Inferno que a pena d'este mundo; sse a alma vay em parayso, e o corpo rreçebe marteyro por o de Deus [5], a alma está benta; mays o corpo sse torna terra. Porem toda cousa sse deue padeçer por nom padeçer morte.

[1] *Sic.*
[2] = scilicet.
[3] [4] No ms. *drr*^{os} com *rr* (por *jr?*).
[5] Isto é: *por o marteyro de Deus.*

XLIV. **[O cervo e os bois]**

* [E]ste poeta nos dá este emxemplo, e diz que hũu çeruo fugia porque os cãaes corriam em tras ell: e com pressa que o çeruo avia, foy-sse meter em hũa caualariça de boys, que os cãaes nom o virom. *[Fl. 32-r.]

Ho çeruo rrogou aos boys que o escondessem amtre ssy. Os boys lhe diserom que mays sseguro sseria em algũa mata, que estar aly, ou sse ffosse ascomder em algũu rrio:

—Porque aquell que nos guarda e nos dá de comer uerrá loguo a pouca d'ora aquy, e sse te vir, matar-t'á.

O çeruo lhe rrogou que o escondessem. E os boys o cobrirom com palha.

A pouca d'ora veo o mançebo do Senhor e deu de comer aos boys e tornou-sse a casa. O çeruo tomou gram prazer, cuydando ja sseer fora do prijguoo [1], e daua muytas graças aos boys. Hũu dos boys lhe disse que ajnda auia de vĩjr o sseu senhor a ueer como estauam, o quall avia nome Arguu, e avia çem olhos, e sse [2] d'aquella [3] podia escapar, era sseguro.

Estando em estas palauras, chegou Arguu e conpeçou d'esguardar estes boys, e ueo-lhes apostando sseu comer; e esguardando com diligençia sseus boys, vio os cornos do çeruo e matou-ho.

---

* Pom ho poeta este emxenplo, rreprehemdemdo os homẽes que nom ssom fiees, e louva os homẽes ssabedores e discretos, os quaes ham cura com diligençia de ssuas fazemdas. E este Arguu, o qual avia çento olhos, ssignificaua o ssenhor, que deue auer çento olhos a ueer ssua fazenda. E quando o elle póde fazer per ssy, nom as [4] faça fazer per outrem, ca diz hũu prouerbio: *[Fl. 32-v.]

Maladante he aquell
Que sseu aver nom vee.

Ca o senhor que he bem avisado, milhor vee sseus fectos [5] que o seruo que sse cura muy pouco, como fez Arguu, que vio o çeruo, e o sseu seruidor nom o vyo, ca nom avia tanto cuydado como sseu dono avia cuja ha [6] cousa era.

1 *Sic.*
2 O logar correspondente aos *ss* está um tanto esborreteado.
3 Isto é: *d'aquella vez, d'aquella aventura, d'aquella feita.* Ainda hoje se diz assim.
4 Isto é: *as fazendas.*—A syntaxe neste periodo está um tanto irregular.
5 No ms. *fẽcos.*
6 = *a* (artigo).

XLV. [**O judeu, o escudeiro e as perdizes**]

*[Fl. 33-r.] * [C]omta o doutor [1] este emxenplo, e diz que hũu judeu queria passar pella terra de hũu rrey com muyto aver que comssiguo leuava; e rrogou a el-rrey que lhe désse hũu de ssua casa que o aconpanhasse sseguro, ataa que passasse sseu rreygno. El-rrey lhe deu hũu sseu scudeyro, do quall se fiava muyto; e mandou-lhe que acompanhasse este judeu bem e ffiellmente, ataa que o passasse em ssaluo fora de ssua terra.

E quando este judeu foy em hũa mata, o escudeyro tirou fora de ssua espada pera o matar e rroubar-lhe sseu aver; e ho judeu lhe disse:

— Nom me mates, porque, sse me matas, aquellas perdizes que estam em aquella aruor te acusarom a teu senhor, e mandar-t'á matar.

O escudeyro escarneçeo do que o judeu dizia, e matou-ho, e tomou-lhe todo sseu aver que comssyguo leuaua.

E d'aly a pouco tempo pressemtarom a este rrey perdizes, sseendo a jantar. Este sseu scudeyro cortaua amte ell; e como a Deus prouue, compeçou este escudeyro de rryr, e nom sse podia teer nem fartar de rryr. Ell-rrey sseendo aa mesa nom lhe disse nada, e depoys que jantou chamou-o a de parte, e porque rria tam fortemente aa mesa [2] que lhe dissesse a verdade. Ho escudeyro nom lh'o queria dizer, que sse
*[Fl. 33-v.] temya. Elrrey [3] * amtre afaaguos e ameaças ssoube d'ell a verdade, em como matára aquell judeu e lhe tomára todo sseu auer, e que o judeu, amtes que o matasse, lhe disera que as perdizes que estauam na aruor [o ac]usariam [4] a elle, e que o mandaria matar. Elrrey tomou d'elo gram nojo, porque amaua muyto o escudeyro:

— Por certo as perdizes te acusarom!

Depoys ouue consselho com sseus comsselheyros:

— O que mereçia este 'scudeyro?

E acordarom todos que morresse na forca.

E assy foy o escudeyro enforcado pelo mall que fezera.

Pe[r] [5] este emxemplo o poeta nos amostra que nom façamos humeçidio, nem furto, nem outro graue pecado por cobijça de dinheiros [6], nem escondidamente, nem manjfestamemte, ca do mal que homem faz, sse em este mundo nom ha peemdença, ha-a no houtro de Deus, que

1 Assim está, por extenso, no original.
2 Talvez seja «e *perguntou-lhe* porque etc.», com ponto e virgula depois de *mesa*.
3 No comêço da pagina repete-se *Ellrey*, mas só com um *r*.
4 O que ponho entre colchetes está roto.
5 O ms. no logar do *r* está roto.
6 No ms. *drr°s*.

he suprema justiça; mas [1] as mays de vezes ha peemdença em este mundo [2], porque nom he nhũa cousa tanto escomdida que sse nom ssaybha em algũu tempo; e no Avangelho diz [3]: *Nichill occultum quod non rreucletur* [4].

Aquell que faz omiçidio e furtos e outros pecados graues, que nom ha temor de Deus que nos criou e em cujo poder ssomos, nom he christãao [5], nem se póde chamar, ca nom viue a [6] ley d'homem, mais viue como diaboo do Inferno, que senpre faz e cuyda em mall.

XLVI. [**O leão e o rato**]

* [D]iz que foy hũa vez hũu leom que jazia em hũu mato de so hũa fremosa verdura. E os rratos ssobiam per çima d'elle, pera escarneçerem d'elle; e elle tomou a hũu e queria-ho matar. E o rrato lhe rrogou que lhe nom fezesse mall, ca nom seria ssa homrra, dizem[do q]ue [em] [7] algũu tempo lhe poderia fazer algũu boo s[erviço] [8]. E o leom o leixou, e nom lhe fez mall. [E ho] rrato lhe deu muytas graças. *[Fl. 34-r.]

E d'hi a [pouco] tempo cayo o leom em hũu laço que lhe fezerom os caçadores pera o filhar: e o leom começou de braadar altas vozes. E este rrato, a que ell perdoára a morte, lhe disse:

—Quamtos leões no mundo ssom nom te podem d'aquy liurar! Mays eu, que ssom a mais vill alimalia do mundo, pella graça e bem que me fezeste, te quero liurar.

E loguo ssobio e rroeo ha corda que tijnha no pescoço e liurou-

[1] Postoque neste logar a lettra esteja um pouco apagada, vê-se que é *mas*, e não *mais* (e muito menos *mays*). De facto no ms. alterna *mas* com *mais (mays)*; cf. fab. XXXIII, moralidade: «*mas* deuemos amar mays», onde se dá a coincidencia de, como aqui, a conjuncção *mas* concorrer com o adverbio *mays*.

[2] As duas primeiras pernas do *m* estão rotas.

[3] Talvez falte *se* antes de *diz*.

[4] No ms. *quod* e *non* estão em abreviatura.

[5] No ms. *xpãao*, abreviatura usual na idade media (xp = $\chi\rho$ = *chr)*.

[6] Aqui *a* é proposição.

[7] As lettras que ponho entre colchetes, aqui e mais adeante, faltam, porque o ms. está roto. Com relação a *em*, notarei que não é muito certo que essa palavra esteja no ms. (sob a fórma *ẽ*), pois ha lá uma sombra que tanto póde ser *ẽ*, como simples mancha; todavia na moralidade lê-se *em algũu tempo*,—e isto confirma a emenda que faço (o auctor repete muitas vezes na moralidade, como já temos visto, certas palavras da fabula).

[8] O ms. está roto; todavia depois de *boo* vêem-se restos de uma lettra que póde ser *s*, e que interpreto por a primeira de *serviço*, escrito em abreviatura, como noutros logares. A palavra *serviço*, que se lê na moralidade, confirma esta interpretação. Acha-se a mesma expressão *bom serviço*, por exemplo, na fab. VIII, moralidade (no ms. alterna *boo* com *bõo* e *bom*).

[ho] [1] d'aquelle prijguo [2]. E o leom veem[do]-ss' em [3] liberdade, deu muytas graças ao rrato, e foy-sse sseu caminho.

Em esta hestoria [4] o doutor emssina os grandes [5] homẽes do mumdo e os poderosos, que nom despreçem os pequenos que ham pe-
*[Fl. 34-v.] queno poder, ca nom he nhũu homem de tam * pequeno poder que nom possa seer proueytoso em algũu tempo aaquell que he gramde e poderoso. Tall seruiço lhe póde fazer hũu homem pequeno, que lh'o nom póde fazer hũu gramde.

XLVII. [**O minhoto doente**]

[C]omta-asse que hũa vez hũu minhoto foy doemte e rrogou a ssua madre que rroguase aos deus[es] [6] que lhe dessem ssaude; e a madre lhe rrespomdeo:

—Filho, tu assanhaste os deoses com os teus pecados que tu fezeste: ssempre amdauas furtamdo em tall guysa que os deoses te dam peemdemça; quamdo tu fazias mall, deuêras a auer medo e deuêras de husar de piedade e nom de crueldade. Ora es piadoso porque nom podes mays fazer.

E o minhoto ficou muy triste e cuydoso com ssua emfermidade.

---

*[Fl. 35-r.] * Em aquesta estoria o doutor [7] nos emssina que nom deuemos esperar de fazer bem pera quamdo formos doemtes ou velhos, pera nos arrepeemdermos, ca muytas vezes acomteçe que quamdo o homem sse quer arrepeemder nom póde.

Pero quamdo ssomos mamçebos e fortes, deuemos de fazer bem, pera depois auermos bom gualardom, e rrepemdermo-nos dos pecados que auemos fectos [8], e nom dizermos: «sse oje nom fezermes bem,

[1] Ainda se percebe a parte superior do *h*.

[2] Aqui, *prijguo* por extenso, e não com a abreviatura usual.

[3] O ms. está roto, e só distingo *veem..ss..* seguindo-se aos *ss* uns traços que só pódem representar as extremidades superiores de *e* e *m*.

[4] Poderia tambem ler-se *hestorea*, porque a lettra que parece *i* não é bem nitida; todavia o usual no ms. é *hestoria*.

[5] Neste logar o ms. está um tanto delido, mas depois de *emssina* distingo *os gñdes* (o til abrange o *n* e o *g*). A leitura *os grandes* confirma-se plenamente com a expressão *grande e poderoso* que se lê mais abaixo.

[6] Como abaixo se lê *deoses*, supponho que *deus* aqui é erro por *deuses*. Como se vê, alterna no ms. *deus*[*es*], com *u*, e *deoses*, com *o*.

[7] No ms. por extenso.

[8] No ms. em abreviatura. Leia-se *feitos*.

faze-lo-emos de manhãa», que tall ora cuydaremos d'achar misericordia, e nom a podemos auer.

XLVIII. [**O lavrador e a andorinha**]

[C]omta-sse que hũu laurador ssemeou linho em hũu campo. E a amdorinha, quamdo esto vio, fez ajumtamento com quamtas aues pôde auer e disse-lhe:

—Ueedes uós este linho que aquy he ssemeado? Elle será aazo de nossa morte. Vós fazede [e]m [1] tall guysa destroyr a ssememte amtes que * naça, ca este vilãao quer fazer d'aqueste linho rredes e laços pera nos tomar em elles; e esto ssey eu porque durmo em ssua casa, e nom sse guarda de mym, e diz esto. *[Fl.35-v.]

E as outras aves ouuerom-na por ssamdia, e escarneçiam d'ella.

Depois a pouco tempo, o linho começou de creçer. E a amdorinha chamou outra vez as aues e disse-lhe que, pois nom quyserom comer a ssememte, que em toda guisa ho fossem dapnar com os pees amte que mays creçesse. E as aues outra vez escarneçerom d'ella e nom o quyserom fazer.

Depoys que o linho foy gramde, fez [2] d'elle rredes e laços, e tomaua muytas aues. Depoys as aues sse rrecordarom do comsselho da amdorinha, e diziam:

—Myzquynhas! Nós nom quisemos creer ao bõo comsselho da amdorinha!

Em aquesta estoria o doutor nos emsina que [a]uemos [3] sseer auysados do tempo que ha d[e] uĩjr [4], e nom deuemos de despreçar o bõo comsselho de nhũa perssoa [5], por pequena que sseia; outrossy nom deuemos estar sseguros das cousas que ssom prijgosas, que aqueles que muyto sse fiam, algũas vezes ficam emguanados.

XLIX. [**Os Athenienses que elegem um rei**]

* [Em] a çidade de Athenas foy hũu tempo muy poborada e rriqua e poderosa, e viujam em gram paz. E fezerom hũu dia hũu gram comsselho no quall liuraram a auer hũu rrey que os rregesse e guouernasse como aviam muytas outras provemçias: e assy foy fecto [6]. *[Fl.36-r.

[1] Roto o ms. no logar do *e*.
[2] O sujeito grammatical é o lavrador.
[3] No ms. está roto o logar do *a*.
[4] Da expressão *ha de uĩjr*, só se percebe *had...jr*, com parte do *u* e o til.
[5] No ms. *pssoa*, com o *p* cortado na haste (=*per*).
[6] Leia-se *feito*.

E depois que ouuerom o rrey na cidade, derom-lhe comprido poder que fezesse todo aquello que quysese. E [este] [1] rrey começou de fazer cruell justiça: a hũus emforcaua, a outros cortaua as cabeças, a outros fazia tirar os olhos. E o poboo, veemdo aquesto, começaua de braadar e chorar, dizemdo: «Mal fezemos! Que milhor viujamos da primeyra que aguora!».

---

*[Fl. 36-v.] * Em esta estoria o doutor emssina aaquelles que bem estam, que sse nom deuem de mudar, porque muytas vezes o homem cuyda de melhorar, e pejora; e o homem que he em ssua liberdade nom sse deue subjuguar, sse liure póde viuer, ca no mumdo nom ha moor thesouro que a liberdade e ssaude.

L. [As rãs que pedem um senhor a Jove]

*[Fl. 37-r.] * [C]omtasse que hũu tempo as rrãas viviam em gramde liberdade, e muyto a sseu talemte, e nom sse comtentauam d'esta boa vida; forom-sse ao<s> deus Jouis e rrogarom no que lhe desse hũu senhor: e o dicto Jouis rryo e escarneçeo d'ellas, e fez que as nom ouvia.

E outra vez tornarom a ell, e o<s> deus Jouis fez deytar hũa traue em a augua, e ellas ouuerom gram medo e esteuerom quedas e meterom as cabeças do fumdo da augua; e depois que perderom [2] o medo, alçarom as cabeças e virom esta traue e acheguarom-sse a ella e ssobirom-sse em çima d'ella: e veemdo que nom falaua nem sse movia, escarneçiam d'ella.

Tornarom ao deus Jouis, rrogamdo que lhe desse milhor [3] senhor: e o deus Jouis com gramde ssanha lhe mamdou hũa gramde coobra que as comia cada hũu dia. E estas rrãas pidiam misericordia [4] ao deus Jouis, que as liurasse da boca d'esta ser[pe]mte [5]; e pouco lhe prestaua pidir misericordia [6], ca o de[us] Jo[uis] nom as queria ouuir nem liurar.

Em aquesta estoria o doutor nos emsina e diz que ssom algũas persoas [7] que nom conhoçem e bem quamdo o ham, mays amtes ho

[1] O ms. está roto aqui; todavia vêem-se restos de lettras que supponho serem *es*, e por isso transcrevi por *este* e não por *o* (talvez *este* estivesse em abreviatura, i. é, *est'*,— como noutros muitos logares: o espaço faz suppôr isso).

[2] Aqui está riscada a palavra *em*.

[3] A linha termina no meio da palavra: *mj-*.

[4] Em abreviatura: *mĩa*.

[5] No logar de *pe* o ms. está roto. O mesmo succede com relação ás palavras que adiante ponho entre colchetes.

[6] Tambem *mĩa* em abreviatura, como acima.

[7] No ms. *psoas* com o *p* cortado na haste.

despreçam. E o homem nom conhoçe o bem nem o doçe ssenom quamdo gosta ho am[argo]; pero quamdo o homem ha boa auemturança, * deue ha conhoçer. Nehũu [1] que está em liberdade nom sse faça seruo, *[Fl. 37-v.]
como fezerom as rrãas.

LI. [**As pombas, o gavião e o minhoto**]

[C]omta-sse que as poombas hũa vez tomarom o gaviam por senhor pera as defemder da batalha do mynhoto: e o gaviam defemdia-as muyto bem; e depois que as defemdeo, tomava d'ellas e comia-as. E esto quamtas ell queria. E a[s p]oo[m]bas [2], veemdo tamto mall, começauam de braadar e diziam que milhor lhes era aver guerra com o mynhoto ca morte ssem batalha.

Em aquesta estoria o doutor nos emssina que deuemos sseer sabedores e esguardar a fim d'aquello que fazemos, porque me[lh]or [3] he ssofrer pouco mall que muyto mall.

* E esta hestoria comcorda com as outras duas amte dictas. *[Fl. 38-r.]

LII. [**O ladrão e o cão**]

[C]omta-sse que foy hũa vez hũu ladrom que queria de noute rroubar hũa casa, a quall guardaua hũu cam: e o ladrom chamaua o cam, [e] [4] que[ri]a lhe [5] dar do pam; e o cam disse:

— Tu me queres dar este pam por tall que nom ladre, e queres rroubar esta [casa] [6], que bem ssey que este pam que me tu queres [d]ar [7] tem peçonha ascomdida. Eu nom fa[ço com]tigo [8] amizade, ca eu amo mays meu senhor que nom a ty; e sse tu nom te partes d'aquy, eu b[raa]darey [9] alltas vozes.

E o ladrom quis [10] procu[rar] [11] * de filhar o que estaua em *[Fl. 38-v.]
casa: e o cam começou fortemente de ladrar, e o ladrom fugio com temor.

---

[1] Por extenso: *nehũu*, o que confirma o que se disse supra, na nota 7 da fab. I e noutros logares. Cf. *nhehũa* na fab. XXXIV.

[2] [3] O ms. está roto onde ponho colchetes.

[4] [5] Roto no ms. o que ponho entre colchetes.

[6] *roubar esta* mal distincto; *casa* apagado.

[7] [8] Apagado o que ponho entre colchetes; *queres* está em abreviatura.

[9] Roto o que ponho entre colchetes. Na fab. LI ha tambem *braadar*.

[10] O ms. está aqui um tanto apagado, mas, examinando-o com cuidado, vê-se que a respectiva palavra é realmente *quis*, e não *mais*, como tambem poderia parecer.

[11] O ms. está roto onde ponho colchetes.

Em esta estoria o doutor emssina os homẽes que deuem sseer ssabedores[1] quando filham algũs[2] emcarregos e[3] seruiços, e ssempre deuem d'esg[uardar os][4] que lhe dam estes doçes, ca muytos doçes sse dam pera emguanarem os oficiaaes: e ssemelhantemente os homẽes, quando ofereçem e dam algũa cousa a algũas persoas[5], deuem esgu[a]rdar[6] a quem as dam. Ajmda nos este dout[or ensin]a[7] que nos deuemos guardar do [uici]o[8] de guargamtoiçe.

LIII. [**A porca prenhe e o lobo**]

*[Fl. 39-r.] * [C]omta-sse que hũa porca era prenhe e esperaua o tempo do parto, [e emcomtrou][9] com hũu lobo; e o lobo lhe mandou em [ss]eu gesto muytas mesuras e cortesia, e disse-lhe que queria sse[er sseu c]ompadre e guardar sseus filhos quando parisse; e ha[10] porca lhe deu muytas graças, dizemdo-lhe que lhe nom compria sseu seruiço, mays[11] disse-lhe:

—Guarda-te bem que te nom chegues aos meus [filhos], ca eu nom queria que so[12] espeçia de bem fazer tu fezesses mall aos meus filhos!

O lobo, ouuindo taees palauras, emtendeo que a porca emtemdia o mall que ell queria fazer, e partio-sse d'ella ssem comtemda.

Per este emxemplo o poeta nos amoesta que nom deuemos creer em quamtas palauras nos dizem, porque nos homẽes rreignam muytas maldades e emguanos, e muytas pala[ur]as sse dizem mais por emguanarem os ho[m]ẽes que p[or] outra cousa. E porem sse diz: «Quem neyçiamente cree, neyçio he chamado e neyçiamente[13] péca».

1 O ms. está um tanto apagado no logar d'estas duas palavras.
2 Assim, e não *algũus*. A palavra é a ultima da linha.
3 *emcarregos e* pouco distinctamente.
4 Apagado o que ponho entre colchetes.
5 *Psoas* com *p* cortado em baixo.
6 7 8 Roto o que ponho entre colchetes.
9 Nos sitios em que ponho colchetes o papel está delido ou roto.
10 = *a* (artigo).
11 *mays* vale pela moderna conjuncção «mas»; se fosse adverbio, a construcção do resto da phrase seria *lhe disse*.
12 Tambem se póde ler *su* em vez de *so*.
13 A palavra *neyçiamente* está um tanto difficil de se lêr, mas é certa. Cfr. a sentença hespanhola «Quien *neciamente* peca, neciamente se va al Infierno» em Hernán Nuñez, *Refranes o proverbios*, Lérida 1621, fl. 105-r., a qual confirma absolutamente a leitura que proponho.

LIV. [**A terra que pare um rato**]

* [P]om emxemplo [1] este poeta e diz que hũa vez a terra imchou, *[Fl. 39-v.] e algũus vilãaos que hy estauam açerqua ouuerom gram temor e fugirom hy açerqua; e logo a pouca [2] d'ora a terra pario hũu rrato, e os vilãaos que esto bem viam sseguraram-sse e ouuerom gram [prazer] [3].

Per este emxemplo o poeta nos amostra que nom deuemos temer as ameaças, porque ssom muytos homẽes que ham mays palauras que obras. Ajnda diz que hũa pequena ameaça faz a muytos homẽes auer gram medo. E diz hũu emxemplo: «Cam que muyto ladra, poucas vezes morde».

LV. [**O cordeiro que pasce e o lobo**]

* [P]om emxemplo este poeta e diz que andamdo hũu cordeyro *[Fl. 40A-r.] a paçer com outros cordeyros, a madre d'este cordeyro emcomendou sseu filho a hũa cabra. Pouco estando, veo o lobo e chamou este cordeyro dizemdo:

—Filho, uem aquó, que aqui está tua madre que te traz as mamas cheas de leyte; e leixa estar essa cabra fedemte.

E ho cordeyro rrespondeo:

—Eu nom quero hir a ty, nem fazer teu mamdado; mas quero estar com esta cabra, a quall me ama como faz madre filha, e dá-me do sseu leyte quanto me compre. Eu amo mays estar com esta cabra, e viuer segura, que viuer a teu mandamento, que ssey que me queres matar e comer.

Ouvindo esto o lobo, partio-sse e foy-sse sseu caminho.

Per este emxemplo este poeta nos amostra e diz que a mayor rriqueza que no mund[o] sse h[a] [4] he viuer ho homem sseguro; e no

[1] No ms. *exemplo*, sem *m* ou til, por engano. A regra é com *m* ou til.

[2] Tambem se poderia lêr *pouco*, pois o ms. está aqui manchado; mas na fab. LIV lê-se claramente *pouca d'ora*.

[3] Aqui o ms. está delido, e a palavra não se distingue toda; mas quer pelo que resta d'ella, quer pelo sentido, quer porque em fabulas latinas medievaes que correspondem a esta occorre *iocus* e *risus* (L. Hervieux, *Les fabulistes latins*, II², 328 e 411), não hesitei em pôr *prazer*.

[4] Como está aqui um pedaço da folha roto, a photographia não deixa vêr por completo a palavra que falta; mas distingo restos de lettras que podem corresponder a *sse h*, pelo que transcrevo sem hesitação *sse ha* (= «se tem»).

mundo nom ha mayor proueza que o homem seer rrico e viuer ssempre em ssospeyçom e medo. Ajmda diz que nom ha no mundo mays nobre cousa que ho boo ameestramento, ca ho homem que mall amaestrado he, sempre viue em rroindades.

LVI. [O senhor e o cão velho]

*[Fl. 40A-v.] * [P]om emxemplo este doutor poeta e diz que hũu senhor tijnha hũu cam muyto preçado e muy valemte, e tamto ho amaua que comsigo o tijnha muytas vezes na cama.

Este cam veo a envelheçer. E hũa vez o sseu senhor o leuou com siguo [1] aa caça e mostrou-[lhe] [2] hũ[a] lebre: e este cam nom a pôde tomar. O sseu senhor ouue gram nojo, e tomou hũu paao e começou a ferir [3] este cam crueuelmente [4]. Depoys que o ferio, o cam falou e disse:

—Quando eu era nouo, caça nhũa [5] nom escapaua da minha boca; ora que ssom velho, tu me deuias perdoar e devias-te lembrar
*[Fl. 40B-r.] do boo seruiço que eu te fiz quando era nouo. Entom me * preçauas tu muyto; ora que som velho, me despreças e nom te nembras do boo seruiço que de my rreçebeste.

Per este emxemplo este poeta nos demostra que o amor dos maaos homẽes tamto dura quamto dura o seruiço que o homem lhe faz. E aquell que serue os maaos perde o seruiço, por que aquell que maao senhor he, nom ha em ssy discreçom pera rremunerar sseus seruidores do seruiço que d'elles rreçebeo ao tempo que lhe conprira.

LVII. [As lebres e as rãs]

[P]om emxemplo este poeta e diz que em hũa mata jaziam muytas lebres; e hũu gram vemto daua pellas aruores, e faziam [6] gramde

[1] No ms. *com siguo,* em duas palavras.

[2] Onde ponho colchetes, o ms. está roto.

[3] No ms. lê-se *començou aaferir.* E' provavel que o segundo *a* seja engano e não constitua com *ferir* uma palavra *aferir,* pois *ferir* é frequente no ms.

[4] No ms. *crueulmente:* o til que cobre *ueu* representa *e* ou *i*. As fórmas *cruevel* e *cruevil* são conhecidas em português antigo; o nosso ms. tem noutro logar *crueuees* (fab. XXXI). Quanto a escolher *-il* ou *-el,* o nosso ms., se tem *estauyll* (=estávil) na fab. XXXIV, tem *ciuell* (=cível) na fab. LX.

[5] Leia-se *nẽ hũa* ou *nehũa.*

[6] O sujeito grammatical é *arvores.*

arroyd[o] [1]. * As lebres ouuerom gramde temor, e compeçarom de fugir. E fogimdo chegarom a hũu lago d'augua omde estauam muytas rrãas; e ssemtindo as rrãas que as lebres fugiam, ouueram gram temor e começarom todas de fugir e deytarom-sse na augua. *[Fl. 40B-v.]

Hũa d'estas lebres, veendo fugir as rrãas ssem porquê, disse:

— Nós fugimos em vãao! ca tall he o nosso medo como [2] o medo d'estas rrãas que fogem por nada. Estemos quedas, e ajamos boa esperança [3] e vejamos que cousa nos fez fugir.

E assy estando, viram que fogiam ssem porquê.

Per este emxemplo este doutor nos amoestra que, por nhũa gram tribulaçom que o homem aja, nom deue perder a esperança, porque a esperança he aquella que mantem o homem que e[stá] em [tr]ibulaçom: e aquell que perde a esperança, ligeyramente sse despera. Ajmda diz que muytos homẽes forom no mundo em priguo de morte, e ouuerom esperança d'escapar, e escaparom.

LVIII. [A cabra, o filho e o lobo]

* [P]om emxemplo este poeta e diz que hũa cabra leixou sseu filho em ssua casa, e çarrou a porta e mandou-lhe que sse nom partisse nem abrisse a porta a nhũa [4] persoa [5] ataa que ella viesse. E como lhe disse esto, foy-sse a cabra a paçer. *[Fl. 41-r.]

E hũu pouco estando, veo o [6] lobo e bateo aa porta, e começou de falar como sse fosse cabra, dizemdo que lhe abrisse a porta.

A cabrita disse:

—Saae-te d'aqui, falso ladrom, e nom te achegues aqui! [ca tu nom] [7] es a mynha madre, mas falsamente tu arremedas a uoz d'ella; e pella fendedura da porta vejo eu bem que tu es llobo.

E o lobo vemdo que o conhoçia, foy-sse sseu caminho.

---

[1] Tudo o que nesta fabula ponho entre colchetes falta no ms., por este estar roto.

[2] A photographia apresenta aqui um traço, que corresponde a uma dobra do ms., de modo que adeante de *com* só se vê parte da lettra seguinte, que creio ser *o*.

[3] No ms. *espança*, sem traço no *p*. Nos logares seguintes, ora com traço, ora por extenso.

[4] Leia-se *nehũa* ou *nẽhũa*.

[5] No ms. *psoa*, tendo esquecido cortar a haste do *p*.

[6] Depois de *e* ha um traço sem significação.

[7] Onde ponho colchetes, está roto o ms.

Per este emxemplo este poeta nos amoesta que os filhos deuem *[Fl. 41-v.] de sseer obidiemtes aos mandamentos do padre e da madre; e * [1] diz que como os filhos som bem aventurados, obeedeçemdo ao padre e aa madre, assy pelo comtrayro [2] os que nom obedeçem a sseus mandados.

LIX. [**O vilão que acutilou a cobra**]

[P]om emxemplo este poeta e diz que hũu vilãao criou hũu coobra per espaço de tempo. Hũu dia deu este vilãao hũa cuitelada na cabeça aa cobra: fugio [3] d'elle, e o vilãao afaagaua-a, que sse tornasse pera ell, e pedio-lhe perdom, e a coobra lhe disse:

—Eu te perdoo [4], mas nom quero mays viuer com tiguo, ca ssempre me temeria d'aquy avamte de ty que me désses outra tal ferida; [*Fl. 42-r.] e ja com tiguo nom viueria ssegura: pois me * nom foste lleall amiguo, ja nunca auerey fiuza em ty.

E dictas as palauras, a cobra sse partio d'elle.

———

Per este emxemplo este poeta nos amoesta que nós nom deuemos comfiar d'aquelles que nos hũa vez emganam, porque assy como nos emganam hũa uez, assy uaam cuidando d[e n]os [5] emguanar outra, ca ho bem que nos faz o homem que nom he fiell nom se deue chamar «bem», mas «mall».

LX. [**O cervo e o cabrão**]

[P]om emxemplo este doutor e diz que hũu çeruo demamdou a hũu cabram hũu moyo de trijguo, que dizia que lhe emprestára, peramte o lobo [6]: e o cabram per medo do lobo lh'o comfessou, e o lobo lhe deu çerto termo a que lh'o pagasse.

Acabado o [q]ual [7], o çeruo lhe pidio o dicto trijguo. Ho cabram

[1] Repete-se *e* no começo da pagina.

[2] Isto é: assim são pelo contrario.

[3] Talvez falte *a coobra* (sujeito), por equivoco com a palavra anterior; todavia ha outros exemplos analogos de omissão de sujeito.

[4] Passa aqui uma dobra, de modo que d'esta palavra só se vê *poo* (estando cortada a haste do *p*). Não era *perdõo*, pois não ha vestigios de til. Noutros casos o ms. tem *perdoar*, sem til.

[5] Onde ponho colchetes o ms. está roto.

[6] *Peramte o lobo* depende de *demandou*.

[7] O logar a que corresponde *q* está roto. O mesmo succede com relação ás outras lettras que ponho infra entre colchetes.

di[sse] que nom lh'o queria dar e que o comfesso qu[e] * [1] ell fezera nom era valioso, porque o fezera com medo do lobo: e as cousas que com medo prometem [2] nom ssom valiosas, segundo dereyto da ley. *[Fl. 42-v.]

E veendo o juiz a alegaçom, ssoube a uerdade, e assolueo o cabram do comfeso que fezera per medo.

Per este emxemplo este poeta nos amostra que nom deuemos cõostramger [3] nhũa [4] perssoa que digua nhũa [5] cousa per força nem per medo, porque a comfissom fecta per medo e temor nom vall segumdo derejto [6] canonico e çiuell, nem ssegumdo Deus, o quall he sabedor de todalas cousas.

LXI. [O vaqueiro que combate por seu senhor]

* [C]omta o doutor este emxemplo e diz que hũu caualeyro, familiar d'hũu rrey, conhoçia hũu homem velho que nom avia filhos e era ja muyto velho e desapossado e era muyto rrico, ca ell ssempre fora e era ofiçiall d'el-rrey, que avia curado sseus caualeyros. *[Fl. 43-r.]

Este caualeyro lhe avia grande emveja, porque era rrico [7], e buscava cada dia maneyra em como lhe tomasse o que tijnha; e ffoy-sse a el-rrey e acusou-ho dizemdo que quanto ell tijnha, todo furtara a el-rrey, e que de furto era assy rrico, dizendo d'ell muyto mal, e que era ladram e homem de maa condiçom: e que esto lhe queria prouar em hũu campo com a espada na mãao.

El-rrey fez chamar o velho, e mandou-lhe que sse escusasse ou emtrasse em campo com ell; e sse com ell nom sse estreuesse de combater, que buscasse outrem que sse com ell combatesse em sseu nome.

O caualeyro era muy valemte em armas. E o velho rreçeaua de sse combater com elle, ca o caualeyro era muy mançebo, e elle era muy velho e muy desapossado: e amdaua rrogando paremte[s e a]mygos [8] a que ell ja fezera muytas boas obras, e nom podia achar quem quy[se]sse [9] tomar a avemtura por ell, ca sse temiam do caualeyro. Este velho sse querelaua e dizia:

[1] Repete-se *que* no começo da pagina.
[2] Ou falta *se* («que com medo *se* prometem»), ou *prometem*, por estar no plural, exprime aqui por si só a impersonalidade (Não se póde lêr *prometemos*).
[3] E' difficil decidir se no ms. está *cõestramger* ou como escrevo.
[4] [5] Leia-se *nehũa* ou *nẽ hũa*.
[6] No ms. *djto* com til sobre o *j* (que não tem ponto). Mas supre, por extenso, *dereyto*.
[7] O sujeito grammatical é o velho.
[8] Onde ponho colchetes o ms. está roto.
[9] No ms. lê-se por engano *quysse*.

— Muytos ajudey ao tempo de sseus mesteres, assy a paremtes
*[Fl. 43-v.] como amygos, e ora nom acho paremte nem amyguo! Quamdo [1] *a furtuna he comtra o homem, todolos paremtes ffogem d'ell, como ora fazem de mym!

E este velho tijnha hũu sseu pastor que lhe guardaua sseu guaado. E veemdo o pastor sseu ssenhor amdar tam triste, ouue piedade d'ell, e preguntou-lhe [2] porque andaua com tanta tristura. O uelho lhe comtou todo sseu negoçio. O pastor, que ouue d'elle doo, lhe disse:

— Meu ssenhor, eu quero tomar esta avemtura em vosso nome.

O uelho lhe deu muytas graças [3].

Ho outro dia, do combate, mandou este pastor bem armado ao campo a combater-sse com este caualeyro. Quando o caualeyro vyo este vaqueyro, disse que a ell seria gram vergomça sse sse muyto amdasse combatemdo com este vaqueyro, mas que loguo o emtendya de vemçer: e compeçou tirar e dar com ssua espada gramdes golpes no vaqueyro. Ho uaqueyro cobria-sse e leixaua-o bem camssar, e algũas vezes esquyvava os guolpes do caualeyro: esto fazia ell por o leixar bem canssar. O caualeyro maginaua que sse nom podia defemder o uaqueyro, e cada uez o despreçaua mais. O caualeyro tomou hũu ssodairo, e enxugaua ho rrostro, porque ssuava. Ho vaqueyro sse achegou a ell, e deu-lhe hũu golpe no cotouelo do braço derejto [4], que o caualeyro perdeo a força do braço, e arredou-sse por de tras, e posse-sse a sseer; e o uaqueyro <o> [5] outrossy sse asseemtou no
*[Fl. 44-r.] campo. Ho uaqueyro * disse ao caualeyro que sse leuantasse; ho caualeyro disse que nom queria. O uaqueyro, veendo que o caualeyro nom sse queria leuantar, posse-sse outra vez a sseer no campo.

Aaqueste combate estava pressemte el-rrey com outros muytos barõoes [6] pera o ueer; e veendo-os ambos sseer, toda a gemte compeçou d'escarneçer. Ell-Rey mandou-lhes dizer que sse combatessem. Ho missigeyro disse ao uaqueyro que sse alçasse [7] e sse combatesse ou sse desse por veençudo; ho uaqueyro disse:

— Eu nom me dou por vemçido, mas eu ssom vençedor, ca eu nom quero dar no homem que ssee asseemtado; mas sse o caualeyro sse quiser aleuantar em pee, eu ssom prestes de me combater com elle.

A gemte essarneçia. Ho uaqueyro foy-sse ao caualeyro e disse

[1] No pé da pagina, entre ornatos, lê-se como reclamo ou chamada «A furtuna», que é a expressão que começa a nova pagina.

[2] Em *preguntou* a syllaba *pre-* está em abreviatura, que é igual, por ex., á da primeira syllaba de *preçiosa, pressemte* etc.; por isso transcrevi a syllaba por *pre-* e não por *per-*.

[3] No ms. *gracas.*

[4] No ms. *djto* com til sobre *j;* mas noutros logares, por extenso, *derejto.*

[5] Está de mais *o;* esta lettra é a ultima da linha. O escrevente ia de certo escrever *outro,* mas passou a palavra toda para a linha seguinte, sem riscar *o.*

[6] No ms. *barooes.*

[7] No ms. *alcasse.*

muyta vilania, porque sse nom queria leuantar; ho caualeyro rrogou ao pastor que lhe perdoasse, e que sse fosse com Deus [1], ca ell sse daua por vençido.

Ho uaqueyro sse partio do canpo com gramde homrra, e com gram prazer; o uelho folgou mujto, e feze-o herdeyro de todos sseus bẽes. E nom foy mays vaqueyro.

Pom o poeta este emxemplo e diz que nhũu [2] nom deue acusar nem fazer mall a outrem ssem rrezom, porque quando comfiam vençer algũa batalha, comfiando mays no sseu poder que no poder de Deus, perde [3], porque ssoo Deus he juiz derejto [4] e defemdedor da rrazom, e poucas vezes póde o homem * empeeçer aa rrazom; e muytas vezes acomteçe nas batalhas que os poucos vemçem os [5] muytos quando conbatem com rrazom. Ajnda diz que nas prosperidades nom sse conhoçem [6] os amyguos, mas conhoçem-sse nas averssidades; mas ora em este tempo nom sse acham ssenom pera leuar-lhe o sseu, e do sseu nom dar nada: e taaes como estes nom ssom amigos, mas ssom lobos rrabazes. E porem diz Sseneca: *Illa est vera amicicia que nom querit ex rrebus amicy nisy sollam benyvòlemçiam* [7]. *[Fl. 44-v.]

LXII. [**O capão, o gavião e o seu senhor**]

* [C]onta-nos ho poeta este emxempllo e diz que hũu senhor avia hũu capam muy guordo e muy fremoso; e quando o capam ssemtia que este senhor vijnha pera casa, o capam sse escomdia em lugar que o [8] senhor nom o visse. [*Fl. 45-r.]

Hũu gauyam d'este senhor pregumtou a este capam porque fugia quando vijnha sseu senhor, e ell [9] nom fugia nem avia medo d'elle,

[1] Neste caso o nos seguintes a palavra está abreviada *(ds̄)*; mas, como na fab. XI vem *Deus* por extenso, transcrevo assim tambem aqui com *u*, e não com *o*.

[2] Leia-se *nẽhũu* ou *nehũu*.

[3] No ms. lê-se *perde*, no sing., porque o A. tem na mente a anterior palavra *nhũu*, e elle exprime a impersonalidade ora com essa palavra, ora com o verbo no plural. Não faltará til, pois a palavra não está no fim da linha, mas perto do começo (só no fim se usa geralmente til). Tudo ficaria corrente, se, em vez de *comfiam* ou *perde*, estivesse *comfia* ou *perdem*.

[4] Vid. supra, nota... a pag....

[5] Aqui está riscada a palavra *poucos*, que tinha sido escrita por engano.

[6] O *o* de *os* está esborreteado.

[7] Nesta sentença, antes de *i* e *y* ha *c* e não *ç*. Na palavra *benyvolenciam* o escriba havia posto *ç*, mas riscou-o. Vê-se que elle sabia que *ç* não era lettra latina.

[8] Está riscada a palavra *capã*, escrita por engano em vez da palavra *Sor*, que foi posta em entre-linha.

[9] Sc. o gavião.

mas amte tomaua muyto prazer quando via o sseu senhor. Ho capam disse:

— Este nosso ssenhor fez matar muytos meus irmãaos e comeo-'s [1], e por tamto me temo d'ell, ca eu ey medo que faça a mym como fez a meus irmãaos. Este meu ssenhor he tirano e nom ama ssenom homẽes cruees, e por elle amar ty nom he marauilha, ca tu es cruell como ell comtra aves, mas eu ssom homildoso e paçiemte, e por tanto elle nom me ama: e esta he a rrazom porque fugo [2], ca me temo que me mande matar.

———

Pom o poeta este enxenplo e diz que nhũu [3] deue morar na terra do tirano, porque nom ha no mundo mayor prijgoo que viuer ssob tiranya, ca os tiranos todos ssom maaos e nom amam ssenom os maaos e cruees, os quaaes ho[s] [4] comsselham e ajudam de fazer mall aaqueles que boos ssom e bem viuem; e quando uẽe [5] algũu boo que lhe despraza do mal, nom o amam de coraçom, mas muytas vezes lhe buscam a morte ssem porquê.

LXIII. [O pastor e o lobo]

*[Fl. 45-v.] * [C]omta-nos este poeta este emxemplo e diz que hũu pastor rrogou ao lobo que morasse com ell e lhe guardasse sseu gaado e lhe fosse bem fiell. Ho lobo disse que o faria de bom talemte com esta condiçom, que lançasse [6] fora todolos cãaes, porque antre elles [7] e os cãaes auia mortal guerra, e nom podia sseer paz nem boo amorio; pero sse quyssesse, que ell o seruisse bem e lealmente e lhe guardasse muy bem sseu [8] gaado, lançasse fora todolos sseus cãaes, ca ell era poderoso de lhe guardar sseu guaado. Ho lobo dizia esto com gram

[1] No ms. *comeos*. Podia tambem transcrever-se *comt'-os*.

[2] Leia-se *fujo*.

[3] Leia-se *nẽhũu* ou *nehũu*.

[4] No ms. *ho*, mas emendo em *hos*, porque o pronome refere-se a *tiranos* mencionado antes; o auctor ou o escriba teve talvez na mente o *tirano* do comêço da moralidade, e por isso equivocou-se.

[5] No ms. *vee*. Não deve suppor-se que o auctor ou o escriba teve em mente o *tirano* do comêço, a que talvez referiu *ho*, como vimos na nota antecedente; por isso deve *uee* emendar-se em *uẽe*, i. é, *ueem*, o que se confirma com o facto de os verbos seguintes estarem tambem no plural, referidos a *tiranos*. O *lhe* tanto póde ser singular como plural.

[6] Primeiro havia-se escrito *lançassem*, mas o *m* foi depois riscado.

[7] Sc. *os lobos*.

[8] Depois de *seu* ha *g*, ultima lettra da linha; o escriba ia a escrever *gado*, mas passou esta palavra para a linha seguinte, sem riscar o *g*. Cf. um facto analogo supra, pag. 148, nota 5.

maliçia pera comer * do guaado quanto lhe abastasse, e temya-sse dos cãaes. *[Fl. 46-v.]

Ho pastor, cuydamdo que o dizia por fazer bem, lançou de ssy todolos cãaes. Ho lobo emtrava ao fato sseguro [1] e nom temya nada.

Hũu dia o pastor sse partio e leixou o guaado na guarda do lobo, e o lobo chamou outros lobos, e matarom o guaado e comerom quanto quiserom e partirom-sse. Quando o pastor tornou e achou tamto mall fecto [2], foy muy triste.

Comta-nos ho poeta esta hultima estoria e diz que per afaagos que nos façam nom deuemos leixar as cousas que nos ssom compridoyras e de nosso proueyto, e nom deuemos tomar nem buscar aquelas cousas pellas quaaes podemos aver dapno ou uergonça. Ajmda diz que os afaaguos que sse fazem maliçiosamente empeeçem mays que peçonha.

*
* *

Explicit liber Exopy cum alegorijs. Deo gracias. Ffinito libro ssit laux, gloria Christo.

Scriptor [3] est talis demostrat litra [4] qualis [5].

---

1 Isto é: entrava seguro ao fato.
2 Leia-se *feito*.
3 No ms. *scptor* com *r* sobre a 2.ª e 3.ª lettras.
4 Esperar-se-hia *demonstrat littera* ou *litera;* mas assim está no manuscrito.
5 No fim, para completar a linha, ha um ornato insignificante.

MISCELLANEA

I

Cantigas devotas

1. A Senhora do Couto

(Vid. *Rev. Lusit.*, VII, 255)

No livro do dr. J. Osorio da Gama e Castro, *Diocese e districto da Guarda,* Porto 1902(-1903), p. 99, falla-se da Senhora do Couto, de que se tratou na *Rev. Lusit.*, loco citato.

Esta Senhora tem uma romaria no seu convento, em quinta-feira d'Ascensão (Nabainhos, concelho de Gouveia); faz-se então uma procissão em que varias mulheres conduzem fogaças, e cantam, entre outras, a seguinte cantiga:

Senhora do Couto,
Que vaes no andor,
Livrae as cachopas
Do vosso prior.

Cf. na *Rev. Lusit.*, VI, 256, as cantigas n.os 6, 8 e 9, que tem fórma semelhante á mencionada aqui.

2. Ainda a Tia Bàtista

(Vid. *Rev. Lusit.,* VII, 239; e VI, 259)

Na referida obra do dr. Gama e Castro, p. 101-105, vem uma noticia a respeito da Tia Bàtista, cujo nascimento se fixa em 1679, e o fallecimento em 1767. A Tia Bàtista, que foi freira do mosteiro de Vinhó, concelho de Gouveia, padecia de mysticismo. A p. 103 transcrevem-se as duas seguintes quadras cantadas pelo povo em honra d'ella:

Vamos á Tia Bàtista,
Cachopas, andae, andae,
Que está lá uma fontinha...
Bebe d'ella quem lá vae.

O' minha Tia Bàtista,
Tia Bàtista do ceu,
Só vos invejo uma cousa:
Do vosso menino o chapeu.

A Tia Bàtista tinha particular devoção e mania pelo menino-Jesus.

Estas cantigas devem addicionar-se ás publicadas na *Rev. Lusit.*, locis citatis.—A propria Tia Bàtista compôs algumas poesias religiosas de que o dr. Gama e Castro publíca uma amostra (não indica porém a fonte).

J. L. de V.

II

Noticia de D. Theresa, a jograressa

Num instrumento datado de 27 de Setembro de 1299 (1337) [1], em virtude do qual D. Maria Sabaschães, prioresa do mosteiro de Achellas (Chellas), e as mais freiras d'elle, por intermedio do seu procurador Domingos Pirez Patameiro, deram a Affonso Guilherme e a sua mulher Domingas Martinz, unicamente em vida d'estes, uma vinha sita em Valada, termo de Santarem, com obrigação de estes lhes pagarem por dia de S. Miguel de Setembro 15 libras de Portugal, encontra-se a seguinte noticia d'uma jograressa.

Quando o tabellião *poblico* de Lisboa, Affonso Pirez, entra, a apontar os limites da vinha, escreve: «da qual vya [2] estes som os «termhos: a ssol leuante, a vya [3] da chellas, que tem Johã lourenço; e «ao poente, careyra; e áaurego, Jossepe naamã e Moyssem sanguinho; «e a aguiõ, dõna Tareia, a Jograressa».

Fica, porém, *ad demonstrandum* se a referida D. Theresa cultivaria a arte joculatoria. Em Castella havia então joglaresas [4].

O titulo de «*dom*» usado pela nossa jograressa não tinha a significação restricta de hoje. Durante a primeira dynastia os grandes funccionarios usavam o titulo mencionado, mas na segunda só o possuiam os condes e os bispos [5].

Pedro A. d'Azevedo.

BIBLIOGRAPHIA

LIVROS

Esquisse d'une Dialectologie Portugaise. — Thèse pour le Doctorat de l'Université de Paris (Faculté des Letres), présentée par — J. Leite de Vasconcellos. 1901. 220 pgg. in-8.º

Desde 1881 que o sr. dr. Leite de Vasconcellos se tem dedicado infatigavelmente ao estudo dos dialectos portugueses, percorrendo para

[1] No Archivo Nacional, *Mosteiro de Chellas*, pergaminho n.º 262.

[2] [3] Sobre o *y* de *vya* ha um til (=*vĩa* «vinha»), que, por difficuldade typographica, deixa de ser indicado.

[4] Baist, *Die Spanische Litteratur*, in *Grundriss* de Gröber, Abt. II, B. II, 385, 390.

[5] Na Vida de Santa Pelagia, ms. do sec. XIV-XV (cod. 266 de Alcobaça) encontra-se a fórma *iogressa*.

esse effeito todo o país e recolhendo aqui e acolá amplos e bem variados materiaes num campo que apparentemente parecia apresentar pequenas variantes. Ao cabo de vinte annos dá á sciencia um trabalho de conjuncto que vem a ser como um novo marco que servirá de inicio a novas e fructiferas explorações no dominio da lingua portuguesa. O sr. dr. Leite não se limitou a observar os dialectos europeus, a sua investigação estendeu-se tão longe quanto a conquista e colonização portuguesas e dirigiu-se até mesmo áquelles que a intolerancia religiosa exterminou da patria, sendo só para lamentar que não ultrapassasse a fronteira norte de Portugal e nos não désse assim estudo mais completo do gallego, do que aquelle que nos apresenta a pgg. 197 e 198.

O sr. dr. Leite hesitou na classificação dos dialectos continentaes (pgg. 28 e 147), pronunciando-se finalmente pela distribuição geographica no sentido do norte a sul e secundariamente de poente para nascente.

E' este effectivamente o modo como se desenvolveu a lingua portuguesa, em principio encurralada nas duas margens do baixo-Douro, até que posteriormente caminhou para o norte até o Minho, para o sul até o Guadiana, fazendo, porém, poucos progressos para o sertão, ou como hoje se diz o *Hinterland.* Este desenvolvimento do português é parallelo á conqüista. Quando estiver feita a historia diplomatica de Portugal, talvez que muitos phenomenos dialectaes recebam então explicação clara, porque devendo estes necessariamente estar de accôrdo com antigas divisões territoriaes, em que as relações mutuas eram escassas (e isto já sabemos ser incentivo para differenciação linguistica), ao dar-se a incorporação politica, e muito depois della celebrada, ficaram e devem ainda existir, modificadas é certo, diversas particularidades phoneticas e de vocabulario.

A observação a pag. 15, de que a origem da lingua litteraria deverá buscar-se nas fallas de Coimbra ou Lisboa, é justa. Houve tempo em que a lingua litteraria se apoiava nos dialectos do norte, mas quando começamos nossos descobrimentos maritimos, a lingua transforma-se, toma caracteristicos que são populares no centro e sul de Portugal e evoluciona como todos os dialectos litterarios, ameaçando a existencia e perturbando todas as fallas provinciaes.

Durante a leitura do livro occorreram-me breves observações que apresento agora aqui, pela mesma ordem em que as fui fixando.

Pg. 17-b:

O poeta Chiado por duas vezes se refere ao gallego nos seus autos:

Eu não te fallo gallego (Ed. de A. Pimentel, pg. 66)
Mana! d'onde veio a Pedro
fallar agora gallego? (Id., pg. 117).

Pgg. 18 e 19:

A emigração dos judeus portugueses dirigia-se, no sec. XVI, prin-

cipalmente para o Mediterraneo. De 1580 a 1640, e ainda depois, tomou a direcção dos Paises-Baixos, facilitando a passagem a união de Portugal a Hespanha, por onde era facil aos emigrantes refugiarem-se nas Provincias Unidas e na Inglaterra.

A fuga dos christãos-novos só terminou quando o Marquês de Pombal supprimiu a distincção entre christãos velhos e novos. A entrada constante até o meado do sec. XVIII nas communidades judaicas do norte da Europa de hebreus que fallavam português fazia revivescer nellas o conhecimento da lingua peninsular; mas quando a Inquisição deixou de perseguir os judeus existentes em Portugal, terminou a necessidade da expatriação e esgotou-se a fonte que alimentava o conhecimento linguistico lá fóra. Os descendentes dos judeus portugueses (e hespanhoes) no extrangeiro ignoram hoje a existencia em Portugal de numerosos israelitas que celebram os seus ritos secretamente, não faltando, porém, aos actos exteriores do culto catholico, conforme afirma a voz publica. As provincias onde vivem em maior numero são aquellas justamente que estão mais afastadas dos centros *cultos* e onde existem tambem mais particularidades phoneticas. O oriente de Tras-os-Montes e a Beira-Baixa contém, como digo, os ultimos restos dos christãos-novos.

Pg. 43, nota:

Joanne era archaismo, ou quasi, no sec. XVI. *Estés* e *Affons* são abreviaturas não desenvolvidas de documentos antigos. E' provavel portanto que fossem rebuscados em cartas e diplomas antigos.

Pg. 65:

Em Santarem ainda hoje se usam os termos *viga* e *barrote*. A distincção creio que está na differença do comprimento do respectivo material.

Pg. 85 a:

A orthographia *cãma, pẽna* e *vĩnho* etc., tenho-a já encontrado em documentos do sec. XIV.

Pg. 85 b:

Em *a ambição, a Antonia* ouve-se uma vogal nasal aberta, mesmo no sul. Cf. Gonç. Vianna, *Exposição da Pronuncia*, 52.

Pg. 87:

Em gallego tambem se encontra o iotacismo como se vê no seguinte verso de Rosalia Murguia, *Follas novas*, 20:

O mais fondo da yalma

Ibidem:

Mais exemplos do sul: *mei-dia; mei-tostão; m'ermão* ou *m'armão* = meu irmão; *má-raio* = mau raio; *má-pelo* = mau pelo.

Pg. 88:

Pus-i-o, fiz-i-o, féz-i-o, traz-i-o, diz-i-o usam-se tambem na Extremadura.

Ibidem:

Em Santarem chama-se *lézaro* a um paralytico. Evidentemente é

léso sob a influencia de *lazaro,* porque nessa região não se dá a mudança do *a* tonico em *e.*

Pg. 89:

Cãopo, sãoto, mãodar encontram-se nos sec. XVI e XVII em documentos de todo o país.

Pg. 90:

A um individuo natural da Redinha tenho ouvido pronunciar *vé* por *vê.*

Ha tambem, na pronuncia geral, indecisão entre *interêsse* e *interésse,* e entre *fêcho* e *fécho* do verbo *fechar.*

Pg. 92:

Em Aldeia-Gallega do Ribatejo que se póde considerar pertencer ao Alto-Alemtejo, existe a pronuncia: *gẽite, parẽite, conhêiço, Alcochêite, êille.*

Pg. 93:

Em Torres-Novas a pronuncia normal é *bẽ, Santarẽ, vintẽ* como em Lagos e noutras localidades do Sul.

Ibidem.

Ainda *reuga* = regua e talvez *euga* = egua, em Santarem.

Pg. 95:

A individuos dos arredores de Tomar não tenho ouvido o som *u,* que existe, porém, em Abrantes.

Pg. 102, § 52-a:

Trizìa de *ictericia.*

Pg. 103 § 53-b:

Inofre de Onofre (Unofre).

Pg. 104, § 55:

Córtinho = quartinho (1$200 réis, a quarta parte da moeda de ouro do valor de 4$800 réis).

Aducer encontra-se, tambem, em Santarem.

Pg. 119:

E mais *espilrro* e *espilrrar.*

Pg. 122 § 68:

A fórma *prove* é bastante antiga.

Pg. 123-c:

Somana é como apparece sempre nos documentos antigos.

Pg. 124-a:

O plural de *tabelliom* era na lingua antiga *tabelliões,* e o de *alvará* era *alvarães.*

Tambem se diz *reises* como plural de *rei. Intervaes,* pl. de intervallo é bastante commum.

Pg. 125-c:

Em Torres-Vedras o suffixo *-ito* é sempre substituido por *-ico.*

Pg. 129-a:

Em Torres-Novas pronuncia-se sempre *cômigo.*

Pg. 139-d:

O povo não distingue a 3.ª pessoa do singular do presente do in-

dicativo, do imperativo por ex.: *diz-me cá tu*... O mesmo se applica aos verbos *trazer* e *fazer*.

Pg. 140-m:

Os compostos de *ter* conjugam-se regularmente, por ex.: *entreti*, *entretestes*, *entreteu*, etc. E' muito vulgar nas folhas periodicas.

Pg. 140-l:

Tenho ouvido *fũi* a individuos de Coimbra e da Redinha. Em gallego diz-se *fun* que os portugueses escreveriam: *fum* ou *fũ*.

Pg. 144, § 78-a:

Em Santarem diz-se *pingoxinho* por *pinguinho*.

Pg. 147, § 82:

A região onde predomina o dialecto interamnense é a que constitue propriamente o antigo *Portucale*.

Interamnense é o adjectivo que indica a situação do territorio entre os rios Douro e Minho. Na divisão politica do sec. XVI havia a comarca de *Antre Doiro e Minho*, que com Tras-os-Montes constituia o *Alem-Doiro*.

Pg. 149, § 83:

Nos documentos latinos medievaes traduzia-se *Tras-los-Montes* por *Trans Sérram*.

Pg. 149, § 84:

Os limites entre a Beira e a Estremadura tem sido muito confusos. Creio que a Estremadura portuguesa é prolongamento da hespanhola, incorporando portanto grande parte da Beira propriamente dita e toda a Beira-Baixa. Esta ultima provincia deve talvez ser considerada como conquista da lingua portuguesa ao leonês.

Pg. 150, § 85:

O nome *Estremadura* é prova certamente de que a região a que elle se applica ficava no *extremo* dos reinos christãos.

Esta denominação é muito anterior ás conquistas no Alemtejo. No sec. XVIII ainda pertenciam á Estremadura territorios que estão agora incorporados em districtos beirões.

Pg. 151:

As contestações fronteiriças entre Portugal e Hespanha na região que fica ao sul do Tejo datam do tempo em que a soberania arabica, evaporando-se, deixou os dois povos em presença um do outro num campo sem relevo orographico que lhes serviria, caso existisse, de fronteira natural. O Algarve pretendido por Castella e a região de Aiamonte conquistada por Portugal testemunham que as pretensões territoriaes não se limitavam unicamente á posse de aldeias insignificantes. Todavia são estas as que mais trabalho tem dado á diplomacia das duas nações. E' extraordinariamente interessante que a aldeia de Barrancos, onde o sr. dr. Leite de Vasconcellos descobriu uma linguagem mixta, seja uma destas povoações contestadas de posse. Existe no Archivo Nacional, no corpo denominado das *Gavetas*, uma inquirição feita no sec. XV entre os moradores de Barrancos sobre os limites. Grande numero de testemunhas são castelhanas e senhoras de terras no territorio

vizinho. Deixando este caso especial, farei duas perguntas. Que lingua se fallaria em Andaluzia, se os reis portugueses tivessem conquistado Sevilha? No Algarve dominaria ainda a lingua portuguesa, posto que esta provincia não dependesse já de Lisboa? A resposta que a lingua seria a do conquistador deduz-se do seguinte. O português até o rio Mondego é estreitamente aparentado com o gallego, do qual se vae differenciando quanto mais se afasta d'elle geographicamente, não tendo tido nunca porém occasião de luctar com outro qualquer idioma até o referido limite durante o seu desenvolvimento; mas nos sec. XII e XIII a sorte das armas proporciona-lhe vasto campo de expansão em territorio cuja população deveria fallar um dialecto vulgar pouco diverso do da Hespanha meridional, mas tão differente do castelhano como do português. O português chegou, portanto, tão longe, quanto as forças militares lh'o permittiram, ao mesmo tempo que o castelhano esbarrava com Portugal no seu avanço para o occidente. O desenvolvimento das duas linguas não consentiu na formação de dialectos intermediarios. Português e castelhano encontraram-se com as lanças em riste promptos a combater. Alguns transfugas houve, porém, de cá e de lá, só quando terminou o periodo mais ardente da lucta de que será exemplo Barrancos. O fallar de Barrancos não é portanto um dialecto de transição, mas sim, como tambem se diz no livro que estava analysando, um dialecto de juxtaposição.

Pgg. 155 e 156:

O povo açoriano deve differir notavelmente do madeirense. Na primeira houve introducção de raça germanica logo nos primeiros tempos da colonização, assim como no segundo ha notaveis porções de sangue canario e mesmo mauritano e negro. Cada dialecto tem uma particularidade que faz denunciar a origem do individuo, ainda que este falle correctamente o dialecto litterario. Os naturaes dos Açores esquecem com difficuldade o diphtongo *eu* que existe por ex.: em *correu*, correspondente ao litterario *correio*. Aos madeirenses não é facil pronunciar *ões* como em *corações*, que elles dizem *coraçõs*. Estas particularidades ouvi-as a dois professores naturaes dos dois pontos mencionados, particularidades que elles usavam de permeio com a pronuncia de Lisboa.

Pg. 188:

E' geralmente admittido que o rei D. Manuel enviou para S. Thomé numerosas crianças arrancadas ás familias dos judeus e que a ellas se deve o aspecto agradavel dos indigenas. E' para admirar, acceitando a relativa immunidade dos israelitas nos países quentes, que as crianças chegassem a idade de constituir familia numa região tão insalubre como aquella ilha é.

PEDRO A. D'AZEVEDO.

Erratas do FABULARIO

(Os algarismos romanos denotam as fabulas; os arabicos as linhas d'estas)

VI, 12: devia ser *he* em vez de *he-*.

XII, 23: *voomtade* em vez de *vomtade*.

XIII, 5-6: *dessem* em vez de *desse<m>*. A nota 8 devia ser assim redigida: «*dessem* refere-se á aguia e aos filhos».

XVII, 15: devia estar virgula depois de *cousas*, e depois de *fazer* (em vez de dois pontos).

XXI, 6: virgula depois de *mall*.

XXII, 1: devia ser *emxemplo*, embora no ms. estivesse *exº* (o mais usual é *emxº*).

XXIX, 10: *ey d'amdar* em vez de *ey-d'amdar*.

24: ponto final em vez de interrogação.

XXX, 19: *prijgo* em vez de *priigo*.

XXXIV, 22-23: devia ficar entre aspas a phrase que começa por *porque* e termina por *cor*[*açom*], pois é discurso directo, como se vê das palavras *ora* e *aqui*; depois de *dicto* devia haver dois pontos.

XXXV, 8: *mamcebo* em vez de *mácebo*.

15: virgula em vez de ponto e virgula.

XXXVI, 12: ponto e virgula em vez de dois pontos.

15: ponto e virgula em vez de simples virgula.

XXXVII, 11: *fázel lo* ou *fázello* em vez de *fáze-llo*.

XXXIX, 15: depois de *jmijguo* devia estar ponto e virgula, e não virgula.

XLI, 21: *pam* em vez de *pom*.

XLII, 4: *grande* em vez de *grando*.

XLIV, 15: depois de *olhos* deviam estar dois pontos, e não virgula.

XLV, 19: Ponha-se virgula depois de *mesa*, e substitua-se a nota 2 por esta: «*porque* = visto que».

28: *scudeyro* em vez de *'scudeyro*.

Supprimir a nota 3 correspondente á linha 37, porque neste e noutros casos que citarei mais adiante *diz* não tem sujeito declarado.

XLIX, 1: Supprima-se [*em*].

L, 3: *rrogaram-no* em vez de *rrogarom no*.

17: devia ser *emsina* em vez de *emsiua*.

18: *o bem* em vez de *e bem*.

LII, 18: em vez de [*uici*]*o* leia-se *p*[*ecad*]*o*, porque a photographia deixa ver, embora com custo, um *p*, e parece que um *a*; além d'isso o espaço convém mais á segunda correcção que á primeira. Cf. tambem no *Leal Conselheiro*, p. 192 (ed. de Paris): *pecado de guargantoyce*. Que *pecado* tem só um *c*, mostra-o a fabula XLVII, 15.

LIII, 10: *taaes* em vez de *taees*.

LVII, 16: talvez seja *prijguo*, e não *priguo*, porque o ms. tem neste sitio uma dobra.

LIX, 3: *coobra* em vez de *cobra*.

LXI, 65: a nota 4 deve ser redigida assim: «Vid. supra, linha 40, nota 4».

LXII, 14: a nota 2 deve ser supprimida, pois trato d'este caso mais adeante.

AULA DE PHILOLOGIA PORTUGUESA

SUMMULA DAS PRELECÇÕES FEITAS NA BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA NO ANNO LECTIVO DE 1903-1904

Tendo-me pedido alguns alumnos do Curso de Bibliothecario-Archivista que lhes fizesse na Bibliotheca Nacional de Lisboa umas prelecções de Philologia Portuguesa, principalmente a respeito da lingoa archaica, accedi de bom grado, e logo tratei de obter para isso auctorização superior.

Por Portaria de 31 de Dezembro de 1903, emanada do Ministerio do Reino, sob proposta do sr. Bibliothecario-Mór interino, fui officialmente encarregado de fazer na Bibliotheca Nacional de Lisboa as referidas prelecções, sem encargo para o thesouro publico [1]. Já antes porém d'esse dia ellas tinham começado, com auctorização provisoria do sr. Director da Bibliotheca.

Ao todo fiz no anno lectivo de 1903-1904 vinte e duas prelecções. A aula foi frequentada não só por alumnos do Curso de Bibliothecario-Archivista, mas tambem por alumnos de outros estabelecimentos scientificos, e por varios professores que me quiseram honrar com a sua presença e assiduidade.

Aqui indico o summario de todas as prelecções.

1.ª Prelecção [2]

1. Glottologia, glottica, linguistica; philologia; grammatica; historia de uma lingoa. — Sentido em que se tomam estas expressões.

2. Devemos ter presentes ao espirito os dois seguintes principios: 1.º, que as lingoas mudam no tempo e no espaço; 2.º, que taes mudanças obedecem a leis.

3. Das mudanças no tempo e no espaço resultam, de um lado,

[1] Vid. *Diario do Governo*, de 8 de Janeiro de 1904, n.º 5, p. 69.
[2] Em 11 de Novembro de 1903.

as differentes phases de uma mesma lingoa (phase archaica, phase moderna), do outro, as variedades idiomaticas e dialectaes. Exemplos de português archaico: 1) phoneticas *(fermoso, rãa, fruito, lũa, coobra)*; 2) morphologicas *(som* «sou», *sodes, tever, teveste, arça* «arda», *português* masc. e fem., *chus* «mais», *cinque* «cinco», *mui-muito)*; 3) syntacticas *(Deus fez-vos melhor d'outra dona)*. Exemplos dialectaes: ê < ei, ô < ou, *andí* «andei», *foche* «foste», *num faz minga, cortêlho, menza, cortinha, côte.* A certas particularidades que distinguem um individuo de outro, no andar, nos olhos, no cabello, na estatura, na intelligencia, na sensibilidade, na vontade, correspondem differenças na lingoagem, na voz, na rapidez com que falla, na predilecção por certos vocabulos. Temos assim: dialectos (com sub dialectos e variedades) e individualismos. Quando as differenças são muito grandes, produz-se o que costumamos chamar *lingoas* ou *idiomas*.

4. O 2.º principio só póde ser bem comprehendido no decorrer do nosso estudo. Em todo o caso não é inutil notar, desde já, certas regularidades: *fruito — fruto, enxuito — enxuto, luita — luta; tilhado, tijolo, sinhor; passiar, viado, ciar.*

5. Mas devemos notar: 1.º, que ha apparentes excepções ás leis estabelecidas, excepções que se explicam pela acção mais energica de outras leis, porque sempre em tudo o mais forte vence o mais fraco; 2.º, que podem num caso ou noutro manifestar-se influencias individuaes, sobretudo no estylo, na syntaxe e no vocabulario.

6. E' nesta regularidade das leis a que obedecem as lingoas que se funda a glottologia, hoje tão solidamente estabelecida. Baseando-se nestas leis, o glottologo póde não só reconstituir palavras desapparecidas, como o paleontologo, que por um osso recompõe ás vezes o aspecto de um animal extincto, mas prevêr a evolução que a lingoa em certos casos ha-de tomar, como o astronomo, que prediz um eclipse.

7. Origem da lingoa portuguesa no latim vulgar trazido pelos Romanos para a Lusitania.

8. Idiomas neo-latinos, além do português: hespanhol, provençal, francês, franco-provençal, italiano, ladino, sardo e rumeno. A par d'estes idiomas ha muitos outros que estão para com elles na relação de dialectos e de co-dialectos: como o mirandês e gallego a par do português; o asturiano a par do castelhano ou hespanhol; o catalão e o gascão a par do provençal etc. — Trabalhos citados a este proposito: *Grammaire des langues romanes,* de F. Diez, 3 vols.; *Grammatik der romanischen Sprachen,* de Meyer-Lübke, 4 vols.; *Einführung in das Studium der romanischen Sprachwissenschaft,* do mesmo; *Lingue neo-latine,* de E. Gorra; *Romanische Sprachwissenschaft,* de Zauner.

2.ª Prelecção

Recapitulação do que se disse na 1.ª prelecção.

9. Latim vulgar em geral, e da Hispania e da Lusitania em

particular. Propagação do latim na Peninsula, demonstrada: 1) por um texto de Estrabão, *Geogr.*, III, II, 15; 2) pela epigraphia: *Corpus Inscriptionum Latinarum*, vol. II. — Trabalhos apresentados aos alumnos a proposito do latim vulgar: Schuchardt, *Vokalismus des Vulgärlateins*, 1866; Meyer-Lübke, *Geschichte der lateinischen Volkssprache* (no *Grundriss der rom. Philolog.*, I, 355 ss.); Körting, *Lateinisch-Romanischer Wörterbuch*, 1901 (2.ª ed.); Kempf, *Romanorum sermonis castrensis reliquiae*, 1901; Carnoy, *Le latin d'Espagne d'après les inscriptions*, 1e partie, 1902.

10. Latim barbaro. Exs. nos *Portugaliae monumenta historica* publicados pela Academia das Sciencias de Lisboa *(Diplomata et chartae)*. Ha documentos que datam já do sec. IX. E' o latim dos escrivães da idade-média, que nada tem com o latim vulgar, lingoa viva.

11. Épocas do português: 1) archaica (sec. XII-XVI); 2) moderna (sec. XVI-XX). Com sub-divisões.

3.ª Prelecção

Recapitulação da prelecção anterior.

12. Onde se estuda o português antigo. Livraria de mão dos monges de Alcobaça, hoje na maior parte na Bibliotheca Nacional de Lisboa. Outras collecções existentes na Bibliotheca Nacional. Riquezas manuscritas da Torre do Tombo. Varias bibliothecas do país. Collecções de textos já publicadas: *Dissertações* de J. P. Ribeiro; *Ineditos* de Fr. Fortunato de S. Boaventura; *Doc. hist. da cidade de Evora* de G. Pereira; *Port. mon. hist.*, já citados. Grandes obras litterarias: Cancioneiros, *Leal Conselheiro*, *Demanda do Santo Graal*, Gil Vicente, Fernão Lopez etc. Boas edições de Saa de Miranda, por D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos; de Christovão Falcão, por Epiphanio Dias: ha nellas uteis indicações philologicas.

13. Dialectologia portuguesa. Gallego, mirandês, varios falares raianos; modificações que a nossa lingoa apresenta do Norte ao Sul do país e nas ilhas; português do Brasil; dialectos crioulos fallados na Africa e Asia. Bibliographia: *Grammatica gallega* de Saco Arce; *Estudos de philologia mirandesa* e *Esquisse d'une dialectologie portugaise* do professor da cadeira; trabalhos de Schuchardt, Adolfo Coelho, Sebastião Dalgado, Gonçalves Vianna, J. Joaquim Nunes, Marcellino de Barros; *Revista Lusitana*.

14. Phases do gallego. Monumentos da litteratura gallega: *Cronica troiana*, *Cantigas* de Affonso o Sabio, varias Chronicas.

4.ª Prelecção

15. Fontes do lexico português.

a) A principal fonte é o latim. A's vezes dá-se o caso de uma

palavra latina estar representada por duas, uma de origem popular, outra de origem litteraria, ou de a palavras populares corresponderem derivados litterarios: *meão—mediano, feito—facto, logar (lugar)—local; vodo* (*bodo*)—*votar, antigo—antiquario, razão—racional.* As palavras da primeira classe provém do lexico primitivo dos Lusitano-Romanos; as da segunda provém de palavras tiradas do lexico litterario em differentes épocas. Ha muitas palavras que, comquanto de origem litteraria, se tornaram populares: *claro—caro* (arc.), *Claudio—Croyo* (arc.), *clamor—cramol* (dial.).—Estas duas classes tem o nome de *divergentes* ou *allotropicas.* Factos analogos succedem noutras lingoas romanicas; e ha a este respeito alguns trabalhos philologicos. E' evidente que as leis a que obedece a evolução de uma d'estas classes não são as mesmas que aquellas a que obedece a outra, porque cada uma se produziu em circumstancias proprias.

b) Os Romanos introduziram no seu vocabulario varias palavras das lingoas que encontraram na Peninsula. Tambem no nosso onomastico existem vocabulos de origem pre-romana. Exemplos: *lousa,* do th. de lausiae, que se lê na tabula de bronze da mina lusitano-romana de Aljustrel, do sec. II da era christã; o suffixo *-arro* em *can-z--arr-ão; Coimbra* < Conimbriga, *Coina* < Equábona. *Lima* < Limia. A respeito das lingoas antigas da Peninsula vid. E. Hübner, *Monumenta linguae Ibericae,* 1893. Não raro acontece que uma palavra antiga sái do uso geral e fica estereotypada em um adagio ou numa phrase. Nesse caso está *braga,* que vem do celtico braca. A *braca* era um vestuario, de que provém as actuaes calças: vid. Rich, *Dict. des antiquités rom. et grecques,* s. v. «bracae», e D'Arbois de Jubainville, *Les Celtes,* Paris 1904, p. 69. Em português antigo usou-se *braga* na lingoa corrente; no sec. XVI havia já o composto *calças-bragas,* usado por Valentim Fernandes, *Ilhas,* p. 34: este composto apresenta synonymia, o que é vulgar quando uma palavra está a sair do uso e a ser substituida por outra (empregam-se ambas a um tempo). De *braga* provém na ling. ant. os derivados *bragal* e *bragádiga:* vid. Viterbo, *Elucidario,* s. v. Do uso de *bragas* temos ainda hoje um adagio que diz:

Não se pescam trutas
A *bragas* enxutas,

onde *bragas* se costuma substituir pela palavra homophona *barbas,* por a significação de *bragas* estar oblitterada. O sentido de *bragas* acha-se mais claro nest'outro, que se lê em Rolland, *Adagios,* 1780:

Quem *bragas* não ha endouto,
As costuras lhe fazem nojo...

e onde *endouto,* como mostrei na *Rev. Hispanique,* IV, 212, quer dizer «vestido» (participio), vindo pois o adagio a significar: «a quem não

está costumado a vestir bragas, as costuras incommodam-no» [1], porque antes das *bracae* usavam os Romanos as *tunicae*, que eram vestuarios que não opprimiam as pernas, como as bragas. Ao mesmo tempo se vê que o segundo adagio ascende a grande antiguidade, i. é, ao tempo em que as tunicas foram substituidas pelas bragas, substituição a que posteriormente corresponde na lingoagem a d'estas pelas calças. Cada uma das substituições tem sua representação litteraria: uma, a mais antiga, no adagio; outra, a mais moderna, na expressão seiscentistica, já citada, *calças-bragas*.

5.ª Prelecção

c) Depois dos Romanos vieram os Germanos e Alanos para a Peninsula, no sec. v. Os Alanos pouca importancia tem para o nosso caso. Sob a denominação de Germanos comprehendem-se varios povos, entre os quaes os Visigodos. Noticia das lingoas germanicas: *germanico do Norte* (lingoas escandinavicas); *germanico occidental* ou *do Sul* (anglo-saxão, inglês; frisico; allemão); *germanico oriental* ou *vandilico* (gotico, vandalico etc.). Os Visigodos fallavam visigotico, um dos dois ramos do gotico. A palavra *Visigodo* applica-se aos Godos do Occidente, mas originariamente tinha outra significação: *wisi*, *wesi*, «bom», *Gothae* «homens», «heroes»; cf. Streitberg, *Gotisches Elementarbuch*, 1900, p. 6-7. Da lingoa dos Godos ha varios monumentos, mas o mais importante é a traducção (fragmentada) da Biblia, feita pelo bispo Wúlfila, no sec. iv.—Para o estudo dos elementos germanicos da nossa lingoa é de grande auxilio o onomastico (nomes de pessoas e nomes geographicos). Vid. sobre este assunto: E. Förstemann, *Altdeutsche Namen aus Spanien* (na *Zs. f. vergl. Sprachforsch.* de Kuhn, xx, 1872, p. 430 ss.); Goldschmidt, *Zur Kritik der altgermanischen Elemente in Spanischen*, 1887; Pedro d'Azevedo, *Nomes de pessoas e nomes de logares* (separata da *Rev. Lusitana*, vi, 47.). Exemplos de palavras germanico-portuguesas: *guerra*; *rico, feltro, guisa, trepar, Recarei, Ermesinde, Tàgilde.*—São fórmas divergentes: *sala* e *Sá*. A palavra *sala*, a que corresponde o hesp. *sala*, o ital. *sala*, o fr. *salle*, o prov. *sala* (all. *Saal*, alto-allemão ant. *sal* «casa», «habitação») é de origem relativamente moderna; *Sá*, pelo contrario, comquanto da mesma familia, é antiga, genuinamente popular, e muito espalhada no onomastico galleco-portuguès: *Saa-Vedra, Saas, Saas-Vinhas* (= Saas das Vinhas), *Saa, Sá, Sá de Arriba, Sá de Bajo*,—na Galliza; *Villa Chã de Sá, Sá de Baixo, Sá de Cima, Sá de Sangalhos, Sá*,—em Portugal.

[1] O primeiro verso do adagio offerece um exemplo de anacoluthia. A rima é toante *(-outo, -ójo)*.

6.ª Prelecção

d) No sec. VIII vieram os Arabes, vulgarmente chamados *Mouros*. O seu dominio foi mais intenso no Sul do reino do que no Norte. Os Arabes mantiveram entre nós civilização relativamente brilhante. No sec. XII podemos mesmo apresentar alguns nomes de auctores arabicos: Bem Bassame, natural de Santarem; Bem Sahibaçalá, natural de Beja; Benamar, natural de Estombar; Bem Mozaim, filho de um principe de Silves; Bem Badrum, natural de Silves; Benabdum, natural de Evora; Alalame, natural de Faro. Uns foram poetas, outros foram historiadores. Cf. David Lopes, *Aljamía portuguesa*, 1897, p. VIII-IX; Gabriel Pereira, *Estudos Eborenses*, n.º 31, Evora 1893; Oliveira Parreira, *Os Luso-Arabes*, II (Lisboa 1899), 233 ss. Da civilização arabica restam ainda hoje cá alguns elementos materiaes: moedas, inscripções, esculpturas, ceramica. Pelo que toca á lingoa, vid., entre outros trabalhos: Dozy, *Glossaire des mots espagnols et portugais dérivés de l'arabe;* Sousa & Moura, *Vestigios da ling. arabica em Portugal*, 1830.—Temos palavras arabicas na lingoa commum, como *alface, alfarroba, alfazema, azenha* (caracter agrario da civilização arabica), *garrafa, xarope, zagal; Alcantara, Alfama, Algés;* o elemento *odi-, ode-* «rio» em *Odiana* (ant.), *Odesseixe, Odemira, Odiáxere*, e simplificado em *Degebe* (= Odegebe), *Delouca* (= Odelouca). Geralmente é: *ode-* ou *de-* antes de consoante *(Odemira, Degebe)*, e *odi-* antes de vogal (*Odiana*). Problematico é por ora *Odivellas* (rio e povoação). Por etymologia popular: *Agua-de-Lupe* = Guadalupe; *Agua-Diana* = Guadiana.

e) Ha no nosso lexico elementos de outras especies, que serão indicados no decurso das prelecções: palavras de origem judaica, hespanhola, francesa, italiana, allemã, inglesa; das lingoas da America, da Africa e da Asia; etc.

7.ª Prelecção

16. GRAMMATICA HISTORICA DA LINGOA PORTUGUESA. — Phonologia. — Classificação dos sons simples da lingua portuguesa: vogaes e consoantes. — Vid.: Gonçalves Vianna, *Essai de Phonétique*, 1883 (na *Romania*, t. XII), e *Exposição da pronuncia normal portuguesa*, 1892.

17. Lei da conservação do accento latino na mesma syllaba: *bésta* < balísta, *mancha* < mácula. As apparentes excepções que ha são devidas a analogia: *amávamos* < amabámus, por influencia de *amava, amavas, amava*, com o accento na 2.ª syllaba.

18. Phonetica historica do português. — Vid. a este respeito: Adolfo Coelho, *Questões da ling. portug.*, I, 1874 (obra hoje antiquada); J. Cornu, *Die portug. Sprache*, 1888 (no *Grundriss* de Gröber, t. I); J. J. Nunes, *Phonet. hist. port.* (na *Rev. Lusit.*, III, 251 ss.).—Vogaes tonicas latinas representadas em português: $\bar{a} > a$ $\breve{a} > a$,

ĭ > *e*, ī > *i*, ē > *e*, ĕ > *e*, ō > *o*, ŏ > *o*, ū > *u*, ŭ > *o*. Exemplos: cāsa > casa, cărrus > carro, fīlum > fio, cĭto > cedo, vidēre > veer > ver, tĕrra > terra, sōlus > soo > só, pŏssum > posso, ūnus > ũu > um, rŭmpo > rompo.

8.ª e 9.ª Prelecções

19. Desenvolvimento do § 18. Iufluencia do *iod: eito* < actu, *Freitas* < fractas. Metaphonia ou *Umlaut: cubro* < cŏp'rio, *tibio* < tĕpidus.

20. Vogaes atonas. Deve escrever-se *cear, passear,* e não *ceiar, passeiar,* embora se diga *ceia* è *passeio*, pois *e* tonico antes de vogal soa *ei,* ao passo que *e* atono antes de vogal sôa *i,* posto que representado por *e.*

21. Semi-vogaes latinas: DI, ex. *verças* < vir'dias, *hoje* < hodie; TI, ex. *-eza* < -itia; LI, ex. *folha* < folia. — Ditongos tonicos e atonos: AV > *ou.*

22. Evolução das consoantes latinas em português: a) Consideradas em separado: As consoantes iniciaes mantem-se geralmente (terra > terra, lama > lama, carus > caro); em CE e CI o C assibila-se; em GE e GI o G palataliza-se. Das consoantes finaes, -C cái (sic > si > sim. nec > *ne > nem), -T muda-sa em *-d,* que tambem cái (erat > *erad > era); -M cái, excepto nos monosyllabos (amabam > amava; cum > com, proclitico; rem > rem); a preposição in dá *em;* ad dá *a;* as restantes consoantes ficam. Entre vogaes: -L- syncopa-se (solu- > soo > só; colore- > coor > côr); -N- transforma-se em resonancia nasal, que em certos casos desapparece (luna > lũa > lua); as surdas -P-, -T-, -C- abrandam respectivamente em *b, d, g* (lupu- > lobo, pratu- > prado, amicu- > amigo); -F- dá *v* (profectu > proveito); -B-, -D-, -G-, -V- caem ou ficam, segundo os casos; -S- torna-se sonoro; -M- e -R- ficam; -CE- e -CI- dão *ze, zi.* b) Consoantes consideradas em grupos: PL- > ch- (plorare > chorar), CL- > ch (clave- > chave), -CL- (-ac'lu- > alho), -MPL- > -ch- (amplu- > ancho. c) Consoantes geminadas ou dobradas: LL > l, NN > n, TT > t. — Foram apenas citados os factos elementares. No estudo dos textos, durante as prelecções seguintes, dá-se porém mais algum desenvolvimento á materia.

23. Accidentes geraes: assimilação, dissimilação. Exs.: *Sanhoane* < Sã Joane, *amos* (pop.) < ambos; *priol* (arc.) < prior, *propio* (pop. e arc.) < proprio.

10.ª e 11.ª Prelecções

24. Explicação de um texto em latim barbaro do sec. IX: o n.º VII dos *Diplomata et Chartae.* Interpretação etymologica de cada palavra.

Observações de sematologia a proposito de *pariare* (lat.), *peitar, pagar*. Notas ethnographicas (*robóra*). — Este estudo foi precedido de uma noticia historico-geographica da região a que o texto pertence (margens do Douro).

12.ª Prelecção

25. Continuação da Grammatica historica. — Morphologia. Grande influencia que a analogia exerce no desenvolvimento morphologico (§ 17). A morphologia portuguesa, como a das outras lingoas romanicas, é em parte continuação da latina; em parte, porém, distingue-se d'ella pelo apparecimento de typos novos ou pela efflorescencia de typos que em latim estavam apenas em germen: ex. o futuro, os tempos compostos, a voz passiva-periphrastica, o superlativo periphrastico.

26. **Declinação.** — Substantivo. a) Vestigios dos casos latinos em romanço. Em latim ha 7 casos; noutras lingoas indo-germanicas ha ou mais ou menos (em sanscrito 8, em grego, irlandês antigo e allemão 5, em inglês 2). Successivo desapparecimento dos casos latinos em romanço: 2 casos no francês antigo e no provençal. Restos de casos em português: *Sagres* < Sacris, *Chaves* < Fláviis; adverbio *agora* < hac hora, *ogano* (ant.) < hoc anno; *santório* (pop.) = santoro < sanctorum, por influencia ecclesiastica. Vitalidade do genetivo singular na idade-media em designações locativas (*Villa Margariti*, por ex.) e na indicação da filiação. — O caso typico em português é o accusativo: sing. *casa*, pl. *casas*.

27. **Origem dos numeraes.** — *Cinque* (arc.) < lat. vulg. cinque < lat. litt. quinque (o *-e* mudou-se em *-o*, talvez por influencia do *o* de *quatro*). *Dezóito* com *ó*, a par de *oito* com *ôi* (no Sul), porque vem de *dezaoito* (arc.).

13.ª e 14.ª Prelecções

28. Explicação de um texto em português do sec. XIII: o testamento d'el-rei D. Affonso II, publicado pelo sr. Pedro d'Azevedo na *Revista Lusitana*, VIII, 82 ss. Estudo etymologico de cada palavra e da sua significação. Observações sobre a antiga orthographia, e sobre syntaxe. A proposito da expressão *temente o dia de mia morte*, indicação de exs. modernos de conservação do participio presente latino: cfr. *Estudos de philologia mirandesa*, I, 367, nota. Palavras varias: *barom* < lat. barone-, *apostóligo* «pápa», *sémel* < semen, *Bragaa*, *Coimbria* < * *Colimbria* < Conimbriga, *proe*, *o maior filho* «o mais velho» (cfr. hesp. *hijo mayor*), *manda* «disposição testamentaria». Fórmas verbaes: *recébia* < recipiat, *devier* (futuro do conj.).

15.ª, 16.ª e 17.ª Prelecções

Continuação da Morphologia Portuguesa.

29. **Pronomes e artigos.** — Pronomes pessoaes. Lat. mihi = mi deu em português: com fórma tonica *mi* (arc.), *mim;* com fórma atona: *mi* (arc.), *me*. Em tibi, sibi syncopou-se o -b- por influencia de *mi:* fórmas tonicas *ti, si,* atonas *te, se.* Fórma popular *sim* «si», por influencia da nasal de *mim*. Gallego *ti* «tu». Fórmas archaicas: *migo, tigo,* sem *com.* — Pronomes demonstrativos: *aqueste* (arc.) < eccu'iste, *aquesto* (arc.) < eccu'istud, *ello* (arc.) < illud.

30. **Origem do artigo:** illu- > *lo* que, quando intervocalico, perdeu o *-l-* (§ 22), generalizando-se depois a fórma *o* (*de lo* > de o, *a lo* > ao). Vestigios do *l* primitivo: *alvez* (Minho) < a la vez, *aldemenos* (arc., e ainda usado nos Açores) < a lo de menos, *al-mar* e *al-menos* (antigos). Fóra do uso litterario: *todollos* < todos los; arc. *sobollo* < sober-lo < sobre lo. Outros vestigios: *no* < em lo; *pelo* < per lo. — Origem de *uma,* arc. *ũa:* vid. *Rev. Lusit.*, IV, 40; cfr. alemtej. *jumar* «jejuar», brasil. *luma* «lua». Coalescencia: *maluta* = uma luta, — vid. *Revue Hispanique,* V, 423 ss. — Artigo = pron. pessoal: *vêem-no, vê-lo.*

31. **Pronomes indefinidos.** Fórmas archaicas: *todo; al* < *ale por *aliud* (influencia de tale), ou do lat. ant. *alid* = *aliud; algo* < aliquod, *nengũu* < necunu-. Explicação de *óutrem* por *outrém* (cfr. hesp. arc. *otrien*) sob a influencia de *alguém,* com recúo de accento por influencia de *outro*. Graus de *muito: chus muito,* comparativo; *mui-muito,* superlativo; de *muito* veiu *mũito,* póp. *munto;* fórma proclitica *mui* (cfr. hesp. *muy,* que não é apocope de *mucho,* como explicam alguns diccionaristas, mas da fórma prehistorica **muyto,* antecedente de *mucho,* por *muycho*). Arc. *medés* ou *medês* < met ipse (cfr. *invés* < inverse). pl. *medeses*; a pronuncia *medés* (accento no *e,* agudo ou circumflexo) prova-se pelas rimas, por ex.:

A que me faz querer mal mi medes
. . . .
E des*a*sperar de Deus, que mi pes

no *Cancioneiro de D. Denis,* ed. de H. Lang, vv. 529 e 531. — Importancia da metrica para o estudo da phonetica antiga. — Parallelas a *medés* temos as fórmas provençaes *medeis, mezeis, meeis,* no fem. *medeissa.*

32. **Pronomes relativos.** Uso antigo de *cujo:* «*cujo* é este campo».

33. **Pronomes possessivos.** Fórmas tonicas: lat. mea, *mia > arc. *mĩa* > mod. *minha;* fórmas atonas: arc. *mha, ma.* Os pronomes *seu* e *teu* explicam-se por *seus e *teus, fórmas de *suus* e *tuus* influenciadas por *meus*. Sobre *vosso* e *nosso* cfr. *Rev. Lusit.*, IV, 275.

34. Outros factos de morphologia (declinação, verbos, formação de palavras, etc.) e alguns de syntaxe foram indicados por occasião da explicação dos textos.

18.ª e 19.ª Prelecções

35. Conclusão do estudo do testamento de D. Affonso II, iniciado na prelecção 13.ª (vid. § 28). Várias fórmas verbaes: *remaserũ* < remanserunt, sten < stent, *moira* < * moriat, *aduzer (aduzir)* < adducere, *vinir* = *vĩir* < venire, cujo preterito *vẽo* é um raro ex. de preteritos em *-o*, caracteristicos do gallego, *denos* = dẽnos, *sũ* = som (infl. de *sunt*). Vocabulos: *ontre* (cfr. gallego), *nonas* = non las, *suso*, *assunar* = assũar (cfr. *Rev. Lusit.*, I, 125). Explicação da phrase *quatro dias por andar de Junho* = 30 de Junho (cfr. em latim: *ante diem.. kalendas*); o contrário era: *tantos dias andados.*

20.ª Prelecção

36. Estudámos até aqui um documento em latim barbaro do sec. IX, onde o português começa a transparecer como lingoa litteraria, e um bello texto do sec. XIII, em prosa, onde a lingoa se manifesta já em toda a sua pujança. Estudemos agora alguns textos poeticos da idade-media. Da primitiva poesia portuguesa temos monumentos em abundancia nos *Cancioneiros.*

Noticia dos Cancioneiros portugueses do Vaticano e de Collocci-Brancuti, mss. do sec. XV ou XVI executados na Italia, e do Cancioneiro da Ajuda ou dos Nobres, ms. do sec. XIII ou XIV. Estudos e publicações a que estes Cancioneiros deram occasião. — A poesia portuguesa está nelles representada por duas correntes: uma de origem nacional, outra de origem provençal. A ultima é a mais amplamente representada. — A par d'estes Cancioneiros podem collocar-se as *Cantigas* de Affonso o Sabio, sec. XIII, em gallego, contidas em codd. tambem do sec. XIII, e de que ha uma ed. (Madrid) de 1889.

Noticia da lingoa e poesia provençaes. *Proensa* (em provençal; fr. *Provence;* port. ant. *Proença*), de provincia, i. é, *provincia Romana*, na Gallia. A lingoa tinha differentes nomes: *d'oc*, *romana*, *provençal* etc. Comprehende: a) o provençal propriamente dito; b) o gascão; c) o catalão. Relaciona-se estreitamente com ella o franco-provençal. A poesia provençal nasceu da poesia popular do Sul da França; nobilitou-se porém e desenvolveu-se sob a influencia feudal, alegrando durante alguns seculos os salões dos castellos e dos paços. Começos nos sec. X-XI; esplendor nos sec. XII-XIII; decadencia nos sec. XIII-XIV. Trovadores e jograes. Nomes de alguns poetas: Arnaut Daniel, Bernart de Ventadorn, Bertran de Born, Cercalmont, Folquet de Marselha, Guillem de Poitiers, Marcabrun, Monge de Montaudon, Peire Cardenal, Peire Vidal, Raimbaut de Vaqueirás. A poesia provençal diffundiu-se não só pelo Norte da França, mas pela Italia, pela Allemanha e pela Iberia. Na Iberia exerceu pouca influencia em Castella, onde só se manifesta um eco no sec. XV; exerceu porém muita em Aragão

e Catalunha, e na Gallia e Portugal. Ha poetas italianos, como Bonifacio Calvo e Sordello, que escreveram em provençal. Raimon Vidal, catalão, escreveu, no sec. XIII, as *Razós de trobar*. Ha algumas allusões a Portugal na poesia provençal, por ex., em Marcabrun (sec. XII) e na *Cruzada contra os Albigenses* (sec. XIII). Bonifacio Calvo, a que já me referi, natural de Genova (sec. XIII), escreveu poesias em português. Tambem ha ensaios de poetas portugueses escreverem em provençal.

A poesia provençal em Portugal, segundo os recentes estudos da sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, começa no sec. XII (reinado de D. Sancho I); tem o seu esplendor no tempo de D. Affonso III, *periodo aureo* ou *affonsino* (sec. XIII), e chega até o sec. XIV. A mais antiga canção que possuimos parece ser uma de Paay Soarez, de Taveiroos (1183). O mais notavel poeta é el-rei D. Denis (sec. XIII-XIV).

Análise de uma poesia dionisiana, segundo o *Liederbuch des Königs Denis von Portugal* «Cancioneiro de el-rei D. Denis de Portugal», ed. do dr. H. Lang, Halle a. S. 1894, p. 41, n. XLIII, na qual se manifesta, por propria declaração do rei-trovador, a influencia provençal de que acima se falla:

Quer'eu em maneira de Proençal
Fazer agora um cantar d'amor...

Estudo das expressões mais notaveis: *Proençal*, *Proença*, fórmas archaicas (ainda hoje no nosso onamastico ha *Proença*, palavra que porém não provem da Gallia, mas se desenvolveu aqui directamente de provincia; cfr. *Genoês* < Genovês); *cantar d'amor*; *querrei* = quer(e)rei; *loar* < *lodare < laudare; *senhor* < seniore-, commum de dois; *prez*, prov. *pretz*, *prez* «valor»; *fal*, de *falir* (cfr. subst. *falimento* «falha») < *fallire <> fallere (prov. *falhir*, *falir*); *quiso*, fórma gallega usada na poesia; *er* = *ar*, particula; *pouco de bem*; *pos* < lat. vulg. posit (por *posuit*), attestado no *Corp. Inscr. Lat.*, vol. II, p. 1189; *beldade* < *bellitate-, como malitate-; *tra-lo* «excepto o» < trans + artigo.

21.ª Prelecção

Leitura e explicação de uma poesia de Paay Soarez, de Taveiroos, a quem acima me referi: é a que tem o n.º 34 no *Cancioneiro da Ajuda*, edição de D. Carolina Michaëlis, e o n.º 149 (122) no *Cancioneiro de Collocci-Brancuti*. — Cantiga com estribilho, em versos de 8 syllabas metricas, e em estrophes que tem entre si rimas analogas.

Varias expressões: quer < quaerit (estudo do verbo *querer*; 1.ª pess. pres. indic. *queiro* no *Canc. Gallego-Castellano*, cfr. hoje *requeiro*); *gram*, fórma syncopada, em próclise, por *grande*, em *gram pavor*, *gram coita*, *gram pesar*, que vem no *Canc. de D. Denis*, embora tambem ahi se diga *grande folgança*, v. 1549 (cfr. *grão terra* em João de Barros, hesp. *gran fiesta*, e as fórmas modernas estereotypadas *grão-*

mestre, grão-prior; é frequente nestas condições *-ão* e *-ã* (cfr. *tãobem, tãbem* «tambem»; *São Brás, Sã Brás); moiro* vb. < *morio <> morior; *prazer* < placere, fórma semi-litteraria, senão PL- daria *ch-* (§ 22); *cuidar* < cogitare (cfr. *coydar* noutros textos antigos); *asmar* = *esmar* < aestimare (cfr. hoje *a esmo*).

22.ª Prelecção (a ultima) [1]

Estudo de outra poesia do mesmo auctor: n.º 36 do *Cancioneiro da Ajuda,* e n.º 123 (150) do *Cancioneiro de Collocci-Brancuti.* Começa:

Como morreu quen nunca ben
.Ouve da ren que mais amou,
E quen viu quanto receou
D'ela, e foi morto por en:
Ay mia senhor, assi moir' eu!

Esta poesia é notavel pela sua fórma, e pelo sentimento que revela. Vários vocabulos: *ren* = *rem,* muito usado tanto na poesia, como na presa, até tarde (ainda chega ao sec. XVI); *recear* < re-zelare (*z* = ts; cfr. hesp. *recelar); en* = en(de) < inde; ledo < laetu-; *valer* < * valuere, por *valere,* formado do preterito valui.

Recapitulação. O estudo que fizemos este anno, posto que rapido, constou do seguinte:

a) principios de glottologia geral (lição 1.ª);
b) latim vulgar, latim barbaro, e epocas da lingoa portuguesa (l. 2.ª);
c) elementos para o estudo da lingoa archaica, e dialectologia (l. 3.ª);
d) fontes do lexico português (l. 4.ª a 6.ª);
e) primeiras linhas de grammatica historica da lingoa portuguesa (l. 7.ª a 9.ª, 12.ª, 15.ª a 17.ª);
f) explicação de textos antigos (l. 10.ª, 11.ª, 13.ª, 14.ª, 18.ª a 22.ª).

Espero continuar este curso.

---

[1] Em 8 de Junho de 1904.

LES ÉLÉMENTS FOLKLORIQUES

DE LA

LÉGENDE DE WAMBA

La légende de Wamba, roi des Visigoths, a trouvé sa refonte classique dans le drame de Lope de Vega, intitulé tantôt *Vida y Muerte de Bamba*, tantôt tout simplement *El Rey Bamba* ou *Comedia de Bamba* [1].

Lope a ingénieusement utilisé les traits légendaires qu'il pouvait rencontrer dans ses sources, pour donner plus de relief encore à l'image idéale que l'histoire avait transmise de ce héros. Il a même cru opportun d'en ajouter encore quelques-uns qui n'étaient pas compris dans les œuvres où il a puisé, et qui ne sont que des réminiscences de ses lectures des anciens écrivains romains.

M. Menéndez y Pelayo a, le premier, examiné cette légende dans les «Observaciones Preliminares» du VIIe vol. de l'édition monumentale des Œuvres de Lope, publiée par l'Académie Espagnole [2]. Il a constaté qu'une légende ne s'est formée autour de Wamba que très tard et que cette légende n'était nullement populaire à l'origine, «aunque algo influyese en ella el prestigio tradicional que en los siglos de la Reconquista debió de acompañar el nombre del valeroso soldado que intentó detener con mano fuerte la decadencia militar del pueblo visigodo, ahogó los gérmenes de la insurrección en la Galia Narbonense y desbarató la primera invasión de los árabes abrasando sus bajeles». Si ses exploits et son rôle historique assurèrent à Wamba un souvenir durable après sa mort, ce fut encore plus le cas, comme l'a justement observé M. Menéndez y Pelayo, pour les singulières circonstances qui accompagnèrent son élection et son abdica-

[1] En ce qui concerne la graphie du nom, il est à remarquer que les anciennes éditions portent également *Vamba* ou *Bamba* ou même *Banba*, phénomène fréquent, comme on sait, dans les vieux mss. espagnols. Le mot *wamba* (fém.), assez fréquent dans les textes gothiques, signifie «ventre» et est identique à l'all. mod. *Wampe*, *Wamme*, néerl. *wam*, angl. *womb*, etc. (v. Kluge, *Etymologisches Wörterbuch der deutschen Sprache*, s. v.).

[2] *Obras de Lope de Vega* publicadas por la Real Academia Española. Tomo VII: *Crónicas y Leyendas Dramáticas de España*. Primera Sección. Madrid (Rivadeneyra) 1897.

tion. Aussi on conçoit «que en la historia misma estaba dado el fondo de la leyenda, como generalmente sucede».

C'est donc l'histoire elle-même qui a fourni les premiers éléments d'une légende de Wamba. En effet, les anciens chroniqueurs nous racontent que Wamba refusa d'abord la couronne qui lui fut offerte par les Visigoths, et qu'il dut être forcé à l'accepter. Cet épisode, qu'il soit historique ou non, prête déjà à une interprétation légendaire. On se souvient des légendes qui voilent les faits historiques concernant la naissance et la jeunesse de Charlemagne; on est par trop porté à y voir un prétexte pour justifier l'avénement du futur empereur, dont le frère, Carloman, était probablement le seul prétendant légitime à la couronne. Pour Wamba. les vraies raisons de son refus nous échappent. En tout cas, les vieilles chroniques ne rapportent pas encore l'épisode de la mission à Rome et de la révélation de Dieu, d'après laquelle les Goths trouveraient le nouveau roi labourant son champ avec un bœuf blanc et un autre rouge.

Les plus anciens récits de l'histoire de Wamba ne mentionnent que deux signes mystérieux qui devaient révéler sa vocation divine. Roderic, archevêque de Tolède [1], parle de la cérémonie électorale en ces termes: «Et in ipsa hora qua à Pontifice ungebatur, cunctis cernentibus visus est *vapor* ab eo loco, ubi unctionis oleum fundebatur, in modum virgae funeae *(fumeae)* ascendisse, et visa est *apis* de eius capite prosiluisse, et ad cœlos continue volitasse. Et qui diligentius cogitabant, intelligebant per eum Gothorum regnum feliciter exaltandum, et in pacis dulcedine gubernandum».

Lucas de Tuy s'exprime à peu près de la même manière dans son *Chronicon Mundi:* [2] «Era DCCIIII post Reccesuinthum Bambæ regnum Gotthorum rexit nouem annis. Hic Toleti ea hora qua vnctus est in Regem *cum quadam euaporatione* visa est *apis*, à cunctis qui aderant, ex capite eius exire & ad cœlos volare. Hoc signum factum est à Domino, vt futuras victorias nunciaret de inimicis per eum, & dulcedinem pacis, quam habuit erga suos».

Saavedra Taxardo, dans sa *Corona Gothica Castellana y Austriaca* [3] cite les mêmes signes d'après Julien de Tolède, dont il ajoute en marge le texte latin, et insiste sur l'autorité de ce personnage qui

[1] Roderici Archiepiscopi Toletani *Historia de rebus Hispaniae*. Lib. III, c. 1 ss., dans *P.P. Toletanorum quotquot extant Opera*. Tomus Tertius. Matriti MDCCXCIII.

[2] Se trouve dans *Hispaniae Illustratae sev Vrbium Rerumque Hispanicarum, Academiarum, Bibliothecarum, Clarorum denique in omni disciplinarum Genere Scriptorum Auctores varii Chronologi, Historici,* partim editi nvnc primvm, partim auctiores, melioresque facti studio & opera *Andreae Schotti* Antverp. Societatis Jesv. Tomus IIII. Francofvrti. Apud Claudium Marnium & heredes Joan. Aubrii. Anno MDCVIII, pag. 55.

[3] *Corona Gothica Castellana y Austriaca politicamente illustrada*. Por Don Diego Saavedra Taxardo, etc. En Madrid (Por Andres Garcia de la Iglesia). Año 1670; fol. 372.

doit exclure toute mystification: «Mostrò el Cielo aprobar su eleccion, porque de la parte de su cabeça, donde cayò el Sagrado Olio, se leuantò *vn vapor en forma de coluna,* y entre èl *vna abeja* que bolò àzia el Cielo. No fue credulidad del Pueblo, porque lo testifica Julian Obispo de Toledo; sino misterio con que suele la diuina Prouidencia señalar las acciones futuras de las personas Reales, ò para aduertimiēto, ò para que se conozca que atiēde a los Ceptros, y al gouierno de las cosas inferiores».

La version de la *Crónica de España,* qui servit si souvent de source à Lope de Vega, est complètement abandonnée par le célèbre auteur dans notre cas. J'en donne le texte d'après l'édition de Zamora (1541), fol. 186 *v.*: «E cuenta la estoria q̃ aquella ora que lo ouo el arçobispo vngido que le salio de la boca *vna abeja* que bolo suso en alto contra el çielo: ⁊ esto que lo vieron todos — mas aquellos que lo vieron pensaron enello que cosa podrie ser — ⁊ entendieron que por aquel serie honrrado ⁊ ensalçado el reyno de los Godos — ⁊ que mãterniē en bien ⁊ en paz».

Les données de la *Crónica de España* ont été suivies par Mariana. Comme on voit, les auteurs que nous avons cités jusqu'ici, ont tous copié la version ecclésiastique originale qui voulait montrer que l'élection de Wamba avait été approuvée publiquement par des signes divins, et dont l'auteur, dans ce but, se servait de ces signes mystérieux qu'il pouvait relever dans l'Histoire Romaine de Tite-Live.

Almela est le premier qui donne la version telle que nous la lisons dans le drame de Lope, et M. Menéndez y Pelayo en conclut que le livre d'Almela fut la source directe de Lope. Almela peut avoir mis à profit des légendes courantes de son temps, étant donné que la légende de Wamba n'a pas cessé d'exister dans la Péninsule Ibérique, jusqu'à nos jours [1]. Outre ce livre d'Almela intitulé *Valerio de las Historias Escolásticas y de España,* Lope a certainement connu la romance commençant par le vers «En los tiempos de los Godos». Il l'a même englobée dans le IIe acte du drame, où plusieurs vers sont presque textuellement identiques à ceux de la romance. Le texte d'Almela et la romance contiennent, en effet, des éléments de pure tradition populaire, qui se retrouvent ailleurs, et qui, tout en étant originairement de propagation savante ou semi-savante, appartiennent à ce grand fonds international de légendes.

La romance dont il s'agit, est registrée sous le n.° 578 dans le *Romancero* de Duran. J'en ai trouvé une version plus courte dans le ms. esp. 373 [2] de la Bibliothèque Nationale de Paris. Cette version

[1] Voir les traditions populaires, communiquées par M. A. Alfredo Alves, dans le IIIe vol. de la présente revue, p. 74 ss. (1895): *Algumas tradições populares recolhidas na aldeia de Santa Margarida, concelho de Idanha-a-Nova,* N.° VIII: «Lenda do Rei Wamba», et M. Leite de Vasconcellos, dans *Tradições Populares de Portugal,* Porto 1882, pag. 105.

[2] Les deux mss. esp. 372 et 373 de de la B. N. de Paris (ns. 601 et 602

abrégée, qui compte 57 vers contre 70 dans Duran, contient tous les mêmes traits légendaires que celle du grand *Romancero* de Duran. Comme elle n'est pas encore publiée, je la donne ici *in extenso* [1]:

fol. 53:

Romance

En el tiempo de los Godos
No hauia Rey en Castilla;
Cada cual quiere ser Rey,
Avnque le cueste la vida.
Padre sancto auia en Roma
Que haze la cristiana vida:
Hechado se a en oraçion,
Hechado se a en rogatiua,

fol. 53. v°

Porque Dios le reuelase
Quien seria Rey en Castilla.
Estando vna noche orando,
Casi dormir se queria,
Por la graçia de Dios Padre
Reuelado se le hauia.
Otro dia de mañana
A los Godos les dezia:
«No piense ser nadie Rey,
Que ya ay Rey en Castilla:
Es vn pobre labrador
Que arar ganaua su vida;
Bamba tenia por nombre
Y de los Godos venia.
Haueys lo de hallar arando
En los Reynos de Castilla
Con un buey blanco manchado
Y otro negro en compañia».
Los Godos que aquesto oyeron

fol. 54

Cada cual toma su via,
Toda Castilla andubieron,
Que no dexaron partida.

dans le *Catalogue des mss. esp. et pg.* de M. Morel-Fatio), forment un recueil de poésie et de prose de tout genre, compilé sans aucun ordre. Ils sont écrits par le même scribe et appartenaient autrefois à Balthasar-Henry de Fourcy, dont ils portent les armes. Parmi les poésies de ce recueil nous trouvons 19 romances, dont 7 ont été publiées par Duran, mais toutes d'après un autre texte que celui de nos mss. Les autres romances diffèrent ou considérablement du texte de Duran, ou sont tout-à-fait indépendantes de celui-ci. Je compte référer ailleurs au sujet de ce recueil intéressant à plusieurs points de vue.

[1] La graphie du ms. est rigoureusement maintenue; la ponctuation manque dans l'original.

En el Reyno de Toledo,
En una pequeña villa,
Vieron yr vna muger
Por vna cañada ariba,
Vna cesta en la caueza
En que lleua la comida.
La muger que va cansada
Estas palabras dezia:
«Banba, venios a comer,
Acaua que es medio dia».
Los Godos que aquesto oyeron
Cobraron gran alegria:
Vanse tras de la muger
A ver donde pararia;
Y quando bieron a Bamba,
Gran reuerençia le hazian:
«Danos las manos, señor,
fol. 54. vº Que bien de besar serian;
Todos somos tus vassallos,
Tu heres Rey de Castilla».
Bamba piensa que le burlan
Y de entre ellos se salia.
Yncara la bara en tierra
Y estas palabras deçia:
«Quando esta bara florezca,
Sere Rey yo de Castilla».
Avn no lo huuo bien dicho,
La vara ya floreçia.

Tous les éléments populaires de cette légende ont été conservés par Lope. C'est de quoi s'est déjà aperçu F. Wolf, qui dans la *Rosa de Romances* (Leipzig 1846) ajoute la note suivante à la romance de Timoneda: «Lope de Vega ha conservado en su comedia intitulada *El-Rey Bamba* todos los rasgos tradicionales que le dan á este romance un carácter de popularidad y antigüedad».

M. Menéndez y Pelayo a essayé d'indiquer les sources de cette légende. Il dit à la page XXI: «Como se ve, esta leyenda ha sido compaginada á retazos. La embajada al Papa es idea tomada del preámbulo del apócrifo Fuero de Sobrarbe; la elección de Vamba cuando araba con sus bueyes recuerda la de Saúl, en el libro I de los «Reyes» [1] cuando andaba buscando las borricas de su padre; y finalmente la vara florecida es trasunto de la de Aarón y de la de San José».

Je ne saurais trouver aucune ressemblance entre l'élection de

[1] La citation est erronée. L'élection de Saül est racontée I Sam. 10.

Saül et l'épisode des ânesses d'une part et celle de Wamba avec ses bœufs de l'autre. Je crois qu'on doit plutôt y voir une adaptation du récit de l'élection de Cincinnatus. On se rappelle que les patriciens nommèrent Cincinnatus consul. Les licteurs qui allèrent lui porter les insignes de sa dignité, le trouvèrent dans sa maison rurale au delà du Tibre, et conduisant lui-même sa charrue.

Il en est de même de l'élection de Wamba. Il n'y a de variantes qu'en ce qui concerne la couleur des bœufs. Dans la romance publiée par Wolf et Duran et reproduite per M. Menéndez y Pelayo, il est parlé d'«un buey blanco y cereño (fausse graphie pour «sereno» d'après Wolf) y un prieto en su compañia»; celle de la Bibliothèque Nationale de Paris porte: «Con un buey blanco manchado y otro negro en compañia». Dans Almela, Dieu révèle au pape «que le hallarian labrando con un buey blanco y otro bermejo», et la même version se retrouve dans Lope, où l'ange annonce à Agathon la volonté de Dieu en disant:

Agato, Dios no quiere que ninguno
De éstos sea Rey, que Rey tiene elegido
El cual arando se hallará en España
Con dos bueyes, un rojo y otro blanco,
El cual tendrá por sobrenombre Bamba.

L'épisode du bâton qui pousse des feuilles. est des plus répandus dans le domaine du folk-lore. Il se trouve déjà, comme l'indique M. Menéndez y Pelayo, dans l'ancien testament. Le bâton. l'ancêtre du sceptre, était originairement un signe d'autorité. Dans IV Moïse 17,8 il apparaît pour la première fois comme un moyen de deviner la volonté de Dieu. Moïse trouve le bâton d'Aaron fleurissant et produisant des amandes [1]. Lope de Vega fait lui-même allusion à ce passage de la Sainte Ecriture, quand il fait dire à Wamba (p. 53 de l'édition de l'Académie Espagnole):

Florece á Aarón la vara entre sus manos,
Y Moisés ve en la zarza aquel mistero.

Le motif de cette légende du bâton qui fleurit, semble très ancien. Gaston Paris [2] a renvoyé à un passage d'Homère. Les écrivains de l'antiquité classique la connaissaient aussi; ce fut le cas notam-

[1] V. *The Jewish Encyclopædia.* Vol. I (New York and London 1901), s. v. Aaron's Rod., etc.

Baring-Gould S., *Curious Myths of the Middle Ages,* Oxford and Cambridge (Rivington) MDCCCLXXXI. New Edition. P. 55-92: «The Divining Rod».

[2] *Légendes du Moyen âge* par Gaston Paris, 2e édition. Paris (Hachette) 1904, p. 113 ss. «La Légende du Tannhäuser» (réimprimée de la *Revue de Paris* du 15 mars 1898).

ment de Silius Italicus et Ovide. (V. la note de M. Leite de Vasconcellos à la page 77 du III[e] vol. de la *Revista Lusitana,* et les *Tradições populares de Portugal,* du même auteur, p. 105).

Ce motif est entré dans la Légende du Tannhäuser et a ainsi trouvé une diffusion extrême dans les pays du nord. Les déductions de Gaston Paris (ouvrage cité en note, pg. 136) rendent certain que cet épisode a passé d'Italie en Allemagne. Les chansons en dialectes allemands qui décrivent les sorts du minnesinger, parlent de ce miracle. Tannhäuser, sorti du Venusberg, demande l'absolution au pape; celui-ci la lui refuse. Il tient à la main un bâton desséché et le fiche en terre en disant: «Comme ce bâton ne peut plus verdoyer, tu ne peux être absous de tes péchés». Voici le texte d'une version d'après A. Nodnagel [1]:

Der bapst het ein stäblein in d'hant,
Das was sich also dürre,
Als wenig es gegrünen mag
Kumbst du zu gottes hulde.

Mais le troisième jour après le départ de Tannhäuser le bâton se met à pousser des feuilles:

Das wert biss an den dritten tag,
Der stab hub an zu grünen.

«La morale qui se dégage de la forme religieuse donnée à notre légende est une de celles que le moyen âge a le plus aimées. et il l'a souvent, comme ici, appliquée à des histoires auxquelles elle était d'abord tout à fait étrangère. C'est l'idée, éminemment catholique, qu'il n'est pas de si grand péché que Dieu ne pardonne à la confession et au repentir sincère». (G. Paris).

Dans une chanson suisse du canton de Saint Gall le bâton produit trois roses.

M. Erich Schmidt [2] renvoie en outre à la légende de Neck, racontée par J. Grimm (*Mythologie,* II, 781), qui, de son côté l'avait trouvée dans Afzelius, II, 156. C'est notre légende transplantée en Suède. Un prêtre s'adresse à Neck, un des esprits de l'eau de la mythologie scandinave, de la manière suivante: «Ce roseau dans ma main se mettra plutôt à fleurir que tu puisses être sauvé». En entendant ces paroles, le pauvre Neck rejette sa harpe et commence à pleurer. Le prêtre, en s'en allant, voit que le roseau a produit des fleurs, il retourne et Neck recommence à jouer des airs joyeux.

[1] A. Nodnagel, *Die Tannhäusersage und ihre Bearbeitungen,* dans l'*Archiv für das Studium der neueren Sprachen,* p. p. L. Herrig, T. VI (1849), pg. 119-139.
[2] Erich Schmidt, dans *Nord und Süd,* numéro de novembre 1892, pg. 182 ss.

Le même miracle s'attache au nom de saint Boniface (Winfried). Quand son bâton jeta des racines et se mit à bourgeonner, les Germains payens se convertirent. (V. Nodnagel, l. c. p. 123).

La légende de l'«aguijada» de Wamba qui se met à verdoyer, n'est donc qu'une branche d'un motif folklorique largement répandu. Les traditions populaires qui M. Alves a recueillies (v. plus haut), montrent que la légende de Wamba n'a pas été oubliée. Comme il arrive souvent, on a même entrelacé d'autres légendes dans celle qui existait depuis longtemps. C'est ainsi que le motif du poulet rôti qui redevient vivant et se met à voler, a été appliqué au cas de Wamba, apparemment parce qu'il a quelque ressemblance ave le bâton sec qui redevient vert.

Si la légende populaire de ce roi gothique a continué à vivre dans la Péninsule Ibérique, il n'en est pas de même de la forme dramatique qu'elle a trouvée. Le drame de Lope n'a pas été imité autant que d'autres pièces de son théâtre. Toutefois, M. Restori (*Zeitschrift für romanische Philologie*, XVI, 1902, p. 486 ss.) énumère quelques titres de comédies encore inédites qui prouvent que l'histoire légendaire de Wamba avait attiré quelque temps l'attention des poètes. On sait qui, dans les temps modernes, Zorrilla a écrit son *Rey Loco* qui traite de Wamba, mais d'après le modèle de l'école française, et que, surtout en Allemagne, on s'est occupé du drame de Lope. Uhland avait traduit la romance de saint Ildefonso. Grillparzer était charmé du drame de Lope et l'a analysé exactement. Loriuser et Rapp nous ont donné deux bonnes traductions et Friedrich Halm, qui comme Grillparzer, aimait et appréciait beaucoup le théatre espagnol, a écrit un nouveau drame *Der Bauer als König* qui se rattache à la pièce de Lope en restant toutefois très original.

Mais tous ces drames ne rentrent pas dans le cadre de ce travail; ils n'offrent rien de populaire et ne sont que des imitations du drame de Lope [1].

Munich, Mars 1904.

MAX-LÉOPOLD WAGNER.

[1] A la fin de ce petit travail j'ai le devoir de rendre de vives grâces à Monsieur Jules Simon, lecteur à l'Université de Munich, qui a bien voulu en revoir le texte.

NOTAS CRITICAS A TEXTOS PORTUGUESES

I. «Vida de Santa Euphrosina», «Vida de Santa Maria Egypcia»

O codice n.º 266 do Archivo da Torre do Tombo contêm, entre outras composições, as vidas das duas Santas acima mencionadas. Publicou-as o snr. Cornu em 1882 no tomo XI da *Romania,* e do modo que era de esperar de tão intelligente e douto romanista. Só ha pouco, preparando um artigo, que sahiu no tomo XXVI da *Zeitschrift für romanische Philologie,* sobre a edição portuguesa da *Vida de Josaphat,* tive occasião de ler attentamente aquelles dois textos, e por isso é que tão tarde apparece aqui esta minha noticia crítica àcerca do trabalho do professor allemão.

O snr. Cornu mantêm as graphias do codice, senão que desfaz abreviaturas [1] e segue a prática moderna no emprego do *u* e do *v* (escrevendo por exemplo «saluo» em lugar de «salvo»). Eu porêm sou de parecer que, não se tratando de edições diplomaticas, se facilite mais amplamente a leitura e entendimento dos textos com o emprego não só dos sinaes orthographicos vulgares — accentos, risca de união, apostropho [2]—, senão tambem de um sinal indicativo da contracção das vogaes — que pode ser a coronis dos Gregos — v. g. «pera̓» = «pera a» [3]—, e de outro depois das palavras que no original estão unidas, contra a praxe posterior, á palavra seguinte, sinal que poderá ser a

[1] Neste ponto devo notar que, desfazendo-se a abreviatura, ha-de escrever-se «Deos» e não «Deus». A pronuncia de então distinguia «meu», pronome possessivo, de «meo», adjectivo e substantivo.

[2] Por exemplo:
estês (presente conjunctivo de «estar») em vez de *estes*, folio 46 r.
dás grandes cousas em vez de *das g. c.*, 62 v.
mete-o em vez de *meteo*, 47 v.
feze·sse [fez-se] em vez de *fezesse*, 50 v.
d'yr em vez de *dyr*, 43 r.

[3] D'este modo escrever-se-ha:
era a̓ndar (=a andar) *fóra* em vez de *era andar fora*, 43 v.
nõ dizendo nẽhũa cousa ante [antes] *A̓smarado* [=a Asmarado] em vez de *n. d. n. c. ante Asmarado*, 47 v.
inssyna̓ (=inssyna a) *homẽ toda sçiençia* em vez de *inssyna homẽ t. sc.*, 62 r.

risca de união dobrada, que, não ha muito ainda, se empregava no fim das linhas, ou um ponto no alto [1].

O codice abunda em graphias inexactas devidas a descuido do copista, e porventura do proprio autor, taes como *g* por *gu* [2], *g* por *j* [3], *i* por *j* [4], omissão do til [5]. O snr. Cornu deixa-as ficar sem mais reparo. Seria util assinalá-las como taes, por um lado, para que pessoas menos advertidas não supponhão já existentes algumas fórmas que são posteriores, por outro, para que diccionaristas semi-doutos não continuem a fazer figurar no vocabulario, como reaes, palavras e fórmas puramente imaginarias [6].

Bastantes erros do texto forão emendados, ás vezes muito habilmente, pelo professor de Graz; mas ainda ficárão alguns, que passo a indicar, apresentando a respectiva correcção.

a)

Em 42 v. está *oraçoons* por *oraçooens* (ou talvez *oraçoens*; adiante vem *horaçoões*); em 61 v. *cuidaçoons* (duas vezes); em 61 v. *deleytaçons.*

Em 43 r., 44 r. *angos* por *angeos* [=*angelos*] (como vem em 64 v.)

Em 50 r. *cõviiha* por *cõviinha.*

Em 46 r. *viomola* por *vimo la.*

1 Assim, adoptando-se a segunda maneira, escrever-se-ha:
o·zeo [zelo] em vez de *ozeo*, 43 r,
o·avisso [abysmo] em vez de *oavisso,* 56 v.
ho·ssegre [seculo] em vez de *hossegre*, 59 v.
o·deseja em vez de *odeseia*, 48 v.
a·via em vez de *avia,* 56 r.
de·sse queixar em vez de *desse queixar*, 49 r.
a·nós em vez de *anos*, 52 r.
E·sse em vez de *Esse,* 53 v.
se·te praz em vez de *sete praz*, 45 v.
ca·lhe praz em vez de *calhe praz*. 47 v.
qu·esse fezera em vez de *quesse fezera*, 46 r.
honde·sse hia em vez de *hondesse hia,* 57 v.

2 *prouge* (=*placuit*), 44 r., *prougesse*, 60 v. *prouger*, 64 v.; *chagei,* 58 v., 60 v., etc.; *comungey,* 63 r.; *alongey*, 60 v.; *seges,* 55 r.; *roges,* 43 r., etc.; *rogemos,* 47 r., *rogey,* 61 r., etc., *algem*, 48 r., etc.

3 *beygar,* 65 r., *beygando,* 65 v., *beigou,* 50 r.; *mangares,* 61 r.

4 *ia* (por *já*), 49 r., 49 v.; *veio*, 55 v.

5 *ssoo* (por *ssõo* [presente indicativo de «ser»], como vem em 45 v., ou *soom* [variante graphica de *sõo*, da mesma maneira que *poem* é variante graphica de *põe*] como vem em 55 v., 56 r., 53 v.), 45 r., 51 r., 55 r., etc.

jajuades (por *jajũades* ou *jejũades;* em 44 r. vem *jejũa*), 43 v.; *jajuuos,* 46 r.; *jejuus,* 52 v.

demoes (=*daemones*), 61 r.

teptada (por *tẽptada*=*tentada*), 61 r.

vaao (=*vanum*), 59 r.; *vaa* (=*vanam*), 46 v.; *ssaao* (adjectivo), 63 r.; *alaa* (por *a lãa*) 54 r.; *graos*, 64 v.; *maaos*, 59 v.

nehũa (mas *nẽhũa,* 47 v., 48 r.), 47 v.; *bees, boo, menhaa*, etc., etc.

6 Veja-se a este respeito o que escreveu o director d'esta Revista no numero anterior.

Em 51 r. *veencer* por *vencer;* em 56 r. *pooboo* por *povoo* [=*populum*] (logo adiante vem *poboos*).

Em 43 v. *Enfrusina* e *Enfrosina* por *Eufrosina;* em 45 v. *eucitava* por *encitava.*

Em 45 v. *Oufrosina* por *Eufrosina;* em 61 r. *Eutrossy* por *Outrossy* (adverbio).

Em 58 r. *vãa* [*navios que alla vãa*] por *vão* ou *vaão.*

Em 64 r. *alongados* por *alongadas.*

Em 57 r., 60 r. *foy* por *fuy* (conf. *fui-me* 58 r.).

Em 60 r. *mistireyme* por *misturei-me.*

Em 61 v. *mãas* por *máas.*

Em 58 v. *byva* por *vyva* (conf. *vivos* 57 r.).

qui por *que* em 47 r. (*qui faria*), 50 v. (*o qui avia*), 56 v. (*em qui tempo*), 62 r. (*cõ qui*), 49 r. (*rogote qui*), 59 r. (*cuydei qui*), 60 v. (*ante qui fosse*), 50 r. (*tanto qui*), 62 v, (*ataa qui,* conf. *ataaque* 64 v.) [1].

Na 3.ª pessoa do plural do preterito imperfeito indicativo a pronuncia era *-am* e não *-om;* nos lugares, pois, relativamente pouco numerosos [2] em que se encontra *-om* (*õ*), deve entender-se que se tomou *a* por *o* e ha-de escrever-se *am.*

Em 45 v., 51 v., está *recebeo,* em 65 v. *meteo,* em 55 r. *cingeo,* quando era normalmente de esperar *recebeo-o, meteo-o, cingeo-o.* A principio entendi que havia sido omittido por descuido o segundo *o;* mas tendo encontrado tambem em 54 v. *ascondesse,* em 56 r. *respondelhe,* em vez de *escondeo-sse, respondeo-lhe,* reconheci que tal graphia representa uma pronuncia dialectal, propria das provincias mais meridionaes do país, em que o som de *-eo* se reduz a *-ê* [3], e que por tanto empregando-se a risca de união deve escrever-se *recebê-o, metê-o, cingê-o, ascondê-sse, respondê-lhe* [4].

b)

44 r.: *vayte ao mosteiro mudado oavito sagral e viste vistidura de monge.* Leia-se: *vayte ao m., muda o avito sagral,* etc.

45 r.: *Disse-lhe o monge: Rogote que taaes desejos como estes estem bem firmes. Ca agora he tenpo de pẽedença, porem te fige tomar affam de vires aca pera comprires omeu desejo e que ffaças oraçõ por mym e que me beenzas e que talhes os cabellos da minha cabeça».* O copista saltou umas palavras, como se vê pela falta de ligação dos pensamentos e se confirma pelo texto latino que vem nas *Vitae patrum* (edição de Antuerpia de 1628): ..*modo enim est tempus poenitentiae. Dicit ei Euphrosyna: Et ideo te fatigavi ut impleas desiderium meum*.. (pag. 279). Deve pois ler-se: ..*estêm bem firmes; ca agora he tempo de pẽe-*

[1] Em *Daq̃* (45 v., 49 r.), *aq̃* (49 v.), *q̃* é abreviatura de *que.*

[2] 46 v., 55 r., 58 r. *estavom;* 46 v. *choravom, trabalhavom;* 51 r., 52 v., *moravom,* etc.

[3] Veja-se Dr. Leite de Vasconcellos, *Esquisse d'une Dialectologie portugaise,* pag. 104 e seguinte.

[4] Em 65 v. *ole õ* em vez de *o leõ* deve ser erro typographico.

dença». < *Disse-lhe Euphrosina:* « > *E porem* [= por isso] *te fige* etc.

46 v.: *nom quedes horar*. Leia-se *nom quedes* < *de* > *horar* (conf. 54 v.: *quedava de andar;* 56 v.: *queda de lidar*). De igual modo 57 v.: *quedes* < *de* > *rogar*.

47 v. *Ca afremossura dosseu* Rostro *era seca e toda desfeyta com grande astẽeça e cõ as vigilias e cõ as lagrimas*. Leia-se ..*desfeyta cõ a grande astẽeça* etc.

48 v.: *aquello que faz mester a ty a tua filha*. Leia-se *a. q. f. m. a ty* < *e* > *a tua filha*.

49 v.: *E porque eu promety ao abbade deste moesteyro muitas possyssões que daria a este moesteyro sse podesse aqui morar e durar e ssoffrer, porquete* Rogo *que conpras aquelo que eu promety*. Em *porque te* Rogo ha sem duvida corruptela. O que mais depressa lembra escrever., é: *porem* [= por isso] *te* Rogo. Provavelmente estava escrito *porẽ* e o copista viu em *ẽ* um *q̄*.

55 v.: *Leixado as muitas palavras, digote*. Leia-se: *Leixãdo*, etc.

56 r.: *mais dava elle por tras Nosso Ssenhor e dizia*. Leia-se: *mais dava elle por testemunha Nosso Senhor*, etc. O copista interpretou mal a abreviatura da «testemunha»: Nas *Vitae Patrum* está: *Jurabat autem, Deum testem verbi proponens*.

56 v.: *spiritu maglino*. O *g* está deslocado, o que é devido a ser *malino* a pronuncia popular e *maligno* graphia erudita.

56 v.: *aa linhagem*. Deve ser *ao linhagem*. (Naquelle tempo «linhagem» era masculino).

56 v.: *que mo contes todos estas cousas*. Leia-se: *que me contes* etc.

56 v. *ca nõ pode nẽhũu de nos esculdrinhar oavisso dos juizos de Deus; que tu me ffosses demostrada e me contasses e amostrasses os teus trabalhos*.., *non q̄sera elle que tu demostrasses ti meesma a mĩ*. Em nota (á palavra *Deus*) diz o snr. Cornu «*Le ms. a encoré* nom prougessem, *mais ces deux mots paraissent biffés*». As palavras forão indevidamente riscadas. O texto primitivo havia de ser: *cá nõ pode nẽhũu de nós esculdrinhar o avisso dos juizos de Deos;* < *se lhe* > *nom prouguesse que tu me ffosses demostrada.. non quisera elle* etc. Nas *Vitae Patrum* lê-se: *Nisi fuisset acceptabile Christo domino manifestare te*...

61 r.: *E disselhe:* «*Sse ẽ tantos viveste sem trabalhos ou porque foste mudada e cõvertuda tam* aRevatadamente *nẽ ouveste alguus trabalhos?*». O texto certamente não está são; não posso porêm aventar qual fosse a lição primitiva. No lugar correspondente das *Vitae Patrum* lê-se: *Dixit autem Zozimas: Et sic absque dolore transisti tanti temporis longitudinem? nihil repentinae immutationis et conturbationis sensisti calorem?* (pag. 206, col. 2.ª).

62 r.: *Ca nom vive o homẽ tam ssollamente, mais em toda palavra que ssaae pella boca*. Leia-se: ..*tam ssollamente* < *em pam* > *mais* etc. Nas *Vitae Patrum* vem (pag. 297) o conhecido texto do Evangelho *non enim in solo pane vivit homo*.

64 r.: *Eu ssey que a verdade nunca falece; que prometeo faze ssemelhantes assy meesmos.* Ha aqui lacuna; o texto ha-de preencher-se pouco mais ou menos do seguinte modo: *Eu ssey que a verdade nunca falece, que < Deos > prometeo faze<r> ssemelhantes < a ssy aquelles que purificam > a ssy meesmos.* Estando «*a ssy*» repetido a pouca distancia, o copista saltou as palavras intermedias. Nas *Vitae Patrum* lê-se: ..*Deus, qui pollicitus est sibi similes esse eos qui semetipsos purificant* (pag. 298).

*

O snr. Cornu pontuou o texto com muita intelligencia. Só notei uma inexactidão. No fol. 56 v. onde está: *E disse padre Zozimas: «O Senhor todo poderoso nos livre..*, deve escrever-se: *E disse: «Padre Zozimas, o Senhor* etc.

*

Não é meu proposito fallar do vocabulario nem da grammatica dos textos publicados; mas pareceu-me bem não deixar de mencionar um facto. No fol. 63 v. lê-se: *Dizendo o santo homẽ antre sy estas cousas, aque chega asanta molher aa Ryba do Rio.* Ao termo *áque* corresponde no texto latino *ecce*. E' o adverbio que entra na expressão corrente «A'que d'el-rei», que, de Moraes para cá (me parece), tem sido ineptamente metamorphoseada em «Aqui d'el-rei».

II. «Chronica do descobrimento e conquista de Guiné», por Gomes Eannes

Esta chronica foi-nos conservada por um unico manuscrito conhecido, que existe na Bibliotheca Nacional de Paris, e publicou-se pela primeira vez em 1841. O visconde de Santarem, que escreveu a Introducção e annotou a obra, assegura-nos que o visconde da Carreira tirou com toda a exacção, pelo seu proprio punho, a copia que serviu para a impressão, e que as provas typographicas forão corrigidas á vista do manuscrito da Bibliotheca de Paris pelo conhecido philologo José Inacio Roquete. Mas este codice não é o original primitivo, senão um apographo, segundo se infere d'estas palavras do frontispicio do livro «Chronica.. fielmente trasladada do manuscrito original contemporaneo»; e esta circumstancia é a que explica a existencia de alguns dos erros do manuscrito, que, em geral, tem de ser qualificado de assaz correcto.

Ao preparar uma edição critica do *Esmeraldo* de Duarte Pacheco Pereira, que se está publicando no *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, tive de ler, comquanto de corrida, a Chronica de Go-

mes Eannes; os reparos que então fiz, concernentes ao texto, vou communicá-los aos leitores d'esta Revista, devendo desde já advertir que varias das correcções já tinhão sido feitas, segundo opportunamente irei indicando, na excellente versão inglesa de Ch. R. Beazley e E. Prestage.

Cap. II, pag. 11, nota: *Muitas gentes destas trinas.* Leia-se:.. *destas terras.*

Cap. V, pag. 31: *Leixou mui nobres casas ao estado* (*City* na versão inglesa) *de Lixboa.* Leia-se:.. *ao Estudo de Lixboa.* E' o Estudo Geral, a Universidade primitiva.

Cap. VI, pag. 42. Em vez de *antrepoer* leia-se *antepoer* (na versão inglesa: *prefer*).

Ibidem: *Qual foe o homem cujas vertudes per algũa vinhança de vycyos nom fossem ofendydas.* No *Glossario das palavras antiquadas*, que vem no fim do volume, Roquete interpreta «vinhança» «accrescimo» e pensa que é palavra derivada de «vir». Tal derivação porêm é phoneticamente impossivel e a interpretação não quadra ao contexto. Certamente «vinhança» é corruptela, por «vizinhança». Não será fóra de proposito comparar o seguinte passo de Ammiano Marcellino: *pericula veritati saepe contigua* (XXVI 1.).

Cap. XIX, pag 108: *iremos contralla.* Leia-se: *iremos contr'ella* («contra» no sentido de «em direcção a». Na versão inglesa: *we.. will go towards the island*).

Cap. XXII, pag. 126. *aadur se poderia hi estremar quem o melhor fezesse.* Leia-se: *aaduur se poderia* etc. («aaduur [=àdúr] é adverbio archaico, por «difficilmente». Na versão inglesa: *so that it would be difficulty to distinguish*). Custa a crer que Roquete imaginasse ser o substantivo «aduar» [1].

Cap. LXII, pag. 296, nota: *aquella cadella.. foe scellificada antre os signos.* (Falla do Sirio ou Canicula). Leia-se:.. *foe stellificada..* O verbo latino *stellifico* (converter em estrella) occorre em um escholio ao verso 609 do *Ibis* de Ovidio, e Gomes Eannes refere-se ao «expoedor do Ouvydyo». (Roquete põe no *Glossario* «*scellificar* pôr no ceo, annumerar entre os astros», certamente suppondo ser um derivado de *caelum*).

Cap. LXXII, pag. 345: *E dos primeiros xx que eram, tornarom seis aos batees pera os levarem aos navyos, e os xviij seguirom avante.* Leia-se:.. e os *xiiij..* (como vem na versão inglesa).

Cap. LXXIV, pag. 350: *E que assy seja que eu de nobres e grandes feitos tinha já fallado em esta cronica.* Em vez de *tinha* leia-se *tenha.*

[1] Bluteau diz no supplemento do *Vocabulario* (e d'ahi passou o asserto para o *Elucidario* de Viterbo e para os diccionarios que se lhe tem seguido), que na *Chronica de D. João I* de Fernão Lopes (I 193) «adur» occorre como substantivo com a significação de «mal, velhacaria». Não existe semelhante substantivo e naquelle passo do nosso chronista «adur» é o mesmo adverbio archaico.

Cap. LXXV, pag. 356 e cap. LXXXVII, pag. 407: *cabo dos Matos*. Leia-se: *cabo dos Mastos* (como vem na versão inglesa. Hoje diz-se «mastro» e não «masto»).

Cap. LXXXIX, pag. 424, *cuja viinda foe aos contrarios cousa de veencimento*. Leia-se:.. *causa de vencimento*.

Alêm d'isto leia-se: no cap. VI, pag. 38 *superlativo* em vez de *superlavito* (que Roquete incluio no *Glossario*); cap. XXI, pag. 122 *seestra* (como vem no cap. LXII, pag. 294) em vez de *seesta*; cap. XXXIV, pag. 173 *peendeças* em vez de *peendeças* (que Roquete incluio no *Glossario*); cap. XLV, pag. 214 *contenenças* (como vem no cap. IX) em vez de *contenanças*; cap. XLVIII, pag. 225 *passavam* em vez de *passavom*, e *vazante* (da maré) em vez de *vazente*; cap. LXII, pag. 296 *provincia* em vez de *provencia*; no mesmo cap., pag. 298, nota, *Artom* (rigorosamente *Arcton*, accusativo de *Arctos*) em vez de *Arcom*, e vice-versa, no cap. LXXXIII. *Machico* (assim na versão inglesa) em vez de Machito; cap. LXXXVI, pag. 405 *pontifice* em vez de *pontifico*; *soydade* em vez de *suydade* (que Roquete incluiu no *Glossario*; não notei o lugar da Chronica onde vem a palavra) [1].

No cap. XIV, pag. 87, vem *magnanimento coração*. Duvido que Gomes Eannes empregasse *magnanimento* por *magnanimo*, como pensa Roquete; supponho antes haver corruptela. Tambem não creio que o autor da *Chronica* dissesse *estrollo* (palavra que Roquete incluiu no *Glossario*) por *estrollogo* ou *astrologo*.

Quem observa a prática moderna no emprego do *v* e do *u* como faz o editor da *Chronica*, deve pôr *ávrego* e não *aurego* (cap. LXII, pag. 298). Roquete, que acertadamente deriva esta palavra do latim *Africus*, engana-se quando entende que deve ler-se «abrego». A fórma «avrego» (por: sul) occorre frequentemente em documentos antigos tratando-se de demarcações, vid. documentos de 1327, 1328, 1368, 1373, 1374, 1389, citados pelo snr. A. Vieira da Silva no *Archeologo Português*, V, pag. 322, 326, 343, e VI, pag. 118, 119, 127) [2]

[1] Na pag. 150 vem «sajaria». Como bem viu Roquete, este substantivo é um derivado do adjectivo archaico (de origem estrangeira) «sages» (sabio); não se ha-de emendar para «sagaçaria», como pretende o visconde de Santarem em nota posta a esta palavra.

No cap. XXXI, pag. 159 lê-se: *E razoandosse assy sobre esta novidade, filharom quatro daquelles atrevimento de se certificar de tamanha duvida.* O visconde de Santarem julga haver omissão do copista e que deve ser «filharom quatro daquelles *que tiveram atrevimento*, etc.». O texto está correcto; «quatro daquelles» é o sujeito de «filharom»; «filhar atrevimento» é locução corrente no português archaico, e vem tambem no cap. LXXV: *filhou atrevimento de se chegar mais avante.* (Na versão inglesa: *four of them were bold enough..*).

[2] No cap. III, pag. 11, nota, está *Emeroe*. E' graphia incorrecta em vez de *E Meroe* (no Egypto), como bem entendêrão os traductores ingleses.

Na mesma nota vem «CAUCASO. *Este monte* se diz assy *a Candore*»; quer dizer: do vocabulo latino *candor* (*from Candor* na versão inglesa).

Noutro lugar lê-se: (coucho).. *semelhante a alguns que ha nos rijos de Mondego ou de Zezer*, ao que corresponde na versão inglesa: *like to some that are in*

Não sei se as palavras *moiz* (*as frechas.. nom teem penas, nem mossa pera entrar a corda, soomente a moiz toda hũa, e som curtas*, cap. LXIII), *enxavata* (cap. LXV) e *basas* (*e parecem como bainhas de basas*, cap. LII), que até agora não tem apparecido noutra parte, se hão-de considerar incorruptas; em todo o caso não é conhecida a sua significação, e em particular o que Roquete diz da ultima («BASAS, vasas. lavores, feitios vasados»), é inteiramente fundado no ar.

No cap. LXXVI, pag. 360, lê-se: *Enganavanse ainda na perfundeza do mar, ca tiinham em suas cartas que eram prayas tam baixas, que a hũa legoa de terra nom avia mais que hũa braça daugua; o que se achou per o contrairo, ca os navyos teverom e teem assaz daltura pera seu marear tirando certos baixos e assy se fez Essacanas que hi ha em certas restyngas, segundo agora acharees nas cartas de marear, que o Iffante mandou fazer.* O visconde de Santarem, depois de dizer que segundo o diccionario de Golio *Essacanas* é palavra arabe que significa «logar onde huma pessoa habita», escreve: «Posto que admittida esta [significação] para a explicação do texto, este fique ainda obscuro, e se não possa bem acomodar com o que alli se diz, comtudo parece-nos que se pode entender que o A. quiz dizer que todas aquellas observações se fizerão *nas habitações* (Essacanas) que *hi ha em certas restyngas, segundo,* etc.». A interpretação dada pelo visconde á parte do texto que vae de «tirando» a «restyngas» é de todo phantastica e admira que os traductores ingleses, aliás tão discretos, se encostassem ao parecer do visconde e escrevessem «..*except for certain shoals; and thus dwellings were made that exist on certain sandbanks, as you will find*..». Aquella parte do texto está a olhos vistos corrupta, e ao que me parece, insanavelmente. A palavra arabe, absolutamente desconhecida no nosso lexico, e demais escrita com inicial maiuscula, é alli inteiramente descabida. Suspeito que uma nota marginal, ainda neste caso mal entendida, saltou para o texto, e que primitivamente estava escrito:.. *tirando certos baixos e certas restyngas*..».

Em Janeiro de 1904.

EPIPHANIO DIAS.

---

use on the rapids of the Mondego and the Zezere. Os traductores cuidárão que a terceira letra de «rijos» era a nossa consoante *j* e que o vocabulo corresponde ao que na moderna nomenclatura geógraphica se chama «um rápido» (o que no Douro, creio eu, se diz «ponto»); «rijos» porêm é a palavra «rios» escrita, como era vulgar naquelles tempos com dois *ii* (sendo o segundo prolongado para baixo da linha).

Notarei neste lugar uma inexactidão de Roquete. No cap. LXXXVIII está: *vós outros que a Christãa religiom manteendes, dizee senhas orações.* Roquete diz no *Glossario*: «senhas orações, suas, vossas orações». No português archaico «senhos» é um numeral distributivo (e Roquete devia conhecê-lo, por isso que vem no *Elucidario* de Viterbo); corresponde etymologicamente e na significação ao numeral latino *singuli;* de modo que «dizee senhas orações» equivale a «dizei cada um uma oração».

TEXTOS ARCHAICOS

PARA USO DA AULA DE PHILOLOGIA PORTUGUESA

ESTABELECIDA NA BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA POR PORTARIA
DE 31 DE DEZEMBRO DE 1903

I

Documentos em latim barbaro

(SEC. IX — XII)

1. — Doação

Dos *Portugaliae Mon. Hist.*, Dipl. et Chart., vol. I, p. 5, n.º VII. — O ms. pertenceu ao mosteiro de Pendurada (Entre-Douro-e-Minho). — Anno de 874.

Fofino, Gaton, Astrilli, Arguiru, Vestremiru, Guinilli et Araganti placitum facimus inter nos, unus ad alios, per scripturam firmitatis, notum die quod erit III° nonas Aprilis era DCCCC^{a} XII^{a}, super ipsa eclesia et super nostras hereditates, quantas habuerimus et ganare potuerimus usque ad obitum nostrum, que non habeamus licentiam super illas nec uindere, nec donare, nec testare in parte extranea, nisi unus ad alios aut ad ipsa eclesia uocabulo Sancti Andree Apostoli.

Et qui minima fecerit, et istum placitum excesserit, pariet parte de que isto placito obseruauerit X boues de XIII^{m} XIII^{m} modios, et iudicato.

Nos pernominatos in hoc placito manus nostras ro+++++++ uoramus.

Pro test.: Oliti test. — Tramondu test. — Arguiru test.

Menendo notuit.

2. — Titulo de venda

Dos *Portugaliae Mon. Hist.*, Dipl. et Chart., vol. I, p. 6, n.º X, segundo uma cópia (ao que parece do sec. XI) que pertenceu ao mosteiro de Arouca (Beira). — Anno de 883.

In Dei nomine. Ego Balteiro et uxor sua nomine Ogenia uobis Kartemiro et uxor sua Astrilli, Viliado et uxor sua nomine Teodo-

riga, Bonoso et uxor sua Eilo, Ermigio et uxor sua Froili: placuit nobis atque conuenit, nullis quoque gentis imperio nec suadentis artigulo, sed propria nobis accessit uoluntas, sano animo atque integro consilio, ut uinderemus ad uobis, sicut et uendimus, iam dictis Kartemiro et heredibus tuis, uilares nostros proprios que dicent Baltar, et alio que dicent Villarino, et fer a Pauia; et diuident ipsos uillares cum uilla Canas et cum vilar de Redes et cum Pardellas, usque ad foce de Pauiola, et de alia parte per Pausaduro usque in Canas, et inde iuso a Pauia in prono. Vendimus ad uobis ipsos uilares iam superius nominati, per suis terminis antiquis, terras cultas uel baruaras, arbores fructuosas et infructuosas, sautos, pascuis, paadulibus, aquis aquarum, paredes, auellanales, portu, per suis terminis et locis antiquis, acesum uel regresum, quantum super terra uel sub terra.

Et acepimus de uos precio LX modios, que nobis bene complacuit; et de precio aput uos nicil remansit in debito. Ita ut de odie die et tempore siant ipsos uilares de iuri nostro abrasos, et it uestro iure uel dominio sint traditus uel confirmatu. Abeatis uos et omnis posteritas uestra.

Siquis tamen, quod fierit non credimus, aliquis homo uenerit, uel uenerimus, ad inrumpendum contra hanc kartula uenditionis, que nos ad iudicio deuendicare non potuerimus, que pariemus ad uobis illos uillares dublados uel quantum ad uobis fuerit melioratos.

Facta cartula uendicionis undecimo kalendas Januarii era DCCCC XXIª.

Balteiro et uxor sua Ogenia in anc kartula uendicionis manus nostras rouorauimus. I sunt testes: Atina test., Sando test., Aumiro test., Midon test., Numtimiro presbitero test.

3. — Doação

Dos *Port. Mon. Hist.*, Dipl. et Chart, vol. I, p. 9, n.º XIV. O ms. pertenceu ao mosteiro de Moreira (Entre-Douro-e-Minho).—Anno de 907.

In nomini Domini. Ego Odario Dauiz ideo placuit mici, asto animo et bone pacis uolumtas, ut facere tiui, iermana mea Trudilli, sicut et facio tiui, scriptura donationis et firmitatis de uilla nostra propria nominata Freiseno, que iace inter ambas Labrugias, subtus Ciuitas Albarelios et Castro de Boue, territorio bragarense et portugalense. Conzedo tiui ipsa intecra, domus uel intrinsecus domorum, exitus montium ad domom, aquas aquarum, uel sesegas mollinarum, cum cunctis prestationibus suis, quantum in se obtine; et conzedo tiui mancipias meas nominibus Mariamen et Sahema et Zafara, ipsas mauras, et ipsa uilla cum omnem suas ereditates et sua prestantia,

4. Nos *Port. Mon. Hist.* escreveu-se *iamdictis*. 8. Leia-se *Pausadouro?* 12. Por *padulibus?*

que dedit mici pater meus Dauid Abba, ut auea ego ipsa uilla et ipsas ereditates et ipsas mancipias in mea uita, et post ouitum meo tornent se ipsum, que in scriptura, post tua parte sanas et intecras. Et facias de eas quod tua fuerit uoluntas, relinquendi sit licentia potestas de ipsa uilla et de ipsas mancipias; et facias mici minsas et zereum oblatione pro remedio anime mee.

Et insuper ad carta confirmando accepimus de te Iº uaso de argento et II'ˢ lenzos: tantum nobis bene conplacuit.

Et si aliquis generis omine uenerint, uel uenerimus, ad inrumpendo contra hanc scriptura firmitatis, uel de posteritas nostras, que unc scriptura infringere uoluerint, quomodo pariemus, uel parie, unusquisquis fuerit, ipsum quos in scriptura resona duplatum, et iudicato.

Era DCCCCX XXXVª notum die idus Aprilis.

Oduario in hanc scriptura donationis et firmitatis mano mea confirmo +. Torsario Dauiz manum mea +. Letula, ploris Truitemiro, mano mea +.

Asperigu test. Amarello test. Erbozano test. Fredeiro test. Aron test. Ariulfu test. Fagildo test.

Zidi presbiter notuit.

4. — **Testamento**

Dos *Documentos Ineditos dos seculos XII-XV* por Oliveira Guimarães, Porto 1896, p. 3, n.º III. O ms. original pertenceu ao mosteiro do Souto (Entre-Douro-e Minho).—Anno de 1177.

Era M.CC.X.V. Mando ego Horraca Petri meum corpus ad monasterium Sancti Salvatoris de Sauto et ipsum meum casalem de Rial integrum cum omnibus que ad illum pertinent, in quo morauit Menendus Luz, et meum lectum cum almuzala et cum mea manta noua. Ad Mariam Pelagiz I. ouelia et I. cabra cum sua filia. Ad Mariam, filiam de Petro Caluo, I. ouelia et I. capra et II quartarios de pan et I arca et I telega de pan in quocumque anno donec habeat uirum. Mando ut Petrus Pelagiz teneat in uita sua ipsas casas in quibus morat. Ad Petrum Gunsaluiz, meum abbatem. I. ouelia et I capra. Ad gafos de Vimaranis et de Bragaa et de Barcelos singulas telegas. Ad Sanctum Martinum de Candaosu II morabitinos de hereditate de Portela de Lectões.

3. No texto lê-se *que in scriptura*. Talvez falte *resonat*. Cf. l. 12. 25, 28. Vid. p. 217 dos *Doc. Ineditos* (errata), onde se corrige *Peliz* em *Pelagiz*. 27. Póde entender-se *pam* ou *pan*, pois o ms. original tem *pã*. 32. No original *lectoes*, como verifiquei no Museu de Guimarães, onde o ms. hoje está.

II

Documentos em português

(SEC. XII-XIII)

1. — Testamento

Dos dois mais antigos documentos portugueses que tem data, é este um, que encontrei na Torre do Tombo: Documentos do mosteiro de Vairão (Entre-Douro-e-Minho), caixa 55. Foi publicado pela primeira vez na minha *Esquisse d'une dialectologie portugaise,* Paris 1901, p. 14. Desfaço as abreviaturas e pontuo. — E' o complemento do documento publicado por J. Pedro Ribeiro, *Dissert. chron. e crit.*, I, 275-276. — Anno de 1193.

In Christi nomine. Amen. Eu Eluira Sanchiz offeyro o meu corpo áás virtudes de Sam Saluador do moensteyro de Vayram, e offeyro co' no meu corpo todo o herdamento que eu ey en Centegãus e as tres quartas do padroadigo d'essa eygleyga e todo hu herdamento de Crexemil, assi us das sestas como todo u outro herdamento; que u aia u moensteyro de Vayram por en *saecula saeculorum. Amen.*

Fecta karta mense Septembre era MCCXXXI.

Menendus Sanchiz testes. Stephanus Suariz testes. Vermúú Ordoniz testes. Sancho Diaz testes. Gonsaluus Diaz testes.

Ego Gonsaluus Petri presbyter notauit.

2. — Noticia de torto

Fragmento de uma *noticia de torto* (rascunho) do tempo de D. Sancho I: vid. J. P. Ribeiro, *Dissert. chronol.*, I, 182. O mesmo A. publicou-a já, *ob. cit.*, I, 273. — O fragmento que transcrevo para aqui foi copiado directamente do ms. original que existe na Torre do Tombo: Cartorio de Vairão, maço I de pergam. ant., n.º 45. — Na minha transcrição faço o seguinte: separo as palavras segundo o uso moderno; pontuo; adopto letra maiuscula nas circumstancias em que hoje se adopta; desfaço algumas abreviaturas, regulando-me pelo proprio texto nos casos em que identica palavra vem por extenso. — Assunto: Lourenço Fernandes está-se queixando dos filhos de D. Gonçalo.

. . . . E d'auer que oueŗũ de seu pater nu[n]qua li ĩde derũ parte. Deu Dũ Gõcaluo a Laurẽco Fernãdiz e Martĩ Gõcaluiz XII casaes por

1. *In Xi nñe.* 2. *mõn.* Transcrevi por *moensteyro,* porque assim se lê por extenso na l. 6. 6. *sclã scl'orum ãm.* 7. *mse Stb'r.* 8. *Mdus,* com um til sobre o *M.* Podia transcrever-se por *Mẽendus,* mas o escriba alatinava, como se vê dos outros nomes. 8. *t˜s,* que transcrevo por *testes,* e não por *testis,* porque na l. 9 vem *testes* por extenso. 11. *ouerũ* deverá lêr-se *ouverũ* (ouverom). 12. Depois de XII ha um *a* riscado.

arras de sua auóó, e tilarũ-li illos inde vi casales cũ torto. E podedes saber como mando[u] Dũ Gõcauo a sua morte: de xvi casales de Veracin que defructarũ e que li nunqua ĩde der[ũ] quinnõs; e de vii e medio casaes antre Coina e Bastuzio unde li nunqua derũ quiniõ; e de tres ĩ Tefuosa unde li nunqua ar der[ũ] nada; e ii^{os} ĩ Figeeredo unnde nũqua li derũ quinõ; e ii^{os} ĩ Tamal ũde li ñ ar der[ũ] quinõ; e da senara de Coina ũde li ñ ar derũ quinõ; e de uno casal de Coina que leuarũ ĩde iii anos o fructu cũ torto. E por istes tortos que li fecerũ tem qua seu plazo quebrãtado, e que li o deuẽ porsanar....

3. — Titulo de venda

Ms. conservado na Torre do Tombo (caixa 52 da *Collecção especial*), onde o copiei. Pertenceu ao convento da Ave-Maria (Porto).—Anno de 1262.

In nomine Domini amen. Cunucuda cousa sega a tudos aquiles que este fectu uirĩ e ouuirẽ, que eu Dona Maior Mẽedit, Abbatesa de Tarouquela, conparej a Gumet Sanchit u casal du Cutarĩu que auia auer ĩ sa uida, couuẽ a saber pur qũatu, pur xxxx morabitinos, e d'estes morabitinos non remaece ende nẽ úú pur dar.

Esta carta fui feita iij dias ante kalendas Nouembris, sub era m.ª ccc.ª e v.

Quaes furũ presentes: Martinus, *testis;* Fernandus, *testis;* Petrus, *testis;* Dominicus, *testis.*

Eu Gomet Sanchit *cũ nostras manus reboramus; et pro reuora una camisa.*

III

Poesias lyricas

(sec. xii-xiii)

1. — De Paay Soarez, de Taveiroos

Do *Cancioneiro da Ajuda* [1], vol. i, p. 82, n.º 38. — Esta poesia fá-la a Sr.ª Dr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos ascender ao anno de 1189: vid. *Zeitschrift für romanische Philologie*, xxviii, 385 ss. (artigo intitulado «Randglossen», n.º xiv). E' a canção portuguesa a que póde attribuir-se data mais antiga.

No mundo non me sei parelha,
mentre me for' como me vay,
ca ja moiro por vós — e ay!
mia senhor branca e vermelha,

2. Em *mando* o -*u* deixou de se indicar, mas talvez fosse tenção do escrevente abreviar a palavra, pois noutros casos exprime-se o ditongo -*ou*.. 7-8. *ñ* póde representar *nũ* ou *nõ*.

[1] Edição da Sr.ª D. Carolina Michaëlis, Halle a./S. 1904.—Todas as vezes que eu citar o *Cancioneiro da Ajuda*, entenda-se que me refiro a esta edição.

queredes que vos retraya
quando vus eu vi en saya!
Mao dia me levantei,
que vus enton non vi fea!

E, mia senhor, des aquel di', ay!
me foi a mi muyn mal;
e vós, filha de don Paay
Moniz, e ben vus semelha
d'aver eu por vós guarvaya,
pois eu, mia senhor, d'alfaya
nunca de vós ouve, nen ei,
valía d'ũa correa.
. . . .

2. — De El-rei D. Sancho I

De *Il Canzoniere Portoghese Colocci-Brancuti,* Halle a./S. 1880, n.º 348 (= 456), p. 148-149. Foi a Sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos quem provou que esta poesia era realmente de D. Sancho I: vid. *Zeitschrift f. rom. Philol.*, xxviii, 418 ss. («Randglossen», n.º xiv), onde a reproduz. A mesma illustre philologa attribue-a ao periodo de 1194-1199. Cf. *Cancioneiro da Ajuda,* ii, 593. — Em nota indico as lições originaes.

Ay eu coitada, como vivo
en gran cuydado por meu amigo

que ei alongado! Muito me tarda
o meu amigo na Guarda!

Ay eu coitada, como vivo
en gran desejo por meu amigo

que tarda e não vejo! Muito me tarda
o meu amigo na Guarda!

3. — De D. Gil Sanchez

Do *Cancioneiro Colocci Brancuti* n.º 22 (=48), p. 15, reproduzida no *Cancioneiro da Ajuda,* vol. i, p. 663, n.º 332.—D. Gil Sanchez era filho bastardo de D. Sancho i: † 1236. — Quer esta poesia possa attribuir-se ao anno de 1213, como diz a Sr.ª D. Carolina Michaëlis, *Canc. da Ajuda,* ii, 528, quer não, é uma das mais antigas que possuimos. A respeito de D. Gil Sanchez, vid. tambem D. Ca-

13. *ei.* 15. *chuyto.* 18. *deselo.* 19. *ueio.*

rolina Michaëlis no *Grundriss der romanischen Philologie*, II, 176, e na *Zeitschrift f. rom. Philologie*, XIX, 595, onde reproduz a mesma poesia.

Tu, que ora vẽes de Monte Mayor,
tu, que ora vẽes de Monte Mayor,
digas-me mandado de mha senhor,
digas-me mandado de mha senhor,

ca, se eu seu mandado
non vir, trist' e coitado
serei; e gran pecado
fará, se me non val.
Ca en tal ora nado
foi que, mao pecado!
amo-a endõado,
e nunca end' óuvi al!

Tu, que ora viste os olhos seus,
tu, que ora viste os olhos seus,
digas-me mandado d'ela, por Deus,
digas-me mandado d'ela, por Deus,

ca, se eu seu mandado
non vir, trist' e coitado
serei; e gran pecado
fará, se me non val.
Ca en tal ora nado
foi que, mao pecado!
amo-a endõado,
e nunca end' óuvi al!

4. — De Joan de Guilhade

Do *Canc. da Ajuda*, vol. I, p. 455, n.° 232.—Guilhade floresceu no sec. XIII: vid. ob. cit., vol. II, p. 407 e ss. Em nota vão as var. do *Canc. Vatic.*

A bõa dona, por que eu trobava
e que non dava nulha ren por mi,
pero s'ela de min ren non pagava,
soffrendo coita sempre a servi.
E ora ja por ela 'nsandeci!
E dá por mi ben quanto x' ante dava!

1 e 2. *uees.* 11. *endoado.* 17. *en.* 25. *boa.* 27. *mi.* 29. *el ensandeci.* 30. *quantante.*

E pero x' ela con bon prez estava
e con [mui] bon parecer que lh'eu vi,
e lhe sempre con meu trobar pesava,
trobei eu tant(o), e tanto a servi,
que ja por ela lum' e sen perdi!
E anda x 'ela por qual x' ant' andava:

Por de bon prez, e muito, se prezava;
e dereit' é de sempr' andar assi,
ca se lh' alguen na mia coita falava,
sol non oïa, nen tornava i;
pero, por coita grande que soffri,
oimais ei d'ela quant' aver coidava:

Sandec(e) e morte que busquei sempr(e) i!
E seu amor me deu quant'eu buscava!

5. — **De Rodrig' Eannes Redondo**

Do *Canc. da Ajuda*, vol. I, p. 360.—Rodrig'Eannes Redondo, a quem a Sr.ª D. Carolina Michaëlis attribue esta poesia, floresceu no sec. XIII: vid. ob. cit., vol. II, p. 382 ss.

Dizen-mi as gentes por que non trobei,
á gran sazon, e maravilhan-s' en;
mais non saben de mia fazenda ren:
ca, se soubessen o que eu sei,
maravilhar-s' ian logo per mi
de como viv' e de como vivi,
e, se mais viver, como viverei!

Mais no' no saben, nen lhe' lo direi,
enquant' eu viva, ja per neun sen;
mais calar-m' ei con quanto mal me ven,
e sempr' assi mia coita soffrerei:
ca eu non quero mia coita dizer
a quen sei ben ca non mi-á de põer
conselho mais do que m'eu i porrei.

E o conselho ja o eu filhei
que eu i porrei, — c' assi me conven —:
morrer coitado, como morre quen
non á conselho, com' og' eu non ei.

2. Falta tambem *mui*. 3. *lhi*. 4. *tãte tãto*. 6. *q̃l antãdaua*. 7. *pgaua* com til sobre o *p*. 8. *edeyte*. 13. *sandice morte*. 14. *mi*.

E esta morte melhor me será
ca de viver na coita que non á
par, ne' na ouve nunca, — eu o sei.

E melhor est,' e mais será meu ben,
de morrer ced(o), e non saberen quen
é por quen moir' e que sempre neguei!

6. — De el-rei D. Denis

Estas poesias encontram-se originariamente em *Il Canzoniere Portoghese della Biblioteca Vaticana* publicado por E. Monaci, Halle a./S. 1875, d'onde passaram para *Das Liederbuch des Königs Denis von Portugal* de H. Lang, Halle a./S. 1894, cuja lição aqui adopto com leves differenças orthographicas (pontuação, accentos etc).—Algumas das poesias são no gosto provençal; outras no gosto popular.—Abreviaturas que emprégo: CV=Cancioneiro da Vaticana, ed. de Monaci; CD = Cancioneiro de D. Denis, ed. de Lang.—No pé da pagina indico a lição originaria, quando houver differença entre ella e a que adopto.

1

(CV, n.º 108, p. 47; CD, n.º xxix, p. 32)

A tal estado mh adusse, senhor,
o vosso bem e vosso parecer,
que nom vejo de mi nem d'al prazer,
nem veerei ja, em quant'eu vivo for,
u nom vir vós, que eu por meu mal vi.

E queria mha mort' e nom mi vem,
senhor, por que tamanh' é o meu mal
que nom vejo prazer de mim nem d'al,
nem veerei ja, esto creede bem,
u nom vir vós, que eu por meu mal vi.

E pois meu feito, senhor, assi é,
querria ja mha morte, pois que nom
vejo de mi nem d'al nulha sazom
prazer, nem veerei ja per bõa fe,
u nom [vir] vós, que eu por meu mal vi,
pois nom avedes mercee de mi.

12. Deve talvez ler-se *querria;* cfr. v. 18. 18. *q̃iria*.

2

(CV, n.º 115, p. 50; CD, n.º xxxvi, p. 37)

Senhor fremosa e de mui loução
coraçom, e querede-vos doer
de mi, pecador, que vos sei querer
melhor ca mi; pero sõo certão
que mi queredes peior d'outra rem;
pero, senhor, quero-vos eu tal bem,

Qual maior poss', e o mais encoberto
que eu posso, e sei de Brancafrol
que lhi nom ouve Flores tal amor
qual vos eu ei, e pero sõo certo
que mi queredes peior d'outra rem;
pero, senhor, quero-vos eu tal bem,

Qual maior poss'; e o mui namorado
Tristam sei bem que nom amou Iseu
quant'eu vos amo, esto certo sei eu;
e com tod' esto sei, mao pecado,
que mi queredes peior d'outra rem;
pero, senhor, quero-vos eu tal bem,

Qual maior poss': e tod' aquest' avem
a mim, coitad' e que perdi o sem.

3

(CV, n.º 127, p. 53; CD, n.º xlvii, p. 44)

Proençaes soem mui bem trobar,
e dizem eles que é com amor;
mais os que trobam no tempo da frol
e nom em outro, sei eu bem que nom
am tam gram coita no seu coraçom,
qual m'eu por mha senhor vejo levar.

Pero que trobam e sabem loar
sas senhores o mais e o melhor
que eles podem, sõo sabedor
que os que trobam quand' a frol sazom
á, e nom ante,—se Deus mi perdom!
nom am tal coita, qual eu ei sem par.

1. *louçao.* 3. *sey que rei.* 10. *certão.* A rima, porém, exige *certo.* 28. *may.*

Ca os que trobam e que s'alegrar
vam eno tempo que tem a color
a frol comsigu', e tanto que se for
aquel tempo, logu' em trobar razom
nom am... nem vivem em qual perdiçom
oj' eu vivo, que pois m'á de matar.

4

(CV, n.º 150, p. 62; CD, n.º LXX, p. 60-61)

Oí oj' eu cantar d'amor
em um fremoso virgeu
unha fremosa pastor
que ao parecer seu
jamais nunca lhi par vi;
e porem dixi-lh' assi:
«Senhor, por vosso vou eu».

Tornou-sanhuda entom,
quando m' est' oiu dizer,
e diss': «Ide-vos, varom!
quem vos foi aqui trajer
para m' irdes destorvar
d'u dig' aqueste cantar
que fez quem sei bem querer?»

«Pois que me mandades ir,
dixi-lh'eu, senhor, ir-m'ei;
mais ja vos ei de servir
sempr' e por voss' andarei:
ca voss' amor me forçou
assi que por vosso vou,
cujo sempr' eu ja serei».

Diz ela: «Nom vos tem prol
esso que dizedes, nem
mi praz de o oir sol;
ant' ei noj' e pesar em,
ca meu coraçom nom é
nem será, per bõa fe,
se nom do que quero bem».

«Nem o meu, dixi-lh' eu, ja,
senhor, nom se partirá

5. *uiuē q̄l.* 7. *Vy.* 12. *epor endrei lhassy.*

de vós, por cujo s'el tem».
«O meu, diss' ela, será
u foi sempr' e u está,
e de vós nom curo rem».

5

(CV, n.º 171, p. 69; CD, n.º xci, p. 75) [1]

Ai flores, ai flores do verde pino,
se sabedes novas do meu amigo!
Ai Deus, e u é?

Ai flores ai f(o)lores do verde ramo,
se sabedes novas do meu amado!
Ai Deus, e u é?

Se sabedes novas do meu amigo,
aquel que mentiu do que pos commigo!
Ai Deus, e u é!

Se sabedes novas do meu amado,
aquel que mentiu do que mh á jurado!
Ai Deus, e u é?

*

Vós perguntades pelo voss' amigo?
E eu bem vos digo que é san' e vivo.
Ai Deus, e u é?

Vós preguntades pelo voss' amado?
E eu bem vos digo que é viv' e sano.
Ai Deus, e u é?

E eu bem vos digo que é san' e vivo,
e será vosc' ant'o prazo saido.
Ai Deus, e u é?

E eu bem vos digo que é viv' e sano,
e será vosc' ant'o prazo passado.
Ai Deus, e u é?

[1] Esta poesia vem estropiada no original. Foi o Dr. W. Storck quem primeiro a restituiu á fórma primitiva; vid. *Hundert Altportugiesische Lieder*, Paderborn-Münster, 1885, p. 7 e 117.

6

(CV, n.º 192, p. 76; CD, n.º CXIII, p. 90) [1]

Pera veer meu amigo,
que talhou preito comigo,
alá vou, madre.

Pera veer meu amado,
que mig' á preito talhado,
alá vou, madre.

Que talhou preito comigo...
é por esto que vos digo:
alá vou, madre.

Que mig' á preito talhado...
é por esto que vos falo:
alá vou, madre.

IV

Legislação municipal

(SEC. XIII)

Dos *Documentos historicos da cidade de Evora*, de Gabriel Pereira, vol. I, Evora 1885, p. 25-28. Alguns dos trechos foram já citados por Viterbo, *Elucidario*, s. v. «alganame», e s. v. «alfeireiro». Introduzo diversas modificações orthographicas (pontuação etc.). — Neste texto ha varios caracteres da lingoagem meridional.

Esto foi posto pelos joyzes e pelo alcayde e per todo o concelho d'Evora. Convem a saber:

..... mandamos e outorgamos que todolos vaqueyros d'Evora, que touros leixarem andar em montados, se os em danos alheos matarem, os vaqueyros peite'-nos a seus donos.

Item mandamos que todolos alganames, os que con senhores morarem, ao rabadam dem por soldada vinte cordeiras e oyto marauedis. E as cordeiras sejam as meyas temporaans e as meyas meyaans. E outrosy dem ao conhocedor e ao posadeyro e aos outros melhores mançebos da pousada, a só estes, dem em soldada sete marauedis e

13. Viterbo *maravid.* 21. Viterbo *pousadeiro.*

[1] Esta poesia tambem está estropiada no original.

quinze cordeiras. E aos de sô estes, em como poderem melhor mercar. Estas soldadas sejam por cada ano.

Item mandamos que dem em soldada ao mayoral e ao alfeireyro e ao pousadeiro senhas vacas paridas. E aos outros mançebos, senhas iuuencas prenhes.

. . . .

Item mandamos que dem en soldada ao alfeireiro e ao conhocedor dos porcos, a cada huum d'eles, sete marauedis e duas porcas e huum marrão e sete leitigas. E aos mançebos da pousada dem a eles em soldada, des i a jouso, em como o mercarem.

. . . .

Item mandamos que os alganames reçebam a seus senhores os carneyros ueudros por senhos marauedis. E os carneyros nouos por doze doze soldos.

Item mandamos que todolos porcariços que trexerem porcos no campo dem eles a seus senhores, ou sinaes d'eles. E os que os trexerem no soueral outrosy dem do alfeyre recabedo come se os trosessem no chão. E os bacoros que treiserem no soueral, de quinhentas cabeças, se sse ende alguuns perderem, perdoem-lhis ende vinte cabeças. E dos outros todos den ende o recabedo a seus senhores. E todolos mançebos que seruirem a plazo paguem eles a rrazum d'este preço de suso dito.

. . . .

Item mandamos e outorgamos que os mançebos que morarem nas lauoiras e nas casas dos homens de Terena paguem eles de suas soldadas ateens entruido de uenda de seus vinhos. E se os mays quiserem teenr ca emtruido, paguen-nos d'alhur onde quer.

. . . .

Item mandamos e outorgamos que si molher ferir outra molher, que lh'o correga per dinheiros, se os ouuer; e se non ouuer dinheiros, per varas.

. . . .

Item mandamos e outorgamos que nemhuum mayordomo nem almocouuar nem mayoral de gados, se lhy o senhor fezer alguma demanda d'aquelas cousas que lhy mete na maão, que non possa auer vogado contra o senhor, senon el uogue por sy.

Isto foy feyto e affirmado per Joham Barcelos, alcayde d'Evora, e per Soer Rodriguiz, e per Soer Saluadoriz, joizes, e per todo o Concelho d'Evora. Era M.CCC.II.

9. Pereira tem «manterem (*sic*)», que interpretei por *mercarem*, já porque isso póde ser paleographicamente: $\frac{\text{manterem}}{\text{mercarem}}$; já porque na linha 1 temos analoga expressão neste sentido. 11. Pereira *uendros;* Viterbo *veudros*. 24. Pereira *ta*.

V

Lenda do rei Lear

(SEC. XIII OU XIV)

Do *Nobiliario* ou *Livro de linhagens* chamado *do Conde D. Pedro*, do seculo XIII ou XIV, contido em um ms. do sec. XV (na Torre do Tombo) e publicado nos *Portugaliae monumenta historica* (Scriptores). A lenda do rei Lear vem a p. 238; ella é muito conhecida de todos por um drama de Shakespeare, e anda na tradição oral, tanto do nosso país, como de fóra.

Este rrey Leyr nom ouue filho, mas ouue tres filhas muy fermosas e amaua-as muito. E huum dia ouue sas rrazõoes com ellas e disse-lhes que lhe dissessem verdade, quall d'ellas o amaua mais. Disse a mayor que nom auia cousa no mumdo que tanto amasse como elle; e disse a outra que o amaua tanto como ssy mesma; e disse a terçeira, que era a meor, que o amaua tanto como deue d'amar filha a padre. E elle quis-lhe mall porém, e por esto nom lhe quis dar parte no rreyno. E casou a filha mayor com o duque de Cornoalha, e casou a outra com rrey de Tostia, e nom curou da meor. Mas ella por sa vemtuira casou-sse melhor que nenhũa das outras, ca se pagou d'ella el-rrey de França, e filhou-a por molher. E depois seu padre d'ella em sa velhiçe filharom-lhe seus gemrros a terra, e foy mallamdante, e ouue a tornar aa merçee d'ell-rrey de Framça e de sa filha, a meor, a que nom quis dar parte do rreyno. E elles reçeberom-no muy bem e derom-lhe todas as cousas que lhe forom mester, e homrrarom-no mentre foy uiuo; e morreo em seu poder.

VI

Trecho historico

(SEC. XIV)

Da *Chronica breve do Archivo Nacional*, publicada nos *Portugaliae monum. hist.*, Scriptores, p. 22, segundo um codice do sec. XIV. «Parece-nos ser a Chronica vulgar mais antiga que nos resta», diz Herculano, *loc. cit.* Este trecho constitue uma biographia de D. Denis.

El-rey dom Denis, filho do sobredicto [1], foy cassado com a rraynha Dona Isabel, filha d'el-rey Dom Pedro d'Aragom, e ouue d'ella a ifante Dona Costança, que foy casada com el-rey Don Fernando de

10. *nenhuma.* 12. *malladamte.* Falta til.

[1] D. Affonso III, mencionado em um texto anterior.

Castella, e o ifante Don Afonso, que foy cassado com a ifante Dona Beatriz, irmãa do dicto rey Dom Fernando de Castela.

Este rrey começou de regnar na sobredita era de trezentos e dezesete annos. E finou-se sete dias de janeiro da era de mil e trezentos e seseenta e tres annos. E assy rregnou quarenta e seis annos. E jaz sepultado em o seu moesteiro de Sam Denis d'Odiuellas, d'aprés da cidade de Lixboa, que ell fez de todo aa sua custa.

E rretene pera sy e pera todos seus sobcessores o consentimento da inliçom que fezesem das abadesas quando algũa ouuesem d'enleger em abadesa d'esse moesteiro. E asy he contheudo em seu testamento e hordenaçom do dicto moesteiro.

VII

Poesia de Pero Gonçalez de Mendoça

(SEC. XIV)

Esta poesia vem no *Cancioneiro* de Baena (sec. xv), publicado em Madrid em 1851. Foi reproduzida pelo dr. H. Lang no seu *Cancioneiro gallego-castelhano*, I, Nova-York 1902, p. 3, d'onde a transcrevo para aqui, com leves differenças.— Pero Gonçalez de Mendoça (1340-1385) era hespanhol, avô do Marquês de Santillana, que a elle se refere na celebre Carta dirigida a D. Pedro, Condestavel de Portugal, filho do duque de Coimbra.

Ai sennora, mui comprida
de bondad' e de proeza!
Pois do mundo é partida
a vossa mui gran nobreza,
loando a vossa alteza,
a qual servo mui de grado,
morrerei desamparado
con pesar e con tristeza.

Quando eu o lugar vejo
onde vivedes, sennora,
con pesar e con desejo
e con gran mazela chora
o meu coraçon [e] adora
a orden u vos morades.
Pero me desamparades,
por vosso morrei agora.

9. *alguma*. 25. Lang tem *du;* no original ha *do* (á hespanhola). Substituo por *u*, que é mais corrente: cfr. D. Carolina Michaëlis na *Zeitsch. f. rom. Philol.*, XXVIII, 223-224.

VIII

Castello perigoso

(SEC. XIV)

Da obra mystica intitulada *Castello perigoso*, ainda inedita, existem dois manuscritos na Bibliotheca Nacional de Lisboa, os quaes pertenceram á Livraria de mão dos Monges de Alcobaça. Um dos mss. faz parte de um codice membranaceo, que tem esta marcação bibliothecal: $\frac{\text{ant. 276}}{\text{mod. 199}}$; chamo-lhe «ms. A». O outro constitue só por si um codice chartaceo, e tem esta marcação: $\frac{\text{ant. 275}}{\text{mod. 214}}$; chamo-lhe «ms. B». O ms. A, de uma só mão, está completo, e consta de 200 capitulos; do ms. B, de varias mãos, restam só 199 capp., estando além d'isso incompleto o ultimo. O ms. B é dos fins do sec. XV; o ms. A, comquanto mais antigo que B, tambem me parece do mesmo seculo. — O dr. Otto Klob, de Vienna de Austria, copiou o ms. A e tenciona publicá-lo.

O trecho que vae aqui transcrito fórma o comêço do ms. A, fl. 1 r. e 1 v. No fim da obra, fol. 150 v., lê-se o seguinte, em letra feita com tinta encarnada: «Hora praza a todos que este liuro leerem e ouuirem, que por amor de Deos e da »sua bem dita uirgem madre ajam memoria em suas horaçõoes d'aquelle que o »ajuntou e escrepueo. E foy acabado a noyte da pascoa florida era 1406» [1]. Esta era corresponde ao anno de Christo de 1368; temos assim indicada a data em que a obra foi coordenada.

Menciono em nota as variantes mais notaveis do ms. B, embora sejam sem importancia.

Intrauit Jesus in quodam castelum. LUCE *XI capitulo.*

Esta [2] pallaura he scripta no auangelho de Sam Lucas e posta por figura da uirgem Maria madre do filho de Deos [3], porque este foi hũu castello muyto bem guarnido de caua de humildade e de muro de uirgijndade e de priuilegios [4] de todas uirtudes [5] e d'auomdamça de todas graças. Este glorioso castello achou o rrey da gloria assy praziuell e deleitoso que ouue gram deseio de o pobrar e morar em elle, e enuyou deante seu messegeiro em maneira de rrey e gram senhor, que lhe fosse filhar a pousada. Este foy o arcanjo Guabriel que saudou a senhora do castello deuotamente, dizendo: *Aue Maria* etc. E a

1. *euangelho.* 4. *preuilegios.* *e auondança.* 6. *pouoar.* 8. *Grabiel*· 9. *deuota mente.*

1 Tambem podia lêr-se 1400, tomando por ornato a curva que interpreto como de um 6; todavia julgo mais regular 1406.

2 O *E* é artistico, e a côres; dentro d'elle figura-se um castello, — allusão ao titulo da obra.

3 Neste logar ha *e* riscado.

4 No ms. *pruilegios;* póde lêr-se *pri-* ou *pre-*.

5 No ms. u^{r}*tudes;* podia lêr-se *vir-* ou *ver-*; mas no fol. 16 v. vem *uirtudes.*

saje e deuota uirgem, como era de siso comprida, com gram prazer rreçebeo em seu homrrado castello, s. no tenpllo do sseu glorioso corpo, o rrey e senhor e emperador do çeo e da terra. E jsto he o que dizem as palauras suso ditas. E porque he cousa muy proueitosa seguir o enxempro d'esta homrrada senhora, eu, com a ajuda do senhor Deos, quero emssinar a todos e a todas [1] fundar de seos coraçõoes hũu castello tam forte contra seos imijgos e tam fremoso e tam bem guarnido de dentro, que o doçe rrey Jesu Christo, uerdadeiro esposo das santas almas, se contente e aja prazer de morar em ell. Ca elle dise per [2] Salamom que seos uiços e prazeres som d'estar e morar com os ffilhos dos homẽes.

IX

Episodio cavalleiresco

(SEC. XIV)

Da *Demanda do Santo Graal*, ms. do sec. XIV ou XV, existente na Bibliotheca Palatina de Viena d'Austria. O dr. Reinhardstoettner, principiou a publicar este romance, Berlim 1887, mas ficou incompleto. O trecho que aqui transcrevo está inedito; copiei-o do original em Vienna, em 1900: fl. 164 v., col. 1 e 2. — A *Demanda* foi, ao que parece, redigida no sec. XIV. — Os drs. Wechssler e Klob copiaram, cada um de per si, o ms. viennês.

Quãdo os leuarõ ao pááço, fezerõ-lhis tã grãde infynta d'amor e de lidice que eles teuerõ que en bõo ponto ali ueerõ; e fezerõ-nos desarmar logo, e preguntarõ-lhis unde erã. E eles diserõ ca erõ da casa de rey Artur.

—Ben seiades uĩidos! disserõ eles. Muy mais uos amamos per en.

E pois forã desarmados, ueo a eles hũu uelho caualeyro e dise-lhis:

—Queredes ir comigo? E mostrar-uos-ey hũu caualeyro da Mesa Redonda que aqui iaz doente.

—Váámos, disserõ, ca de grado o queremos ueer.

E ele se foy diante e leuou-os atee a terra, e foy a hũa porta pequena de ferro, e abriu-a e dise-lhis:

—Ẽtrade e atendede-me ala dentro, e pois amostrar-uos-ey o que uos promety.

E eles, que se nõ guardauã da trayçom, entrarõ. E el tyrou a sy a porta e çarrou-a. E pois dise-lhis:

—Ora fazede o milhor que poderdes, ca iamais nõ seyredes d'aqui se nõ mortos! E esta é a postumeyra uosa auẽtura.

1. *sagees.* 5. *eu cõ a juda.* 7. *hũ. seus amiguos. ẽ elle.* 10 *disy per Salamã.* 11. *san. homẽs.*

[1] Neste logar havia-se escrito *a*, que foi raspado.
[2] Em abreviatura: *p* traçado na perna.

X

Poesia religiosa

(SEC. XV)

Esta poesia, que aqui é, segundo creio, publicada a primeira vez, está no fim de um codice do sec. XV, que pertenceu á Livraria de mão dos Monges de Alcobaça, e hoje se guarda na Bibliotheca Nacional de Lisboa. Marcação bibliothecal: ant. 274-A / mod. 213.

Toda muy fermosa,
Genitrix uirgo Maria,
Es muy delectosa,
Flos ortorum vite vja.

Tu es exalçada
Super choros angelorum,
Muy glorificada
Summa regina polorum
Cum decor[*e*] *amorum,*
Vistida de ouro fim,
Mais que serafim,
In excelsis gloriosa.

Toda muj fermosa [etc.]

Virgo singularis,
Parayso deleytoso,
Mater uirginalis
De Christo e Deos poderoso:
Sol tam radioso,
Qui mundum illuminasti;
Celos innovasti,
Tanto foste poderosa!

Toda muj fermosa etc.

Virgo sublimata,
Mais que cedro muj fermoso,
Celis eleuata,
Como aciprés gracioso,

9. No original lê-se apenas *decor*. 21. No ms. *poderoso,* mas deve ser *poderosa,* porque o ultimo verso de cada oitava rima com os versos impares do estribilho.

Pomar frotuoso,
Stella matutinalis,
Fonsque perennalis,
De virtudes auondosa.

Toda muj fermosa etc.

Oo stella maris.
Porto de seguridade,
Vera lux solaris,
Lilio de castidade:
A vosa bondade
Miseris est consolamem,
Pium confortamem,
Mezijnha muy preciosa.

Toda muj fermosa [etc.]

XI

Exemplo das duas barcas

(SEC. XV)

Este trecho, com quanto venha no *Leal Conselheiro* de D. Duarte, cap. LXIIII, não foi redigido por el-rei, que apenas deu o assunto para elle. O proprio monarcha, ao fazer no cap. LX uma tavoa de várias composições suas, diz a respeito do trecho as seguintes palavras, que podem servir-lhe de introducção:

«Quarta, huũ conselho apropriado a duas barcas, que Frei Gil Lobo, »meu confessor, que Deos perdoe, screveo por mynha envençom e mandado, por»que em huũ fallamento assy lh'o razoei; e disse-me que lhe parecia boa seme»lhança; porém lhe disse que a escrevesse: e nom lhe furtando seu trallado, a en»vençom foy mynha sollamente, e porém em conto das cousas por mym feitas volla »faço screver».

Do *Leal Conselheiro* resta um unico ms., que está na Bibliotheca Nacional de Paris, — n.º 7007: cfr. Candido Xavier, nos *Annaes das scienc. e das lettras*, VIII (1820), 3 ss., e A. Morel-Fatio, *Catalogue des mss. port. de la Bibl. Nat. de Paris*, 1881, n.º 1. Por esse ms. se fizeram várias edições; aqui sirvo-me da de 1854, Paris, por J.-I. Roquette, p. 447. — O *Leal Conselheiro* foi redigido entre 1428 e 1437.

Ainda que Deos, por sua grande, absoluta infinnidade e segreda voontade, algũas vezes escolha e chame alguũs d'estados vyciosos e culpados, assy como scolheo Sam Matheu do estado pecador dos pu-

11. No ms. *consolamẽ;* transcrevi com *-em*, e não com *en*, como devia ser, porque no v. seguinte está *confortamem* por extenso. 12. No ms. *pia*, mas como concorda com *confortamen* (embora esta palavra seja só do baixo-latim), dei-lhe a fórma neutra. 14. A palavra *muj* está em abreviatura. 15. *infirmidade*, mas emendado na errata, p. 672.

blicanos husureiros, e Maria Magdalena do estado pecador das molheres, e o ladrom do estado dos malfeitores e danadores; e assy permitta danar e perder outros d'estados perfeitos e virtuosos, assy como Judas do estado dos apostollos, e Nycollaao do estado dos discipullos: por isso tam grande sandyce he, em atrevimento da boa voontade de Deos, desprezar o estado das virtudes e escolher o estado dos pecados, como seria se alguũ quisesse passar alguũ ryo perigoso e tormentoso, e achasse duas barcas, hũa forte e segura e muy bem aparelhada, e em que raramente alguũ se perde, e por a mayor parte todos em ella se salvam, e a outra velha, fraca, podre, rota, em que todos se perdem ou alguũs poucos se salvam. A barca firme e segura e forte e bem aparelhada o estado das virtudes he e de boo e sancto vyver, honesto e sem querella de Deos e do prouximo, em que muy poucos perecem e a mayor parte se salva; em tal estado, assy [como] em barca segura, podem navigar seguramente e passar sem perigo per as ondas da tormenta d'este mundo a porto seguro e de prazer, que he a gloria. A barca fraca, podre, rota o estados dos pecados he e da maa, corrupta e dessoluta vyda; em tal estado, assy como em barca podre, nom pode[m] com segurança e sem perygo as tormentas da presente vyda passar, nem a porto de folgança e desejado aportar; e que alguũs se salvem, esto he de veentuira ou por alguũ segredo juizo de Deos acerca d'algũa syngullar pessoa, que nom quer que seja a muytos consequencia, porque pryvylegio de poucos nom he subsidio e defesa aos muytos.

D'este ensynamento com seu exempro podees entender que cousa perigosa he dar-se o homem a destemperança, e cousa segura a temperança; ca a temperança salva muytos e destrue poucos, e a destemperança corrompe e destrue muytos, e salva muy poucos. Outro ensynamento: cousa perigosa he scolher homem star no lugar onde morrem de pestellença, e cousa mais segura partir-se; ca mais morrem dos que ficam, e poucos dos que se partem.

XII

Poesia de Duarte de Brito

(SEC. XV)

Esta poesia vem no *Cancioneiro* de Resende, cuja *editio princeps* é de 1516, Almeirim-Lisboa. Do *Cancioneiro* ha nova ed.: Stuttgart 1846-1852. O sr. Archer M. Huntington, de Nova York, reproduziu magnificamente nessa cidade, em

7. *quizesse.* 14-15. *assy era barca.* Cfr. nas ll. 18-9 a expressão parallela: *assy como em barca podre.* 19. *pode.* Evidentemente o ms. tem, ou devia ter, *podẽ,* com til, que facilmente se omittia em cópia.

1904, a 1.ª ed. em *fac-simile*, regulando-se por um exemplar da sua livraria (A' sua generosidade devo a posse de um exemplar). Aqui sirvo-me do *fac-simile*: fl. xxxxvi-r, que corresponde á pag. 354 ss. do vol. I da ed. de Stuttgart.

Que dias tam mal gastados!
que noytes tã mal dormidas!
que sonos tam desuelados!
que sospiros e cuydados!
que tristezas tam sentidas!
Que lembrança! Que pesar!
que dor e que sentimento!
que gemer! que sospirar!
Que males pera chorar
dentro em meu coraçam sento!

Sento sempre meu desejo
encontra de mym esquyuo;
sento tanto mal que vejo,
meu cuydado tam sobejo
que nam sam morto nem viuo.
Sento çerta minha morte,
sento nam ver minha fym,
sem ver bem que me conforte;
sento pena de tal sorte,
que nam sey parte de mym.

Vós, meu nojo e meu prazer,
meu pesar e minha groria,
meu desejo e meu querer,
vela de minha memoria,
descansso de meu viuer,
Desamor de meu amor,
quem meu bem e mal ordena,
meu prazer e minha dor,
meu descansso, minha pena,
meu fauor e desfauor.

Minha morte e minha vyda,
meu bem e todo meu mal,
minha doença sentida,
minha doença, e ferida
de minha chaga mortal.
Meu desejo e saudade,

6. Na ed. de Stuttgart lê-se *lembranças;* mas no ex. que da 1.ª ed. existe na Bibliotheca Nacional de Lisboa está *lembrança,* como no ex. do sr. Huntington.

de meus males galardam,
tormento sem piadade,
doçe coyta da vontade
do meu triste coraçam.

A memoria enganada
de meus tristes pensamentos
anda chea, desuelada,
em lagrymas muy banhada,
com grã força de tormentos
E contínua tristura
com que ando sospirando,
com voz chea d'amargura:
s'algum bem me daa ventura,
m'o tyras desesperando!

FYM:

Dam a fee de meus gemydos
as lagrimas piadosas
de que sentem meus sentidos
dos secretos escondidos
de minhas coytas dorosas.
Cada dia, cada ora,
assy ando d'esta arte,
de meu sentido tam fóra,
como quem canta e chora,
que nam sabe de ssy parte!

XIII

Extracto da «Chronica de D. João I»

(SEC. XV)

A *Chronica d'el-rey D. João I* de Fernão Lopez (sec. XV), é-nos conhecida por dois textos, emanados directa ou indirectamente de um primitivo, hoje perdido: um d'elles foi impresso em Lisboa em 1644; o outro conserva-se manuscrito na Torre do Tombo no cod. chartaceo n.º 353, copiado em 1532 por Alvaro do Couto. O trecho que transcrevo aqui é extrahido d'este codice, fol. 186 v.; corresponde na lição impressa á 2.ª parte, p. 300 (cap. 137). Para commodidade da expressão, chamo A á lição ms., e B á impressa.

Da comparação que fiz das duas lições do meu trecho, vejo que não só os dois textos não coincidem absolutamente um com o outro, mas que a lingoagem de B foi bastante modernizada, tanto na phonetica propriamente dita, como na orthographia, embora contenha alguns archaismos, e que a lingoagem de A, comquanto mais fiel ao que, naquelles dois sentidos, devia ser o texto primitivo, contém alguns modernismos, i. é, seiscentismos; os modernismos de A coincidem em parte com os archaismos de B.

Para a constituição do texto que apresento, procedi assim: segui A, substituindo-o por B, quando a lição d'este é melhor, o que indico em nota (tambem dou em nota algumas variantes de B); desfiz as abreviaturas, excepto, por ser systematica, *Royz* (ou *Rojz*)=*Rodriguez* (quando a solução das abreviaturas possa causar dúvida, indico em nota a lição ms., como *R*ª, susceptivel de se resolver em *rainha* ou *reinha*, fórmas ambas usadas no sec. xv: neste caso a frequencia de uma fórma fa-la-ha preferir á outra); substitui por lettras maiusculas as iniciaes dos nomes proprios, quando escritos com lettras minusculas; emendei os érros, o que igualmente indico em nota; pontuei á moderna.—E' provavel que, se eu houvesse de fazer uma edição critica da chronica (tenção que não tenho), introduzisse ainda outras modificações; mas para o meu intuito bastam estas por agora.

Como El-Rey ffoy çerqar Campo Mayor.

Partyo El-Rey de Monçom, e veo-se a Lixboa, e leixou hij a Rainha, por hir çerqar Campo Mayor, hũu bõo logar de sseu ʀeyno antre Tejo e Odiana, que tijnha vooz d'El-Rey de Casteella. E estaua em elle por alcayde Gil Vasquez de Barbudo, primo do meestre Dom Martinhannes, e elle em Estremoz com suas jentes, hu chegou o primeiro dia de setenbro, e o comdestabre com elle.

Ouue comselho de çerqar primeiro Ulyuença, que tinha Pero Royz da Ffonsequa, mantendo vooz de seus ymygos; Pero Rojz, qoando esto soube, que se queria ir lançar sobr'elle, ffez-lhe ssaber que queria ser seu, e ffazer menajem do logar. E El-Rey mandou laa Afonsso Vasquez Correa, comemdador d'Orta Lagoa, e Gonçalo Lourenço, seu escriuão da purydade, pera afirmarem com elle o que lhe enuyava dizer; e ffeitos taees prometimentos, sem vontaade de os assy goardar, tornaran-se a El-Rey os que assi la fforam.

E elle partio logo, e ffoy çerqar Canpo Mayor, e chegou ssobre o lugar quinze dias do dito mes. E jazemdo asy sobre elle, o iffante Dom Joham, que amdaua em Casteella, se veo a Ulyuença, e Pero Rojz o reçebeo na vila, e ffaleçeo da verdade que prometera a elrey, ca elle nom ffezeera aquelo, senom pelo toruar de se nom ir lançar sobre elle.

E em esto veo-sse a Badalhouçe muyta jente com ho meestre de Santiaguo e de Calatraua, e todo Amdaluzia. Martim Affonsso de Meello ouuyo dizer da vymda d'estas jentes, e por ser d'ello çerto, partio do aʀayal á mea noute, e ffoi-se lançar em çeladá hũa legoa de Badalhouçe; e como veo a alua posse-sse em atalaya, e em amanhecendo vyo vir atee oytenta de caualo, que sahirom de Badalhouçe, e fforom ver o aʀayal, e tornauom-se: e ffoy a elles de ʀosto, e começarom de ffojir; e deʀibarom algũu d'elles, e os outros se colherom a Badalhouçe; e aquelles que deʀibarom trouue presos a El-Rey, a que prouue

1. A, *monçãao, R*ª. 4. B, *Barbuda*. 5. A, *homde;* B, *Martim Annes*. 7. Entenda-se *tiinha* 9. A phrase *que se queria ir lançar sobr'elle*, que vem em B, falta em A. 11. B, tem *Alvaro* em vez de *Affonso*. 12. A, *E que*. 14. Entenda-se *tornaron, forom*. 19. A, *não*, *sendo* (bis); A, *com muyta jente* (o *com* é de mais; B, não o tem). 24. A, *m*ª; B *meia*. Adoptei *mea*, corrente no sec. xv. 26. A, *sayrão, forão*. 27. A, *tornauãsse, começarão;* B, *rostro*. 28. A, *derribarã, colherão*. 29. A, *derribaram*.

muyto, porque d'elles soube nouas certas das jentes que lhe Martim Affonso disera que estauom nas frontarias, que erom ata duas mjl lamças.

XIV

Dialogo em verso

(SEC. XVI)

Do *Auto da Feira*, de Gil Vicente, representado em 1527. A *editio princeps* das *Obras* de Gil Vicente é de 1562; depois d'isso foram impressas várias vezes. Sirvo-me do exemplar (mutilado) que da 1.ª ed. existe na Bibliotheca Nacional de Lisboa, fol. xxxiiii, *v*.— Das edições subsequentes a mais seguida é a de Barreto Feio & Gomes Monteiro, Hamburgo 1834; mas sobre o valor d'ella vid. o que escrevi na *Rev. Lusitana*, viii, 63 ss. Este trecho corresponde nessa ed. ao vol. I, p. 167.

...entram dous lavradores, hum per nome Amancio Vaz, e outro Denis Lourenço, e diz

AMANCIO VAZ:

Compadre, vas tu aa feyra?
DENIS: Aa feyra, cõpadre. AMÃ.: Assi.
Ora vamos eu e ti
Oo longo d'esta ribeyra.
DENIS: Bofá, vamos. AMÃ.: Folgo bẽ
De te vir aqui achar.
DENIS: Vás tu laa buscar alguem,
Ou esperas de comprar?

AMANCIO VAZ:

Isso te quero contar,
E yremos patorneando,
E er tambem aguardando
Pollas moças do lugar.
Compadre, enha molher
He muyto destemperada,
E agora, se Deos quiser,
Faço conta de a vender,
E da-la-ei por quasi nada.
Qu'eu quando casey com ella
Diziã-me: — hétega he.
E eu cuydei polla abofee
Que mais cedo morresse ella,
E ella anda inda em pee!
E porque era hétega assim,
Foy o que m'a mim danou:
Auonda qu'ella engordou,
E fez-me hétego a mim!

2. A, *dissera, estavão, erão, atee;* B, *fronteiras.*

DENIS LOURENÇO:

Tens boa molher de teu.
Nam sei que tu has, amigo...
AMÃ.: S' ella casára com tigo,
Renegáras tu com' eu,
E dixeras o que eu digo...

GLOSSARIO

Explicam-se apenas os vocabulos em que o leitor menos pratico poderia encontrar algum embaraço.

abofée, litter. «a boa fé».
aciprés, cypreste.
adusse, trouxe.
al, outra cousa.
alfeire, rebanho em que não entram reses paridas nem de prenhez adeantada.
alfeireiro. Um dos pastores do gado vaccum. O texto tem esta série, que parece hierarchica: *maioral, alfeireiro, pousadeiro.*
alganame. Um dos pastores do gado lanigero. O texto tem esta série que parece hierarchica: *alganame, rabadam, conhocedor, pousadeiro.*
alhur, outra parte (adv.).
almocouvar. Um dos pastores de gado. O texto tem esta série: *mayordomo, almocouvar, maioral de gados.*
almuzala (= almuçala), cobertor, manta.
aprés (d'), cêrca, perto.
aquelo, aquillo.
ar. Particula reforçativa, «re-».
atá = até.
ateens, até.
avém, acontece.
auonda (=avonda), basta.

bofe, bofé.
barvaro, -a, inculto.

1. **ca**, do que.
2. **ca**, porque, que.
cava, fosso.
certão, certo.
coita, dôr.
comparei, comprei.
comprido, cheio.
conhocedor. Vid. s. v. «*alganame*».
correga (=correja), indemnize (verbo).
cunucuda (=cunuçuda), conhecida.

des i, d'ahi.
dublado, dobrado.

en, isso, d'isso, por isso.
ende, d'isso; d'ella.
encontra de, em opposição a.
endõado, em vão.
enha, minha.

fer, 3.ª pessoa de *ferir*, entestar, confinar.
filhar, tomar.
fim, fino.

gafo, leproso.
grado (de), de boa vontade.
guarnido, provido.
guarvaya. Certo vestuario.

hétego, ético, tisico.
hu=u.

infinta, fingimento, apparencia fingida.
inliçom, eleição.
iuso (=juso), para baixo.

jouso=joso ou juso: baixo (adv.).

leixar, deixar.
leitiga, leitôa.
lilio, lirio.

mallamdamte (=malandante), infeliz.
mandar, deixar em testamento.
mentre, emquanto.
meor, menor.
mercar, contractar.
messegeiro, mensageiro.
mia (soava *myâ),* minha.
minsa=missa.
moiro, morro (verbo).
morrei, morrerei.

nulha, nenhuma.

offeyro, offereço.
oimais, agora.
oiu, ouviu.

padroádigo, padroado, direito de apresentar um parocho numa igreja.
pagar-se, gostar.
pastor, rapariga.
patornear, conversar.
peitar, pagar.
pero, comtudo, posto que.
pino, (=pĩo?) pinheiro.
pois, quando, depois.
porcariço, guardador de porcos.
porem, por isso.
porrei, porei.
porsanar, compensar, remediar.
posadeiro=pousadeiro.
postumeyra (=postumeira), ultima.
pousadeiro. Vid. s. v. «alfeireiro».
prez, preço, valor, merecimento.
proeza, nobreza, cavalheirismo.
prol, utilidade.

quartario, quarteiro, certa medida.
querria, quereria.
quiniõ=quinhom.

rabadam. Vid. s. v. «alganame».
recabedo, recibo.
remaece, remanece, resta (verbo)
ren (=rêm), cousa, nada.
retraya, retrate.

sa, sua.
sage, sabedor,-, prudente.
sam, sou.
sandece, loucura.
sazon, tempo.
sega=seja.
segredo, secreto,-.
sen, entendimento, razão.
senhor, senhora.
senhos, cada um seu.
sento, sinto.
servo, sirvo.
sesega (=séssega), assento, séde.
sô, sob.
soem, costumam.
sol: *sol non*, de nenhum modo; *nem sol*, nem ao menos.
suso, a cima.

talhar, fazer.
teenr, (=tẽer) ter.
telega, teiga, certa medida.

torto, sem-razão, damno (subst.).
trouue (=trouve), trouxe.
tyrou (=tirou), puxou.

u, onde.
unde, d'onde.

veentuira (de), por acaso.
veudro=vedro: velho.
viço, regalo.
villa, quinta.
villar, sub-unidade cultural, como o casal e a quintã. Vid. Alberto Sampaio, *As «villas» do Norte de Portugal*, Porto 1903, p. 62.
virgeu, vergel.
vogado, advogado.
vogue, advogue.

xe. Pronome expletivo, «se».

zereum (=cereo), cirio.

A estes trechos seguir-se-hão outros em occasião opportuna. Com elles todos espero constituir depois uma extensa chrestomathia portuguesa, em que fiquem representados os nossos principaes monumentos philologicos, tanto no que se refere á lingoa, como á litteratura.

Na aula são dadas oralmente indicações historicas e grammaticaes, para melhor intelligencia dos textos.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

TRADIÇÕES POETICAS

DE

ENTRE-DOURO-E-MINHO[1]

I

Romances

1. Francisquinha

'Stando Francisca á janella,
Branca como a branca-flor;
. . . .
— Podeis-lh'o fazer, conde,
Podeis-lh'o fazer, senhor,
Meu homem não está cá,
Foi á caça dos leões,
Foi á caça dos touros,
Que salta aos corações.
. . . .
— Que tendes, ó Francisquinha,
Que *desmudaste* de côr?
Ou tu tens signal de morte,
Ou tu tens outro amor.
— Não tenho signaes de morte,
Nem tenho outro amor,
Fui eu que perdi as chaves
Dos bellos *entoucadores*.
— Se ellas fossem de prata
Eu d'ouro vo-las daria,
Que não mudasses de côr,
Que tão bem me não par'cias.
Que cavallos são aquelles
Que ao pé dos meus estão?
— São nossos, senhor marido,
Que meu mano m'os mandou.
— Que homem seria aquelle
Que a minha cama occupou?
— Foi o homem dos cavallos,
De enfadado se encostou.
— Manda escrever a teu pae
Que te mande vir buscar,
Se não faço-te tão miuda
Como as pedrinhas de sal;
Nem a pomba, por ser pomba,
Te poderá amanhar.

(Aldeia de Anta).

[1] [Posto que algumas das composições que vão ler-se sejam fragmentadas, entendo que ha vantagem em as publicar, porque contribuem para que cada vez se conheçam melhor as nossas tradições poeticas, sobretudo as que constituem o romanceiro. — J. L. de V.].

2. **D. Silvana**[1]

Vindo D. Silvana
Pelo corredor abaixo,
Tocando numa guitarra,
Muito bem que ella *zenia*,
Acordou seu pae da cama
C'o *'strumento* que fazia.
— Que tendes, D. Silvana,
Que tendes, ó filha minha?
. . . .
Mandou-a fechar num convento,
Num convento a recolhia;
Só lhe dava pão por onça
E a agua por medida,
Bacalhau ás arrobas.
Para lhe seccar a vida;
Mandou vestir seu criado
De luto á maravilha.
. . . .
— O' mana que Deus me deu,
Dá-me uma pinguinha d'agua:
A sêde mê trespassa a vida,
O coração e a alma.
— O' minha mana fadada,
Como te hei-de dar la agua?
Que o nosso pae já jurou,
A' ponta da sua espada,
Quem désse agua a Silvaninha
Que morria degolada.

Viu vindo o seu mano
Pelo corredor abaixo:
— O' mano que Deus me deu,
Dá-me uma pinguinha d'agua,
A sêde me trespassa a vida,
O coração e a alma.
— O' minha mana fadada,
Como te hei-de dar la agua?
Que o nosso pae já jurou,
A' ponta da sua espada,
Quem désse agua a Silvaninha
T'ria a cabeça cortada.

Viu vindo a sua madre
Pelo corredor abaixo:
— O' madre que Deus me deu,
Dá-me uma pinguinha d'agua,
A sêde me trespassa a vida,
O coração e a alma.
— O' minha filha fadada,
Como te hei-de dar la agua?
Se teu pae me protestou,
A' ponta da sua espada,
Se eu désse agua a Silvaninha,
Morreria degolada.
. . . .
Correi criados, correi,
Buscar agua a Silvaninha:
O primeiro que aqui chegar
Terá uma prenda minha.

(Aldeia de Silvalde).

3. **A Condessa**

Em vindo D. Silvana
Pelo corredor abaixo,
Tocando na guitarra
Muito bem que a tangia,
Acordou seu pae da cama
C'o *'strumento* que fazia.
— Que tendes, D. Silvana,
Que tendes ó filha minha?
. . . .
— Quero que mates a condessa,
P'ra casar's com filha minha.
— Eu condessa não na mato,
Que essa morte não mer'cia.
— Mata conde, mata conde,
Antes que eu te tire a vida;

[1] [Este romance é amalgama do romance do *Conde Alarcos*, que o povo tambem chama de «D. Silvana», com o de *D. Silvana* propriamente dito ou de *Claudina* (= Faustininha, Andina, Delgadita, Conde de la Flor, etc). — Sobre tal amalgama cfr. *Rev. Lusit.*, II, 234 (artigo da snr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos). — J. L. de V.].

Em antes d'um padre-nosso
E d'uma Ave-Maria,
Mandarás a cabeça
Nesta maldita bacia.
. . . .
Mandou vestir seu criado
De luto á maravilha;
Mandou tirar seu jantar,
Para fazer que comia;
Os suspiros eram tantos,
Que o palacio estremecia;
As lagrimas eram tantas,
Que pela mesa corria *(sic)*.
. . . .
—Eu vou-me dar um passeio
Da sala até ao corredor:
Adeus criados, adeus aias,
Adeus meus reales amores;
Eu vou-me dar um passeio
Da sala até ao jardim:
Adeus cravos, adeus rosas,
Adeus ramo d'alecrim.
Dae-me cá aquel' cutello,
Que me quero degolar;
Dae-me cá aquel' menino,
Que lhe quer' dar de mamar:
Mama, mama, meu menino,
Este leite de traição,
Amanhã por esta hora
'Stá tua mãe no caixão;
Mama mama, meu menino,
Este leite d'amargura,
Amanhã por esta hora
Tua mãe na sepultura;
Mama, mama, meu menino,
Este leite d'amargar,
Amanhã por esta hora
'Stá tua mãe a enterrar.

Tocam os sinos nas Côrtes,
Ai, Jesus, quem morreria?
Morreu a filha do rei
Chamada Dona Maria:
Descasar os bem casados,
Coisa que Deus não queria!

(Aldeia de Silvalde).

4. O anel de sete pedras

Estando D. Silvana
No seu jardim assentada,
Com um pente d'ouro na mão
Seu cabello penteava;
Foi olhando para o mar,
Avistou uma bella armada:
Capitão que nella vinha
Muito bem a governava.
—Diz-me, capitão, por tu alma,
Se vistes meu marido,
Ou o trazes na tu armada.
—Nem vi vosso marido,
Nem o trago em minh'armada,
Mas dizei me, ó senhora,
Que signaes elle levava.
—Levava cavallo branco
E *cilindro* [1] amarello,
Na ponta da sua espada
Uma bandeira de guerra.
—Lá ao pé do lirio roxo
Sete facadas lhe deram;
A primeira que lhe deram
Logo lhe degolou o pescoço.
—Ai de mim, que estou viuva,
Ai de mim, pobre coitada,
De tres filhas que eu tenho
Nenhuma será casada!
—Todas tres filhas que tendes
Isso não convem a mim;

[1] [*Cilindro*, ou melhor *sellindro*, é etymologia popular por *sellim*, como se vê pela comparação com outros romances d'este cyclo, em que se diz: «E sua *sella* amarella», «Por cima *sella* doirada», «Sua *sellinha* lavrada», «A *sella* do seu cavallo», «E *enxerga* do'rada», «Uma *colcha* encarnada», «Levava *sella* branca», «Com seu *sello* amarello».—Todas essas variantes são extrahidas de versões que tenho colligido.—J. L. de V.].

O que dades vós, senhora,
A quem vo-lo traga aqui?
—Eu dou ouro e mais a prata,
Todo o que tenho em mim.
—Vosso ouro, vossa prata,
Isso não convem a mim;
Que me dades mais, senhora,
A quem vo-lo traga aqui?
—O pente do meu cabello,
Que é d'ouro, de *marafim*.
—O pente do vosso cabello
Isso não convem a mim;
Que me dades mais, senhora,
A quem vo-lo traga aqui?
—A laranjeira melhor
Que tenho no meu jardim.
—A vossa laranjeira melhor
Isso não convem a mim;
Que me dades mais, senhora,
A quem vo-lo traga aqui?
—As telhas do meu telhado,
Que são de bello *marafim*.
—As telhas do vosso telhado
Isso não convem a mim;
Que me dades mais, senhora,
A quem vo-lo traga aqui?
—De tres filhas que tenho
Todas tres vo-las daria,
Uma para vos vestir,
Outra para vos calçar,
Aquella mais *bomzinha*
Para comsigo casar.
—As suas filhas todas tres
Nenhuma convem a mim;
Que me dades mais, senhora,
A quem vo-lo trouxera aqui?
—Nem tenho mais que vos dar,
Nem vós mais que me pedir.
—Eu só queria, senhora,
Para comvosco dormir.
—Cavalleiro que tal diz
Deve de ser arrastado
Ao redor do meu jardim,
Ao rabo do meu cavallo;
Cavalleiro que tal diz
Por o mar o veja ir,
P'las ondas do mar abaixo,
Que ninguem lhe possa acudir.
—O anel de sete pedras
Que eu comtigo reparti?
Minha metade, senhora,
Senhora, tende-la aqui.

(Aldeia de Anta).

5. **Maravilhas do meu velho**

Maravilhas do meu velho
Eu trago p'ra vos contar:
Eu fui dar com elle morto
Entre as pedras do lagar.
O' meu velho, velho, velho,
O' meu velho, digo, digo,
Ou tu has-de morrer cedo,
Ou te eu hei-de enterrar vivo.
O' meu velho, velho, velho,
O' meu velho, digo, digo,
Se tu has de casar, velho,
Ha-de ser com tal partido.
O' meu velho, ó meu velho,
O' meu velho, outra vez,
Meu pae não era da malta,
Criou um filho maltês.
Olha o velho, olha-o tu,
Debaixo do sobreiral,
Ajudae-me aqui, amor,
Não me deixes ficar mal.
Novidades do meu velho
Trago eu para vos contar:
Eu fui dar com elle morto
Entre as pedras do lagar.
O' meu velho, ó meu velho,
O' meu velho, que vidinha!
O velho quando casou,
Foi a voda de sardinha.
O' meu velho, ó meu velho,
Mais velho é o tio Rondão!
O velho quando casou,
Foi a voda de cação.
. . . .
O' meu velho, ó meu velho,
Mais velho é o tio caseiro!
O velho quando casou,

Fez a voda de carneiro.
Olha o velho, olha o velho,
Olha o velho, olha-o tu.
. . . .
O velho e mais a velha
Foram ambos aos feijões,
. . . .

(Aldeia de Silvalde).

6. **A pastorinha**

—Deus te salve, pastorinha,
E o gado que guardaes.
—Vinde com Deus, passageiro,
De Deus salvado sejaes.
—Tu salvaste, eu salvei,
Cumprimos nosso dever.
—Foi criação que me deram,
De eu a tudo responder.
—Uma bella rapariga
Como vós, linda pastora,
Tão bonita, tão formosa,
Falla tão encantadora...
. . . .
Não é isso, Mariquinhas
E' falta de entendimento,
E' um laço que se dá
Quando é um arrecebimento.
. . . .

(Aldeia de Silvalde).

II

Desafio

Entre canas e canarios

—Entre canas e canarios
Agua deve de nascer:
Menina que está na fonte,
Dê-me agua, quero *buber*,
Por um pucarinho novo
Tocadinho do amor.
—Por tal ditosa me dava
De dar agua a tal senhor.
—Que lindos olhos, menina!
. . . .
A mão não vo-la ponho,
Nem tambem bulo comvosco,
Só de estar á vossa beira
Nisso faço grande gosto.
—Se tu fazes nisso gosto,
Isto é por vida vossa;
Esta rosa que aqui vedes
E' d'outro, que não é vossa.
—Se é d'outro, que não é vossa *(sic)*,
Inda póde vir a ser,
Mande chamar o seu pae
Que nos venha a receber.
—Meu pae não mando chamar
Por *esfallas* escusadas,
Eu sou *remeirinha* nova,
Não sirvo p'ra remir casas.
—Outras mais novas ca ti
São casadas, tem marido.
Assim serás tu, menina,
Se quiser's casar comigo.

(Aldeia de Silvalde).

III

A formiga e a neve

Pergunta a formiga á neve
Qual é a sua valentia;
Que mais valente era o sol,
Que a neve derreteria.
Pergunta a formiga ao sol,
Qual é a sua valentia;
Que mais valente era a nuvem,
Que o sol encobriria.
Pergunta a formiga á nuvem
Qual é a sua valentia;
Que mais valente era o vento,
Que a nuvem levaria.
Pergunta a formiga ao vento
Qual é a sua valentia;
Que mais valente era o rato,
Que a parede furaria.
Pergunta a formiga ao rato
Qual é a sua valentia;
Que mais valente era o boi,
Que o rato mataria.
Pergunta a formiga ao boi
Qual é a sua valentia;
Mais valente é o carniceiro,
Que até o boi mataria.
Pergunta a formiga ao carniceiro
Qual é a sua valentia;
Que mais valente era Deus,
Que o carniceiro mataria.

(Aldeia de Silvalde).

IV

Orações

1. Padre nosso pequenino

Padre nosso pequenino,
Sete anjinhos vão comigo,
Sete livros a resar,
Sete candeias a alumiar;
O Senhor é meu padrinho.
A Senhora é minha madrinha,
Que me fez a cruz na testa:
O demonio não me impeça,
Nem de noite nem de dia,
Nem ao pino do meio dia.
Já os galos cantam, cantam,
Já o Senhor se alevanta,
O Senhor assubiu á cruz,
A' sexta-feira da luz,
Para sempre, amen Jesus.

2. Senhora da Conceição

Levantei-me de madrugada,
Embrulhei-me num mantéu,
Fui varrer a via-sacra,
Que era o caminho do céo;
Encontrei Nossa Senhora
C'um raminho d'ouro na mão,
Eu pedi-lhe um bocadinho,
Ella disse-me que não,
Eu tornei-lh'o a pedir,
Ella deu-me o seu cordão,
Que me dava sete voltas
E um nó no coração.
Santo Antonio e S. Francisco,
Desatai-me este cordão
Que me deu Nossa Senhora
No andor da Conceição.

(Aldeia de Anta).

A. Thomás Pires.

MISCELLANEA

I

Tostia

Os auctores medievaes que historiaram, em prosa ou em verso, a bella lenda do rei *Lear de Bretanha,* seculos antes que o cisne do Avon a tornasse immortal, dão ao esposo da mais velha das tres filhas o titulo de Duque de Albania (Albany), ao da segunda o de Duque de Cornoalha (Cornwallis), e ao da mais nova o de rei da Borgonha e de França [1].

O Conde de Barcellos, se realmente for a elle que devemos o *Livro de Linhagens*, é (que eu saiba) o unico escritor que substitue o nome de Albania por *Tostia* [2].

Reflectindo sobre a significação d'este desconhecido termo geográfico, cheguei a concluir que *tostia* era leitura e copia erronea de *scotia* por *scocia*, i. é de *Escócia* [3].

Das razões determinantes, a primeira é paleográfica: no gotico francês (em cujos caracteres o original do *Livro de Linhagens* foi seguramente escrito) *t* e *c* eram da mesma altura e tão parecidos que os copistas os trocaram infinitas vezes.

A outra é historica: *Albany* ou *Albania* (fr. arc. *Albánie,* de onde *Albaine*, e Albanie) é um dos diversos nomes antigos que a Escócia recebeu, por ter sido propriedade do lendario rei *Albanactus* [4], um dos filhos do mythico povoador das ilhas britanicas, o celeberrimo Brut, bisneto de Eneas de Troia. Ainda hoje *Duke of Albany* é titulo de um dos filhos do rei de Inglaterra.

Em prova citarei os versos seguintes:

2111 *Albanactus* fu li puis neiz (cfr. 2134 *Abanacte*).
2113 suens est d'*Escotie* li regueiz.
2115 De sun nom volt que fuit prochaine
Si apela la terre *Albaine* (cfr. 2131 *Albanie*).

[1] No texto português os nomes *Goneril* (Goronille), Regan (Ragan), Cordelia (Cordilla Cordeïlle) foram suprimidos. E' á filha segunda que lá se dá o titulo de duquesa de Albania.

[2] Vid pag. 201 d'este volume da *Rev. Lusitana*, onde o respectivo trecho se acha reproduzido.

[3] *Escotie* em fr. arc.— A pag. 237 do *Livro de Linhagens* temos a forma, tambem deturpada, *Escorcia*. A S.ra D.ora D. Elisa Richter, que chamou a attenção do publico germanico para a redacção portuguesa (em J. Hoops *Englische Studien*, XXIX, 2 pag. 208), não reparou no nome *Tostia*.

[4] *Albanast* no *Liv. de Linh.* pag. 287.

Fazem parte de um poema francês, de meados do seculo XII, que é costume chamar *Le Brut de Munich* [1] e que deriva, como todas as versões, da *Historia Regum Britanniae* de Galfredo de Monmouth (II, 11-15) [2].

Porto, 31-III-05. CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELLOS.

II

MAFALDA

Donc, comme toutes les gazettes l'ont annoncé et comme elles vont nous le répéter à l'occasion du prochain baptême, la deuxième fille du roi d'Italie s'appellera *Mafalda*. Voilà un prénom qui ne court pas les rues, ni même les palais. Malgré l'heureuse détente qui s'est produite dans nos relations avec l'Italie, je crains que *Mafalda* n'ait pas chez nous, auprès des parrains et des marraines en quête d'un prénom nouveau jeu, le succès qu'eut jadis l'*Olga* de nos amis russes. Je le regrette presque, car j'aimerais à voir *Mafalda* nous revenir. Voilà bien longtemps qu'il est parti de France, et il a un peu changé par les routes, il faut l'avouer. *Mafalda* n'est autre chose, en effet, que le prénom que nous énonçons sous la forme *Mathilde*, et que nos ancêtres énonçaient sous les formes *Maheld*, *Mahald*, *Mahaud*; les Anglais disent encore *Maud*, concurremment avec *Matilda*, et en cela, comme en beaucoup de choses, ils sont les héritiers de notre moyen âge. Mais d'où vient l'*f* de *Mafalda*? Du Portugal, sans aucun doute. Lorsque le premier roi de ce pays, Affonso Henriquez, eut épousé, en 1146, la fille d'Amédée II, comte de Maurienne, qui s'appelait *Mahald*, ses sujets furent fort embarrassés pour prononcer l'*h* aspirée, qu'ils ne possédaient pas dans leur langue; ils la remplacèrent par une *f*, consonne qui leur servait aussi à rendre l'aspiration arabe analogue, et de *Mahald* ils firent *Mafalda*, comme de *Mahomet* ils avaient fait *Mafamede*, ou *Mafoma*. Et si aujourd'hui ce nom de *Mafalda* vient prendre place dans l'*Almanach de Gotha*, c'est que la marraine de la jeune princesse est la reine-mère de Portugal, tante de Victor-Emmanuel III, comme on sait, et que la pensée de la reine-mère s'est reportée à cette antique fille de Savoie mariée en Poutugal, dans laquelle elle s'est plu à voir l'image de sa propre destinée.

(*Journal des Débats*, 9-XII-902). A. THOMAS.

[1] *Der Münchner Brut*, ed. Hofmann e Vollmöller Halle, 1877.— O conto do rei Leir vai de v. 1758 a 3690.

[2] Directamente (a. 1155) como o *Brut d'Angleterre* de Maistre Wace (ed. Le Roux de Lincy 1838) e a redacção de Mattheus Paris. O conto português, muito abreviado, deriva provavelmente de alguma *Cronica General* castelhana. — D. Elisa Richter l. c. nota que elle se afasta dos poemas franceses quanto ao fim de Cordelia. Segundo aquelles, essa morreu encarcerada, suicidando-se de paixão (*Brut*, v. 3620). Segundo o português, foi morta pelos sobrinhos.

III

Observações aos *Old Portuguese Songs* de H. Lang

No *Bausteine zur romanischen Philologie* consagrado a Adolfo Mussafia pelos seus admiradores, Halle 1905, publica o Dr. H. Lang, com o titulo de *Old Portuguese Songs*, um interessante artigo em que reproduz várias poesias dos nossos trovadores. No intuito de contribuir para a melhor interpretação de algumas d'ellas, farei aqui estas observações.

1. Pag. 35, poesia do *Canc. da Vatic.* n.° 771, de 4 estrophes:

Na 1.ª estrophe o poeta diz que quando a namorada está sòzinha, sem o namorado, não dorme, e que custa a amanhecer.

Na 2.ª diz que quando ella está com o namorado, a noite lhe é curta, e pelo contrario agora, que está só, o dia não apparece (esta ultima parte é repetição da ideia contida na 1.ª estrophe, por causa do contraste estabelecido pelo estribilho).

A 3.ª estrophe soa assim:

E segundo com'a mi parece
comigo man meu lum'e meu senhor,
ven log'a luz de que non ei sabor,
e ora vai noit'e ven e crece;
mais se masesse con meu amigo,
a luz agora seria migo.

Lang põe uma virgula no fim do 1.° verso, e julga que no principio do 2.° verso falta uma conjuncção correspondente a «quando», pelo que propõe para ahi as correcções *u migo man* ou *quand' é migo;* e traduz, quanto a mim, menos exactamente: «and whenever my light and love abides with me, me thinks the dawn, which gives me no joy, comes at once». Ora, supponho que nem deve haver virgula no fim do 1.° verso, nem falta conjuncção nenhuma. O sentido afigura-se-me ser assim: «e quando me parece que está comigo a minha luz e o meu senhor, vem logo a claridade da manhã, de que não gósto nada». Depois de *parece* subentende-se *que*, uso frequente em português.

A 4.ª estrophe é como se segue:

Pater-nostros rez' eu mais de cento
por aquel que morreu na vera cruz,
que el mi mostre mui ced[o] a luz,
mais mostra-mh as noites d[e] avento;
mais se masesse con meu amigo,
a luz agora seria migo.

O 4.º verso transcreveu-o Lang d'este modo:

mais mostra-mh-a [1] noites dauēto

e pergunta, em nota, se *dauēnto* se deve corrigir por *de aumento* = port. mod. *augmento*. Segundo o meu modo de vêr, falta *e* ou *o* depois de *d*, e a expressão *noites dauēto* significa *noites de avento*, ou *do avento*, isto é, noites de inverno, longas noites, porque o advento, que em port. arch. se dizia *avento*, cái exactamente nos ultimos meses do anno, no tempo das maiores noites.

2. Pag. 36, poesia do *Canc. da Vatic.* n.º 772:
O original tem:

atanto q̃ mha falhar começou...

Lang emendou perfeitamente *falhar* em *falar* (i. é, *fallar*), mas substituiu sem motivo plausivel *atanto que* por *e ante que*. De facto a expressão *atanto que* quer dizer «tanto que», «quando». Esta ideia está d'accordo com a contida no v. 17:

e faland'eu con el a gram prazer...

Quando muito, podia admittir-se *e* antes de *atanto que*.

3. Pag. 39, poesia do *Canc. da Vatic.* n.º 523:
Começa d'este modo:

Bõa senhor, o que me fai miscrar
vosco, por certo soube-vos mentir
que outra dona punhei de servir.

No 1.º verso está *fai*, que Lang, a pag. 45, pretende justificar como 3.ª pessoa do verbo *fazer*, i. é, no sentido de «faz». Sem dúvida *fai* é fórma hespanhola, gallega e mirandesa, que eu expliquei nos *Estudos de philolog. mirand.*, I, 325; mas evidentemente neste caso é erro por *foi*. A expressão *foi miscrar* corresponde a «miscrou», i. é, «enredou», «malquistou». O sentido da poesia não pede um verbo no presente, como em tal caso seria *fai*, mas um verbo no preterito, pois o poeta está fallando do que lhe fizeram, e não do que lhe fazem, como bem o mostra o preterito *soube*, que se lhe segue. E' muito frequente exprimir emphaticamente o passado com o preterito de *ir* seguido de um infinitivo. No *Canc. da Ajuda* lê-se por ex.: *fui rogar*, v. 625 (= roguei), *foi amar* v. 896 (= amou). Na lingoa moderna é expressão

[1] Por engano *a*, em vez de *as*, como está no original.

corrente: *o que foste fazer!* (= o que fizeste). Em todos estes casos o verbo «ir» perdeu muito da sua significação, para constituir preterito periphrastico com o infinitivo a que se junta [1]; mas no fallar provinciano encontra-se ainda um grau intermedio entre a primitiva significação plena e a significação apagada: *eu fui estar com elle*, onde se reconhece ainda a ideia de movimento.

J. L. de V.

IV

Proverbios

Dialogos portuguezes e alemães para o uso de ambas as nações: Portugiesische und deutsche Gespräche zum Gebrauche beider Völker,— por Eduard Theodor Bösche, Hamburg (bei Hoffmann und Campe) 1837, 187 pgg.

E' um trabalho que Innocencio, *Dicc. Bibliogr.*, II, 224, não aponta ao tratar do conhecido autor do Diccionario das linguas allemã e portuguesa.

De pgg. 119 a 126 faz-se menção de alguns proverbios e phrases mais usados, como:

Pobreza não é villeza.
Longe da vista, longe do coração.
Ninguem póde dizer: d'esta agua não beberei.
Vale mais um passarinho na mão que dous voando.
O melhor guisado he o appetite.
O homem propõe, Deos dispõe.
A occasião faz ladrão.
Quem não pode dar ao asno, dá ao basto.
Quem tolo fôr a Roma, tolo tornará.
Cada ovelha com sua parelha.
Tal criado, tal amo.
Tantas vezes vai o cantaro á fonte até que lá fica.

Nem sempre os proverbios são apresentados na fórma corrente, como se observa nalguns dos acima publicados [2].

[1] A menção d'este preterito falta na excellente *Grammatica portuguesa* do Sr. Epiphanio Dias, § 82-b, no logar em que se trata do futuro expresso com o presente do indicativo de *ir*, seguido do infinitivo (ex. *vou estudar*).

[2] [O ultimo dos proverbios mencionados tem no Algarve a seguinte fórma:

Tantas vezes vai o cantarinho ao poço
Até que lá lhe fica o pescoço...

que é mais perfeita, ritmicamente, que a ordinaria, e onde se allude ao uso dos poços para agoa, tão vulgar no Sul.— J. L. de V.].

O Sr. dr. Leite de Vasconcellos tambem não menciona nos seus *Ensaios Ethnographicos,* vol. I, Esposende 1891-96, esta obra, observando, porém, a p. 255, que é facil encontrar, em selectas e grammaticas, pequenas collecções de proverbios.

PEDRO A. D'AZEVEDO.

V

AMARAL

A proposito do etymo de *amarello* lembra E. Herzog na *Zeitschrift für romanische Philologie,* XXVII, 123-124, que, assim como o sardo *grogu* «açafrão» passou a significar «amarello», assim tambem o latim amarus «amargo» podia ter-se tornado nome de planta, o qual depois passasse a significar aquella côr,— em apoio do que cita o hesp. *amargaleja, amargón, amaro,* o ital. *amarasca, amarella,* o gall. *amarela.*

A esta classe deve juntar-se o port. **Amaral**, palavra muito vulgar como appellido, e que se encontra no onomastico. *Amaral*= *amar-al* está para *amaro*, palavra que em hespanhol corresponde a certa especie de salva (planta), como por exemplo *ginjal* está para *ginja*, *rosmaninhal* para *rosmaninho,* e assim successivamente. A par de *Amaral* temos no onomastico MARAL, que está em vez de *a-maral* (apherese), e AMARAES, que é claramente plural.

J. L. DE V.

BIBLIOGRAPHIA

I

LIVROS

I nomi romanzi delle stagioni e dei mesi, studiati particolarmente nei dialetti ladini, italiani, franco-provenzali e provenzali,—saggio di *onomasiologia*—: pelo Dr. Clemente Merlo, Torim, 1904, IV-284 pag. 10 liras.

Qual o intuito do livro di-lo o auctor a p. 8-9: «io mi sono proposto di ricercare da quale radice la lingua latina e le lingue romanze abbiano nominato le stagioni ed i mesi dell'anno. Come ciascheduna delle stagioni così ciascheduno dei mesi rappresentò in ogni tem-

po, e pel popolo latino e per le popolazioni romanze, uno stesso concetto semplicissimo, in quanto denota la medesima determinata parte dell'anno che alle altre si oppone come tale; ma, per un altro rispetto, poichè la stessa stagione, lo stesso mese risultano dalla unione di idee che variano grandemente a seconda delle differenti regioni, essi non rappresentarono nè rappresentano dappertutto un concetto assolutamente identico».

O livro está escrito com clareza e contém grande abundancia de factos. Consta de quatro capitulos: I, As estações; II, Os meses; III, Accepções translatas, e palavras compostas e derivadas de nomes de estações e de meses; IV, Fontes bibliographicas. Termina com uma taboa dos phenomenos grammaticaes, um lexico, erratas e indice.

Juntarei aqui algumas notas, que dizem principalmente respeito ao português.

Pag. 7. Podiam ter-se citado os opusculos do Principe L. L. Bonaparte: *Names of European reptiles in the living Neo-latin languages* (publicação do Philological Society), e *Words connected with the vine in Latin and the Neo-latin dialects* (extr. dos *Transactions of the Cambridge Philological Society*).

Pag. 13, nota. A palavra portuguesa que o A. queria citar é *tarde* (que cita com exactidão a pag. 71) e não *tarda*, que é adjectivo: *tardo,-a*, pouco empregado (*Tardo* é tambem o nome de uma entidade mythica: vid. as minhas *Trad. pop. de Portugal*, pag. 292).

Pag. 26. Não se diz *invernio* em portug., mas *invernia*, «inverno pegado». Um sinonimo é *invernada*, em pron. pop. *imbernada*.

Pag. 28. A palavra *estio* é pouco popular. O povo diz mais vulgarmente *verão*.

Pag. 46. Emprêgos de hora com o valor de «tempo» em geral: ital. *tuttora*; hesp. ant. *essora, essas oras, aquestas oras, a poca de ora*; portug. ant. ou mod. *ora, agora, a pouca d'hora*.

Pag. 59, nota 3. O vocabulo *outono* é perfeitamente regular, comparado com o lat. autumnus (melhor graphia do que *auctumnus*): o -I- manteve-se porque está entre ditongo e vogal, e o ditongo figura como consoante: cfr. *couto* < cautus (em hesp., pelo mesmo motivo, *coto* e *otoño*). A palavra *outono* é muito popular: *outonos* «cereaes» (ex. semear os *outonos*»,— Baixo-Douro [1]), derivados: *outonada* «colheita tardia» («fruita d'*outonada*», i. é, que se dá no tarde,— Baixo-Douro); *outoniço,-a*.

Pag. 67 e n. 2. O que diz do português é muito inexacto. A fórma *atuno*, que cita do *Elucidario*, é evidente erro por *autuno*, e *autuno* é mera transcripção de *autunus* (= autumnus), que é a fórma que se lê no texto latino citado por Viterbo. Nada pois tem com o supposto * *attumniu*. Em português, *n* não sái de *ñ*. Não sei para que é que o A. cita *dino, sinal, sinalar, derivar, sinificar, inorar, repu-*

[1] Cfr. o que diz Viterbo, *Elucidario*, s. v. «atuno».

nar; todas essas palavras são de origem litteraria, e nellas -gn- se simplificou em *n*. A regra é -GN- dar *-nh-* nas palavras populares, e *-n-* nas palavras litterarias ou semi-litterarias: cfr. agnu->*anho*, signum>*sino*.

Pag. 72: serótinu > port. *serodio* (adjectivo).

Pag. 91. As considerações que apresenta vinham mais a proposito depois de ter fallado dos nomes dos meses.

Pag. 108. Se cita, na nota 2, *februarius,* como proveniente de Probo, para que é que no texto escreve *febrariu- com asterisco?

Pag. 136. *Junho* tambem se chama entre nós «mês do S. João».

Pag. 162. Cfr. o provençal do sec. XIV *octombre* e *octembre:* in *Rev. des lang. romanes*, XLVII (1904), 81 e 82.

Pag. 184. A fórma *calendas* é litteraria; as fórmas populares são *caendas* e *quendas* (antigas). Na linguagem do Baixo-Douro encontra-se ainda *quendas* e *requendas*, embora já raramente: *quendas* são os doze dias anteriores ao Natal; *requendas* os doze dias posteriores.

Pag. 193-241. Cfr. o meu opusculo *As Maias*, Lisboa 1904 (2.ª ed.).— Existe entre nós o verbo *maiar:* vid. ob. cit., p. 6.

Pag. 269-270. Ao citar as fontes devia dizer *Spagnolo e portoghese*, ou então: *Hispania* ou *Iberia*, pois o português não póde ser incluido no hespanhol (por motivo analogo não devia ter subordinado o *catalão* á epigraphe geral de *francês*, pag. 269).— A linguagem dos Açores não pertence aos crioulos, como diz a pag. 270.

Noms de lieux hispaniques d'origine romaine—por J. Jungfer (Separata do *Bullet. Hispanique,* VI, n.º 4, 1904).

O nome do Sr. Jungfer é já conhecido dos leitores da *Rev. Lusit.:* vid. vol. VIII, pag. 312. O seu novo trabalho é analogo áquelle a que me referi ibidem. O Sr. Jungfer estuda alguns nomes geographicos de Portugal e Hespanha que elle suppõe formados de nomes latinos de pessoas. Como no primeiro trabalho, tambem neste deu pouca importancia á phonetica, que é uma das bases da investigação philologica.

Medianus não podia tornar-se *Miñao* em gallego, como o provam estes nomes geographicos: *Vilamean* = Vila-méan, na prov. de Pontevedra, e, com orthographia meia hespanhola, *Villameá* = Villameá, nas provincias de Orense e Lugo, pois nestas duas fórmas vemos que o lat. mediana deu, segundo os dialectos, *meán* e *meá*, sem *ñ* medial; ora o phenomeno que se manifestou numas palavras, devia manifestar-se noutras, pois as condições são as mesmas. Flacciana não podia dar *Laceana* em gallego, pois neste idioma, como em port., o grupo FL- tornou-se *ch-*, por ex.: *chama* <flamma; alem d'isso, como acabamos de ver, -ANA está alli representado por *-án* e *-á*. A fórma *Medellin*, de Badajoz, não corresponde provavelmente a Metellina (*colonia*), mas tem talvez a mesma origem que o nome geographico português *Medelim*, que só póde tirar-se de Mettellini, genetivo de Mettellinus, derivado de *Metellus*. Os nomes gallegos *Bu-*

zaca, *Buzaco* e *Buzacos*, comquanto de obscura origem, não podem tirar-se de *Botiacum*, porque -ACVM daria *-ago*, como em *bago*, masc. de baga < b a c a; parallelo a esses nomes é o nosso *Buçaco*, que deve escrever-se com ç, e não *Bussaco*, como quasi toda a gente escreve [1]. *Amarante*, na Galliza, não vem de A m a r a n t h u s, vem do genetivo A m a r a n t h i; no mesmo caso está o *Amarante* português. *Macedo* não póde explicar-se pelo lat. *Macedo*, que tem *e* breve (*Macĕdo*), mas explica-se bem por M a t i a n e t u -, como já fiz na *Rev. Lusit.*, I, 241-242. O gallego e o minhoto *Paderne* explicam-se, não pelo nominativo, mas pelo genetivo P a t e r n i (ou P a t e r n a e, no fem.). O gallego (e português) *Pinto* não póde vir de *Pintius*, pois que -TIV daria *-ço*, como em *lenzo* e *lenço*, de l i n t e u -.

Desde o momento que as investigações d'esta especie não satisfação ás exigencias da sciencia, não terão a importancia que se deseja attribuir-se-lhes.

J. L. DE V.

A Revista, anno 1.º (Porto 1903), n.º 2 e 3. No campo de estudos que podem interessar aos leitores da *Rev. Lusit.* contém os seguintes artigos:

Fragmento de um estudo sobre a linguagem de Camillo por Julio Moreira.— Collecção valiosa de vocabulos populares e familiares, e de neologismos, extrahida de várias obras de Camillo (*Brasileira de Prazins*, *Corja* e *Questão da Sebenta*). Farei algumas considerações. **adregar**, como minhoto, foi já dado por Bluteau no *Vocab. de palavras do Minho e Beira*. **amarado** parece ser formado do lat. a m a r u s. A respeito de **cal** notarei que no Baixo-Douro é muito usada a expressão «*a cal* do rio»; o Sr. Julio Moreira explica perfeitamente *a cal* pelo lat. c a n a l i s, que era masc. e fem. (cfr. Körting. *Lat.-rom. Wb.*, s. v.). Em **canhestro**, de *canho* (cfr. *mão canha*), influiu provavelmente *destro*, *ambidestro* (e *sestro*), quanto á terminação. **croia** «mulher de

[1] De facto, em documentos dos sec. X e XI, publicados nos *Portugaliae monum. hist.*, Dip. et Ch., I, 14, 120 e 141, e reunidos pelo Snr. Simões de Castro no seu interessante *Guia historico do viajante no Bussaco*, Coimbra 1896, pag. 100, encontra-se *Buzaco* e *Buzzako*, onde *z* e *zz* valiam certamente ç. Ainda no sec. XVII se escrevia *Buçaco*, com ç, como se vê das *Soledades de Buçaco* de D. Bernarda Ferreira da Gama, impressas em 1634. No sec. XVIII temos já *Bussaco*, com *ss*, por ex. no *Dicc. Geogr.* de L. Cardoso, 1751, vol. II, pag. 309. Todavia, em 1830, Forjaz de Sampaio, ao publicar as suas *Memorias do Buçaco*, restaura intelligentemente a antiga orthographia, a qual se mantém na ed. de 1850; na de 1864 apparece porém *Bussaco*, com os erroneos *ss*, e assim, como digo acima, escreve hoje quasi toda a gente.

Por lembrança direi que a origem da palavra *Buçaco* tem occupado bastante os nossos escritores; o Snr. Simões de Castro, no livro ha pouco citado, colligiu todas as etymologias de que teve conhecimento: *boçal*, *sacobus*, *Soblaco*. Não é preciso ser philologo para ver que nenhuma d'ellas satisfaz. O Snr. Adolpho Coelho foi igualmente infeliz quando explicou *Bussaco* (i é, *Buçaco*) por *mon-sacro*: vid. *Rev. de ethnologia e glottologia*, pag. 147. Diz elle, sem meditar de certo na sua: «Todas as outras etymologias propostas são da mais estupenda inepcia».

maus costumes»: cfr. o provençal *croi* «rude», que mostra, segundo penso, que *croia* não se formou de *coira*.

O tratamento de dom por J. J. Gonçalves Coelho.—O auctor affirma gratuitamente que o port. *dom* e hesp. *don*, como particulas honorificas, vem do hebraico *adon* «senhor». Desconhece pois o que os romanistas tem escrito sobre este assunto [1]. Bastava a simplez consideração do hesp. *doña*, fem. de *don*, para provar a inanidade da hypothese, pois o *ñ* d'essa palavra só póde explicar-se pelo grupo -M'N- que existe em d o m n ' a. O masc. *dom*, *don* provém de d o m ' n e, cuja terminação cahiu, por a palavra ser proclitica. Cfr. provençal *en* e *na* [2], tambem respectivamente de d o m ' n e e d o m n ' a. São cousas sabidas e correntes; não vale a pena insistir nellas.

II

PERIODICOS

A Tradição, vol IV, n.º 1 a 3 (1902). Contém os seguintes artigos:

A canção entre os povos peninsulares, por Th. Braga (escrito no ar, e com indicações bibliographicas incompletas).

Modas e estribilhos alemtejanos, por M. Dias Nunes (com musicas).

A procissão de S. Sebastião, por Maria Velleda (usos do Algarve).

Costumes da minha terra, por M. Dias Nunes (descantes alemtejanos).

Miscellanea tradicionista [3], pelo mesmo: I, S o b r e a a m a s s a d u r a (cfr. as minhas *Trad. pop. de Portugal*, pag. 292-231, e *Estudo ethnographico*, pag. 23, onde eu já tinha tratado do assunto, de modo geral). II, P e d r a d e r a i o (cfr. o que tambem escrevi no *Pantheon*, pag. 364-365, *Era Nova*, pag. 75-76, *Trad. pop.*

[1] Vid.: Meyer-Lübke, *Gram. der rom. Sprachen*, I, § 634, II, § 6; A. Thomas, *Essais de philologie française*, pag. 287-288; Körting, *Lat.-Roman. Wb.*, § 3084.

[2] Propriamente: masc. *en* antes de cons., *n'* antes de vogal; fem. *na* e *n'* nas mesmas condições.— O catalão tem igualmente *en*, *na*.

[3] Com o suffixo *-ista* formam-se propriamente substantivos e não adjectivos. A's vezes a lingoa mantém certos abusos, que mal podem já evitar-se; mas, quando se trata de palavras introduzidas agora, convém ser-se correcto. *Tradicionista*, se se quer introduzir a palavra, significará «o individuo que se occupa do estudo das tradições», e não «aquillo que se refere ás tradições». O adjectivo correspondente a *tradicionistas* eria *tradicionistico* (cfr. *artistico*, *cabalistico*, *jornalistico*, *estilistico*, etc.). Logo o que deveria dizer-se é *Miscellanea tradicionistica*, e não *tradicionista*. — No jornal francês *La Tradition*, homonimo, como se vê, d-*A Tradição*, usa-se effectivamente *traditioniste* como adjectivo; mas isso não é razão para que em português se diga no mesmo sentido *tradicionista*.

de Portugal, pag. 62-64, *Eco de Mafra*, n.º 9, *Religiões da Lusitania*, I, 403-404 e *Revista Lusitana*, IV, 232 [1]). Não se chamam *pedras de raio* simplezmente os machados de pedra: o povo dá este nome tambem aos cristaes de rocha (no Minho), aos dentes de esqualo, e ás vezes ainda a outros objectos. III, A oitava do gôrro (versos em que se allude á prenda de um gôrro dada pela noiva ao noivo). O autor chama *oitava* aos versos, mas eu supponho que elles constituem o resto de uma das usadissimas décimas alemtejanas; de facto temos nelles a fórmula irregular *abbaacdc*, que póde estar pela regular *abbaac*[*cd*]*dc*. O povo alterou o tipo primitivo dos versos. IV, *Na defuncção das crianças* (phrases por occasião da morte das crianças, consideradas anjinhos). V, *Os mandamentos do clerigo* (dictados satiricos). VI, *A Relambóia* (esta composição popular tinha já sido publicada pelo Sr. Dias Nunes na *Rev. Lusit.*, IV, 101 sqq.; agora porém modifica um tanto a orthographia, pois, em vez de *vô-me armara, ou, é* etc., escreve *vou-me armar, ao, eu* etc.). VII, *A carne de grou* (reproducção do artigo publicado na *Rev. Lusit.* IV, 113). VIII (Costumes religiosos e orações). IX, *Salve rainha pequenina*. X, *Padre-nosso pequenino*. XI, *O Padre-nosso dos frades*, que o auctor do artigo suppõe de «origem popular e local» (Serpa): que não é popular, mostra-o a linguagem e a rima; que não é local, mostra-o a historia litteraria. De facto, já Gil Vicente, nas *Obras*, I, 365, depois de transcrever parte do *Pater noster* em latim, accrescenta:

Com almas limpas e puras
Direis isto ao Senhor,
Firmando-o por criador
E *padre das creaturas*
Que *he no ceo* imperador.
E direis com grando amor:
Seja louvado
Teu nome e sanctificado,
Neste nosso orbe menor,
Como es no ceu adorado, etc.

O mesmo poeta, noutro logar, apresenta um *Pater noster farci*, meio em latim, meio em português (III, 64). Era moda litteraria do tempo, e já anteriormente. Cfr. Th. Braga, *Hist. da pos. pop.*, 1867, pag. 60-62. Os versos de Serpa filiam-se pois numa tradição litteraria antiga e ramificada: foram feitos por algum curioso, que, como muitas vezes acontecia no tempo dos frades, quis dar fórma jocosa ao que se tinha por serio. Em alguns poetas modernos encontram-se factos semelhantes (*Padre nosso*, etc.).

[1] Se aqui e a proposito do numero antecedente cito obras minhas, não é evidentemente pelo desejo vão de me citar, mas porque, em trabalhos de investigação, importa dar bastantes indicações bibliographicas, para auxilio dos estudiosos.

Proverbios e dictos, por M. Dias Nunes. Alguns dos proverbios estavão já publicados. O proverbio *O cuidado é que anda o caminho* está mais augmentado em Roland, *Adagios*, 1.ª ed., pag. 80:

Cuidado anda caminho,
Que não moço fraldido.

Como no proverbio *Se a bicha visse, e o* alicante *ouvisse, não havia ninguem vivo no mundo*, o Sr. Dias Nunes põe um ponto de interrogação diante de *alicante*, juntarei aqui umas notas. *Alicante* é originariamente palavra hespanhola, que significa, segundo os diccionarios hespanhoes, «especie de culebra», «especie de vibora»; corresponde-lhe, quanto a mim, a palavra portuguesa *licanço* ou *licranço*. Alguns AA. tem confundido inexactamente *licanço* ou *licranço* com *alacrau* ou *lacrau* — popularmente *alacral*, *alecral*, em hesp. *alacrán*, em gall. e mir. *alacrã* — ; como *lacrau* é sinonimo de «escorpião», o seguinte adagio, que ouvi a gente da Beira, serve de admiravel complemento ao do Sr. Dias Nunes:

Se a cobra cega visse,
E o *escorpião* ouvisse,
Não havia ninguem que resistisse.

Notarei de mais a mais que a confusão que entre nós se estabeleceu, em virtude do que fica exposto, entre *escorpião* (ou *alacrau*) e *alicante*, existe tambem, segundo creio, fóra de Portugal. No opusculo do Principe L.-L. Bonaparte, intitulado *Names of European reptiles in the living Neo-latin languages* (Londres: publicação do Philological Society), dão-se, a pag. 15, como sinonimas de *alicante*, estas palavras: gallo-ital. *scurzón* e ital. dial. *scorzone*, que parece serem representantes do lat. s c o r p i o n e- «escorpião».—Creio ficar assim inteiramente desfeita a duvida expressa a proposito da palavra *alicante* do proverbio alemtejano.

Cancioneiro popular do Baixo-Alemtejo pelo mesmo (continuação). A cantiga n.º DCCXLV não parece popular. Ha outras no mesmo caso. Na cant. n.º DCCLXXXI não era preciso sublinhar *hay*, nem escrever *y*, porque não é palavra hespanhola: é fórma alemtejana corrente: *hai* por «ha», impessoal; tambem se usa noutras provincias, e na lingoa antiga.

Lendas e romances, por A. Thomás Pires: *D. Silvana*, variante do romance em que o pai requesta a filha; *O conde Lindes; D. Angela de Medina; Palmas Verdes; A Rosa Pastorinha; Os dois irmãos; A Pastorinha; Linda Pastorinha; A Rosa Pastora; A Rosa Pastorinha*.

Os doze de Inglaterra, por A. de Pratt (continúa noutros numeros).— Sobre este assunto publicou João Teixeira Soares, ha annos, com o mesmo titulo, um artigo na *Era Nova*, 448, sqq.

A Moura Saluquia, por N. Díaz y Pérez (continúa noutro n.º). O autor do artigo diz que ouviu a lenda a uns pastores, mas que a ornamentou de alguns apontamentos historicos: effectivamente no artigo citam-se datas, e nomes como *Al-Kaîsr-ibn-Alu-Danés*, o que tira á lenda todo o valor de documento ethnographico que ella por ventura tivesse.

O café, por Pedro A. d'Azevedo (noticia interessante, mas deslocada nesta revista).

Bibliographia, por M. Dias Nunes.

Como se vê do que deixo dito, a *Tradição* continúa a ministrar curiosos subsidios para o estudo do nosso *folk-lore*. Se agora, como d'outras vezes, fiz algumas observações, foi meramente no intuito de tambem concorrer para esse estudo.

Ta-ssi-yang-kuo, archivos e annaes do Extremo-Oriente português,—publicados por J. F. Marques Pereira, Lisboa, Antiga Casa Bertrand: vol. I, 1899-1900; vol. II, 1900-1901; vol. III, 1902; vol. IV, 1903 (está por ora publicado o n.º 1).

Esta revista é principalmente de caracter historico, mas encerra varios artigos cujos assuntos estão na indole da *Revista Lusitana*, e por isso os assignalo aqui:

Subsidios para o estudo dos dialectos crioulos do Extremo-Oriente, vol. I, pag. 53, 121, 189, 259 e 323; vol. II, pag. 457, 517 e 777; vol. III, pag. 359. Os cap. I-VIII versam sobre o dialecto de Macau, e contém textos em prosa e verso, e notas philologicas; a maior parte dos artigos são do Sr. Marques Pereira, que numa introducção diz que o dialecto de Macau se apresenta sob tres fórmas: *macaista cerrado*, fallado principalmente pelas classes baixas; *macaista modificado pela tendencia para se aproximar do português corrente*, fallado pela gente culta, ou mais em contacto com o elemento reinol; *macaista fallado pelos Chins*. O cap. IX, devido a Monsenhor Sebastião Dalgado, tem por titulo *Dialecto indo-portuguès de Damão*.

Cancioneiro musical crioulo, vol. I, pag. 239; vol. II, pag. 703. Contém várias cantilenas macaisticas, acompanhadas de notação musical.

Folklore macaista, vol. I, pag. 319; vol. II, pag. 515. Contém adivinhas, algumas das quaes, pelo menos, de origem portuguesa.

Os textos das duas ultimas secções são dialectaes, e relacionam-se pois com as da primeira.

Podem tambem notar-se estes artigos: Canções populares de Ternate e Amboina (musicas) vol. I, pag. 347; Costumes e crenças da China, vol. II, pag. 597 e 675, e vol. III, pag. 392; Chins vistos de perto, vol. III, pag. 13 e 210; Nomes das vias de Macau, vol. III, pag. 190; Folklore goanês (indigina), vol. III, pag. 226.

A revista publicada pelo Sr. Marques Pereira presta por tanto muitos subsidios para os estudos de philologica e ethnographia. Nos artigos de caracter puramente historico encontrará o investigador d'es-

tas duas sciencias tambem noticias aproveitaveis. De tudo isto se vê que o Sr. Marques Pereira serve dignamente o seu país.

Romania, xxxiii, n.º 129, Janeiro de 1904.—Em substituição de Gaston Paris, cuja morte enlutou ainda ha pouco tempo o coração de todos os que tiveram a fortuna de o conhecer e tratar, entrou para a redacção da *Romania* o Sr. Antoine Thomas, professor de philologia francesa na Universidade de Paris. Se todos os romanistas terão sempre de chorar com verdadeiro sentimento a perda do mestre, que tantos trabalhos promettia ainda produzir, verão ao mesmo tempo com satisfação que para o substituir no espinhoso cargo de co-redactor da *Romania* foi escolhido quem, como o Sr. Antoine Thomas, pelo seu profundo conhecimento da philologia francesa e da provençal, pelo fino tacto que manifesta no estudo dos problemas linguisticos, mesmo dos mais intrincados, e pelo esmêro com que sempre applica o estricto methodo scientifico, está perfeitamente no caso de continuar as gloriosas tradições de Gaston Paris. Posto que o Sr. Antoine Thomas seja dos mais antigos collaboradores da *Romania*, é neste n.º que elle apparece pela primeira vez como co-redactor, em companhia do Sr. Paul Meyer. —Pag. 50: o Sr. Guarnerio aproxima o hesp. (e port.) *tiritar* do port. *inteiriçar*, citando a titulo de comparação o catal. *tiritar*, *titiritar*, *tiriti*,—o que vem a proposito do logudorês *attetterare*, *tétteru*, etc. O que elle diz do hesp. e do port. não está com clareza; parece porém que quer suppôr que *tiritar* está por **in-tegrittare* (de *integer* + suffi. -*ittu*?).—Pag. 87: *La parabole des faux amis* por G. Huet: «Dans la *Disciplina clericalis* on trouve l'histoire d'un jeune homme qui, sur le conseil de son père, met á l'épreuve la fidélité de cent amis qu'il prétend avoir. Il leur conte qu'il a commis un meurtre et leur demande de vouloir bien l'aider à cacher le cadavre. Les trop nombreux amis refusent de se mêler à l'affaire; le jeune homme s'adresse alors au seul et unique ami de son père: celui-ci se déclare tout de suite prêt à l'aider». O A. suppõe que esta parabola é de immediata procedencia arabica; cita um trabalho de Goedeke, em que este compara a parabola com outra do *Barlaan et Josaphat*, e transcreve da collecção indiana de Somadeva outra parabola analoga. Na tradição oral portuguesa ha tambem um conto da mesma familia.

J. L. de V.

III

VARIA QUAEDAM

—**Supplément aux dictionnaires étymologiques portugais**, par Z. Z., Porto, Typographia-Pereira, 1902, 6 pag.—O A. attribue com verdadeira generosidade etymologias celticas, persicas, industanicas, romenas, a muitas palavras portuguesas. A palavra *car*-

comer diz que tem *etymologia europeia*,— o que realmente não posso attingir o que seja. As leis phoneticas ficam postas de parte, como se vê em *bronze*, que o A. deduz de *bruntus* (sic), em *basculho*, que elle deduz de *vasculum*, e em muitissimas outras, para não dizer em quasi todas. Uma palavra de origem clarissima, como *Belem*, é tirada do celtico! De etymologias já estudadas por outros, como *alçapão, Azevedo, àgora, camisa*, o A. não toma conta.

—**Lateinisch-romanisches Wörterburch**, por G. Körting, 2.ª ed., melhorada e augmentada, Paderborn 1901, VI-1251 pag.

Se a critica das pessoas competentes foi um tanto desfavoravel á 1.ª ed. d'esta obra (1891), continúa a sê-lo á 2.ª. No que toca ao português, haveria bastante que modificar e juntar. Apesar, porém, de todos os defeitos do *Diccionario latino-romanico*, não se póde negar que elle presta serviços aos romanistas.

—**O infante D. Pedro, o das sete partidas**, por Sousa Viterbo, Lisboa 1902, 15 pag. (extr. da *Rev. Militar*, anno LIV, n.º 21).

Neste seu curioso opusculo publicou o dr. Sousa Viterbo varios documentos relativos ao mallogrado infante: allusão ás viagens num passo do *Tratado dos descobrimentos*, de Galvão (1563); noticia de dois companheiros d'elle, na *Chronica de D. Pedro de Meneses*, de Azurara (Pt. II, cap. 38), e em um ms. da Torre do Tombo; allusão em um ms. do mesmo Archivo á luta em que o infante morreu. Pelo que toca á linguagem dos documentos, citarei *argente* («prata»), como termo heraldico; *torquyo* («arco verde *torquyo*); *Leirea* (hoje Leiria): são vocabulos do sec. XV.— As viagens do infante continuam hoje a ser assunto da litteratura de cordel: ainda em 1902 comprei na Galliza um folheto de 24 pag., que é reimpressão moderna (não traz data) da *Historia del infante de Portugal* de Gómez de Santistéban, cujas edições antigas o Sr. Viterbo cita.

—**O elemento português no Brazil**, por Sylvio Romero, Lisboa, ed. da *Mala da Europa*, 1902, IV-62 pag.

Este opusculo, em que o Sr. Sylvio Romero, bem conhecido ethnographo brasileiro, auctor dos *Contos populares do Brasil* (1.ª e 2.ª ed.), *Cantos pop. do Brasil* (1.ª e 2.ª ed.), *Estudos sobre a poesia pop. do Brasil, Ethnographia brasileira*, etc., advoga a ideia de favorecer a colonização portuguesa no Brasil [1], consta de um discurso, proferido no Gabinete Português de Leitura, e de um appendice sobre a emigração e o futuro do povo brasileiro. O discurso está composto com calor e eloquencia. No appendice diz o A. que o Brasil se póde dividir ethnographicamente em quatro regiões: 1) a do Valle do Ama-

[1] O Sr. Sylvio Romero penitenceia-se assim das palavras desagradaveis que a nosso respeito se lêem nos seus *Estudos sobre a poesia pop. do Brasil*, Rio 1888, pag. 156: «O Brasil timbra por afastar-se do velho reino para aprender com as nações cultas».

zonas, «onde o português crion um outro nucleo de população, ficando a maxima parte das terras entregue aos selvagens, ou deshabitada»; 2) a do occidente «nosso extenso *Far West*»; 3) as extremas provincias do Sul (Rio Grande, Santa Catharina, Paraná, S. Paulo), onde ha grandes colonias allemãs e italianas; 4) o Brasil intermedio (Maranhão, Espirito Santo, S. Francisco), que «é e será por muito tempo o Brasil português».

— Publiquei na *Romania*, XXXI, 177-200, a *Canção de* **Sancta Fides** *de Agen*, poema provençal do sec. XI, que encontrei num ms. da Bibliotheca da Universidade de Leiden. Num artigo inserido no *Journal des Savants*, Junho 1903, pag. 337-345, pelo Sr. Antoine Thomas, professor de Philologia romanica na Universidade de Paris, o qual faz algumas correcções ao texto, diz-se que esta edição «marquera vraiment une date dans l'histoire de la philologie provençale».

— O artigo que publiquei na *Rev. Lusit.*, VII, 126 sqq., sob o titulo de *Arremessos symbolicos na poesia pop. portug.*, foi traduzido em resumo na *Zs. des Vereins für Volkskund*, XIII (1903), 317-320, por Marie Abeking, que não é já a primeira vez que se occupa do nosso *folklore*.

—**Musica e poesia popular portuguesa**, cantos maritimos, por Sousa Viterbo. Artigo publicado na *Arte Musical* de 15 de Agosto 1903.—O auctor diz que a *celeuma*, de que falla Camões, *Lus.*, II, 25, não deve considerar-se como canto maritimo, mas como vozeria, e compara-a com os gritos dos pedreiros quando guindam alguma pedra; eu já tinha dito isto mesmo, e feito a mesma comparação com a cantilena dos pedreiros, no *Annuario das trad. pop. port.*, pag. 56. Sobre a cantilena dos pedreiros, de que o Sr. Viterbo dá a notação musical, cfr. tambem *Trad. pop. de Portugal*, § 343-*d*. A antiga palavra *çalamear* não póde provir de *salmear* (psalmear), pois tem *ç*, e isto não é indifferente; tal palavra deve derivar de *celeuma*, cuja fórma vulgar *salema* (i-é, *çalema*) vem em Monte Carmello, *Orthografia*, Lisboa 1761, pag. 681.

— **Archivo Historico Português**, vol. I, Lisboa, 1903. Importante collecção de artigos historicos e de documentos. Nestes ultimos ha abundante material lexicologico, principalmente dos sec. XV e XVI.

—**Portugais**, *phonétique et phonologie; morphologie; textes:* par A. dos R. Gonçalves Vianna, Leipzig (Teubner), 1903, 148 pag.—Faz parte de uma collecção philologica intitulada: *Skizzen lebender Sprachen*, publicada sob a direcção de W. Viëtor. Todas as palavras são transcritas phoneticamente com caracteres especiaes. Reproduzo aqui, por serem interessantes, as seguintes observações: «Toutes les consonnes portugaises sont moins tendues que les consonnes françaises; le jeu des lèvres est faiblement accusé, même pour les voyelles labiales,

lesquelles sont, elles-aussi, plus relâchées qu'en français. Lorsqu'on ne parle pas, la langue demeure flottante dans la bouche, et tout au plus la pointe s'en appuie-t-elle sur la partie intérieure des incisives inférieures; cette pointe se relève rarement, si ce n'est pour articuler le *t*, le *d*, le *s* et le (*r*)*r*, et après ces articulations, elle reprend immédiatement sa place de repos. L'intonation générale de la phrase n'est pas aussi nuancée qu'en français; elle n'a pas cependant la monotonie larmoyante de l'intonation anglaise, et elle n'est pas rude et saccadée comme celle du castillan. La répétition constante des voyelles atones et chuchotées nuit considérablement à l'harmonie générale de la langue, d'autant plus que les nasales fréquentes sont moins sonores que celles du français. La voix du Portugais est généralement plus grave que celle du Français, pas autant que celle du Castillan.» (pag. 26-27).

—**Ortografia portuguêsa**, parecer apresentado á commissão das reformas ortográficas, por A. J. Gonçálvez Guimarães, Coimbra 1903, 38 pag.—Este opusculo representa mais um generoso esforço para a resolução do complexo problema da nossa orthographia.— Observações avulsas: *tecer*, pag. 3, não provém propriamente de **tesser*, mas representa um falso inchoativo (-e s c e r e > *-ecer* : *** t e s c e r e ; com *lugar*, pag. 4, cfr. hesp. *lugar*; para o estudo da etimologia de *ser*, pag. 4, é elemento importante a metrica antiga, que nos mostra que em *seer* se contavam duas sillabas [1]; a respeito da graphia *gu*, com *u* soante (pag. 19), lembro que os antigos escreviam frequentemente *guo*, por ex. *linguoa*, ou *limguoa;* a pronuncia popular de *rouxinol* em quasi todo o pais (pag. 19) não é sem ditongo; a palavra *index* (pag. 20) tem duas pronuncias (com *e* accentuado e com *e* atono); o povo não diz por toda a parte *águo, águas*, etc. (pag. 27), tambem diz *desagúa* (eu pronuncio *desagôa*, como *magôa*), a par de *enxaugu;* os verbos *averiguar, apaziguar, santiguar* (pag. 28) não são derivadas de substantivos em - c u l u , - c u l a , mas de verbos em - f i c a r e , como Diez mostrou no *Et. Wb.*, II-b, s. v. «santiguar», e na *Gr. des l. rom.*, II, 367; e Meyer-Lübke na *Gr. der roman. Spr.*, I, § 524.

— **Origens do christianismo na India**, por J. B. Amancio Gracias, Lisboa 1903, 33 pag. (publicação do Congresso Colonial).

— **Sanscritologia e seu valor**, por G. de Vasconcellos Abreu, Lisboa 1903.— O Sr. Dr. Vasconcellos Abreu foi encarregado pelo Sr. Ministro do Reino de fazer gratuitamente na Universidade de Coimbra um curso de sanscritologia. Este opusculo constitue a li-

[1] Por ex. no *Cancioneiro de D. Denis*, ed. de H. Lang: «u nunca possa *seer* sabedor» (10 sillabas), v. 1390; «e porem *seede* certo» (7 sillabas), v. 1589. Todavia a contracção de *ee* em *e* dava-se já no tempo do proprio D. Denis, que diz por ex. «o que nunca será per nulha ren» (10 sill.), v. 683. Fórmas como *seer*, *seede*, com duas sillabas, só podem ter provindo de s e (d) e r e, s e (d) e t e: cfr. *Rev. Lusit.*, VII, 154.

ção inaugural. Consta de 12 capp., que versam sobre o que é sanscrito, o que é litteratura sanscritica, sobre relações da India com o Occidente, etc. Está escrito com clareza, e lê-se com agrado e proveito. O auctor condensa nelle ideias e factos que tinha mais ou menos exposto em trabalhos anteriores.— Observações avulsas: o que diz a pag. 11 sobre o berço commum dos Arias é demasiadamente succinto; a pag. 15 diz que o elemento popular da litteratura sanscritica «tomou feição de louçania portuguesa com Gil Vicente», como se se tratasse de grande e assignalada influencia historica.

— **Reliquie probabili o possibili degli antichi dialetti italici nei moderni dialetti italiani e negl' idiomi romanzi in genere**, por F. D'Ovidio, I, Napoles 1902.

O titulo diz claramente do que se trata. Todavia neste primeiro fasciculo o douto professor italiano não vai além de uma introducção geral em seis paragraphos, em que expõe: as condições em que uma lingoa supplanta outra; as ideias que hoje se tem por assentes àcerca da origem das lingoas romanicas; e as difficuldades que cercam o estudo das lingoas indigenas dos paises em que o latim se implantou, difficuldades devidas em parte á escassez dos restos d'essas lingoas e em parte á necessidade que tem quem as investiga de ser quasi por igual versado no conhecimento d'ellas e no do romanço. Apesar de breve, o livrinho reveste bella fórma litteraria e abunda em sã e prudente doutrina.— A proposito do problema da influencia reciproca de duas lingoas falladas em um mesmo país,— § II —, poderia citar-se o que acontece na Alsacia e na Lorena entre o allemão e o francês, ou no Norte da Belgica entre o francês e o flamengo. — Todos os philologos esperarão com anseio a continuação d'este promettedor trabalho.

— **Zeitschrift für romanische Philologie**, XXVIII-1.—Pag. 39 e 45, cita o Sr. Schuchardt as fórmas archaicas **chatar** e **achatar**, segundo o *Elucidario* de Viterbo; mas não estará ahi *ch* por *c*? Propriamente *resgatar* não vem de r e - e x - c a p t a r e, pois ficaria sem explicação o *-g-*; deverá admittir-se cruzamenta de *regatar* < r e - c a p t a r e com *rescatar* < r e - e x - c a p t a r e (o verbo *rescatar* não existe em port., mas existe em hesp.).— Pag. 40, o mesmo A. cita *cautivo* como palavra que data da origem da lingoa; mas que isso não póde ser, e que pelo contrario é palavra semi-popular, mostra-o o *u*, de *pt*, que devia dar *t*, como em *atar* < a p t a r e, e mostra-o *-ivo*, de - i v u, que devia ter-se tornado *-io*. Talvez o nome de logar *Montouto*=Mont'outo contenha a l t u -.— Pag. 97, nota do Sr. Zimmermann sobre os participios em - u t u e os preteritos em *ui* em lat. vulgar.— Pag. 108, o Sr. Baist explica o hesp. *cañamo* por cruzamento de c a l a m u s + c a n n a; prefiro explica-lo (como já fiz na *Rev. Lus.*, VII, 68), por cruzamento de c a l a m u s + c a n n a b i s: d'onde havia de vir, senão de *cannabis*, o sentido de *cañamo*?— Pag. 121, noticia dada pelo Sr. Wurzbach a respeito da *Leyenda del abad Don Juan de Montemayor*, de Menéndez Pidal.

J. L. de V.

TEXTOS ANTIGOS PORTUGUESES

I

A VISÃO DE TUNDALO

OU

O CAVALLEIRO TUNGULLO

Introducção

Em 1893 publicou o snr. F. M. Esteves Pereira, no vol. III, pag. 97, d'esta *Revista*, uma das duas versões que d'esta lenda medieval existem em lingoagem portuguesa, a contida no codice alcobacence que se guarda na Bibliotheca Nacional de Lisboa, sob o n.º 244, propondo-se dar depois á estampa a que se acha no cod. n.º 266, da mesma proveniencia, existente no Real Archivo da Torre do Tombo, desde fols. 124-r. até fols. 137 r. Tendo chegado ao conhecimento daquelle senhor que eu havia copiado esta ultima, convidou-me a publicá-la nesta mesma *Revista*, convite a que gostosamente accedo, no limite das minhas forças.

Não me occuparei da data em que pela primeira vez foi escrita a lenda, nem tampouco da sua rapida diffusão entre diversos povos, e d'ahi a sua versão em varias lingoas, por terem estes pontos sido tratados pelo sabio italiano A. Mussafia na sua memoria intitulada *Sulla visione di Tundalo* [1], e resumi

[1] Acha-se esta memoria inserta na collecção : *Sitzungsberichte der kaiserlichen Akademie des Wissenschaften in Wien: philosophisch-historische Klasse*, Wien 1871. Band LXVII, Heft I, pag. 157-206, que o leitor curioso póde consultar na Bibliotheca da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

dos pelo snr. Esteves Pereira na introducção com que precedeu a versão acima mencionada. Tambem não descreverei o codice em que se encontra a que adeante publico, o n.º 266, por já o ter sido pelo mesmo distincto e erudito investigador; apenas acrescentarei que a letra em que está escrita é em geral de facil leitura, e muito cuidada.

As versões portuguesas da *Visão de Tundalo* contidas nos dois codices, como nota o snr. Esteves Pereira, divirgem uma da outra, não quanto á essencia, mas apenas accidentalmente, sendo a do codice n.º 244 mais minuciosa do que a do n.º 266, porquanto refere particularidades que esta omitte, taes como o nome e patria do supposto vidente, os de varios reis que elle encontrou no Paraiso, etc.; alem disto, emquanto a do codice n.º 244 conclue, dizendo em que anno se deu a visão e quem a pôs por escrito, termina a do n.º 266 pela enumeração e descripção das qualidades dos corpos gloriosos.

Quanto á epoca em que viveram os autores das versões portuguesas, diz nos o snr. Esteves Pereira que nem é anterior ao seculo XIII, nem posterior ao XV; isto mesmo confirma não só a letra do codice, senão tambem a sua lingoagem Afigura-se-me, porém, a versão do codice n.º 244 mais antiga, embora não muito, pois nella ainda apparecem bastantes participios com a terminação *-udo*, quando na do codice n.º 266 só uma vez occorre essa antiga desinencia dos participios perfeitos dos verbos da segunda conjugação.

E' de grande valor e importancia o documento que adeante transcrevo, quer pelo seu conteudo, quer pela lingoagem em que se acha escrito Deixando, porém, aos especialistas o estudo da lenda, apreciarei o documento só pelo lado philologico, notando os casos em que a lingoa nelle empregada diverge da actual. Para mais commodidade, vou estudá-lo debaixo dos tres aspectos grammaticaes, isto é, na sua phonetica, morphologia e syntaxe, começando pela primeira.

I — Phonetica

a) *Vogaes*

§ 1. O *i* protonico ou postonico converte-se em *e*, facto este que não só se deu na formação da lingoa, mas que ainda se observa no povo (cf. os meus *Dialectos algarvios*, a pag. 36[1]) ex.: *dereito*, *celicio*, *fegura*, *mesturado*, *tererss*, *márteres*.

[1] Este trabalho foi publicado na *Revista Lusitana*, vol VII, pp. 33, 104 e 244. Aqui cito a paginação da separata que d'elle se fez.

§ 2. O phenomeno inverso, isto é, a passagem do *e* protonico para *i*, tambem apparece, phenomeno que aliás se encontra em documentos anteriores e posteriores, e ainda se nota no povo (cf. *opus citatum*), por ex.: *mizquinha*, *aligria*, *dilleitoso*, *vistidos*, *vistiduras*.

§ 3. A vogal inicial isolada, isto é, que não fórma syllaba com a consoante seguinte, é por vezes nasalada, o que ainda é frequente no povo (cf. *opus citatum*, pag. 43), por ex: *ẽmenda*.

§ 4. Persistem ainda as vogaes dobradas, sempre que, por quéda de consoante intermedia, ficaram em contacto, ex.: *doores*, *angeo*, *oolhar*, *soo*, *diaboos*, *creer*, *teebroso*, *boo*, *veer*, *ameeçar* [1], *cobiiçar*, *paaço*, etc.

Obs. Casos ha, como *taaes*, *caães*, *oolhar*, em que a geminação se me afigura signal de vogal tonica. A duplicação da vogal em *aabissos* e *aavissos* deve ter se talvez como lapso, pois que tambem occorre a fórma *avissos*.

§ 5. Se, por quéda de consoante, a vogal se achou em contacto com um *a* ou *o* finaes, continúa ainda simplez, ao contrario da lingoa moderna, que a ditongou, ex.: *feo*, *meo*, *veo*, *candea*, *cheo*, *devaneo*.

Obs. Esta antiga pronuncia conserva-a ainda, a meu ver, o dialecto algarvio, em que o *e* longo latino sôa como *e* fechado, ouvindo-se a cada passo *féo*, *vêo*, *sêo*, etc. Vide os meus *Dialectos algarvios*, a pag. 37.

§ 6. Como ainda hoje, o *r* póde influir no *e* que o precede, convertendo-o em *a* (cf. *opus citatum*, pag. 36): ex: *çarradas*.

§ 7. A troca que na boca do povo soffre hoje a vogal nasal ĩ, passando para ẽ (cfr. *opus citatum*, pag. 37) nota-se tambem em *nenguem*.

b) *Ditongos*

§ 8. O ditongo *ua* póde, como ainda hoje entre o povo (cfr. os meus *Dialectos algarvios*, pag. 40), ser reduzido a *a*, por exemplo em *canto*, por *quanto*.

c) *Consoantes*

§ 9. O *b* intervocalico latino acha-se ainda representado regularmente por *v* em *bever*, *tavoas* e *avissos*.

§ 10. Como a regra em português é ou cair o *n* latino intervocalico por completo (ex.: *treevas* ou *treebas*, *freestra*, etc.), ou communicar um som nasal á vogal com que está em contacto (ex.: *caães*, *orgoões*, *cristaães*, *vĩir*, *ĩimigo*, *sõos*, *sartaães*, etc)

[1] Daqui vem sem dúvida o *amèçar*, em uso no Algarve.

afigura-se-me que em *jejunando* o *n* deve ter se apenas por simplez signal de nasal e que por tanto terá de ler-se *jejũando*.

§ 11. A par da actual fórma *povo*, occorre ainda a archaica *poboo*, na qual o *p* latino abrandou, de accôrdo com a sua tendencia, em *b*.

§ 12. Os grupos latinos *rs* e *ns* conservão ainda a sua transformação regular em *ss* e *s*, como se nota em *vesso* e *estormento*, que depois retomaram a fórma primitiva.

d) *Accidentes geraes*

§ 13. Nota-se já o gôsto, que ainda subsiste no povo, pela PROTHESE do *a*, como se vê em *arredor*, *arroido*, *amostrar*, *arredoma*.

§ 14. Alem da pothese, observão-se na lingoagem da versão outros accidentes, taes como: a EPENTHESE em *freestra*, a METATHESE em *treevas* (a par de *teebras*), *estormento*, *pormeteo*, *psalteiro*, *saibos*, *fremoso*, *frolido*, *torvoões* e *patre* (se não é lapso do escritor); a CRASE em *engolia*, *marteiravas*, *espalhavas*, por *engolia-a*, *marteirava-as*, *espalhava as*, e a ASSIMILAÇÃO em *todollos*, *covodos*, *pollo*, etc.

OBS. Exemplos de crase identicos aos citados encontrão-se igualmente noutros documentos (por exemplo na *Demanda do Santo Graal*, vide J. Cornu, *Die portugeisische Sprache*: obs. aos verbos) e observão-se ainda entre o povo: cfr. os meus *Dialectos algarvios*, pag. 38.

II — MORPHOLOGIA

§ 15. SUBSTANTIVO. Os nomes que hoje terminão em *-ão* conservão ainda a desinencia archaica *om*: ex: *galardom*, *tribulaçom*, *perseguiçom*, *oraçom*.

§ 16. ARTIGOS. Como ainda hoje, depois duma palavra terminada em *r*, *s* ou *n*, conservão os artigos (e tambem os pronomes) as fórmas *lo* e *no*, trocando o *r*, *s* ou *n* respectivamente por *l*, ou *n* (assimilação), resultando dahi *ll*, que na moderna graphia se costuma simplificar: ex: *todollos*, *pollo*, *sacavãnas*, etc. Na juncção da preposição *a* ao artigo *a* (e tambem ao demonstrativo *aquelle*) ainda não é fixa a crase, pois que, ao lado de fórmas como *aa*, *aaquelle*, apparecem outras em *á*, *áquelle* Tambem quando a proposição *en* precede o artigo *o* ou *a*, neste caso convertido em *no*, *na*, umas vezes cae a proposição, como hoje, noutras persiste: assim: *en na boca*, *ẽno ventre*, *en na sua pousada* e tambem *no lado*, *arderás no jogo*, etc.

§ 17. PRONOMES DEMONSTRATIVOS. Estes pronomes são ainda: *aquello*, *ello*, *esto*, correspondentes aos neutros latinos e c c u i l l u d, i l l u d i, s t u d.

§ 18. PRONOMES INDEFINIDOS. Persistem ainda as fórmas archaicas *todo* (hoje *tudo*), *nẽ hum*, *nẽ hua*, *algũa*.

§ 19. VERBOS. Como ainda se observa no povo, especialmente no sul de Portugal (cfr. os meus *Dialectos algarvios*, pag. 40) e é frequente nos escritores antigos, as terceiras pessoas do plural do presente, imperfeito, perfeito e futuro do indicativo terminão por vezes em *-om*: ex.: *esperom*, *som*, *filhavom*, *tomavom*, *queimavom*, *lazeravom*, *levantavom*, *derom*, *forom*, *sofrerom*, *começarom*, *ouvirom*, *conhocerom*, *conhecerom*. A segunda pessoa do plural conserva ainda a terminação archaica *-ades*: ex.: *deitade*, *avedes*. A antiga terminação *-udo* nos participios dos verbos da segunda conjugação occorre apenas uma vez em *derretudas*, donde parece dever-se concluir que já então predominava a terminação *-ido*, por anologia com os verbos da terceira conjugação.

§ 20. OBSERVAÇÓES SOBRE ALGUNS VERBOS EM ESPECIAL.

aduzer faz no preterito *adusse* (de *aduxi*: cfr. *disse* de *dixi*)

aver. Deste verbo noto a fórma *ave* de *habe*.

conhocer. Deste verbo, que ainda conserva o *o* de origem, que a lingoa moderna trocou por dissimilação em *e*, occorre o participio do presente *conhocentes*, na accepção de *conhecidos*, «*pessoas das nossas relações*».

contentar. O participio preterito deste verbo, empregado como adjectivo, é *contento*, que é a fórma moderna.

dizer Este verbo faz no imperativo singular *di*, que corresponde ao latim *dic* (sobre a quéda do *c* final cf. *si*, arch., hoje *sim* de s i c, *ne* arch., hoje *nem* de n e c) e occorre em D. Dinis v. g. e Gil Vicente. Vid. *Das Liederbuch des Königs Denis* von H. Lang, pag. 127.

estar. Este verbo faz no conjunctivo presente *estem* (latim s t e n t).

jazer. O preterito deste verbo é *jouve*. E' por analogia com elle e com o do verbo *haver* que o povo ainda diz *trouve*; cfr. os meus *Dialectos algarvios:* verbo *trazer*.

querer. Este verbo faz no preterito *quise* e tambem *quis*.

sair. A terceira pessoa do presente do indicativo deste verbo é *sal*.

seer. Este verbo faz no indicativo: na primeira pessoa do presente *som* e *sam* (como a terceira do plural), no imperfeito

siia, no perfeito (primeira pessoa) *foi* e no imperativo singular *sei*.

teer. O imperfeito do indicativo deste verbo é *tiinha*

trazer. A par de *tragião*, occorre já a actual fórma *traziam*.

veer. Deste verbo apparecem as seguintes fórmas: *vees* e *v ia*, que a lingoa moderna cotraiu em *vês* e *via*.

vĩir, Este verbo, que ainda conserva o som nasal proveniente do *n* intervocalico, faz no imperfeito do indicativo *viinha*, no perfeito *veo* e no gerundio *vĩido*,

§ 21. PREPOSIÇÕES. No texto que estou analysando occorrem ainda as seguintes preposições pertencentes á lingoa archaica: *antre* (hoje *entre*), *ataa* (a par da *atee*, que apparece com menos frequencia), *des* (hoje *desde*), *desi* (equivalente a *depois*, de de + ex + h i c), *per*, *pera* (hoje *para*) e *so* (hoje *sob*). Quando a preposição *por* é seguida de artigo, converte se regularmente em *pollo* (= *por* + *lo*.)

§ 22. ADVERBIOS. Notão-se na versão os seguintes adverbios archaicos: *acá* (a par do hodierno *cá*), *alá* (hoje *lá*), *ante* (hoje *antes*), *assi* e *sí* (que depois tomaram as formas *assim* e *sim*), *atam* (ao lado já de *tam*), *hu*, que já depois foi substituido pelo actual *onde*), e *hi* (hoje *ahi*), que ainda vive no povo (cfr. os meus *Dialectos algarvios*, pag. 48). O adverbio *aqui* converte-se em *qui*, isto é, perde a vogal inicial (apherese) depois da preposição *ata*. O *come*, tam frequente na boca do povo, especialmente no do sul (cfr. os meus *Dialectos algarvios*, pag. 49), occorre tambem ao lado do *como*. Tambem me parecem dignas de nota as locuções adverbiaes seguintes: *a pouca d'ora* (synonyma de *dentro em pouco*) e *mui sem medo*, em que a expressão *sem medo* se toma por adverbio simplez, e como tal é elevada ao grau superlativo.

§ 23. CONJUNCÇÕES. Notão-se ainda as conjuncções archaicas *cá* (synonyma de *porque*), *empero* (de p e r h o c), hoje *porém* (de p e r i n d e), *mais* (a par de *mas*), que ainda se conserva em uso no povo (cfr. os citados *Dialectos algarvios*, pag. 49), e as locuções finaes *por tal de* ou *por tal que*.

§ 24. FORMAÇÃO DE PALAVRAS. A troca, que ainda se observa no povo, do prefixo *des* por *es* (cfr. os meus *Dialectos algarvios*, pag. 50) nota-se tambem aqui em *espedaçar*. A particula *er*, tam frequente nos escritores antigos, apparece-nos ainda aqui na phrase: *er sacavãnas*.

[1] Esta fórma arch. subsiste ainda no povo. Vide Dr. Leite de Vasconcellos, *Dialectos Interam*., IV, pag. 7; VIII, pag. 16.

III — Syntaxe

a) Concordancia

§ 25. Em *vinte e uma hora* concorda o substantivo *hora* apenas com o numeral *uma*, em vez de concordar com *vinte e uma* como faz a lingoa hodierna, mas aquelle processo observa-se ainda entre o povo.

§ 26. Como é de regra na lingoa francesa, e o era no português antigo, o participio dum verbo num tempo composto concorda com o complemento directo, quando este o precede, concordancia esta que ainda se nota em Camões v. g. no soneto que começa: *Sete annos de pastor Jacob servia*. Assim encontrão se na presente versão exemplos como estes: *as aviam esfolhadas e espedaçadas; outras que avia vistas*, etc.

Obs. I. A mesma concordancia apparece mesmo quando o complemento vem depois, como por exemplo em: *lhes avia feitas muitas esmolas*.

Obs. II. Um unico exemplo encontrei que deroga a regra acima, e é portanto semelhante ao actual modo de dizer, o seguinte: *outros que avia visto*: afigura-se-me, porém, que, por lapso o escritor deixou de pôr o *s* no participio *visto*.

b) Construcção

§ 27. Quando o gerundio ou o participio passado tem sujeito proprio, a lingoa actual colloca este depois do gerundio ou participio; na versão, porém, que estou analysando apparece o sujeito antes, como é de regra em francês; ex.: *e ella fazendo chorando; e ella assim padecendo; e alma; estando soo e ella estando em tal medo*, etc.

§ 28. Sempre que a oração começa por palavra negativa, omitte a lingoa hodierna o adverbio de negação junto do verbo; neste caso a lingoa archaica, como o faz tambem o francês actual, emprega o adverbio: ex.: *por nẽ hũa cousa non queria veer esta visom.*

IV — Orthographia

§ 29. Na orthographia do manuscrito nota-se falta de fixidez, o que não é para estranhar, quando o mesmo se dá ainda hoje. Assim o som gutural do *c* e representado por *c* é tambem por *qu*, escrevendo-se *cinquo*, *arqua*, *quantavam*. O *j* e representado por *i*, por *j* e tambem por *g*, como em *ango*, a par de

angeo, e o *i* por *i*, *j* ou *y*, O som nasal acha-se indicado, como hoje, por *n*, *m* ou til; o *s* aspero ou por *ss* ou só por *s*, como em *groso*, *aduse*, *penssa*, *asi* (a par de *assi*); o som doce da mesma consoante por *s* entre vogaes e tambem por *ss*, como em *acessos*. O *r* forte apparece sempre geminado, quer esteja no principio, quer no meio, depois de consoante; ex.: *rrio*, *honrra*.

A pontuação é indicada por um simplez ponto, distinguindo-se os periodos por começarem por letra maiuscula. A influencia latina é bem visivel na graphia, como se vê em *directo* (a par de *dereito*), *fecto*, *dicto*, *nocte*, *escriptura*, *absconder*, etc.

Na minha transcrição segui religiosamente o original, substituindo apenas o *u* por *v*, e separando dos verbos a que vêm juntos as pronomes complementos: assim escrevo *deu-as* e não *deuas*; etc. Tambem accentuei os verbos, sempre que a falta de accento podia dar logar a confusão.

---

§ 30. A circunstancia de apparecerem na versão do codice n.º 266 modos de dizer ainda existentes nas provincias do sul, como mais duma vez tive occasião de notar, quando me referi aos *Dialectos algarvios* por mim publicados nesta *Revista*, e o facto de ser a letra em que ella se acha escrita identica á do *Josaphat*, que está no mesmo codice, levão-me a considerar o seu autor originario do sul do reino, como o desta ultima lenda, ao qual o distinctissimo professor, snr. A. Epiphanio da Silva Dias, na sua analyse critica da edição do snr. Vasconcellos Abreu, publicada na revista allemã *Zeitschrift für romanische Philologie*, s. v. *sey*, attribue aquella proveniencia.

§ 31. Por achar curioso e mostrar como a mesma concepção do inferno se ia transmittindo no povo, através das idades, citarei o livro *Desengano dos peccadores pelo P. Alexandre Perier da Companhia de Jesus e missionario do Brasil, accrescentado por Lourenço Morganti, bibliothecario do Patriarcha de Lisboa*. (Lisboa, officina do Antonio Pedroso Galram, MDCCXXI).

A paginas 258 falla duma molher «que em sonho foi levada ao inferno e viu uma quantidade de fornos acesos e em cada um delles um adultero abraçado a um dragão tão apertadamente que se não podia mover e da boca lhe saia fogo de enxofre e, quando blasfemavão, bradando lhes botavam por refrigerio chumbo derretido nos olhos e ouvidos que penetrando até os tutanos davão alaridos que causavão horror ao mesma inferno». Tambem a paginas 76 diz que um santo vira «que um condemnado fôra primeiro metido num tanque de fogo de enxofre em que nadavão muitos diabos em fórma de serpentes e basiliscos que lhe acrescentavão o tormento, em seguida, posto sobre uma gra-

de de ferro (a que chamão cama) já afogueada com brasas ardentes debaixo, depois se lhe abraçou um dragão muito espantoso que lançava raios pelos olhos e chamas pela boca, e, passado isto, para o refrescar lhe trouxeram e poseram á boca uma caldeira de chumbo derretido». E observa o auctor: «nem pareça a quem ler este exemplo que a visão do santo anachoreta fosse um sonho ou alguma invenção para terror dos peccadores».

O livro citado, que comprehende XIV discursos ou capitulos, traz no principio de cada capitulo uma gravura que representa um condemnado a quem os diabos, escorpiões, dragões e outra bicharada atormentão. Assim, por exemplo, na que antecede o tratado ou discurso acerca do tormento do gosto vê-se um homem de boca aberta sobre o qual um demonio lança dum jarro cobras, sapos e outros nojentos reptis, emquanto outro lhe segura a cabeça com as mãos armadas de garras e um dragão lhe vai roendo um dos hombros.

§ 32. Para os leitores menos familiarizados com a lingoa antiga porei aqui os termos e modos de dizer archaicos que occorrem no texto, com a sua interpretação em lingoagem moderna:

aficado, opprimido, afflicto.
antre, entre (o lat. *inter*).
armuzello, anzol.
ascuitar, escutar (o lat. *auscultare*).
asinha, depressa.
assi, assim.
aveença, modo de vida.
avisso, abysmo (o lat. *abissus*).
bever, beber.
catar, procurar, buscar. Ainda hoje usado na accepção de — procurar piolhos (o lat. *captare*).
cativo, desgraçado, triste. Cfr. o francês *chétif* (o lat *captivus*).
chanto, pranto (o lat *planctus*).
coita, desgosto, pena, sobretudo amorosa.
companha, companhia. Ainda hoje popular.
comprir, cumprir (o lat. *complere*).
contento, contente (o lat. *contentus*).
correger, corrigir, emendar (o lat. *corrigere*).
despreçar, desprezar.
doestar, injuriar, afrontar (o lat *dehonestare*).
enpero, porem. Cfr. o hespanhol *pero*.
escarnho, escarneo.

esmarada, esmeralda (o lat. **smaragda* por *smaragdus*. A mudança da terminação é, certamente, devida ao genero da palavra).

estormento, instrumento (o lat. *instrumentum*).

estrado, coberto (o lat. *stratus*).

falejar, fallar comsigo e em voz baixa (?) No Algarve existe o termo *fallocar*, na mesma accepção e em Lisboa *fallazar*.

filhar, agarrar.

fiuza, confiança (o lat. *fiducia*).

fornigar, fornicar, fazer *fornizio*

gaançar, ganhar.

gargantão, comilão.

gargantoice, gulodice gula.

goivo, gozo, prazer.

guisa, modo, maneira (o germanico *wisa*).

ĩmigo, inimigo.

juso, abaixo (o lat. *deorsum*)

lazerar, padecer, sofrer (de *Lazaro?*)

leixar, deixar (o lat. *laxare*).

locura, loucura.

marfil, marfim.

marteirar, martirizar. De *marteiro*.

marteiro, martyrio (o lat *martyrium*).

maragẽes, pedra preciosa. Será o mesmo que *esmarada?*

nembrar, lembrar, que tambem ocorre (o lat. *memorare*)

nembro, membro, que tambem se encontra.

oufano, ufano. Cfr o espanhol.

parar bem mentes, attender, bem, reparar, dar attenção.

pendença, penitencia, que tambem occorre.

pero, porem. Cfr. o espanhol.

roaz, raivoso.

seeda, assento (o lat. **sedita* de *sedeo*, por *sessa*)

seestro, esquerdo. Hoje só occorre como substantivo na accepção de mau costume (o lat. *sinistrum*).

segre, seculo. Sem duvida de importação estranha (o lat. *saeculum*).

seguras, machadas. A versão do codice n.º 244 diz *segures*, que corresponde perfeitamente ao lat. *secures* ; a mudança do *e* em *a* é devida á influencia do genero da palavra.

sobrevoso, soberbo.

soterrer, enterrar. De *so+terra*.

suso, acima (o lat. *seorsum*).

teebroso, tenebroso.

vesso, verso.

volta, grande roido.

1 de Dezembro de 1903

JOSÉ JOAQUIM NUNES.

Historia do cavalleiro Tungullo

Era hũu mãcebo de dias filho de muy grãde linhagem, mas avia pouco cuidado de sua alma. q̃ sua mancebya e sua fremosura o tornava em pouco siso e em vaydade deste segre. Nem avia cuidado de dar esmollas. nẽ de hir áa jgreia nẽ de fazer oraçom. E em estas vaydades do mũdo era muy ledo e muy oufano. Ẽnpero nosso senhor misericordioso quis a este homẽ mostrar as penas do jnferno. e os bẽes do parayso por tal de os cõtar depois no mũdo. E esto por tomarmos nos outros exẽplo de fazer bem. e nos guardarmos do mal Este cavaleiro vééo á adoecer de morte. e jazendo assi mujto aficado como morto todos cuydavã q̃ era morto. E quiserõ no soterrar senõ fora por hũa pouca de quẽtura q̃ tijnha no lado sééstro e por aquello o teverõ tres dias. E quando veo aò derradeiro dia el começon de jemer e de falejar (*sic*), e mujtos clerjgos e leygos que hy estavã para lhe fazerẽ honrra asi como fazẽ a homẽ morto. quando virõ aquello espantarõ sse mujto e el abrijo os olhos e começou de oolhar. e fez signal q̃ lhe dessem o corpo de deus. E des que o ouve rrecebydo começou de dar mujtas graças a deus e dizer. Ay deus senhor mujto mayor he a tua misericordia q̃ a minha maldade. Gram piedade fezeste sobre mȳ senhor ẽ [1] me tantas penas e tantas triubulações mostrastes e de todas me livrastes e dos aavissos da terra me sacastes. E des q̃ partyo todallas cousas q̃ avia e deu as aos pobres. mudou ẽ tal guysa sua vida q̃ bem mostrava q̃ muy espantada viera a sua alma das penas q̃ passara. E muy gram sabor avya de gaãçar os bẽes q̃ vira e disse. Quãdo a minha alma sayo do corpo começou de aver grem medo e nõ sabya cousa q̃ fezesse nẽ q̃ dissesse nẽ a quall lugar fosse sóó e desenparada. querya sse tornar ao corpo. e o corpo nõ na q̃rya rreceber. E estando ella asi tremẽdo e chorãdo. nẽbrãdo se dos males q̃ fezera vio vĩir gram cõpànha de dyabóós. tantos que a casa hu o corpo jazia era chea de dentro e de fora. Nom tansoomẽte a casa mas ajnda todallas rruas e praças todas erã cheas delles. E cerquarõ a alma de todallas partes começarom de a doestar e espantar muy fortemẽte e diziã. Cantemos a esta alma cativa cãtares de morte q̃ filha he de morte. e he comer de fogo. e amjga de tréévas, e ĩmj-

[1] Parece-me que o copista escreveo ẽ, devendo ter escrito q̃, como pede o sentido.

ga da luz. e cõ grande espanto chamavõ na e diziã lhe. Ay mizquinha este he o poboo q̃ tu escolheste cõ os quaes arderás no fogo do jnferno pera senpre. Hora dize por q̃ nõ és agora sobrevosa como soyas. ou porq̃ nõ fazes discordias ou porque non fornigas. ou por q̃ nõ levãtas pellejas como soyas. hu som os teus devaneos. e a tua vaãgloria hu he. o teu rryso hu he. o teu comer e o teu bever q̃ tu avias de q̃ davas muy pouco aos pobres. hu som as tuas loucuras q̃ tu fazias. todo já he passado e tu pensarás por ello. E a mizquinha da alma ouvya todo. e vendo tam máá visom esteve muy espantada. e nõ sabya q̃ fazer nẽ q̃ della fosse. E ella estando em tam gram coyta. vyo vĩjr hũu angeo luzente como estrella e salvou a e começou de a cõfortar. E ella entom cõ prazer começou de chorar e dizer. Ay senhor meu e meu padre dóóres grãdes do jnferno q̃ me apertam e me cercam e me tẽ em grã pesar e em gram temor. E entom lhe disse o angeo. Agora me chamas senhor e padre. quãdo te vees ẽ coyta. mas nõ quãdo eras ẽ teu poder. E diz a alma ay senhor nũca te vy senõ agora quando ouvy tua voz muy saborosa. E o ango disse sempre des q̃ tu naceste eu foy cõtigo pera hu quer q̃ tu hyas. mas tu nõ quiseste creer os meus cõselhos nẽ fazer minha voõtade. Estendeo [1] entõ o angeo a mãao e prendeo hũu daquelles dyabóós q̃ del fazia mais escarnho e disse lhe. Vees este he o que tu criáás e cuja voõtade fazias. e despreçavas a mỹ. mas pero sey segura q̃ deus ha piedade de ty e nõ sofrerás tantas penas quantas tu merecias pero ás de passar por mujtas penas. E depois tornarte-as ao corpo pera correger e ẽmẽdar tua vida. e por esso pára bem mẽtes em nas cousas e rretenas [2] de guisa que te nẽbrẽ. E os diaboos. quando esto ouvyrã começarõ aa dizer mal de deus q̃ tijnhã q̃ aquella alma era sua e q̃. por aquello q̃ a perdyam. e diziã q̃ deus non era directo juiz. E elles mẽtiam q̃ deus dereito he sempre. e q̃ ajnda hy ficava tẽpo dẽmẽda pois a alma avya de tornar ao corpo. E disse ẽtom o angeo aalma. penssa de me seguyr diz a alma. Ay senhor ey medo. ey medo destes dyaboos q̃ vem depós mỹ e me metẽ em pẽnas. Diz o angeo. nõ ajas medo q̃ mais somos q̃ elles. q̃ deus he cõnosco e nẽ hũu non será contra nos q̃ nos possa enpéécer. E entõ começarõ de andar. e a alma nõ via outro lume senõ o do angeo. E chegarõ a huũ valle téébroso e muy espantoso e era mujto alto e cheo de carvõoes e tijnha hũa cobertura de ferro q̃ avya sete covodos ẽ groso. e ardia asy que semelhava a sua coor brasas vivas. e o fogo fedia muy feramẽte. e jaziã sobre el mujtas almas cativas. e queimavanas [3] ẽ sartaaẽes acesas. E depois q̃

[1] *Etendeo*, diz o original.
[2] Deve ler-se *retem nas* ou *retem-as*.
[3] Deve ler-se *queimavam-nas* ou *queimavam-as*.

eram derretudas coavãnas asi como coam a cera. e cayã sobre aquellas brasas acesas. E quando a alma vyo estas cousas cõ gram dóó disse ao angeo. Rogo te senhor que me digas q̃ fezerõ estas almas q̃ tal pẽna ham. Disse o angeo. tal pẽna merecem os matadores e os cõsentidores. E tu tal pena merecias mas agora nõ na sofrerás e guarda te quando tornares ao corpo nõ façaș per q̃ estas penas e outras mayores sofras. E entõ disse ora andemos q̃ longa carreira avemos de andar. E entõ forom per hũu mõte muy alto e de muy gram temor e da hũa parte era fedorẽto. e da outra neve branca e muy gram vento e muy gram fryo. E todo o monte de hũu cabo e do outro era cheo de diaboos q̃ estavã prestes pera tomar as almas e tijnham forcas de ferro muy grandes cõ q̃ enpuxavã as almas. e davã com ellas no fogo. er sacavãnas do fogo e davã com ellas na neve. e asy andavã de pena ẽ pena. Disse entõ a alma ao angeo Senhor como poderia passar per estas penas. disse o angeo anda nõ temas de me seguir. E começarõ de andar per hũu valle q̃ era muy escuro. e elles no fundo delle. a alma nõ via nẽ hũa cousa. mas ouvyo muy grande arroydo de hũu rryo q̃ corrya per ell. do qual saya gram fumo e gram fedor come de carnes mortas q̃ fossem já podres. E ouvjo grandes vozes e grandes dores das almas q̃ jaziam ẽ ell penando de grandes penas. E de hũu cabo do mõte ao outro estava por ponte hũa tavoa ẽ q̃ avya cinquo mil passadas em longo e hũu pee em ancho. polla qual nõ podya nẽ hũu passar q̃ nõ ouvesse de cayr ẽ fundo. salvo o q̃ fosse muito escolheito e muy boo. E vyo mujtas almas cayr em fundo. E vyo vĩjir hũu pelegrim q̃ passava per aquella ponte muy sem medo cõ sua escryvina vestida e cõ sua palma na maão. E quando o vyo passar atam asinha. dissy [1]. Ay meu senhor como poderey passar per esta ponte atam estreita Disse entõ o angeo nõ ajas medo q̃ livre serás d'esta pena. E enton passou do outro cabo muy sem medo. E quando foy da outra patre (*sic*) disse áálma ao angeo. E senhor rogo te q̃ me digas de quaes almas he esta pena. E o angeo disse. Este valle tam fundo he dos sobrevossos. e aqueste mõte tam fedorẽto e de tantas penas. he dos que estam nas carreiras esperando por mal fazer. E disy [2] começarõ andar per hũa carreira torta muy maa pella quall a alma nõ avya outro lume senõ o do angeo. E vyo hũa besta tam grande q̃ sobejava sobre os mõtes. e era tam fea q̃ non ha homẽ q̃ o podesse dizer. Os seus olhos semelhavã outeiros acesos. e a sua boca era tamanha que caberiã per ella nove mil homẽes armados. E avya na sua boca duas serpentes. e hũa tijnha a cabeça contra juso. e a outra contra suso. E estava em meo de

[1] Talvez se deva antes ler *diss'y* por *disse hi.*
[2] Deve ser *des i.*

duas traves muy grandes q̃ estavã atravessadas cõ muy grandes portas. Em na boca daquella besta eram grandes chamas de fogo q̃ sayam pella gargãta della e queimava as almas. E dentro ẽno vẽtre daquella besta e polla boca della sayã grandes fedores e grandes chamas. e grandes chantos dalmas. E ante a boca daquella besta estavõ grandes cãpanhas de dyaboos que atormẽtavã as almas e as faziã entrar ẽno ventre daquella besta. E entõ disse aalma ao angeo. Senhor por q̃ nos chegamos tanto a esta besta. E o angeo lhe disse Non podemos nossa carreira fazer ataa q̃ nõ cheguemos a ella. E entom desapareceo o angeo e a alma ficou soo. e logo os diaboos asi como caães rroazes travarõ della e deitarõ na no vẽtre daquella besta. e as penas q̃ aly sofreo. nẽ a [1] homẽ q̃ as contasse Aly sofreo mujto fedor e muyto fryo e mujta quẽtura. e outros mujtos tormẽtos q̃ se cõtar nõ poderyam. E ella jazendo chorando os malles q̃ avya fectos rrecontãdo suas mĩguas por q̃ aquellas penas padecia. e a pouca doora achou-se fora. e nõ soube per q̃ guisa sayra. E ella estando abryo os olhos e vyo o angeo e disse. Ay minha esperança e meu bem que graças vos posso eu dar por canto bem me avedes fecto. E o ango lhe rrespondeo. mayor he a misericordia de deus q̃ a tua maldade. penssemos de andar. E elles jndo virõ hũu gram lago e alçavõ se as ondas em ell tam altas q̃ nom podyam veer o ceeo. Em este lago avya bestas espantosas q̃ eram tam grandes q̃ semelhavã torres e das bocas dellas sayam chamas de fogo atam grandes q̃ todo aquell lago faziã ferver. E em aquell lago estava hũa ponte q̃ avia ẽ longo dous mil covodos e era tam estreita como hũa palma da maão. e era chea de clavos muy agudos. e as almas q̃ per ella passavã soffryã grandes penas dos cravos q̃ se lhe metyã pollos pees. E entom virõ vĩjir outra alma pella ponte e estava chorando carregada de huũ feixe de trigo. e quando vyo q̃ avia de passar perguntou ao angeo de quaes almas he esta pena e [o] angeo disse Esta pena he daquelles q̃ furtã pouco ou muito. e agora convẽ te q̃ passes per ella cõ hũa vaca q̃ furtaste. Diz ella se a furtey entregueya. E o ango disse. Entregaste a por q̃ ha nõ podeste encobrir. pero nõ padecerás tanta pena como se a nõ entregaras. E entõ apareceo aly a vaca muy brava ẽ guisa q̃ non qrya per nẽ hũa guisa entrar pella ponte enpero ouve a de tomar ao pescoço. e entrou cõ ella pella ponte. E jndo cõ ella ẽ meo da ponte. topou cõ aquella alma q̃ tragya o feixe do trigo. E entõ rrogou lhe q̃ o leixasse passar cõ sua vaca. e o outro disse. mas leixa me tu passar cõ meu trigo. E enquanto asy estavã aperfiando. avyã gram medo de cair em fundo. e acusavã [2] sse huũ

[1] O *a* é doutra mão.
[2] *Acusavasse* diz o texto.

contra o outro do mal q̃ fezerõ. por q̃ aquella pena sofryam. e pollo gram temor q̃ aviã de cayr nõ ousavã de hir nẽ de tornar. E estando ẽ este medo. quando oolhou achou sse da outra parte. e apareceo lhe o angeo e disse lhe. bem sejas vĩido nõ cures jamais da vaca q̃ já della fezeste penitẽcia. E entõ a alma amostrou lhe os pees chagados dos clavos e dizia q̃ non podia andar. E o ango disse lenbra te como os avias fortes pera andar em vaydades. Pensa de andar que huũ atormentador muy negro e muy cruel nos está esperando e nõ podemos fogir ao seu oficio ẽ na sua pousada. E jndo adiante per lugares escuros e muy maaos. apareceo hũa casa rredonda como forno chea de fogo aceso e queymava quantas almas achava. E quando a alma vyo esta pena. disse ao ango. Ay mizquinha já chegamos aa porta da morte. E enton lhe disse o angeo. Desta chama q̃ sal de dentro serás livre. mas entrarás dentro hu padecerás mujtas penas. E ante a porta daquella casa estavõ muitos atormẽtadores em semelhança de carneceiros cõ seguras pera espedaçar as almas. e pera as esfollar. e des que as aviã esfolladas e espedaçadas davã com ellas dentro ẽ aquella casa hu ardiam e padeciã grandes penas por luxurya e por gargantoice E quando a alma vyo esta pena que era tam grande mais q̃ as outras disse ao ango. Rogo te q̃ me livres deste lugar e mete me ẽ outro qual tu quiseres. e di me de quaes he esta pena. E o ango disse. (E) esta pena he dos luxoryosos e dos gargantoões e tu nõ podes escusar q̃ alá nõ entres. q̃ caães rrayvosos esperam por ty. E o ango desapareceo enton. e os dyaboos, logo cercarõ a alma de todallas partes. E tomarõ na e deron cõ ella dentro na casa. e as penas que aly sofreo nõ ha coraçõ q̃ as podesse penssar. E des qui foy mujto atormẽtada ẽ estas penas. e jazendo asy coytada. ella se achou fóra. e vyo a clarydade do ango. disse com gram temor. Ay senhor e hu he aquella misericordya q̃ nos os saybos de deus dizẽ. que he mujto misericordioso pois hu he aquella misericordya. que eu ey tantas penas passadas. E o ango disse. Por essa fiuza som mujtos ẽganados. q̃ o senhor asy faz misericordia q̃ non perde justiça e segundo a sua justiça dá a cada hũu o que merece. E segundo a sua misericordia perdoa mujtas cousas do q̃ merecem aaquelles q̃ as confessam e fazem pendença. e os q̃ a nõ conprẽ em este mũdo cõvẽ q̃ a conpram ẽ taaes lugares e em taaes penas como estas q̃ tu vees. E enton disse a alma ao angeo. Ay senhor os q̃ som justos dime por q̃ os trazẽ perante estas penas. ou por q̃ lhas mostram. E o ango disse. mostran lhas por q̃ quando virem os maaos q̃ elles leixarõ. q̃ ajam mayor alegrya. E outro sy q̃ os maaos vejam a gloria q̃ levã os boos por tal q̃ ajam mayor coyta do bem q̃ ham perdido. E por esso aquell peregrino q̃ tu viste passar pella ponte estreita era cristaão directo. e passou todas aquellas penas. e nõ temya dellas nada. E entom disse a alma. pois q̃ asi he senhor

pẽssemos de andar e aver pena. por q̃ depois váâmos aa gloria. E entõ começarõ de andar. e vyo hũa besta q̃ era muy desasemelhada das outras q̃ antes avya vistas. E avia dous péés muy grandes e o collo muy longo. e pella boca della sayam muy grandes chamas de fogo. E esta besta estava sobre a boca de hũu muy grande lago q̃ estava cuberto de jeada. E comia quantas almas achava. E depois q̃ as comia deitava as de si em aquelle lago que estava cuberto de jeada. Asy q̃ sayam de gram quẽtura. e ẽtravã em gram friura. E todas aquellas almas que jaziam em aquelle lago todas se faziã prenhes. e quando vinham a parir. atam grandes eram os brááđos q̃ davã cõ as doores q̃ aviã q̃ nõ ha homẽ nado que as podese [1] cõtar. assy as molheres come os homẽes todos enprenhavã e paryã. E nõ paryã pollos lugares per onde sooẽ a parir as molheres. mas paryã pellos braços e pellos peitos. e pellas pernas. E paryã serpentes e bestas q̃ avyam dentes de ferro muy agudos e mordiam as almas de q̃ sayam. E aviã em si aguylhoões tortos como armuzellos de pescadores cõ q̃ travavã das almas. E tornavã as serpentes aas almas e comian has bravamẽte em guisa q̃ tamanhos eram os braados e os grytos e o arruydo q̃ faziã. q̃ nõ ha homẽ no mũdo q̃ as podesse cõtar. E as mizquinhas das almas erã nos pees e nas maãos e nas pernas. e ẽ todollos outros menbros cheas de cabeças de serpentes, e rroyanas fortemẽte ẽ todollos nẽbros cõ q̃ pecarõ. de guisa q̃ lhes chegavõ aos nervos e aos ossos. E entõ a alma perguntou. de quaes eram aquellas penas. Respondeo o angeo. Som daquelles que se fazem muy boos e melhores q̃ os outros e fazem semelhança de o seerem e nõ o sam. e os que ham as lingoas agudas ẽ mal dizer. e os q̃ ham sempre voontade de mal fazer. E tu por q̃ gravemẽte pecaste sofrerás estas penas. e desapareceo lhe entõ o angeo. E os dyaboos tomarõ aalma e derõ com ella ante a besta q̃ a comesse. e a besta engolya logo e sofreo aly muitas penas E desi acabo de pouco aquella besta deitou a de ssy ẽ fundo do lago. E ella assy padecendo grandes dolores veo o angeo e disse lhe. Vem aca amiga q̃ jamais non sofrerás desta pena. E tirou a entõ dantre as outras que hy jaziam e disse lhe. penssa de me seguir. E entom começou de andar avante per muy piores logares q̃ ante avia andado. E jndo per hũa carreira muy estreyta q̃ decendya pera fundo como se fossem de hũu mõte muy alto e semelhava q̃ se deitavom per elle a fundo. E quanto mais per elle descendiã quanto mais povoo viã per hu aviã de tornar. E entõ disse a alma. senhor q̃ carreira he esta q̃ asy he atormẽtada. E o ango disse. E esta he a carreira da morte. forom descendendo. e virõ hũu valle ẽ q̃

[1] *Podese* é doutra mão.

estavõ mujtas forjas de ferreiros e ouvirõ muitas vozes e mujtos choros. E entõ disse a alma. Senhor ouves tu estas vozes q̃ eu ouço. E o ango disse. Ouço e cõven te q̃ as padeças. Entõ a alma começou de chorar e logo chegarõ os dyaboos e non disserom nada e tomarõna cõ tenazes de ferro acesas e derom com ella no fogo hu jaziam outras mujtas almas que se derretiam como chumbo. E des q̃ erã derrytidas tornavãsse como dantes eram. e filhavõnas os diaboos com garfos de ferro e cõ tenazes e puxavãnas sobre a forja e davã em ellas cõ maços de ferro de guisa q̃ de mujtas almas faziã hũa massa. E aquelles diaboos diziam hũus aos outros nõ avonda ajnda esto. e os outros diziã. deitade as cá a nos. e elles deitavõlhas e ante q̃ cayssem ẽ terra tomavõnas cõ tenazes de ferro acessas. E davã com ellas no fogo e queymavõnas ataa q̃ se tornavã candeas acessas. E entõ apareceo o angeo e tirou a daly e disselhe. como te vay semelha te q̃ forom doces os dyleitos do mũdo por q̃ sofres estas penas. E alma estava fraca q̃ nõ pode rresponder. E entõ o angeo lhe disse. Aynda mayores penas veerás das q̃ viste. mas livre serás dellas pella misericordia de deus. E todas estas almas que tu viste esperom salvaçõ e outras q̃ ajnda veerás. E entõ começarõ de andar e viron grande espanto de teebras. e ouvirõ tam grande volta q̃ semelhava que todollos firmamẽtos da terra se moviã. E entom o angeo desapareceo. E alma estando soo ouvyo vozes e grandes apelidos das almas atam grandes como se fossem grandes torvoões. E parou mentes pera cada parte se veerya algũu logar ẽ q̃ se aquello fazia. e vyo hũa cova muy grande. em guisa de poço de q̃ se levãtava hũa chama de fogo mesturada com fumo q̃ semelhava q̃ chegava ao ceeo. E andavã naquella chama mujtas almas mesturadas cõ os diaboos. e levãtavõsse como moxões e cayam como folhas queymadas e lazerovõ muy mal em esta pena. E entõ a alma cõ grande espanto começou de chorar e dizia assy. Ay mizquinha que non quise creer as escrituras e os conselnos dos boos e quise mais creer o sabor do mundo. E entõ os dyaboos cercarõ a alma de cada parte bem como abelhas e diziã. Ay mizquinha a que vieste aqui ou quẽ te aduse aas treevas. ora serás metida em penas e tormẽtos. onde nũca sayrás e nũca averás lume nẽ aligria. mas senpre averás mal e tormẽtos. E outros diziã por q̃ tardámos tãto demolla a comer a lucifel. e aquelles dyaboos eram mais negros q̃ carvoões e os olhos delles pareciã fugueiras acesas e os dentes brancos como neve e avyã rrabos como escorpyoões e asaas como aguyas. E hunhas de ferro cõ q̃ estavã ameeçãdo a alma. mas nõ lhe podyã enpeecer. E ella estando ẽ tal medo chegou o angeo e livrou a dantre elles. e começou a de a [1] confortar. e disse lhe. Alegra te amiga que livre és de mal. e agora anda e

[1] *A* doutra mão.

amostrarteey o jmijgo da humanal linhajem. Começarõ entõ de andar cõtra o jnferno. e aly vyo o senhor das treevas. e vyo as almas padecer mujtas penas q̃ maao dia foy nado o q̃ aly foy levado. E o ango e a alma vyã as outras almas q̃ jaziam aly. mas ellas nõ podiã veer elles. atam grandes eram as penas q̃ padeciam. E aquel lucifel era atam grande q̃ sobejava per todallas outras bestas em grandeza. e a fegura dela era como de homẽ des a cabeça ataa os pees e era negro como carvoões. E nos braaços avia mujtas maãos. e avya rrabo grande e espantoso. no quall avia mais de mil maãos. e cada hũa era mais ancha q̃ cem palmos. E as unhas dos pees e o rrabo erã cheas de aguilhoões muy agudos. e el jazia sobre hũu leyto de ferro. e de so aquelle leito jaziã mujtos carvoões acesos. E os diaboos sopravõ aquelles carvoões e acẽdyã nos. e arredor del estavã tantas almas q̃ nõ ha [1] hõe (*sic*) q̃ as podesse contar nẽ cuydar q̃ tantas almas fossem criadas no mũdo. E entõ diz que com a coyta grande q̃ sofria. levãtava as maãos cõ grande ira e filhava aquellas almas e apertava as cõsigo. assy como apertam o bagaço das huvas. e marteiravas [2] de tal guisa que non avia hy nẽhũa q̃ ficasse. E desi soprava e dava grande jnpado e espalhavas [3] almas per mujtas partes do jnferno. E sayã do poço e voavã em gram chama de fogo q̃ as queymava todas. E desy rrecebias [4] todas ẽ seu ventre onde padeciam grandes penas jmfernaes. E se algũa alma fogia das suas maãos el feriaa muy mal cõ aquelle rrabo. E entõ disse a alma. e que cousa he esta tam espantosa e tam maa. E o angeo disse. a este chamã lucifel. que foy o começo das criaturas de deus e vivia nos dileitos do parayso. e polla sua soberva abryrõse com el os ceeos e a terra e afundouse nos aabissos. e estes q̃ com elles som forom angeos q̃ cayrõ com ele. E os outros som dos filhos de adam q̃ pecarõ e nõ quiserom fazer peendença. e estes passam pollas penas que tu viste e veensse a este lugar de q̃ nunca sayram. Diz entom a alma rrogo te q̃ me saques daqui asinha q̃ por nẽhũa cousa nõ querya veer esta visom tam maa q̃ o fedor delle me cõfonde mais q̃ todallas outras penas q̃ sofry e que passey. E aqui vejo muitos meos parentes e conhocẽtes e eu desta cõpanha fora se a misericordia de deus nõ fora. E entrou o angeo com aligria disselhe. Ven te bem aventurada q̃ ataa qui viste as penas dos maaos e desaquy veerás a gloria dos boos.

Aqui falla da gloria do parayso.

[1] Se não foi lapso de quem escreveu, é evidentemente abreviatura de *homem*.

[2] Por *marteirava-as*.

[3] Por *espalhava-as*.

[4] Por *recebia-as*.

Em aquella ora o angeo e alma começarom a sayr daquell [1] mão logar. E enton disse a alma com grande aligria. em quall guisa foy ora alumiada que ante era cega e agora vejo. ante era triste. e agora som alegre. ante avia temor. agora nõ o ey. E entõ disse o ango. Non te maravilhes que este he o mãdamẽto de deus. Entom beenzeo a e chamou a per seu nome e dise lhe. penssa de me seguir. E jndo adeante virom hũu muro muy alto. e ante o muro vyrõ gram cõpanha de homẽes e dava per elles gram sarayva e vẽto. e aviam gram fome e sede e sijam tristes enpero aviã luz e nõ aviã fedor. E entom a alma perguntou ao angeo de quaes almas era aquella folgança. que segundo o mal que vira padecer aas outras almas parecia lhe aquello folgãça. E o angeo lhe disse. Estes som os que nõ forõ muy maaos e penssarom de se guardar. mas porque nõ despenderõ aquello que lhes deus dera como devyã. sofrem esta pena algũ tempo. E depois iram aa gloria. E entõ forõ adiante e virõ hũa porta que se abria de seu. e entrarõ por ella e virõ hũu canpo muy fremoso e muy frolido e de muy boo odoor. E estavã hy mujtas almas. e hy a·ya hũa fonte de agua viva. E entõ disse a alma beento seja o nome de deus que ell me quis livrar das penas da morte. e agora vejo eu o que diz a escriptura [2] Que olhos nõ virõ nẽ coraçõ nõ no cuydou. nẽ orelhas nõ ouvirõ. tanto bem. quanto deus tem guardado pera os que o amã. Rogo te que me digas de quaes he esta folgança tamanha e este lugar tam boo. e esta fonte como ha nome. E o angeo disse. aqui mõra os boos. e por que nõ forom perfeitos como deverõ. nõ lhes derom lugar hu vivessem cõ os santos. e estarõ aqui seu tempo atee que deus mãde. E a fonte ha nome fonte de vida. e o que della bever nũca morrerá. E jndo assi adiante. virõ hũu paaço muy nobre. e virõ hy dous rreys e outros muitos que a alma conhocia. e perguntou ao angeo e disse. Que he esto que vejo que estes forom antre sy jmijgos e de mãa [3] vida. E o ango disse. Sabe que ante [4] que morresẽ fezerom conprida penitẽcia. que hũu delles jouve doente muy gram tempo e partyo o que avya cõ os pobres. e pormeteo que se daly escapasse que se metesse ẽ hordem. E o outro assy padeceo mal lõgo tempo e partyo o que avia cõ os pobres por amor de deus. e por esto som ẽ aqueste logar. E tu cõtarás todas estas cousas quando fores no mũdo E desy forom adeante. e virõ hũa casa muy honrrada douro e de prata e de pedras preciosas. e nõ estava ẽ ella freestra nẽhũa. E entrarõ dentro muy sem medo. aly era a clarydade tal como o sol. e a casa era ancha e rredonda e nõ avia traves nẽ esteos nẽ paredes que a mãteves-

[1] Erro em vez de *maao*
[2] S. Paulo 1.ª ad Carinthios II-9
[3] Lapso por *maa*
[4] *ante* tem por cima um *s* doutra mão

sẽsẽ. e era estrada douro e de pedras preciosas. E vio seer hũa seeda douro muy preciosa em que sija hũu rrey vestido de taaes vestiduras quaes ell nũca vira nẽ homẽ nõ no poderya contar. e vyrom ante el muitos que lhe offereciam dõoes que lhe traziam. E desi vio vĩjr muitos sanctos cõ suas rriliquias e cõ mujtas vestimẽtas. e cõ caliz douro e ornamẽtos douro. e cõ arquas douro ẽ que tragiã suas reliquias e punhanas [1] sobre tavõas muy fremosas. E quantos estavã em aquella casa todos ficavã os joelhos ante aquell rrey e diziã hũu vesso do psalteiro que diz asy. Labores manuũ tuarum quare manducabis. beatos es et bene tibi erit. [2] esto diziam elles. porque lhes elle avia feitas muitas esmollas. E entõ disse a alma. que he esto que non vejo aqui de cantos serviã este rrey quando era vivo E o angeo disse. nõ som estes da conpanha que eram cõ ell no mũdo. mas aquelles som aos que elle dava as esmollas por amor de deus. e por esso o rrecebem atam bem. e tam honrradamẽte. E a alma lhe perguntou. este rrecebeo algũa pena des que aqui veo. E o ango rrespondeo. aguardemos e veerás. acabo de pouco foy a casa tam escura e quantos estavã em ella todos se [3] tornarom tristes. Elrrey foy torvado e levãtado da sua seeda chorãdo e foy fora della. e aquellas cõpanhas alçavã as maãos ao ceeo rrogando a deus por ell e diziam Senhor poderoso como tu por bem teveres e como sabes que lhe faz mester. ave mercee deste teu servo. Entom a alma olhou e vyo jazer no fogo ataa o jnbigo, e do jnbigo acima vestido de cilicio. E a alma disse. por que soffre esta pena ou quanto aa de sofrer. E o ango disse. per espaço de tres oras antre nocte e dya sofre esta pena e folga XXI hora asi como tu viste. O fogo sofre porque fez adulteryo. o celycio por que fez matar hũu cõde. E desy forom adeante e virom hũu logar muy alto e muy fremoso todo douro e de prata muy fremosamẽte obrado. e nõ vio hy porta nẽ entrada. pero quando se catou achou se dentro. Aly vyo mujtas conpanhas que diziam asy. Gloria seja dada a ti deus padre. gloria a ti filho. gloria a ti spũ sancto. Todos eram vestidos e aviã grande aligrya e gram goyvo. e louvavã [4] sempre a deus. os sõos dos seus cantares sobrepojavã sobre todollos estormẽtos que hy eram. E aly era hũu canpo muy fremoso e muy dilleitoso. e muy nobre e de muy boo odor que o seu odor vencia todollos odores do mũdo. E a alma disse. rrogo te que fiquemos aqui em esta folgança E o ango disse. ajnda que te estas cousas semelhã grandes. ajnda veerás outras mayores. E a alma disse de quaes he esta gloria. E o ango disse. dos bem

[1] por *punhã nas*
[2] Diz o psalmo CXXVII, v. 2 labores manuum tuarum qui manducabis: beatus es, et bene tibi erit.
[3] *se* é doutra mão
[4] *va* doutra mão

casados que lealmēte viverõ fazendo booas obras orando e jejunãdo e dando esmollas aos pobres. Vaamos adiante e veerás mayores cousas e mais nobres. e asy como hyam adiante passavã per muitas cõpanhas que lhes jnclinavã as cabeças. e rrecebianos [1] muy bē cõ grande aligrya e salvavã a alma per seu nome e diziam todos. Gloria seja a ty dada senhor padre poderoso que segundo a tua misericordia quiseste livrar esta alma dos tormētos do jnferno e quiseste a ajuntar cõ os teus sanctos. E jndo asi adiante virõ hũu muro de muy nobre ouro. e era mais fremoso que a alma se deleitava mais e folgava ē oolhar a sua fremosura que em todollos outros que avia vistos. E des que se acharom dentro. aly virõ tantas seedas douro e de pedras preciosas cubertas de pano douro e de seda. Aly seiiam homēes e molheres muy fremosos vistidos de muy fremosas vestiduras [2] taaes que non ha homē no mũdo que os podesse contar. E aviã coroas douro nas cabeças que rresprandeciã como o sol. e tijnhã veeos douro. e livros muy fremosos de letras douro. e quantavã quantos doces. E quando a alma vio tanta aligria ouve tam grande sabor que lhe esqeciã todollos outros sabores que avia vistos. E perguntou entõ ao angeo. de quaes era aquella folgança. E o ango disse. he daquelles que rrecéberõ marteiro por amor de deus. e por esso rrecebē tanta honrra como tu vees. Outros som que viverom em castidade. Entom olhou a alma a todas partes. e vio muitos castellos e muitas torres e mujtas tendas douro e de seda e de purpura. e de cristall. e de pedras preciosas mui maravilhosamēte obradas e cõpostas. E em as cordas dellas vio estar cordas dorgoões e viollas. e psalteiros. e outros muitos estormentos de muitas maneiras. E entom perguntou a alma cuja he esta gloria. E o ango disse dos que viverõ ē hordem de obeediencia e sofrerõ mujtas penas e davã mujtos louvoures a deus. E a alma disse querya se te prouvesse veer aquelles que estam dentro. E o ango disse. praz me que os vejas mas nõ poderás lá entrar. porque estes estam sempre ante a presença de deus. E nõ pode seer da conpanha dos sanctos se nõ for virgē. E desy forom adiante e virom gram conpanha de rreligiosos e as suas vozes eram atam doces que sobrepojavam sobre quantos cantares e sõos avia ouvidos e a clarydade era aly muy grande. e o odor que aly avya passava toda a outra gloria. E os estromētos que aly eram sem trabalho nē hũu davõ os sõos segundo a võtade daquellas conpanhas. E quando cantavõ nõ movyã os beiços. nē trabalhavã em cantar. mas [3] mujto fremosamēte cantavã. os seus sõos sobrepo-

[1] Por recebiã nos

[2] Tinha-se escrito primeiro *fremosos vistidos*, depois emendou-se para *fremosas vestiduras* pondo *sa* sobre *fremosos* e *ura* sobre vestidos.

[3] Tem *mais* sendo depois o *i* cortado.

javã sobre todollos estormẽtos em sabor. E o firmamẽto era como ceeo sobre as suas cabeças muy fremoso. do quall estavã penduradas cadeas douro muy fremosamente lavradas. ẽ que estavã arredomas e vasos muy fremosos. E em estas cadeas voavã mujtos angos que cantavõ muy doces cantos. E a alma queria ficar em aquelle logar. e o ango lhe disse. Oolha e veeras hũa arvore muy grande e muy fremosa chea de flores e folhas e de fructas de muitas maneiras e estavã em ella aves de muitas maneiras de collores que cantavõ muy maravilhosamẽte cantares muy doces. E em os rramos desta arvore estavã mujtos lirios e muitas rrosas. e hervas de mujtas naturas que davã de sy muy boo odoor. E so aquella arvore estavã mujtas cõpanhas aseentadas ẽ cadeiras douro. e de marfil em que sijam lonvãdo ao senhor deus pollos mujtos bẽes que lhes dava. E eram vestidos de muy fremosas vistiduras e tijnham coroas muy esprandecẽtes [1] em suas cabeças. E entõ disse a alma. Senhor dime que sinifica esta arvor. ou que cõpanhas som estas E o ango disse. Esta arvor sinifica a sca [2] jgreja e estes que estam so ella som aquelles que a bem guardarom. e bem acrecẽtarõ per seus boos merecimẽtos. e por que leixarom o mal e obrarom bem. fazendo serviço a deus. rrecebem tanta honrra e tanto bem como tu vees. E desy forom adiante. e virõ hũu muro que era muy desasemelhado dos outros que avia visto ẽ alteza e em fremosura e em claridade E era fecto desmeradas [3] e de marageẽs (*sic*) e de rrobijs e de cristaaes e de jaspes. e doutras muitas maneiras de collores de pedras E tanto era fremoso que muy gram maravilha era. E entõ começarõ de sobĩr per elle. e virõ outras tantas maravilhas. que nõ ha coraçõ que as podesse penssar. E aly vio as nove ordẽes dos angos e dos archangos e de virtudes e e potestates e de principados e dominaçoões. e de tronos e de cherubins e de serafins. E a alma disse. que cousas som estas que vejo tam nobres e tam estranhas em bondade, E o ango disse hũu vesso [4] do psalteiro que diz asy. Ascuyta filho e ouve e non ajas cuidados da casa do teu padre nẽ do teu poboo. que o senhor cobijça mujto a tua fremosura. [5] E que podessemos dizer aquelles bẽes manifestos gram cousa mais seria e nobre e que gram sabor e grande honrra he seer na conpanha dos angos e dos arçãgos e dos profetas. e veer a conpanha dos apostollos tam honrrada. e a con-

[1] sobre *esprandecẽtes* ha um *r* no principio da palavra que parece doutra mão

[2] abreviatura de *santa*

[3] Sobre *esmeradas* ha *ll* doutra mão

[4] Por cima ha um *r* doutra mão

[5] Diz o psalmo XLIV, II. 21 etudi, filia, et vide et inclina aurem tuam, et obliviscere populum tuum et domum patris tui et concupisçet rex decorem tuum.

panha dos marteres tam fremosa. e a conpanha das virgẽes tam amorosa e ouvir os seus cantares novos e tam saborosos. E sobretodo veer a faze do nosso senhor deus que he çima de todollos bees. E diz que daly donde estavã vija a gloria daquelles per onde passara. e vija as penas que avia leixadas. E podiam veer a todas partes do mũdo ajnda que non tornasse a hua parte nẽ a outra. E podiam veer tras si. e non tansooṁete era acrecẽtamẽto a alma em o veer mas ajnda podia saber todallas cousas sem preguntar por nẽ hũa. E entõ veo sam rrodeiro confessor e disse lhe. Deus guarde a tua entrada e a tua sayda por senpre jamais. Sabe que eu som sam rrodeiro confessor e oje per dereito o teu corpo devia a seer soterrado. E desy veo sam patricio apostolo do poboo da ybernia cõ gram cõpanha de bispos que el conhocia. E apar destes quatro bispos. vyo seer hũa cadeira muy honrrada. e nõ sija em ella nemgũu. E entõ disse a alma. esta cadeira de quẽ he. E dise lhe hũu delles que avia nome malachias. Esta cadeira he pera hũu nosso conpanheiro. e está aqui aparelhada para quando elle vier. E a alma estando em tanto prazer disse-lhe o angeo. Convẽ te que te tornes ao teu corpo. e contarás todas estas cousas que viste. por tal que os que te virem e esto ouvirem que tomẽ exenplo de bem fazer e guardarsse de mal. e tu outro ssy penssa de te guardar que a minha ajuda [1] sẽpre seerá contigo. E a alma estando cõ gram pesar por que a mãdavã tornar ao corpo. nõ catou se non quando se achou no corpo E abrio os olhos e vio os que estavã arredor dell. e demandou pello corpo de deus como já dicto he. Depois partio quanto avia com os pobres. e começou de pregar a palavra de deus. pero non sabya dante [2] as escripturas. E pregava de guysa que todos se espantavã das palavras que dizia. e cousas que fazia. E por que aqui som dictas mujtas nobres cousas da vida bem aventurada. mujto som ajnda mais melhores. Ca segundo diz a escriptura aly som todos fremosos sem fealdade. e sanooes sem jnfirmidade. e ligeiros e sotis sem enbargo mui sabedores sem ensinallos nẽgũu. rrycos sem mĩgua nẽhũa. ham vida sem morte. aligria sem tristeza. amor sem engano. aveença sem arroydo. segurança sem temor. E outras mujtas andanças booas que averam os cidadaãos qne morarẽ na cidade do parayso. queseeram parelha dos angos. e veeram o rey da gloria e a sua nobreza. e seeram certos de averem bem pera senpre. e de nũca perderem o bem que possuem. De fremosura averam tanta que venceram o sol de clarydade. E depois do dia do juizo o sol será entom sete vezas mais claro e os bemavẽturados sete vezes cada vez mais. e som asi quarenta e nove vezes mais fremosos que o sol. Saude averam em sy tal que nõ

[1] O *a* de *ajuda* é doutra mão
[2] *dante* é doutra mão

averam mingua nẽhũa de olho nẽ pee. nẽ de maão. nẽ doutros nẽhũus menbros. E se os acá ouverõ menos aly os averam conpridamẽte jamais nũca seram corrutos. nẽ desenparados. nẽ doentes. seram tam ligeiros que em hũu ferir de olho iram do ouriente ataa o oucidente. E do ceeo aa terra tam asinha como o cudo (*sic*) do homẽ. E seram atam sotijs que entrarã nas casas ajnda que as portas estem çarradas. assi como jhesu christo [1] entrou aos apostollos estando aas portas çarradas. Trespassarom pellas paredas (*sic*) tam sotilmente como o sõo da palavra. E seerã tam sabedores. que se lhe non absconderá nada. Cá em deus veerã todallas cousas. e saberã o quo foy e o que he. E conhecerõ todollos homẽes. e saberom as obras delles por que som perdidos. ou porque som salvos. E averam o veer tam claro. que veerã ante sy e tras sy. Seeram tam rrycos. que lhes non fallecerá nada. Nem averam cobijça de averes. nẽ averam enveja doutros que ajam mais. que cada hũu será contento do que lhe deus dá. A aligria que averam tam grande seram tam ledos que nunca quedaram de cantar e de louvar a deus. e senpre se deleitarã em fazer prazer a deus. E amarsse outrossy hũus com os outros em carydade perfeita. de guisa que a gloria que hũu ouver. ao outro prazerá tanto como da sua. E o que ha pequeno galardom. averá tamanho prazer do outro que o ouver mayor como se o elle ouvesse E aveença averam tam grande antre sy que o que huñ quiser eso quereram os outros e o que os outros quiserem esso quererá elle. E todos em hũu quereram aquello que deus quiser. e outra cousa non. Segurança averam que non temerã fome. nẽ sede. nem fryo, nẽ morte. nẽ outra nẽhũa tribulaçom. nẽ perseguiçõ Averam folgança que senpre lhes durará. Averam vida longa. que sempre lhes durará em prazer. jn secula seculorũ. E por esto diz a escriptura non ha entẽdimẽto que non faleça em cuidando e em penssando em na gloria de deus. Que segundo diz o apostollo. olhos non vyrom. nẽ coraçõ nõ pode penssar. nẽ orelhas non podem ouvir. o bem e o guallardom da gloria de deus. [3] Onde diz sancto agostinho. aquello que deus tem pera os que elle ama. nũca pode caber em esperança nẽ en penssamento. nẽ em cobijça. nẽ em desejo. Nẽ pode seer penssado em carydade nẽ em amor. E certamẽte que o bem se pode aver. mas non se pode penssar. E porem amigos rroguemos ao nosso senhor deus que nos mostre aquella bem aventurada gloria. e nos dê aquelles bẽes perduravees que tem guardados pera os seus amigos. amen.

Outubro de 1903 — J. J. NUNES.

[1] Escrito assim: jhũ + p̃o.

[2] o texto tem *nẽ*

[3] Diz S. Paulo ad Corinthios 2 cap. II, verso 9: Nec oculus vidit nec auris audivit, nec in cor hominis ascendit quae praeparavit Deus iis qui diligunt illum.

INVESTIGAÇÕES ETHNOGRAPHICAS

1. Fogueiras do Natal

(NO SEC. XVI)

«Por acharmos q̃ na noute de natal se fazião fogueyras na ygreja e se fazião cousas e dezião palavras não decentes ao lugar e tempo mandamos q̃ da quy ẽ dyante mays se não faça, e o q̃ nisto se gastaua se gaste em lampadas dazeyte q̃ porão ao redor da ygreja, de modo que esté toda alumiada, e nos altares estarão cyrios acesos, dous ẽ cada altar na dyta noute, ẽ quanto esteverẽ as horas e missa sob pena de dous mil rs. — Pero Dias de Lemos».

Livro antigo das visitações da Igreja de Nossa Senhora da Praça. — Fl. 24 (Archivo do dita Igreja).

2. Auto da Pombinha

(NO SEC. XVI)

«Fomos emformados que na procissão de Corpus Xp.[to] o Santo Sacramẽto se detem em quanto se representa o auto da pombinha, e por não ser cousa decente o Santissimo Sacramento deterese por cousa algũa mãdamos ao vigario da vara q̃ daqui endiante não consinta a tal representação nẽ se faça a tempo que seja detença algua, e o mesmo mãdamos que se compra em todas as mais procições que se fizerem donde for o Santo Sacramẽto e que senão detenhão em teatros nẽ en ouvirẽ farças pelo perigo q̃ muitas vezes acõtece o que os snr. juiz e vreadores comprirão por ser assim serviço de D.[s] — João Vieira».

Ibidem — Anno de 1566 — Fl. 75.

3. Gitano

Na obra de Pedro Perez de Saavedra, *Zelos divinos y humanos* (Madrid, 1629) a pag. 18-19, emprega-se *gitano* no sengeral de *egypcio*. Eis o respectivo passo:

«.. lo cierto, y lo regular es, que el castigo toca al superior; y el ha de executar el que le dictare su zelo, y por la falta de superioridad, y jurisdicion se puso en disputa si pecó Moysen en matar a un *Gitano*, porque vio, que sin razon y con violencia maltrataua a un Hebreo. . Claro está que Moysen no tuuo juridicion para pronunciar y executar sentencia de muerte en el *Egypcio*, y aun quando la tuuiera, fuera necessario proceder con mas tiento, procurando primero sossegar la pendencia..».

4. Culto das aguas

Ganges, no qual os seus habitadores
Morrem banhados, tendo por certeza
Que ainda que sejam grandes peccadores
Esta agua santa os lava, e dá pureza.

Camões — *Lusiadas*, cant. X, est. 121.

Allude nestes versos o nosso epico á crença dos habitantes da India, de que as aguas do Ganges são sagradas, e que os que morrem nas suas margens vão habitar uma região cheia de encantos [1].

5. Deu ao Diabo a cardada

Quer-nos parecer que esta locução proverbial anda corrompida, e que deve ser *Deu ao Diabo a cordada.* No *Vocabulario de Melgaço*, publicado na *Rev. Lusitana*, vem: *cordada* (de linho) — grande feixe d'elle por massar: vid. vol. VIII, p. 57.

6. Capellista

«Quanto á repartição de capellistas, achavam-se os seus armazens e balcões, do mesmo modo que no Rocio, debaixo das arcadas do palacio real junto *á capella* que n'aquelle tempo ser-

[1] [Cf. o que escrevi a este respeito no *Album Litterario* (n.° unico), Porto 1880, p. 26-27. — J. L. de V.].

via de *patriarchal*, cuja frente deitava para a praça que hoje se chama do Pelourinho. O nome de *capellistas, assim como o da fazenda que vendiam*, deriva da localidade em que tinham as suas lojas *junto á dita capella*, por dentro e por fora das arcadas».

Faria e Silva, *A Egreja da Conceição Nova*, pag. 177.

7. Jogar a mulher

«Do reino de Siam sabemos nós, que era tão forte a paixão de seus habitantes pelo jogo, que chegavão a arriscar frequentemente á sorte do dado, não todos os seus bens, senão tambem a liberdade das proprias mulheres e filhos. Outro tanto se tem escripto dos antigos Germanos, e de algumas nações barbaras da America».

Despertador Nacional — n.º 11, de Fevereiro de 1821, pag. 94.

«*E' capaz de jogar a mulher!*» ou «*Até um dia jogou a mulher*», diz o povo português de qualquer homem rico muito affeiçoado ao jogo *do monte*.

8. Pois não foste!...

«Uma dessas modas populares reinava então [em 1846] com uma insistencia maçadora. Era o *pois não foste*. *Pois não foste* para tudo, *pois não foste* por qualquer motivo. Fazia-se qualquer pergunta: a resposta sacramental era *pois não foste* :

Pois não foste
Ao acampamento,
Achavas lá
Um sargento».

Oliveira Parreira — *Quadros da Minha Terra*. N.º 30 da *Revista Illustrada*.

9. Amuletos

Evangelhos de S. João chama o povo a uns amuletos de pergaminho ou tecido, sobre que estão traçados os primeiros ver-

siculos do Envangelho de S. João e que antigamente se traziam em bolsinhas, ao pescoço.

10. Ex-votos

Trata d'elles Horacio, nas Odes, livro 1º., ode 5.ª, e Persio na satyra 1.ª.

11. Imagens nos barcos de pesca

Os antigos pintavam nas pôpas dos navios os deuses sob cujo imperio estes eram construidos; e assim, como se vê em Vergilio, *Eneida*, livro X, vv. 170-171, a nau de Abante levava pintado o deus Apollo:

Una torvus Abas: huic totum insignibus armis
Agmen, et aurato fulgebat Apolline puppis.

Este costume ainda se conserva — sob novo aspecto — no povo português, como se vê das imagens de santos pintadas nas popas dos barcos de pesca.

12. Cruz de eff

«Foi ora midida a dita herdade [de S. Domingos, concelho d'Elvas] aos 20 do mês d'agosto de 1538 annos, e foy começada a midir desdum marco antigo da canada que está alem da igreja de S. Domingos, onde parte com a herdade que foy de Martim Annes Ouelheiro, e alli se midirão 16 varas pra dentro a de Martim Annes, e ficão estas 32 varas pra canada do concelho, e nesta demarcação ficão duas azinheiras, uma á mão direita do caminho, e outra á mão esquerda, *cada uma com seo sinal de maneira de eff* [1] e ambas caem na canada do concelho».

(*Tombo 1.º dos bens do Convento dos Frades de S. Domingos d'Elvas, a folhas 29*).

13. Obradas

«E se eu morrer primeiro que Thereja Alves a Mosqueira, que em sua vida lhe dem vinte alqueires de trigo todos os annos

[1] Suástica?

em quanto ella viver, e por sua morte lhe digão vinte missas por sua alma, e serão sem offerta, e mandarão amaçar dois alqueires de farinha e darão a cada clerigo de missa hum pão, e se algum sobejar dêsse a poberes, a cada pobre seu, e asim as minhas missas como as suas se dirão sem candeyas, convem a a saber duas, huma de huma parte do altar, e outra, da outra, e não porão vellas, nem tochas nem sirios porque me parese que o fazem os herdeiros mais pelo mundo, que pello serviço que fazem a Deos, e mando, que se eu aqui nesta villa de Campo mayor morrer, e por razão da offerta não quizerem dizer as missas sem offerta, mando, que á minha custa as vão dizer a outra parte onde quizerem».

(Testamento de Bertholameu Rodrigues, clerigo de missa da villa de Campo mayor, feito na dita villa aos 31 de Julho de 1550. — Tombo 1.º do Registo da Provedoria de Elvas, a folhas 383).

14. Os Reis Magos na procissão de Corpus Christi

«Aos vinte e tres dias do mes de maio de mil seiscentos e sinquoenta e tres annos nesta sidade delluas nas casas da camara della sendo prezentes o juiz e vreadores e procuradores da sidade pera efeito de fazerem junta e vreasão pela maneira seguinte: eu llourenso lobo de vasconcellos escrivão da camara o escrivi.— *Procisão de corpo de Deos*— Aparesserão em camara os mordomos dos sapateiros e lhe decrararão sua obrigação e aos taverneiros quandedar os tres Reis magros, Antonio L.^{co} Figoeura dará o Rei magro o negro, e Antonio Ramalho dará hũ dos Reis magros a cavalo como he custume, Manoel Rõz Camarro dará hũ Rei magro a cavalo como he custume, e todos os darão na forma do Rigimento. E por aqui ouverão por bem todo o que mandarão e ordenarão em junta e vreasão em que todos asinarão. eu llourenso lobo de vasconcellos escrivão da camara o escrivi (a) Ribeyro.— Abreu — Garces — Fig.^{do}.».

(Livro das Vereações do Senado da Camara d'Elvas, do anno de 1652, a folhas 34).

15 As fogueiras de S. João, de S. Pedro e de S. Marçal

(Copia de uma Ordem da Intendencia Geral da Policia do Reino, de 22 de julho de 1808)

«Intendencia Geral da Policia do Reino. — Havendo o Illmo e Exmo sr. Duque d'Abrantes, General em Chefe do Exercito de Portugal, mandado q̃ se lhe desse huma conta do perigozo uzo em q̃ estavão certas pessoas de accender fogueiras, lançar fógos de petardos e bombas nas ruas e praças publicas, na vespera de alguma festividade, e em especial de S. João, de S. Pedro e S. Marçal, e outras;

Informado do dezejo q̃ ha muito tempo a esta parte manifestão as pessoas mais piedozas de q̃ se atalhem dezordens contrarias ao espirito de quietação e de recolhimento com q̃ a Religião manda q̃ todos se preparem para a celebração destas Santas solemnidades;

Sabendo q̃ muitas vezes nessa occasião ha multiplicados dezastres, taes como rixas, ferimentos, ou ainda risco de incendios;

Considerando q̃ nas circumstancias actuaes alguns malevolos se poderião aproveitar do d.º costume, para excitar algum tumulto e perturbar o perfeito socego de q̃ goza a Cidade de Lisboa;

S. Ex.ª me ordenou q̃ fizesse publicar o seguinte:

1.º Desde q̃ se affixar a prezente Ordem, fica prohibido accender, nas ruas ou praças publicas de Lisboa e seu termo, fogueiras sejão de q̃ especie forem, deitar foguetes ou fogos de petardos, morteiros e bombas, sob pena de ser logo prezo, e condemnado a oito dias de cadêa, alem de huma multa proporcionada aos meios do delinquente.

2.º Ninguem poderá igualmente, seja com que pretexto for, deitar de cazas particulares, pateos, jardins e terrenos q̃ lhes pertenção, peça alguma de fogo de artificio, sem huma Licença formal da Intendencia Geral da Policia, emquanto a Lisboa, e nas outras cidades ou povoaçoens, sem licença do Magistrado local destinado para este effeito.

3.º Os Pays e Mays serão responsaveis, da transgressão desta Ordem, pelos seus filhos; os chefes de cazas de educação, pelos seus alumnos; os amos pelos seus creados; e os mestres de fabricas e officinas, pelos seus obreiros.

4.º Nas vesperas das festividades acima indicadas, assim como em todos os outros dias, as lojas de bebidas, tavernas, estanques e vendas de tabaco de fumo se fecharão ás horas costumadas, debaixo das penas ordinarias: todo o tumulto nocturno e todo o ajuntamento extraordinario nas ruas ou lugares publicos ficão tambem prohibidos; e o Passeio publico não se abrirá senão de dia, segundo o costume.

5.º A prezente ordenação será applicavel ás differentes cidades do Reino, á medida q̃ ali chegar, e executarseha logo em Lisboa e seu termo: esta execução se recommenda especialmente ao zelo da Guarda Militar da Policia, como tambem a todos os Corregedores, e Juizes de Crime, assim dos treze Baïrros de Lisboa, como das Provincias, e todos os Funcionarios militares e civis incumbidos de concorrer para a Policia, cada hum pela parte q̃ lhe toca. Lisboa 22 de junho de 1808. O Conselheiro do Governo, Intendente Geral da Policia do Reino (Assignado) P. Lagarde».

16. As especies de luto

(EM 1653)

«Aos vinte dias do mes de maio de mill e seis centos e sinquoenta e tres annos, nesta cidade dellvas, nas cazas da camara della, sendo prezentes o juiz e vreadores e procurador da sidade pera ifeito de fazerem junta e vreasão pela maneira seguinte e eu llourenso lobo de vasconcellos escrivão da camara o escrivi.

E logo na dita Camara estando ahi prezentes abrio o dito juiz huma carta da sua Magestade assignada por sua real mão escrita em Alcantara a 16 do prezente mez em que dá conta a esta camara em como foi Deus servido levar para si o Principe D. Theodozio nosso senhor para efeito de se porem lutos e se fazerem as exequias que conven a huma tão gran perda como recebeo este Reino na morte do dito senhor, e assim ordenarão na forma da carta de sua Magestade que se deitassem os pregões pela maneira seguinte.

a) Pregão sobre o preço das baetas.

E por quanto na Cidade de Lisboa Sua Magestade mandou pôr preço nas baetas pelo excessivo preço que os mercacadores quizerão levantar, mandarão os Officiaes da Camara perante si hum alfaiate e debaixo de juramento que lhe derão declarou que a baeta fina de fóra se persuade convẽ a saber a ordinaria valerá oito dias neste pouo a quinhentos e sincoenta e quinhentos e secenta réis e assim lhe paresse justo, porem a baeta preta fina a sete centos rs. o covado.

b) Baetas da terra.

E declarou o dito alfaite que as a que lhe chamão da Covilhan valião os dias atrás a quatorze vinteis o covado e visto o

custo que ande fazer em a mandar tingir, assentarão q̃ se vendesse por sinquo tostões, e se mandou aprègoar por esta cidade q̃ com pena de seis mill rs. para o acusador e camara e trinta dias de cadêa, e q̃ os Meirinhos e Alcaides possão requerer esta pena por quanto o dano disto resulta em projuizo de todo este pouo e utilidade de quatro ou cinco pessoas.

c) Pregão sobre os doos.

E outro sim assentarão conforme a carta de sua Magestade q̃ todos os moradores desta cidade de q̃ forem escudeiros ou tiverem maior calidade tragão *roupeta*, *carapuça e capuz serrado com avesso para fora que poderão abrir passados trinta dias e alivia-lo passados seis mezes e tira-lo de todo passado o anno* e a jente do pouo trarão todos por lutos ao menos *carapuças de luto* e as molheres que se servem por si e vão á fonte e ao rio e os criados e escrauos q̃ andão servindo a seo amo e todas as regateiras e vendeiras de peixe e ortaliça pão e outros legumes trarão todas *beatilhas pretas*: toda a molher q̃ tiver porta aberta e vender pão ou vinho ou qualquer outro mantimento ou der de comer em sua caza traga tambem *beatilha preta* e estando sem beatilha traga *coifa negra* e o que o contrario fizer pagara seis mil réis pagos da cadea e os annos serão obrigados a dar a seos criados *carapuços ou beatilhas* na forma referida, de *quatorze annos para sima*, e os amos pagarão as condenações pelos criados e os paes pelos filhos.

E declarão q̃ o preço da baeta da terra se dará por quatro centos reis.

Os quaes acordos serão obrigados a comprir assim como está declarado de domingo em diante q̃ se contão 25 deste mes de Maio em diante, com pena de seis mil réis pagos da cadea q̃ qualquer pessoa do pouo poderá acuzar a os meirinhos e alcaide e a dita pena será para o acuzador e camara. o q̃ tudo foi apregoado na praça desta sidade e lugares publicos desta cidade e de como deo sua fé de que apregoou a sina aqui e eu fis termo q̃ assinarão e eu llourenso lobo de Vasconcellos escrivão da camara o escrivi.

(a) Ribeiro — Abreu — Garces — Fig.do».

(Livro das Vereações do Senado da Camara de Elvas, do anno de 1653, — a folhas 31).

17. Fórmas do casamento

Eis, segundo informações ministradas pelo sr. Francisco Picão Barradas, lavrador do concelho de Elvas, as fórmas do ca-

samento na freguesia da Esperança, do concelho de Arronches:

Duas horas antes da ida para a igreja, vão ter os amigos do noivo a càsa d'este, e ahi se banqueteiam; depois, montando todos a cavallo, formando a comitiva do heroe da festa, partem a buscar a noiva a casa de seus paes. Aqui ha outro banquete, e, effectuadas as lacrimosas despedidas entre a nubente e sua mãe, temperadas com as consolações da madrinha, segue a cavalgada, fazendo honras ao carro *churrião*, que conduz a noiva á igreja. Quando é o *dar da mão*, dois dos rapazes mais guapos do rancho montam a cavallo e partem em carreira atá um determinado ponto da estrada. Estes são os portadores dos *ramos* com que mutuamente se presenteiam no caminho marido e mulher. Consistem os ramos: por parte do noivo num bolo em fórma de capella de flores; por parte da noiva noutro em fórma de escada de mão. Cada um dos portadores leva seu bolo em uma bandejinha coberta com um lenço de seda, e apanhando lhe as quatro pontas pela parte inferior. Chegados ao ponto aprazado, os portadores desempenham-se da sua missão, entregando os *ramos* aos esposos, os quaes, sem se apearem, fazem troca, recebendo ella a corôa e elle a escada. Realizada a troca, de novo confiam os *ramos* á guarda dos que primeiro os traziam, e prosegue a caravana até á mansão que vae ser do novo casal, onde se celebra o noivado com banquete e baile que se prolonga até á madrugada do dia seguinte.

*

Em Villa Fernando (concelho de Elvas) ainda se conservavam, até ha poucos annos, vestigios do casamento pelo *rapto* ou *captura*. Num dos numeros do antigo jornal *O Transtagano*, lê-se o seguinte communicado:

«Amigos redactores: No domingo, 29 do passado, assisti em Villa-Fernando a duas bodas. Fiquei maravilhado, maravilhadissimo, quando fui transportado ao seculo não sei quanto! Que costumes! Pois o noivo não tem de ir buscar a noiva a sua casa! E o mais bonito é que aquelle que até ali encontrou sempre a porta aberta, desta vez a encontra bem cerrada. Depois de bater, a bom bater, abre se a porta, ou postigo (se o ha); e oh surpreza! Apparece um *quid am* empunhando uma veneranda e termenda espada: veneranda pela antiguidade que revela, tremenda pela mão que a empunha; e, com o semblante carregado e medonho, dirige ao noivo a seguinte pergunta: — *O que vem você aqui buscar?* — O noivo, que apesar de acompanhado dos padrinhos e amigos, vae todo encolhido e cabisbaixo, responde em tom de medo e receio: — *Venho buscar* (disseram me que era assim, porque rosnaram tão baixo que nada percebi) *honra e brio*,

—e *mulher para a cama por amor do frio.* Concluido isto, abre-se a porta de par em par; o noivo entra; entram os convidados; depois vão todos á igreja, onde os noivos recebem o *desideratum.*

Sahindo d'ali vão os noivos tomar posse da casa que hão de habitar, onde se serve um ligeiro copo d'agua, acabado o qual vão todos para a casa onde o jantar os espera, que ordinariamente é em casa dos pais de um dos novos esposos.

Não me esquecerei de lhes participar uma das cousas que cá em Elvas ainda não ouvi, e lá não falta em occasiões de casamento: são os *descantes.* E' o tal canto de desgarrada, com que algum parasita faz jus á ceia e mata o bicho do ouvido aos circunstantes com meia duzia de *baboseiras, sem pés nem cabeça,* ao som das dissonantes cordas de alguma guitarra desafinada. — De v. etc. – *Um leitor do seu jornal.* — Elvas, 2 de Outubro de 1861».

Não observou de certo, este leitor, d'*O Transtagano* outras fórmas tradicionaes, tambem usadas naquelles tempos, em os casamentos effectuados na dita Villa-Fernando, as quaes eram as seguintes, segundo informações que obtive: «Depois da cerimonia religiosa, havia, á sahida da igreja, o simulacro da fuga da noiva arrebatada pelos padrinhos, madrinha e convidados. E o noivo mandava dois familiares (que de antemão faziam parte do acompanhamento) a sua casa, buscar um cesto, com doces, garrafas de licor e flores, e, com elle no braço, ia em busca da noiva pelas ruas da povoação. Ao encontrá-la, tirava do cesto um doce de alcorce em fórma de escada e offerecia lh'o, e ella tirava do mesmo cesto um doce em fórma de coração e entregava-lh'o.

A' madrinha era offerecido pelo noivo um ramo de flores, e os doces e licores eram distribuidos pelos padrinhos e convidados. Depois do que (*dada satisfação á communidade*) todos em doce paz se dirigiam para casa dos recemcasados, onde estava preparado um banquete».

Completarei a noticia, dando um dos taes *descantes de casamento* (epithalamios) a que se refere o correspondentes d'*O Transtagano*:

« — Lá diz S. Paulo aos casados — Que vivam com união — Assim diz S. João Evangelista — Filho amado de Christo — Com elle S. Constantino — Tridentino Confessor — Que toda a mulher que se case—Que obedeça a seu marido—Inda que *destribuido* seja — E toda a que quebre este preceito — Vai direita como uma linha para o inferno — Mas não permitta o Padre Eterno — Que uma filha que gèraste, — Que a prantasses na rua por vezes —E tens acções e mal corteses — Pois aqui te offereço

o meu peito — Casa e porta aberta — E a tua tigelinha certa — Como d'antes tu tinhas — Olha que mais valem umas sopinhas — De pão ralo em tua casa — Que os regalos que por lá dão — O' nestas casas que são — O' nessas desconhecidas — Onde crescem as lidas e os serviços — Mas se te a ti agrada isto — — Ausente de mim queres andar — Para mim não queres olhar — Paciencia — Que eu peço á Virgem *Menécia* — Que me dê forças e alentos — P'ra ganhar o sustento á nossa filha — Que não lhe falte nem manto nem sáia — Nem outra qualquer alfáia».

18. O rito da provocação da chuva

No jornal *O Seculo*, de 15 de Abril de 1905, veio publicada a seguinte correspondencia da villa de Campo Maior:

«Campo Maior, 13 — C — E' deveras assustadora a prolongada estiagem que se tem sentido neste concelho, pois ha mais de tres mezes que não chove, a não serem insignificantes borrifos que cairam ha uns vinte dias, sentindo-se, nestes ultimos dias, um calor de verdadeiro verão. As searas, que no começo apresentavam aspecto magnifico, vêem-se hoje, algumas d'ellas, perdidas, e outras com risco de se perderem, se a estiagem se prolongar por mais tempo. Os trabalhos agrarios estão quasi paralysados, por isso a classe trabalhadora, que luta já com bastantes difficuldades, está muito desanimada, porque vê approximar-se-lhe a negra fome. Nas igreja matriz e de S. João tem havido preces. Tamhem foi conduzido em procissão, da sua ermida para a igreja do Ouguella, a imagem da Senhora da Enxara, *conduzindo tambem os devotos nessa occasião a pedra da Santa, que deitaram no rio Xevora, como é costnme fazer-se nestas tristes occasiões*».

Notava assim o correspondente a permanencia, na villa de Ouguella, da antiquissima usança de *revolver penedos*, prohibida nas Constituições do Bispado de Evora de 1534: «nem *revolvam penedos* e os lancem na agua para aver chuva. . .». Como este facto me interessava, solicitei minuciosas informações sobre elle. Eis as que pude obter;

«O pedregulho é de granito, e sem fórma nem feitio; guarda-se na ermida da Senhora da Enxara, situada nas circunvizinhanças de Ouguella. Na procissão é conduzido em andor, levado pelas filhas solteiras das pessoas mais abastadas da freguesia. Ao chegar a procissão á margem do rio Xevora, as ra-

parigas passam o andor aos homens e estes lançam a pedra ao rio, havendo então cantoria dos padres, ao som de musica muito suave. Depositada a pedra, segue a procissão, conduzindo se a imagem da Senhora da Enxara para a igreja de Ouguella, onde fica (assim como a pedra no rio) até chover; á entrada da procissão na igreja ha sermão, e rogos para pedir chuva. Logo que Deus nos acode com agua de mesericordia, recolhem, tambem em procissão, a Senhora da Enxara e o pedregulho á respectiva ermida, e há então rijissima e estrondosa festa»[1].

19. Varios costumes.—Excerptos das «Posturas» de Elvas de 1617

(Archivo municipal, Armario n.º 9)

a) Chocalhos nas bestas

—«Hordenarão que todo açaqual seya obrigado a dar agoa a toda pesoa que lha pedir sem enbargo de dezerem que a tem já vendida a outra pesoa. O que contrario fizer pagará de pena sinquenta rés pera o Remdeyro ou pera quem o acuzar. E ysto não se emtenderá quando algua pesoa fôr com o dito açaqual a quem dixeir que a tem vendida e *tragão chocalhos nas bestas em que venderem a agoa*[2] sob pena da sinquenta rés pera quem o acuzar».

b) Estacas

—«Hordenarão que nenhus escrauos nem outra pesoa algua lance esterquo dentro na Cidade em nênh lugar salvo fora da Cidade nas estriqueiras ha onde estiver a *estaqua*... os Remdeyros serão obrigados a pôr *estaquas* nas estriqueiras nos logares ha omde lhe for ordenado pelo procuradôr do Conselho...»[3]

c) Jogo da bola

—«Hordenarão que nenhu oficial de oficio macaniquo nem outra pesoa que ganhe sua vida per seu travalho nem estê de fora vendo jugar. E quem o contrario fizer pagará de pena quinhentos rés para ho remdeyro, o quem o acuzar ou qualquer

[1] [Nas *Trad Pop. de Portugal*, § *130*, e nos *Ensaios Ethnographicos*, III, 153, refiro-me tambem ao curioso costume de revolver uma pia de pedra para obter chuva (Beira), e cito um parallelo romano. — J. L. DE V.].

[2] Persiste este costume.

[3] D'aqui o denominarem *estacadas* estes logares.

outro jogo de Argolhinha ho outro qualquer jogo sob a dita pena de quinhientos rés da cadeia».

—

— Que nênhũ mestre mancebo consinta a nênhũ homem estar sem ter que fazer nem durma nelle he ysto se emtemdera sendo de dia soomente de noyte tirando se forem Galegos ho homens da beira he outros estramgeiros porque estes não poderão estar no dito lagar de dia nem de noyte sopena de quinhientos rés e da cadeia he que nênhũ taverneiro nem estalajadeiros vaa ao lagar de noyte nem de dia salvo se tiver azeite no dito lagar nem venda vinho a troquo de azeite sob a dita pena».

20. Apodos geographicos

Zangam-se os habitantes das seguintes povoações, em lhes dirigindo os apodos que seguem:

AGUIAR (Alemtejo) — Quantas horas são?
AGUIAR (Beira) — Já mataram a cabicanca?
ALCANHÓES — Aqui é que é a terra do Benza-o Deus?
ALCANENA e MINDE — Santa Martha é de Minde ou d'Alcanena?
ALEMQUER — O bode foi ao côro?
ARRAIOLLOS — A noiva já se vestiu?
BEMFICA — Acudi aos de Bemfica, que se querem enforcar!
PORTO DE MÓS — E' aqui a patria dos lagartos?
REDINHA — Onde é a sepultura de Herodes?
SANTA EULALIA (Alemtejo) — Já deu meio dia?
Os da AMEIXOEIRA são catalões.
Os da CABEÇÃO são pelados.
Os da CHARNECA são ladrões.
Os de CANEÇAS são animaes.
Os de CARNIDE cães.
Os de CASTELLO DE VIDE cardadores.
Os do LUMIAR cadellas.
Os de MONTARGIL e BROTAS lagartos.
Os de MONTE-MOR animaes-mores.
Os de ODIVELLAS rapa-caldos.
Os de POVOA DE SANTO ADRIÃO cágados.

—

Os habitantes do ALANDROAL chamam *cortesia de Ouguella* (e os de VILLA VIÇOSA chamam *honra de Veiros*) á pequena porção de comida que, á mesa de jantar, se deixa no prato.

21. Superstições escolares

— As primeiras ligas e as primeiras meias que se fazem «na mestra» são para o cuco. Depois de feitas, dependuram-se dos ramos de qualquer arvore, ou arbusto, do quintal da casa de habitação, e o cuco vai ali buscá-las e deixa no sitio bolos e amendoas.

— Não é bom começar as obras «na mestra» ás terças e ás sextas feiras, porque são dias aziagos.

— Devem-se acabar as obras de costura nos sabbados, para no domingo se não ir á missa *de nariz torto*.

— Em saltando uma pulga numa obra de costura que se está fazendo, é signal de que o dono ha de servir-se da obra até estraga-la.

22. Várias superstições e crenças alemtejanas

— Quando se tem febre, não é bom cortar as unhas, porque redobra o mal.

— As constipações devem *ser mal comidas e bem dormidas*

— Para fazer desapparecer o suor das mãos, basta entrar numa igreja onde nunca se tenha entrado, e pôr as mãos nas lages.

— A primeira vez que se entra numa casa que se pretende alugar, deve-se entrar com o pé direito e fazer o signal da cruz na testa.

— Quando se toma um purgante, não se deve dormir em quanto elle não fizer effeito, porque, dormindo-se, dorme o purgante no corpo [1].

— Não é bom, quando se está comendo, negar esmola, nem ter pão voltado, ou dinheiro, na mesa de jantar.

— A entrada de mosca varejeira na casa de habitação, é signal de visita de cerimonia [2].

— O vestido do casamento não deve ser feito pela noiva, porque será infeliz se coser nelle.

— A agua, quer nas fontes, quer nos ribeiros, deixa de correr uma hora em cada noite. E' a hora que Deus lhe concedeu para descansar.

[1] «Digo que as pirolas tomão [os Indiannos] pella maneira q̃ as nós tomamos e as purgas liquidas tomã as pella maneira q̃ as nós tomamos. s. em rompendo a alua do dia, e estão sem comer, nem beber, *nem dormir* cinquo horas». — Garcia d'Orta, *Coloquio dos simples*, pag. 9.

[2] Cf. Leite de Vasconcellos, *Trad. Pop. de Portugal*, § 268.

— Quando vão casar, os noivos levam no bolso dinheiro de prata, para serem felizes.

— Quem tem um filho mau *pega-se* com S. Jorge. Vae no dia de Corpo de Deus á igreja de Santa Maria dos Casados (Elvas), com a criança, e diz ao santo: *Senhor S. Jorge, aqui lhes venho trazer este menino, que é muito mau, peço-lhe que m'o faça manso; pois para o anno, neste dia, venho lhe trazer uma quarta de cevada para o seu cavallo.* Dito isto, corre a cabeça da criança pelos pés da imagem do santo, que depois vai a cavallo na procissão de *Corpus*.

— Entre a povoação de S. Vicente e a horta da Corretina (concelho d Elvas) ha uns sitios a que chamam «A Abobada». E' crença que ha alli dois potes enterrados: um d'elles tem uma tampa de estanho com oiro por cima, e dentro oiro em pó; e o outro tem na tampa, que é tambem de estanho, uma sardinha de oiro, e dentro veneno Grande felicidade terá quem atinar com o pote do dinheiro; mas se atinar com o pote do veneno, morrerá tudo *sete leguas em redondeza*.

— Para a cura das sezões: vai o enfermo a um silvado e colhe cinco folhinhas, depois approxima-se de um ribeiro, ou de qualquer veia d'agua, volta lhe as costas e atira para trás com as folhas, dizendo:

Cinco folhinhas colherás;
Meu mal, te irás.

— Na povoação de S. Vicente (concelho d'Elvas) é costume, quando morre alguem, levar cada vizinho um candieiro cheio de azeite a casa da familia do morto, para o alumiar; e só apagam estas luzes quando regressam do cemiterio as pessoas que acompanham até lá o cadaver, pois estão os candieiros alumiando a alma, até que o cadaver se metta na sepultura.

— Quando falta o leite ás mulheres que criam, *pegam-se* com a imagem de S. Christovam, que está na quinta d'este nome (arredores d'Elvas) e promettem-lhe uma quartinha de leite de cabras e cinco merendeirinhas. Operado o milagre, vão cumprir a promessa, levando o leite e as merendeiras (uma coisa e outra pedidas por esmola) cinco meninas que se chamem Marias e que tambem por esmola são pedidas para este fim. As Marias migam as merendeiras no leite e comem as sopas. A mulher agradecida assiste ao acto, mas não come.

— Depois de *darem volta* nos alguidares á carne de porco que se destina a *encher* (ensacar), fazem-lhe em cima, com a mão, uma cruz e dizem:

Deus te accrescente,
E as almas do ceo p'ra sempre;
Nós a comer,
E ella a encher,
Que tudo póde fazer.

— E' mau matar as cobras a tiro de espingarda, porque esta não matará depois caça alguma. Tambem é crença que, a quem mata uma cobra, succederão grandes infortunios.

— Costumam dar de esmola os colchões e a roupa da cama do defuncto, para elle não voltar a este mundo.

— Ainda ha poucos annos, aqui em Elvas, nas procissões de penitencia, abria o prestito o *Judas* — um homem vestido da cabeça aos pés com um habito cinzento, ou preto, com buracos no logar dos olhos e bocca, e tocando, uma trombeta. O rapazio apupava-o, gritando-lhe: *Morra o Judas!* Ganhava 480 réis por figurar em cada procissão

— Quando apparecem signaes brancos nas unhas das crianças, fazem-lhes crer que isso denota que são mentirosas, e tantas mentiras disseram nesse dia quantos os signaes que se contam.

— E' mau, depois do casamento, voltar da igreja pelo mesmo caminho que se percorreu ao ir para ella.

— Quando, ao sahirem para uma caçada, apparece um melro aos caçadores, é signal de que não serão felizes — de que *trarão uma gaita.*

— Quando o filho chora dentro do ventre da mãe ha de ser *soldador* (saludador); mas a mãe não deve propagar esse choro sem que a criança tenha sete annos, aliás *tira-lhe a virtude.*

— Nas aldeias, os que acompanham o cadaver á sepultura costumam lançar um punhado de terra para dentro da cova.

— Quando alguem está pará morrer, e se prolonga a agonia, os parentes mandam dar doze badaladas no sino da igreja da freguesia, para que a morte se avizinhe.

23. A Serração da Velha em Elvas

Da cerimonia popular da *Serração da Velha,* ainda ha 45 annos se encontravam vestigios nos costumes elvenses. Eis como um periodico de Elvas — *A Voz do Alemtejo* —, de 13 de Março de 1861, deu noticia d'essa antiga usança:

«*Serração da Velha.* — Continúa a haver *simplorios* que acreditam que no meado da quaresma effectivamente é serrada, dentro de um cortiço, uma decrepita mulher. Ha sempre *ratões* que não se descuidam de persuadir isto ao vulgo ignaro, e este

anno adquiriram elles maior numero de proselytos. Foi grande o prestito de rapazes, com mesas, cadeiras, bancos, tripeças, etc. á cabeça, que percorreram as ruas, praça e becos, a fim de presenciarem, no local indicado, a desejada catastrophe; não era inferior o numero de homens que os seguia. Não sabemos se choveram as *amendoas e rebuçados* [pancadaria] do costume; é de crer, pois que tão curioso acto costuma terminar com tal chuveiro; não nos consta, porém, que houvesse excessos».

Elvas A. THOMAZ PIRES.

NOTAS PHILOLOGICAS

I

Teratologia da linguagem

Quando as palavras se formam desviando-se das leis que regem a evolução da linguagem, e saindo portanto da normalidade, dão-se factos que poderemos chamar *teratologicos*, pois que representam verdadeiras anomalias, meros aleijões, que tem várias causas, como veremos. D'estes casos de teratologia fallámos já na *Revista Lusitana*, tendo alludido a alguns tambem em *A Revista*, do Porto. Aqui apresentaremos uma serie dos mais interessantes e explicaremos as suas differentes origens.

I

No *Diccionario* de Moraes encontra se o seguinte artigo:
= *Langue* (deriv. ou variação de verbo *languir*; ou de *languer*, que não se usa) usado dos poetas, por — está languido; em estado de languór. ALFENO, *Poes.* (do Frances ou do Ital. ou primitiv. do Latim; v. g. *amore langueo*) «nem *langue* Baccho», não tenho vinho assentado, e guardado por annos para se defecar, e amaciar: phr. poet. do *languescit* de Horacio. V. *Languir*. =

Comquanto seja um pouco embrulhada a redacção do nos-

so lexicographo, pelo contexto e ainda por não estarem junto da palavra *langue* as letras *adj.*, com que elle costuma indicar que determinado vocabulo é adjectivo, torna se evidente que a fórma *langue* era para Moraes um verbo e não um adjectivo. Isso confirma-o ainda o artigo para o qual remette, e que vamos transcrever:

= *Languir*, v. n. (do Fr. *languir*; do Lat *languere*), esmorecer, desfallecer; estar languido, viver languidamente. ELP. DUR., *L. 3.*, *Od 12* «nem *langue* Baccho em Lestrygonia talha»: trad. *languescit* de Horacio. V. *Langue*. § D. Fr. Fr. de S Luiz no seu *Gloss* diz, que este verbo Frances, posto que seja usado por ELP. DUR. não se acha em classico algum, e que pode muito bem ser substituido em Portug. por: *desfallecer*; *estár lasso ou quebrado de forças*; ir caindo em fraqueza; ir-se consumindo; *etc.* expressões, que, bem que menos concisas que o verbo *languir*, indicam mais expressamente o progressivo desfallecimento, que é a propria significação do verbo =

O revisor da ultima edição d'este diccionario não entendeu a definição dada por Moraes para a palavra *langue*, e suppôs erradamente que se tratava de um adjectivo, accrescentando até àquelle vocabulo as letras *adj.* e modificando nesse sentido a redacção do principio do artigo:

«*Langue*, adj. Que se acha em estado de languor; languido. ALFENO. Poes.» etc. Segue-se o resto do artigo, tal qual o escreveu Moraes.

O exemplo citado pelo autor do Diccionario bastaria para mostrar que *langue* é uma fórma do presente do indicativo de um verbo com que o poeta traduz outro verbo empregado por Horacio, *Odes*, 3, 16, 34:

Nec Laestrigonia bacchus amphora
Languescit mihi [1].

A traducção portuguesa mencionada pór Moraes:

Nem langue Baccho em Lestrygonia talha

é por elle ainda explicada de modo que seria facil reconhecer que attribue a *langue* a funcção de verbo e não de adjectivo: «não *tenho vinho assentado e guardado* por annos para se defecar e amaciar».

E' talvez em virtude d'esta confusão de coisas que a palavra *langue* apparece agora empregada como adjectivo em logar

[1] Na ode 21.ª do mesmo livro emprega Horacio e expressão *languidiora vina*, vinhos mais macios.

de *languido*, e que até ultimamente um poeta formou d'ella o adverbio *languemente*, no seguinte verso:

E ás vezes, languemente, uma guitarra chora.

2

Do latim *flegma*, correspondente ao grego φλεγμα, resultaram as palavras portuguesas *freuma* e *freima*, pela vocalização do *g* em *u* ou *i*. Esta vocalização deu-se tambem por exemplo, com o *c* de *ecclesia*, donde proveio o vocabulo antigo *eigreija* e depois *igreja*, pela condensação do ditongo *ei* em *i*. O mesmo succedeu com a palavra *lição*, que está por **leição*, resultante do latim *lectionem*. Compare se o substantivo *eleição*, de *electionem*, para o qual se encontra tambem a fórma antiga *enliçom*, com a condensação do ditongo

Freuma é, pois, transformação de *flegma*, em que, alem da vocalização do *g*, se deu tambem a passagem do grupo *fl* consonantal para *fr*. O mesmo grupo foi tratado ainda de outro modo, passando para *ch*, como *chama*, de *flamma*, o nome proprio *Chámoa*, de *flammula*, *chave*, de *clavis*, cheirar, de *flagrare*, *inchar*, de *inflare*; *chor*, de *flor*, e os derivados *chorões chorudo*, *chorume*, etc. [1]. Cf. GAMMATIK DER PORTUGIESISCHEN SPRACHE do snr. J. Cornu, 2.ª ed., § 135, e *Revista Lusitana*, III, pag. 327, artigo do snr. Castro Lopo.

Freuma foi, por influencia erudita, substituido por *fleuma*, e esta fórma pela graphia *fleugma*, para aproximar ainda mais o nosso vocabulo do seu etymo latino, sem se attentar em que o *g* de *flegma* estava já representado na palavra portuguesa. Mas o que é mais grave, é que essa letra adventicia está sendo geralmente pronunciada, tendendo tal pronuncia a generalizar-se cada vez mais. Ao principio, sem duvida, o *g* era mero sinal orthographico, que não se pronunciava, como o *p* de *escrepver*, graphia antiga de *escrever*, mas, desde que viciosamente se profere, imprime ao vocabulo caracter pathologico, e essa circumstancia nos levou a tratar aqui d'este caso.

Será pois conveniente supprimir na escrita aquella letra, em quanto a generalização da sua pronuncia lhe não concede foros de facto consumado.

3

Em latim era empregada a palavra *vindicatio* pelos jurisconsultos para designar a acção de sustentar e provar que uma

[1] Occorre-nos que talvez *Chorente*, nome de logar, represente tambem o latim *Florente*.

determinada coisa pertence á pessoa que intenta essa acção, para a resgatar da posse abusiva de quem pretende uzurpá la. Era muitas vezes aquelle vocabulo acompanhado da palavra *res* (= cousa), pois que a *vindicatio* se referia sempre a coisas e não a pessoas Relativamente a pessoas, usava-se o termo *conditio*. Assim Ulpiano diz: *Actionum duo sunt genera, in rem quae dicitur vindicatio, et in personam, quae condictio appellatur*. O substantivo *res* ficava em genitivo, regido de *vindicatio*, resultando por tanto a fórmula *rei vindicatio*. Esta constituia até o primeiro titulo do livro sexto do *Digesto*: *De rei vindicatione*.

Esta expressão do direito romano passou para a nossa lingua, ligando-se as duas palavras sob a fórma *reivindicação*, usada, por exemplo, nas *Ordenações*. Em seguida formou-se d'este substantivo o verbo *reivindicar*, com a significação de «intentar a reivindicação», «conseguir pela reivindicação a restituição de uma coisa». Depois tanto o substantivo como o verbo passaram a ter accepção mais lata, a de «resgate» e «resgatar»; «readquirir», v. g. as reivindicações populares; *reivindicar um direito*, uma liberdade, uma regalia.

Havendo-se todavia perdido de vista a formação do vocabulo, e não se podendo, portanto, explicar prontamente a sua primeira syllaba *rei*, que, segundo vimos, era um genitivo latino, começou se a ver nella o prefixo *re*, tão frequente em português, e por consequencia a substitui-la por esse prefixo. Assim é que se encontra hoje frequentemente o substantivo *revindicação* e o verbo *revindicar*, tendendo até estas fórmas a prevalecer sobre as de *reivindicação* e *reivindicar*, principalmente no jornalismo.

Das *Cartas de Inglaterra*, de Eça de Queiroz, pag. 138, transcrevemos o seguinte exemplo: «Nas suas reformas encontravam-se, numa triste mistura, ao lado de ideias largas, liberaes, contendo a *revindicação* dos direitos do trabalhador. as mais especiosas exigencias do quartel, revelando o official revoltado».

4

Da palavra *orate* no plural, precedida do artigo definido, *os orates*, cuja pronuncia é *ozorates*, formou o povo, por uma divisão inexacta, os vocabulos *os zorates*, e depois no singular a palavra *zorate*; do mesmo modo que de *sant*(o) *Iago*, dividido em *sam Tiago*, resultou a transformação do nome proprio *Iago* em *Tiago*, e de *sesqui-altera* derivou *quialtera*, etc [1].

[1] O snr. Dr. Leite de Vasconcellos deu tambem já esta explicação de *zoarte* na *Revue Hispanique*, V, 425, e a de *Tiago* na *Rev. Scientifica*, p. 198.

De *zorate* formou-se depois o adjectivo *azoratado*, muito frequente no fallar popular e familiar com o sentido de *atoleimado*.

Azoratado provem de *zorate*, como *de zambro* se formou *azambrado*, termo muito usado na lingua popular, e que significa pessoa *desageitada*, mal *conformada*, *desastrada*. Os diccionarios não consignam esta palavra, mencionando, todavia, *zambro*, com a accepção de *torto das pernas*, *cambaio* Mas o seguinte passo de Gil Vicente mostra que o sentido é mais geral e não se refere só a defeito das pernas.

Casarás polo natal,
Com mulher sem tua perda ;
Seu corpo como cristal,
E achar-lhe has um signal
No meio da coxa esquerda.
E tem na têta direita
Hum lũar com tres cabellos ;
Pola cinta muito estreita
De hũa nadega contreita
E *zambra* dos cotovelos.

Vol. III, pag 251 da edição de Hamburgo.

5

Nos *Autos* de Antonio Prestes, pag. 144 da edição de 1871[1], encontra-se o seguinte passo :

diz que o que eu hei de herdar
nem é justiça leixar
que é meu *ligitimonio*,
que ha de vir um dom demonio
a ripar-m'o a meu pesar.

A palavra *legitimonio*, que não apparece nos diccionarios, é devida á influencia de *patrimonio*. Ao substantivo *legitima*, depois de truncado, juntou-se a terminação do vocabulo *patrimonio*, que representa o latim *patrimonium*. O termo *legitimonio* foi talvez formado por Prestes, que formou ainda, entre outras, a palavra *bemsins* por imitação de *malsins* na phrase «ha mais malsins que *bemsins*» [2].

[1] Sobre esta infeliz edição veja-se a critica feita pelo Sr. Epiphanio Dias nesta *Revista*, vol. 1, pag. 86..

[2] Na edição de 1871, em vez de *malsins* e *bemsins*, lê-se uma coisa inintelligivel ; cf. a critica citada na nota antecedente.

II

Factos da linguagem popular

1. Pronomes demonstrativos

A lingua popular emprega em geral todos os pronomes demonstrativos da litteraria, excepto *outrem*, e alem d'esses usa tambem como demonstrativo as palavras *os mais*, *as mais*, quer como substantivo, quer como adjectivo, com o sentido de *os outros*, *as outras*, *v. g.:* «eu hei-de fazer isso porque os mais tambem assim fazem». A lingua litteraria emprega ás vezes os *demais* com a mesma accepção, mas só como adjectivo: *os demais homens.*

Em Sá de Miranda, edição da snr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, pag. 161, achamos o seguinte passo com a expressão *os mais*:

Olha bem, olha o que fais,
Tinhas tantos de bons modos
Cos iguais e não iguais,
Dás que em ti fallem *os mais*
Quando estavas bem com todos.

De uma carta escrita por um homem de Trás-os-Montes transcreveremos o seguinte trecho que contem um exemplo do emprego de *os mais*, acompanhado de curiosos vocabulos d'aquella provincia: «Começouse a esbouça por onde V. mandou mas podiase começar por qualquer parte porque *os mais* terrenos são todos bons, porque não á aqui terrenos abixeiros o sol anda cá na quinta todo o dia. Se não fosse por ficar mais longe de casa talvez fosse melhor ter começado a pelentação pelo calço cimeiro. Este anno a nacença por aqui é boa os labradores estão contentes. Mas bamos a ber o que dá a infernação».

Explicaremos algumas das palavras do trecho transcrito.

ESBOUÇA: surriba profunda para a plantação de bacelloos. Ha tambem o verbo *esbouçar*. Empregam ainda naquella região, com o mesmo sentido, o substantivo *saibramento* e o verbo *saibrar*. Cf. o que dissemos a este respeito em *A Revista*, do Porto, vol. III, pag 93. Nenhum d'estes termos occorre ainda nos diccionarios.

ABIXEIRO: Chamam terrenos àquelles em que não dá o sol. Este vocabulo ainda ha pouco não havia sido recolhido pelos nossos lexicographos. Apparece agora com a graphia *abicheiro* no *Novo Diccionario* do snr. Candido de Figueiredo,

que lhe dá como étymo a palavra *bicho*. Proporemos outra etymologia. *Abixeiro* estará por *avexeiro*, em vez de *avesseiro* (cfr. *maxicote* por *massicote*, em *A Revista*, vol. III, pag. 40). *Avesseiro* representaria o latim **aversarius*, derivado de *aversus* (cf. *adversarius* de *adversus*). Ora *aversus* significava já aproximadamente o mesmo em certas phrases, em virtude do seu sentido geral, opposto ao de *adversus*, e que era o de *não voltado para alguma coisa ou logar*, *de costas voltadas para alguma coisa*, afastado, desviado de alguma coisa, por exemplo do sol, da luz, como no seguinte passo de Vergilio, *Georgicas*, IV, 423.

> Hic juvenem latebris *aversum* a *lumine* Nympha
> Collocat.

Isto é: deixa Aristeu desviado *da luz*, *em um logar onde não dava a luz*, *em um canto escuro*. Assim os *terrenos abixeiros* serão tambem aquelles que não estão expostos á incidencia dos raios solares, que *não ficam voltados para o sol*, *aquelles em que não dá o sol*. Por esta fórma explica-se o sentido que em Trás-os Montes attribuem áquelle vocabulo, a que parece não se ligar nunca a ideia de *bicho*. Assim dizem: naquelle logar não se deve plantar vinha, porque é *abixeiro* Notaremos ainda que o *Novo Diccionario* dá *abixeiro* só como substantivo, sendo certo que nós o conhecemos como adjectivo, como mostra o exemplo citado. Deve tambem observar-se, em reforço da nossa conjectura, que o provençal tem *aves*, por *avers*, do latim *aversus*, para designar o norte, «como logar desviado do sol» (cf. Körting, LAT. ROM. WÖRTERBUCH, 2.ª ed. n.º 1902, e Diez, ETYM. WÖRTERBUCH, s. v. *ritto*).

CALÇO é o mesmo que *socalco*. Esta ultima palavra parece completamente desconhecida do povo do Douro e Trás-os Montes. Empregam tambem ás vezes no mesmo sentido o termo *geio*, que todavia se usa mais para designar a parede de supporte dos *socalcos*, pelo menos em Penaguião. Será *genu* o etymo de geio, por se ter considerado o angulo formado pelo socalco e parede como um *joelho* ou antes como uma perna dobrada pelo joelho. Quanto á evolução phonetica pode comparar-se *cheio*, do latim *plenus*. *Calço* apparece já no supplemento do *Novo Diccionario* mas como equivalente a *geio*. *Calço cimeiro* é o socalco que fica para cima dos outros. Usam-se ali tambem os derivados analogos *cabeiro*, do cabo, do extremo, e *fundeiro*, do fundo.

INFERNAÇÃO. Está para *enfloracão*, e designa tanto a época como o acto de florirem as videiras. E' termo geralmente empregado naquella provincia. Não vem ainda nos diccionarios. A pronuncia é quasi sempre *infarnação*.

2. Expressões emphaticas

A linguagem popular emprega ás vezes certas expressões que dão ás phrases em que entram, tom mais energico, de mais intenso colorido, de mais viva emphase. Notaremos alguns dos casos mais interessantes.

* * *

Usa os verbos *ir* e *pegar*, de modo redundante, seguidos de outro verbo, o qual exprime o verdadeiro sentido da phrase, como nos exemplos seguintes:

«*Pegou* e disse»; — «*pegou* e sahiu»; — «*vae* elle e diz». De Camillo, *Corja*, pag. 45, transcreveremos o seguinte trecho, que documenta o nosso asserto relativamente a um d'aquelles verbos»: «Contaram lhe na capital que o seu Macario gastara tres contos com a Martha Corista. Ella uma vez em Lisboa atrevera-se a dizer-lhe que o dinheiro era seu. E vae o Fistula coriscou-lhe taes ameaças no olhar que a mulher ficou estarrecida, emmudeceu de pavor e disse depois ao irmão: - «Cuidei que era a minha fim» [1].

* * *

Serve-se do adverbio *assim*, de maneira differente do que o faz a lingua litteraria, e da locução *assim a modo de*, como: «Fiquei, *assim* empanzinado?». «Quando ia deitar a cabeça fóra da portinhola para vêr quem, quasi que esbarrava na cabeça de um homem desconhecido, cara rapada, *assim a modo* de padre, que de certo ia espreitar quem estava no trem».

Camillo, *Brasileira de Prazins*, pag. 146.

* * *

Emprega o adverbio *sempre* com a significação de *effectivamente*, *realmente*, como: «Pedro *sempre* vem», isto é, *vem effectivamente*, *é certo que vem*. Com tal accepção este adverbio antepõe-se ao verbo, e nunca póde estar depois d'elle.

[1] Sobre a significação e origem do vocabulo *estarrecida* e sobre o genero do substantivo *fim* veja-se FRAGMENTO DE UM ESTUDO SOBRE A LINGUAGEM DE CAMILLO, por nós publicado em *A Revista*, do Porto.

* * *

Usa a palavra *tambem* no sentido de *na verdade*, *realmente*, em phrases como: «isso agora *tambem* é demais»; — «isso *tambem* é muito atrevimento».

* * *

Em orações que designam «ser possivel que uma coisa aconteça», a possibilidade póde afirmar-se com mais segurança com a expressão *ás vezes*. Assim a uma phrase como: «*Ora Fulano não vem cá hoje*», responder-se ha: «*As vezes* póde vir», o que equivale o dizer: «é bem possivel que venha».

* * *

Repete um verbo precedido do adverbio *não*, para exprimir de modo mais descriptivo a circunstancia de tempo durante o qual certo facto se dá, v. g.: «*janta não janta*, passa-se o tempo»; — «*veste não veste*, são 8 horas» = «emquanto nos vamos vestindo, dão as 8 horas».

Tem sentido differente, o de dúvida, incerteza, uma expressão semelhante que se encontra no seguinte passo de Gil Vicente, vol. III, pag. 252:

Bento e honrado serás
Deos e a Virgem da Franqueira
Que me tirou da canseira
De *casarás*, *não casarás*,
Sei *freira*, *não sejas freira*.

* * *

Emprega a expressão *vae não vae*, redundamente, mas com grande emphase: «Estive *vae não vae* para lhe responder mal».

Julio Moreira.

TRADIÇÕES POPULARES PORTUGUESAS

I

Ensalmos

1. Contra o *máu olhado.*

a) — Passa-se, tres vezes, com uma meada ao longo do corpo do doente, dizendo: —

Se és *cobranto*,
Eu te espanto;
Se és *estrapasso*,
Eu te passo;
Se és *olhado*,
Some-te para as ondas do mar *còlhado.*

(Abrunheira, concelho de Montemór-o-Velho)

b) — Nossa Senhora defumou seu santissimo filho para cheirar,
Eu defumo [aqui diz-se o nome do doente F. etc,] para melhorar:
Em louvor das tres pessoas da Santissima Trindade:
D'onde este mal veio para lá torne a entrar:

Se fôr por tras,
Que lh'o tire S. Bras;
Se fôr por *diente*,
Que lh'o tire S. Vicente;
Se fôr pelo ar,
Nossa Senhora lh'o hade tirar.

(Defuma-se o doente, deitando em uma telha *gervão* (urgebão), alecrim, arruda, sal virgem e incenso).

(Abrunheira)

c) — Deita-se agua fria em um prato, e accende-se uma candeia. — São precisas duas pessoas; uma d'ellas mergulha um dedo no azeite da candeia e diz:

Uma t'o pôs,
E tres t'o hão de tirar,
Que são as tres pessoas da S.ma Trindade
Padre, Filho e Espirito Santo.

Ao que a outra responde : — *Amen*.

Neste momento deve cair um pingo d'azeite dentro do prato. Se o azeite se *desfaz*, ha *cobranto*, se fica na mesma, não ha.

(Abrunheira)

d) — 5 *crutos* (corutos) d'alecrim, 5 de *gervão*, 5 folhas de louro, 5 crutos d'arruda, sal virgem, incenso, e mirra (um punhado). Colloca-se tudo numa telha com brasas, depois passa-se a telha, em cruz, por debaixo do doente, e por cima, no mesmo sentido, por tres vezes, e diz se o seguinte :

«As pessoas da S.^ma^ Trindade são tres, e bem podem fazer com que d'onde o mal veio para lá torne.»

2. Contra o *bicho*.

Queimam-se palhas d'alho num prato, misturando nas cinzas polvora, vinagre, mel e azeite em pequenas porções. Depois, com um páu qualquer, molhado nesta mistura, circumda-se o *bicho*, dizendo :

Eu te escrevo cobrão,
Cabeça sim e rabo não ;
Eu te escrevo cobrão,
Rabo sim e cabeça não.

Depois cobre se o *bicho* em toda a extensão com o mesmo remedio.

(Abrunheira)

3. Contra a *erysipela*.

Faz se uma mistura de azeite e agua, molha-se nella um ramo de esparto e passa se *carnalmente* (contacto directo) sobre a pelle, seja aonde fôr, dizendo :

«Jesus, em nome de Jesus (3 vezes)
Erysipela vai á fonte,
Erysipela vai ao mar,
Que F. [nome do doente] é pobre
E não tem que dar.
(Ave-Maria).

Talha-se tres vezes a seguir, no mesmo dia, e, da mesma maneira, nos dias, que se julgarem necessarios).

(Mosellos, concelho da Feira)

4 Contra o *fogo nas feridas* (Inflamação).

Colhe-se um ramo de *sempre-verde* com tres folhas, e, com

elle molhado em agua fria, passa-se continuamente, fazendo cruzes e dizendo:

Jesus, em nome de Jesus (3 vezes)!
Sempre verde bem aventurado,
Que na terra de Christo foste criado,
Sem ser disposto nem semeado,
Do sol agoentado,
Da chuva regado,
Pelo poder de S. Pedro e de S. Paulo
Tira este fogo, este *rebelado* [1]
Que elle fique como na hora, em que foi nado.
(Ave-Maria).

Talha-se durante tres dias consecutivos: 7 vezes no 1.° dia, 5 no 2.°, e 3 no 3°.

Podem talhar-se as vezes todas no mesmo dia, mas a horas differentes.

No fim da *talhação*, diz-se sempre:

Em louvor de S. Silvestre,
Permitta que as minhas palavras *preste*,
E o Senhor seja meu Divino Mestre.
(Mosellos — Feira)

5. Contra o *sol*.

Para curar as dores de cabeça, causadas pelo sol, enche-se um copo com agoa fria, cobre-se com um guardanapo de panno trançado e volta-se com o fundo para cima sobre a molleirinha, sem deixar cair agua, e diz-se:

«Padre, Filho e Espirito Santo!

(Fazendo uma cruz com a mão direita sobre o fundo do copo)

Jesus, em nome de Jesus (3 vezes)
Deus Sol,
Deus Lua,
Deus de toda a claridade,
Valham-me as trez pessoas da S.ma Trindade.

Talha-se, tres vezes, collocando o doente voltado para o Sol e isto entre as onze e doze horas do dia. —

(Mosellos —Feira)

6. Contra a *Ictericia*.

A ictericia, ou *triz*, póde ser macho ou femea, e, por isso, deve ser talhada por homem e por mulher; porque, se for ma-

[1] [= *roborado*. — J. L. DE V.].

cho, não se cura senão talhada por homem, e, se for femea, só se curará quando talhada por mulher.

Tratamento. — O doente deita um pouco de farelo de trigo em um côrno (esquerdo) de carneiro e uma pouca de urina d'elle mesmo e mexe.

Um dos *talhadores* péga no côrno e, com elle sempre em movimento á volta da cabeça do doente, diz:

«— Tres coisas são precisas para talhar a *triz*,
Urina do mesmo doente,
Cornipo (*sic*) de carneiro,
E farelo de trigo,
Amassado, remassado,
E tornado a amassar,
Em louvor de S. Bernardo,
S. Bernardino e S. Luis,
Que são os verdadeiros mestres de talhar a *triz*.

A oração, e respectivo ritual, tem de ser feita, tres vezes, por um homem e, outras tantas, por uma mulher consecutivamente e em tres dias seguidos.

Dieta. — Beber vinho branco e tomar chá de herva vero nica, grama e raiz de morango bravo, e não comer verdura.

Se, ao cabo de oito dias, não houver melhoras, repete-se tudo desde o principio.

(*A triz matou quem quis* — no dizer do curandeiro, que fez a exposição oral do tratamento da ictericia)

(Mosellos — Feira)

7 — *O que se faz quando se está de mal com a pessoa amada e se quer que ella nos venha fallar.*

Faz-se um coração de papel e prega-se na porta da rua e, com o bico d'uma tesoura, pica-se esse coração, á hora da meia noite, disendo:

«— Eu te pico e repico
E te torno a repicar,
Para que não possas comer,
Nem beber,
Nem dormir,
Nem descansar,
Nem debaixo de telhas estar,
Emquanto commigo não vieres fallar.

II

Superstições

1 — A mulher, quando grávida, não deve cheirar flôres; porque podem sair pintadas no corpo da criança; mas quando se dê esse descuido, deve tocar-se com da flôr, muito depressa, em sitio que não ande á vista; porque o defeito, nesse caso, virá no sitio tocado.

2 — A mulher grávida não pode ser madrinha, porque, den ro de um anno, morrerá uma das crianças, a que vae baptizar ou a que ella traz no ventre.

3 — A gravida não deve pegar em baço, porque este sairá na criança *(naevus)*.

4 — A mulher que dê de mammar, não deve beber com a criança ao peito, porque esta poderá vir a ter o *mal de gotta* (epilepsia): mas, quando se dê este descuido, procurem-se duas mulheres, mãe e filha, que ambas dêem de mammar, e dê-se á creança o leite d'ellas. — Essas mulheres devem ser brancas, se a bebida tiver sido branca, e pretas se tiver sido preta, vinho tinto, por exemplo.

5 — Duas mulheres que dêem de mammar, não podem beber da mesma vasilha, a seguir, porque a segunda bebe o leite da primeira, e faz que elle lhe seque ou enfraqueça; mas este perigo desapparecerá, se beber outra pessoa, de permeío.

6 — Quando se está á missa, tira-se sempre o peito á criança, ao erguer a Deus, porque lhe podem fazer mal.

7 — Não se deve fallar em coisas ruins (cancros etc) ao pé do lume, porque podem vir á gente, que está em roda d'elle.

(Mosellos — Feira).

III

As virtudes das pedras preciosas

1. *Agata*

A pedra-ágata, a quem a trouxer comsigo, é antidoto contra veneno, e disem que, trazida na bôca mitiga, a sêde [1].

[1] Vidè: José Monteiro de Carvalho, — *Diccionario portuguez das plantas. animaes.. pedras* etc. *que a Divina Omnipotencia creou.. para utilipade dos viventes.* — 1763. — pag. 15.

2. *Amethista*

Chegada á carne clarifica o juizo e faz o semblante alegre [1].

3. *Balax* [2]

Pedra preciosa, que é especie de rubi, tem maior grandesa e é de côr de rosa.. Tem a virtude de mitigar a luxuria, trazendo-a chegada á carne, e de conservar o corpo sem molestias pegadiças.

4 *Crysolitha* [3]

Tem notavel virtude para desterrar a melancolia, trazendo-se muito chegada á carne.

5. *Diamante*

a) — Contra feitiços — é bom trazer diamantes em anneis collares, ou gargantilhas [4].

b) — Contra os venenos — atem no lagarto do braço esquerdo, do cotovêlo para cima, um diamante oriental, ou uma esmeralda, ou um jacintho ; porque se tem por causa approvada preservar de veneno, e do ar contagioso ; mas advertir-se-ha que qualquer d'estes perfeitos remedios se ha de pôr sobre a propria carne [5].

c) Tambem o póde trazer (o diamante) nos dedos quem temer que lhe dêem veneno ; porque na presença d'elle humedece de sorte que parece que o molharam [6].

d) . . .el lustroso diamante,
De valor y virtud supremo y claro,
Pesados sueños quita de delante,
Contra miedo y pauor remedio raro :
Es contra todo o mal muy importante [7].

[1] *Ibidem*, pag. 36.
[2] *Ibidem*, pag. 72.
[3] *Ibidem*, pag. 162.
[4] Fr. Manuel d'Azevedo, — *Correcção de abusos* etc — 2.ª parte Lisboa 1705. — pag. 87.
[5] João Lopes Corrêa. — *Castello forte contra todas as enfermidades que perseguem o corpo humano.* etc — Lisboa. — Tomo 1.º — 1723. — pag. 638.
[6] Francisco da Fonseca Henriques. — *Medicina Lusitana.* — Porto. — 1750 — pag. 312.
[7] D. João Soares de Alarcão — *La Iffanta Coronado* : poema. Lisboa — 1606. — fol. 84, recto.

6. *Esmeralda*

a) Contra os *motivos* (abôrto), é bom usar uma esmeralda fina oriental, trazida ao pescoço, de modo que toque no ventre [1].

b) Dependurada ao pescoço, ou trazido nos dêdos, é prodigioso amuleto da epilepsia; porque ou ha de vencer o mal, ou ha de quebrar a pedra, não podendo vencêl-o [2].

c) Quem tiver a pedra chamada *Prasico*, da qual falla Plinio, terá um grande preservativo de veneno.. ; porque dizem que posta na mesa em que estiver o veneno, perde logo o esplendor que tem, o qual recobra, tanto que o veneno se tira da mesa.

E' esta pedra uma especie d'esmeralda, menos verde que ella, porque tem a cõr da herva marroyo, que no latim se diz — *prassium* etc.[3]

d) — Posta sobre a côxa d'uma parturiente, facilita a sahida do feto. Pendurada ao pescoço, prolonga a vida e isempta de sustos [4].

7. *Granada*

Fortifica o coração, remedeia as palpitações, lança fóra a melancolia, resiste ao veneno, absorve e adoça os acidos e saes acrimoniosas [5].

8 *Heliotropio*

Contra feitiços, é bom trazer a pedra-heliotropio em annel, ou em collar, ou em outra qualquer fórma curiosa, com tanto que, aonde estiver, chegue á carne, para segurar melhor seu effeito [6].

9. *Jacintho*

El jacinto engendro tan precioso
Ydel humano ser tan grande amigo,
Que dicen haze el hombre mas forçoso
Y sin temor trayendolo consigo.
Haze lo ser tambien ingenioso,
Para contra ponçoña es dulce abrigo,
Defiende los ayres mas corruptos,
Los cuerpos de humidades siẽpre emxutos [7].

[1] João Curvo Semmedo. — *Polyanthea medicinal* etc — Lisboa 1727. — pag. 536.
[2] Fonseca Henriques. — Loc. cit. — pag. 175
[3] Ibidem. — pag. 311 e 312
[4] A. C. Teixeira de Aragão. — *Diabruras, sanitdades e prophecias.* — Lisboa. — 1894. — pag. 27. —
[5] I. Monteiro de Carvalho. Loc. cit. pag. 272
[6] Fr. Manuel d'Azevedo. — Loc. cit. — pag. 97
[7] Soares d'Alarcão. — Loc. cit. — fol. 83, verso.

10. *Rubi*

O rubi inclina, a quem o traz, a pensamentos castos, e causa serenidade de animo [1].

11. *Saphira*

a) — Uma pedrinha de saphira, do tamanho de uma lentilha, mettida dentro nos olhos, tira tudo quanto cahiu nelles e defende os olhos, quando ha bexigas [2].

b) — Para as mardeduras das serpentes ponham sobre a mordedura a pedra saphira [3].

c) — Se puserem na têta esquerda a pedra chamada saphira, àquelle que bebeu veneno mortal logo se escurece [4].

d) — A pedra saphira, sendo perfeita e de côr muito subida, roçada ao redor do antraz, ou carbunculo, tem virtude occulta para fazer exalar o seu veneno, como se fosse fumo pelo meio de uma chaminé [5].

12. *Sanguinea*

A pedra de estancar sangue, pendurada ao pescoço, que chegue á carne etc tem por sinaes ser muito verde, escura e salpicada toda de pingos tan vermelhos como o sangne (*Sanguinea*) [6].

13. *Topazio*

Para reter o fluxo de sangue das almorrheimas, tenham na mão a pedra chamada topazio; porém ha de ser topazio grande[7].

14. *Pedras varias*

Sardonicas, Agatas, Cornelinas,
Olhos de ghato, Opalas, Baazares,
Que são contra o veneno peregrinas [8].

[1] J. Lopes Corrêa Loc. cit. — pag. — 185.
[2] *Ibidem*. — pag. 649.
[3] *Ibidem* — pag. 638.
[4] J Curvo Semmedo. — Loc. cit. — pag. — 532.
[5] [Falta no artigo a citação respectiva.— J. L. DE V.].
[6] I. Curvo Semmedo. — Loc. cit. — pag. 497
[7] J. Lopes Corrêa — Loc. cit. pag 611.
[8] Manuel Thomaz. — *Insulana*. — Amberes. — 1635. — pag. 18.

IV

Adivinhas

1.— Tem barba e não a corta,
Tem dentes e não come,
Tem rabo e não o arrasta?

— *O alho* (Fundão).

2.— Que é, que é...
Pae pingão,
Mãe raivosa,
E filha formosa?

— *Castanheiro, ouriço e castanha* (Fundão).

3.— Uma senhora muito esbelta,
Que com lindos véus se aperta:
Quem houver de a desapertar
Muita lagrima ha de chorar?

— *Cebôla* (Trancoso).

4.— Que é, que é...
Que se poem o peludo no pelado,
Jura o peludo ao pelado
Que não larga o pelado
Sem o deixar peludo?

— *A galhinha no chôco* (Trancoso).

5.— Redondinha, redondote,
Sem ter furo nem batoce,
Nem agua por onde se lhe bote,
E' vermelho, não é lume,
E' verde, não é limão,
E' branco, não é assucena,
E' preto, não é carvão?

— *A melancia.*

6.— Que é, que é...
Que foi de carne e ôsso,
Hoje não tem carne, nem ôsso
E tem um palmo de pescoço?

— *O ôdre* (Trancoso),

7.— Pequenino, como um argueiro,
Faz tirar o chapeu ao cavalheiro?
— *O piôlho* (Fundão).

8.— Redondinho, redondinho,
Como a pedra de um moinho?
— *O queijo da Serra* (Fundão).

9 — Que é, que é...
Que anda a andar
E não muda um pé?
— *A seara* (Trancoso).

***[1]

OS CIGANOS DE PORTUGAL

(Vid. *Rev. Lusitana*, I, 3-20)

O artigo que com este titulo foi começado na *Revista Lusitana* pelo sr. F. Adolfo Coelho, e que tem, a pag. 20, a indicação de «continúa», nunca foi aqui acabado de publicar, porque o A. constituiu com o assunto um volume, do mesmo titulo, dado á luz em 1892 (Memoria destinada á 10.ª sessão do Congresso dos Orientalistas). Eis o seu plano:

Introducção.
I. — A lingua dos Ciganos.
II. — O calão e a lingua dos Ciganos.
III. — Esboço historico e ethnographico.
Appendice I. — Documentos.
Appendice II. — Os Ciganos do Brasil
Appendice III. — Typo physico dos Ciganos.
Addições e correcções
Post-scriptum.

Faço esta declaração para que os leitores da *Rev. Lusitana* não estejam sempre, por ventura, á espera da sequencia do artigo, e tambem para que á citada indicação de «continúa» corresponda realmente uma continuação, ou antes conclusão, que é a presente nota, a qual, por descuido, não publiquei primeiro.

J. L. DE V.

[1] [Este artigo foi-me enviado em 12 de Maio de 1902 por um amigo meu, tão erudito como modesto (infelizmente já fallecido), que em carta da mesma data me pediu com muita instancia que, a querer publicá-lo, o publicasse sem o seu nome, nem indicação alguma que o revelasse. —J. L. DE V.].

VOCABULARIO ALEMTEJANO

(Continuação da *Rev. Lusit.*, VIII, 92-96)

B

babejar, babujar.
babuje, babujem.
bacatela, bagatela.
bacento, baço, trigueiro.
bacina, vaccina.
bacorêra, mulher gorda e suja.
bacorêro, guardador de bacoros.
bàdio, vadio.
bafamêdes, utensilios.
bafurinhêro, **bèfurinhêro**, **bèlfurinhêro**: bufarinheiro.
bagem, vagem.
bagoas, bagas (bagoas de suór).
bailarique e **bailique**, bailarico.
bainél, bonnet.
bainéta, baioneta.
bàjaria, muitas vagens.
balances, balanços.
balatúto, homem muito gordo.
balhêlhas, parvo.
balóstrada, balaustrada.
balse, walsa.
balsemina, balsamina.
balsemo, balsamo.
baltezar e **batezar**: batizar.
baltizo, **batizo**, **bautizo**: batismo.
balustre, balaustre.
bambalhona (á), de fórma bamba.
bambolim, bandolim.
bambordo, bombordo.
bambolear, bambalear.
bandurria, bandurra.
bánzera, banza.
bapor, vapor.
baquinazio, baque.
barafuso, parafuso.
baranda, varanda.
barbata, bravata.
Barbora, **Barb'ra**: Barbara.
barboreta, **barboleta**, **broboleta**: borboleta.
barborêta, planta ranunculacea, e a flor d'essa planta.
barborinho, borborinho.
barbridade, barbaridade.
barbulha, **berbelha**, **brobulha**: borbulha.
barburdia, balburdia.
barcamarte, bracamarte.
bareta, vareta.
barquilha, braquilha.
barimbau, berimbau.
barranhão, barrenhão.
barrasco, varrasco.
barrear, barrar.
barredor, varredor.
barrer, varrer.
barreguêro, funda (apparelho cirurgico)
barrelêra, banca em que se faz o queijo.
bartina, barretina.
barulho, baile campestre.
basalicão, basilicão.
bascolejar, vascolejar.
bassóra, vassoira.
Bastião, Sebastião.
batarda, abetarda.
bataria, bateria.

batatras, batatas.
báteca, batega (báteca d'agua.
batizar, baltizar, baltezar: baptizar.
batuécas, lagalhé.
bazofão, augmentativo de *bazofio*.
bedôro, bebedoiro.
begoaria, abegoaria.
Bèlchôr, Belchior.
bèldorêga, beldroega; no plural: **bèldorêgas**.
belforinha, bufarinha.
belharuco, abelharuco.
belor, bolor.
belorento, bularento: bolorento.
belota, bolota.
bemdezer, bemdizer.
bemmaventurança, bemaventurança.
bemté, até.
bença, bençoa: benção.
bençoar, abençoar.
bentoinha, ventoinha.
beraço, braço.
berbicacho, barbicacho.
berbulha, borbulha.
bertanha, bretanha.
Bért'lameu, Bartholomeu.
bertueja, bortueja: brotoeja.
berruga, verruga.
berruma, borruma: verruma.
berzengalhos, berloques.
berzontar, besuntar.
berzundanga, burundanga.
bescoço, biscoço: pescoço.
bespa, bespra, bêspora: vespa.
béspra, vespera.
betão, botão.
bêtilha, beatilha.
bibloteca, bibiloteca: bibliotheca.
bibora, vibora.
bichices, disfarces.
bicho de conta, certo verme dos jardins.
bimbas, pernas.
birlo, bilro.
bisponto, pesponto.
bixigoso, bexigoso.
boáda, paulada.
bobedêra, bodera: bebedeira.
bocablos, vocabulos.
bocalmente, vocalmente.
bòcê, vòcei, voncê: você.
bogar, vigorar, prevalecer.
bolante, volante.
bolêma, pão pequeno com que brindam as creanças.
bolra, borla.
bonecrada, bonecada.
bonecro, boneco.
bordalote, grande bordalo.
bordões de S. José, certa planta de jardim, de flor branca.
borjáu, cacete.
borlantim, volatim.
bornil, peça que assenta no pescoço dos animaes que tiram o carro alemtejano.
borracha, borrage: borragem.
borralhenta, borralheira (gata-*borralhenta*).
1. **borrêga**, empôla.
2. **borrêga**, inflammação traumatica.
borregada, rebanho de borregos; e tambem o seu esterco.
bostigo, postigo.
botante, arco da escada dos edificios; botaréo.
botecairo, boticario.
botije, botija.
botinha, gottazinha.
boto, voto.
brabela, barbella.
brabêro, barbeiro.
brabo, bravo.

brancas-rachéis, datura (planta).
brasfemia, blasfemia.
Brasconcellos, Vasconcellos.
Brenardino, Bernardino.
brencadêras, brincadeiras.
brencar, brincar.
brequefesta, funçanata (break fast).
brincas, brincadeiras.
bringela, brengela : beringela.
brinholos, bolinholos.
Brilonja, Briolanja.
broclos, brocolos.
bronica, veronica.
bruel, borel.
bróquia, broca.
bruguês, burguês.
bruguesia, burguesia.

(Continua)

brutidade, brutalidade.
bubedela, acção de beber.
buber, buer : beber.
bubida buida : bebida.
bufas, pequenas suissas.
bugacho, bugalho.
bugachinho, bugallinho.
bulante, ambulante.
buraquito, diminutivo de *buraco*.
burços, bruços.
burgesso, homem gordo e baixo.
burlote, brulote.
burrêra, preguiça.
burro, tripeça banco dos ganhões.
burrêco, burrico.
buz'ra, barriga.

A. THOMAZ PIRES.

MISCELLANEA

I

Alçapão

En relisant les *Estudos de Philologia Mirandesa* [1], la description du costume à la page 43 «os homens ainda usam calções com alçapão» m'a rappelé que Madame Caroline Michaëlis de Vasconcellos a donné dans la *Miscellanea in memoria di Caix e Canello*, p 117, l'étymologie du mot qui se compose de deux impératifs. Le second est à première vue méconnaissable, car il se dit aujourd'hui *põe*, mais ne l'est plus, dès qu'on le tire de *pom*, PONE, qui n'est pas rare dans les anciens textes [2]; *pão* l'avait embarrassée.

Graz, le 18 janvier 1905.

J. CORNU.

[1] Par J. Leite de Vasconcellos, vol. I, Lisbonne 1900.
[2] [Nos proprios *Estudos de Philolog. Mirand.*, I, 437, se dá *pō* (= *pom*) como ainda do mirandês actual. — J. L. DE V.].

II

Cantigas regionaes

(ALTO-MINHO)

1

Dizeis que viva Pinheiros,
Eu tambem digo que viva.
Viva Pias e Cambeses,
Viva Moreira po' riba!

2

Adeus, logar dos Milagres,
De tão altos arredôres!
São muitos os castanheiros,
Poucos os varejadôres.

3

Nunca m'alembrava Pias,
Nem que tal logar havia;
Agora nunca m'esquece,
Nem de noite nem dia.

4

Oh vida da minha vida!
A sucia vae p'ró Pomar;
Dá volta por Requião,
Ao Rigueiro vae parar.

5

Adeus, logar de Moreira,
As costas te vou virar:
A bocca cheia de riso,
O coração a chorar.

6

Os rapazes do Rigueiro
São poucos, mas são valentes:
Levam-na pia dos porcos
Atravessada nos dentes.

7

No Castello dos Milagres
Anda o meu amor perdido:
Quer tu queiras, quer não queiras,
Hei d'ir lá fallar comtigo.

8

Os rapazes de Moreira
São pitinhos de vintem:
Levão pão ás raparigas
P'ra vêr se lhes querem bem.

9

Abaixa te, côto alto,
Qu'eu quero vêr os Milagres,
Quero vêr os meus amores,
Qu'eu morro com saudades

10

Não sei que terra é Cambeses,
Que vós tanto m'a gabaes:
Terra de milho miudo
P'ra sustento dos pardaes.

11

Minha terra, minha terra,
Minha terra é Mazedo:
E' terra de muitos ramos,
Canta o cuco muito cedo.

12

O meu amor d'algum dia
Deitei-o ao rio Minho:
Este qu' eu agora tenho
Amo-o com todo o carinho.

13

Adeus, villa de Melgaço,
Feita de pedra morena,
Que passeia dentro della
Quem m'a mim dá tanta pena!

14

Este logar de Moreira
Ao longe parece villa;
Tem um cravo na entrada,
Uma rosa na sahida.

Annotações ás cantigas precedentes

Pinheiros, *Pias*, *Cambeses*, *Moreira*, — nomes de freguesias do concelho de Monção.

Milagres. *Pomar*, *Requião*, *Rigueiro*, — nomes de logares, o primeiro na freguesia de Cambeses, e os demais na de Mazedo.

Castello dos Milagres — sitio do logar d'este nome, onde apparecem vestigios archeologicos, e que é objecto de lendas locaes.

A' quadra 1 — J. C. archivou uma cantiga semelhante (*Cantigas geographicas*, in *Revista Lusitana*, vol. VII, pp. 57):

Vós dizeis que viva Ulle,
Viva tambem Oliveira:
Viva tambem uma rosa
De Sam João da Madeira.

A' quadra 2 — ...«Muitos castanheiros,... poucos varejadores ..», imagem, de pittoresco felicissimo, empregada para significar que no logar a que a cantiga se refere ha grande desproporção entre o numero de individuos dos dois sexos, dos quaes o masculino está em minoria.

A' quadra 5 — Esta quadra, de que se evola tão intenso perfume da nostalgica tristeza do pobre emigrante regional que se despede da *terrinha*, é irmã, pelo sentimento, e, em parte, pela sua propria lettra, d'est'outra colhida numa das freguesias do concelho de Melgaço (Paderne, logar da Cividade):

Adeus, oh logar de Crastos,
As costas t'eu vou virando:
A sahida é para agora,
A volta não sei p'ra quando.

A' quadra 6 — Deu origem á cantiga a seguinte anecdota local: numa altercação entre umas raparigas e uns moços do logar do Rigueiro, como aquellas increpassem estes de serem muito fracos, por comerem *pão trigo* em demasia, defendeu-se um d'elles com a fanfarronada de ser capaz de levantar uma pia de porcos (que é, em geral, de pedra) com os dentes.

A' quadra 8 — Allude ao costume corrente naquella freguesia de os rapazes darem um *pão-branco* ou *pão-trigo* ás suas pretendidas, quando começam a cortejá-las.

A' quadra 11 — Est'outra cantiga é-lhe semelhante: Colligida pelo cit. J. C.

Perguntas-me aonde moro?
— Minha terra é Cerzedo,
Terra de muito ramalho,
Onde canta o cuco cedo.

(*Revista Lusitana*, vol. cit., pp. 58).

A' quadra 13 — A «pedra morena» é de certo o antigo revestimento de muralhas que cercam a villa do extremo norte de Portugal, parte das quaes ascendem ao anno de 1263, como se vê de uma inscripção que existe no seu pano NO, e foi publicada n-*O Archeologo Português*, vol. IV, 1898, pp. 264 ss.

A' quadra 14 — Semelhante, colligida por J. C. na *Revista Lusitana*, cit. vol. VII, pp. 59):

Lindo logar é Vinhó,
Que ao longe parece villa;
Tem São João á entrada,
Sam Lourenço á sahida.

[D-*O Regional*, jornal de Monção, redigido pelo Dr. Antonio de Pinho: n.º correspondente a 27 de abril de 1904].

III

Leque e bengala

A origem do vocabulo *leque* já tem sido tratada por mais de uma vez (cfr. *Rev. Lusit.*, VII, 70), e sobre ella não existe agora nenhuma duvida. Aos textos apontados posso reunir mais um exemplo colhido no rol que acompanha um alvará da Rainha D. Catharina, de 14 de novembro de 1561 (Torre do Tombo, *Corpo Chronologico*, Parte I, maço 105, n.º 61), em virtude do qual a referida Rainha mandou entregar por intermedio de Affonso de Çunhigua (Zuñiga), que servia de thesoureiro das cousas que vinham da India, a El-Rei, Infantas D. Maria e D. Isabel, Camareira-mor, D. Joanna de Meneses, Camareira D. Mecia, á ama de El-Rei, Leonor Fernandez e ao *fradinho* certos objectos. Entre estes contam-se: um escritorio da China, pequeno, dourado; um escritorio que serve de escrevaninha, de *madre-perola*; uma bandeja lavrada de *madre perola* por dentro; um escabelo de *madre perola* oitavado; um cofre de *madre perola* que tem pedraria falsa; uma porcelana de *madre perola* guarnecida de latão; e finalmente *hum avano lequeo*. Esta ultima peça coube á Camareira-mor.

Se ás damas o leque é indispensavel, não o é menos aos homens a bengala, sendo interessante que entre nós os dois objectos tenham denominações orientaes. A origem do nome *bengala* é tão clara, que, segundo julgo, nunca ella foi motivo de duvida, registando-a já Moraes no seu *Diccionario*, que a baseou num passo da obra de Fernão Mendes Pinto. Numa carta de 30 de outubro de 1570 (Torre do Tombo, *Legitimações* de D. Sebastião, liv. 43, fl. 194 v.), conta-se que certo Heitor Tavares, morador no logar de Palhaes, termo da villa de Alhos Vedros, agrediu uma Branca Gonçalves, moradora no mesmo logar, com uma *cana de bemgualla*, fazendo-lhe muitas nodoas e pisaduras, e lhe chamára palavras injuriosas.

Estes e ainda outros termos orientaes que se encontram na nossa lingoa bastariam para demonstrar as relações estreitas que Portugal teve com a Asia, dado o caso que todos os monumentos historicos perecessem, e só ficassem taes termos como testemunhas d'ellas. Todavia difficilmente poderia ocorrer, mas é facto, que um povo situado no occidente da Europa perfilhasse termos de regiões tão longinquos, havendo-os nos povos que usão linguas irmãs.

PEDRO A. D'AZEVEDO.

IV

Provincianismos açorianos

abregoir — contender.
afreimar — peorar, fallando-se de um golpe, de uma queimadura, etc.
agrimentar — argumentar.
ama da roupa (a), a lavadeira. E' expressão do Fayal, cujas lavadeiras se offendem, dando-lhes este nome.
arredio (*de*), de longe: v. g.: gósto sempre de vê-lo *de arredio.*
azougar — apodrecer, fallando-se de batata, laranjas, etc.
bilró! — Bravo, viva (Fayal).
caim — mau homem, marôto.
camisão, *camisona* — hypocrita, pessoa que tão depressa mette outra no coração, como diz mal d'ella.
canada — atalho, azinhaga, rua estreita.
chebentinho, por *chibantinho*. Emprega-se para dizer: airoso, engraçado, bonito.
com ar de paixão, com zanga, a mal: v. g.: elles estavam com *ar* de paixão (S. Miguel).
corsario, patife.
dolório, desgosto.
donzel, ingenuo, candido (S. Miguel).
eh, senhor! — introito com que o povo açoriano, especialmente o de S. Miguel, encabeça qualquer réplica em uma conversação animada. Quem vae pela primeira vez no Archipelago ouve-a com surpresa não só pela frequencia com que a usam, mas por vir muitas vezes descabida.
enticar ou *inticar* — contender, provocar.
estar agarrado com as unhas e com as mãos — com unhas e dentes (S. Miguel).
estar á tira-puxa — estar em dirás tu, direi eu, em contenda.
estar com o canicinho n'agua! — estar a brincar, a gracejar. Da fórma açoriana se vê que o nosso «estar com a carinha n'agua», que realmente não faz sentido, é corruptela do seguinte: «estar com a caninha n'agua», de facil comprehensão.
estreloiço — bulha repentina e forte (Fayal).
foral — rua estreita, travéssa (S. Miguel).
fôrma — botão de calça.
gailada — gargalhada (Fayal).
galão (*de*) — de chofre, repentinamente.
gata — bebedeira (S. Miguel).
guecho — novilho.
guerrear — brigar. No Fayal usa-se muito na fórma corrupta — — *garrear*.
hão por *ha* — quando *haver* significa «existir» e deve ser impessoal.
isso é que se chama!... Isto é que é!... Isto é que é uma coisa!... phrases de protesto contra o que parece falso ou que desagrada.
jazer-se — ficar, estar: v. g.: Ha

de jazer-se na cama, que é logar quente.

mal feito fôra... pudera não.

marmello — bebedeira (Fayal).

não fazmoleste—não faz mal não tem inconveniente.

nisquinha, niquinha (S. Miguel).

pegar em si — resolver se a ir.

pegar — brigar.

pechincho,-a; chincho,-a —criancinha. Usam se muitas vezes no diminutivo: *pechincho,-a; chinchinho,-a*. A proposito de diminutivos: no Fayal especialmente, em logar das terminações *-inho, -inha*, empregam-se *-ino, -ina*, quasi sempre tratando-se de certos nomes de pessoas: v.g. *Antonino, Marianina*, etc. Uma fórma de veras curiosa: *Chiquinina* por *Chiquinha*. *Pechinchinho, a*, tambem é adjectivo: v. g. uma coisa muito *pechinchinha*.

pinasco — penhasco.

pisar — magoar, fazer doer.

pitafe — defeito.

pode que seja, pode que vá, etc, por: pode ser que seja, pode ser que vá etc. (Fayal).

pois elle vae! — de accordo, seja assim. Em S. Miguel, onde se emprega muito, o povo pronuncia a «pois ól vae!».

pois não! phrase de assentimento, de uso ainda mais vulgar que no continente. E' o *pois claro!* do povo de Lisboa.

ralo — janella. Vem do antigo uso de serem de ralos ou rótulas quasi todas as janellas (Pico).

rqiuinho -a, bonito, -a. Usa-se muito em S. Miguel.

sapeca — descompostura.

tal desgraca! —Ora essa! Assim diz frequentemente o povo da Terceira para protestar, mostrar indignação, dó, etc.

tanto — por *tão*, nestas expressões: *tanto grande tanto bonito*, e outras analogas.

tocar na botão, alegrar-se, estar contente.

torresmada, parvoice (Fayal).

trochada — pancada.

Ui homem.... ou, na fórma popular: *Ui home!* exclamação vulgarissima, ás vezes de protesto, outras de assentimento, e outras equivalente a *Eh, senhor!*

(D-*O Seculo* de 5-VII-901, n.° 7005) [1].

---

[1] [A linguagem popular dos Açores já tem sido estudada por vezes: vid. *Rev. Lusitana*, *II*, 289, e a minha *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*, Paris 1901, p. 155. — J. L. V.].

NECROLOGIA

Gaston Paris[1]

(*Communicação feita á Academia Real das Sciencias de Lisboa em sessão de 12 de Março de 1903*)

Cumpro o doloroso dever de communicar á Academia que em 5 do corrente mês falleceu o Sr. Gaston Paris, ornamento do professorado francês, e um dos mais distinctos representantes da philologia romanica na actualidade. Com quanto, segundo creio, elle não fosse nosso consocio, nem por isso a Academia deixará de tomar moralmente parte no luto que a estas horas opprime o coração dos sabios de todas as nações. E fallando assim, não emprégo vã figura de rhetorica : digo exactamente a verdade, porque com a morte de Gaston Paris soffreu a sciencia perda irreparavel.

Multiplo foi o labor d'este assignalado varão: como professor no Collegio de França, de que ao mesmo tempo era administrador, e na Escola de Estudos Superiores de Paris ; como fundador, e activo redactor, da *Romania*, admiravel archivo de estudos philologicos que elle dirigia com o Sr. Prof. Paul Meyer, ambos os quaes, por várias vezes, ahi acolheram amavelmente trabalhos portugueses ; como auctor de numerosos livros de linguistica e historia litteraria ; como collaborador da *Revue Critique*, do *Journal des Savants* e de outros periodicos. Aos seus predicados de perfeito homem de sciencia juntava a bondade da sua alma, que fazia que não houvesse ninguem d'entre os que o tratavam que o não amasse extremamente.

Filho do conhecido medievista Paulin Paris, e educado na Allemanha nos solidos principios da sciencia moderna, — tendo sido discipulo do proprio Friedrich Diez, — foi um dos que mais contribuiram para que em França a philologia romanica attingisse o esplendor em que hoje está. A sua *Histoire poétique de Charlemagne* (1865) todos a consideram uma revelação, pelos horizontes novos que rasgou á historia litteraria da idade-media ; a sua edição da *Vie de Saint Alexis* (1872) constitue um modêlo de critica de textos ; as suas conferencias e lições chamavam em volta d'elle estudantes de toda a parte, não só da Europa, mas de fóra d'ella, muitos dos quaes fizeram fructificar ao longe a semente lançada no seio d'elles, a plenas mãos, pelo Mestre ; as suas apreciações bibliographicas, sempre

[1] Este artigo sae muito retardado por causa da demora que tem tido a publicação da *Revista Lusitana*.

claras e abundantes de factos e de ideias, inspiravam o mais vivo interesse, porque elucidavam sem ferir. Quando fallava, ou quando escrevia, era um encanto a sua linguagem.

Por tres vezes, em 1899, 1900 e 1901, tive a honra de seguir os seus cursos no Collegio de França e na Escola de Estudos Superiores, e declaro que sempre me senti intimamente attrahido pelo seu saber sem limites, exposto na mais bella fórma, e com a maior largueza de vistas.

Na sciencia os factos são a materia prima; elles porém ficarão, por assim dizer, inertes, e quasi inuteis para o espirito, se não houver um elo que os coordene e relacione entre si: para isto contribue o methodo que se adopta no seu estudo. Um dos caracteres da sciencia moderna é o emprêgo exacto do methodo; e ninguem na philologia o applicou com maior efficacia do que Gaston Paris. Por isso a sua influencia se tornou tão notavel, criando elle adeptos e admiradores em todos os que o liam e ouviam.

E como esta influencia chegou tambem a Portugal, onde os poucos que cultivam a philologia reconheciam nelle, por confissão propria, o guia seguro que realmente era, não sejamos nós os ultimos a prestar á memoria do finado o preito que se lhe deve; eis por que proponho que na acta d'esta sessão se exare um voto de sentimento pelo golpe profundo que a sciencia recebeu.

*

Artigos de Gaston Paris a respeito de Portugal:

— Critica da *Theoria da conjugação em latim e portuguez* de F. Adolfo Coelho (Lisboa 1870), na *Romania*, t. I, 1872, p. 241-243. — Cfr. a resposta de Coelho na *Bibliographia Critica*, p. 54-55.

— Critica da *Historia da Litteratura Portugueza* de Theophilo Braga (Porto 1872), na *Revue Critique*, anno VI, 1872, 2.º semestre, p. 331-332.

— Critica d-*As raças historicas da Peninsula Iberica* de Julio de Vilhena (Coimbra 1873), na *Revue Critique*, anno IX, 1875, 1.º semestre, p. 22-24.

— Noticia critica do *Romanceiro, Choix de vieux chants portugais*, do Conde de Puymaigre, na *Revue Critique*, anno XVI, 1882, 2.º semestre, p. 253-254.

— Varias noticias bibliographicas na *Romania*, na secção intitulada «Livres annoncés sommairement», por exemplo: no vol. XVII, 1888, p. 155 (do fasc. 1.º da *Rev. Lusit.*); no vol. XXII, 1893, p. 337 (dos *Ciganos* de Ad. Coelho, e da *Exposição da pronuncia port.* de G. Vianna); no vol. XXVII, 1898, pag. 333 (da 1.ª parte das minhas *Notas philologicas*); no vol. XXIX, 1900, p. 480 (do vol. I dos meus *Estud. de philolog. mirandesa*), p. 633 (dos

Lais de Bretanha de D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos), p. 640 (do *Dialecto indo-port.* de Monsenhor Dalgado).

Posto que as obras seguintes não sejam originariamente suas, mas traduzidas por elle, poderei aqui citá-las, pois ha nellas capitulos especiaes sobre a lingoa portuguesa: *Introduction à la Grammaire des langues romanes* de F. Diez, traducção do allemão, Paris 1863 (com um prefacio do traductor); *Grammaire des langues romanes* do mesmo A., 3 vol., traducção do allemão, com a collaboração de A. Morel-Fatio e A. Brachet, Paris 1877.

J. L. DE V.

BIBLIOGRAPHIA

I

LIVROS

Subsidios para um diccionario completo (historico-etymologico) da lingua portugueza — por A. A. Cortesão: t. I, Coimbra 1900, VIII-158 p. in-fol.; t. II, Coimbra 1901, 52 p. in-fol.

O trabalho que o Sr. Dr. Cortesão começou a publicar no *Instituto*, e a que me referi na *Rev. Lusit.*, VI, 95, foi desenvolvido a ponto de dar dois volumes, postoque pequenos. Considerado na parte lexical propriamente dita, este trabalho é muito util, porque contém numerosos vocabulos, tanto modernos, como arcaicos, que não estavam ainda archivados nos diccionarios, e porque, quer estes vocabulos, quer outros já archivados, mas que tambem cita, vem a cada passo acompanhados de trechos litterarios em que se encontram.— Quando na *Rev. Lusit.*, VII, 68 ss., publiquei um artigo com etymologias de varias palavras, deixei de citar o trabalho do Sr. Dr. Cortesão, falta que repararei agora:

cilha Ao ex. de *cinlia* = *cinlha* juntem-se os que vem nos *Subsidios*, s. v. (vol. II).

pardieiro. Nos *Subsidios*, s. v., vem varios exs. de *paredenario* e *paridinario* em latim barbaro, fórmas que fazem presuppôr *paredinheiro* ou *pardinheiro* na lingua viva da epoca.

paul. Nos *Subsidios*, s. v., citam-se varios exs. de *padule* colhidos em docc. latino-barbaros.

Alem dos *Subsidios*, colligiu o auctor d'elles um abundante *Onomastico Medieval*, que está actualmente publicando n-*O Archeologo Português*, d'onde se faz separata.

Quem sabe quanto custa colligir vocabulos em textos, apreciará devidamente o labor do Sr. Dr. Cortesão.

*

Traditions populaires relatives á la parole — par le Docteur Chervin, Paris (Rudeval), s. d.

Este opusculo contém algumas superstições portuguesas ministradas ao auctor pelo Sr. A. Thomás Pires. Aos proverbios estrangeiros citados a pag. 50-51 podem addicionar-se os portugueses que vem em Rolland, *Adagios*, 1.ª ed., p. 142. — Com o costume de raspar pó de um altar ou de uma imagem sagrada, para fins supersticiosos (p. 29 e 31), cfr. os factos que citei nas *Religiões da Lusitania*, I, 113. Na Belgica implora-se *Sainte Bégga* como protectora dos gagos (p. 44): é um caso de *nomen-numen*, pois *Bégga* tem som que faz lembrar o do francês *bègue* (o A. do folheto nota tambem a coincidencia); em Portugal temos *Santo Ouvido* (= Ovidio) protector dos *ouvidos*, *S. Frutuoso* protector dos *frutos*, etc. Protector, não dos gagos, mas das crianças mudas, temos entre nós S. Luis: vid. *Trad. Pop. de Portugal*, p. 207.

*

Subsidios para a bibliographia portugueza relativa ao estudo da lingua japoneza e para a biographia de Fernão Mendes Pinto — por Jordão A. de Freitas. Coimbra 1905, 83 pag. in 8.º. Separata do *Instituto*.

Neste seu valioso opusculo, o Sr. Jordão de Freitas, tomando para ponto de partida o breve trabalho que Figanière publicára no *Jornal do Commercio* em 1869 (reproduzido por Brito Aranha no *Dicc. Bibliogr.*, X, 341-342), amplia-o muito e rectifica-o; além d'isso dá noticias relativas á biographia de Fernão Mendes Pinto. Na sua qualidade de official da Real Bibliotheca da Ajuda, o A. aproveitou para o seu trabalho varios codices d'esta Bibliotheca.

O trabalho contém uma descripção das grammaticas e livros publicados por Portugueses, ou por individuos ao serviço de Portugal, a respeito da lingoa do Japão. No fim vem um additamento do Sr. Gonçalves Vianna em que prova que a lingoa materna de S. Francisco Xavier era o bizcainho, e apresenta varias observações philologicas de interesse.

Como observação, de caracter puramente exterior, direi que o titulo do livro é demasiado comprido, o que difficulta as citações que se fizerem d'este, e que o nome de Fernão Mendes Pinto não de-

via figurar nelle do modo como figura, porque o que d'esse autor e viajante refere o Sr. Jordão é em notas, e não no corpo da obra. A proposito das notas, accentuarei que ellas, por serem extensas, obrigam o leitor a constantes e grandes interrupções; em vista da sua importancia, ficavam melhor no fim, á maneira de excursos.

*

Theoria de linguagem (o ensino do português nas escolas) por J. Simões Dias, Porto 1905. Reproducção postuma de uns artigos publicados na *Educação Nacional*. O titulo diz mais que a obra. Simões Dias expõe aqui, embora nem sempre de modo exacto, algumas ideias correntes sobre grammatica portuguesa. O opusculo lê-se geralmente com agrado.

J. L. de V.

II

VARIA QUAEDAM

— Na *Zeitschrift für romanische Philologie*, XXIX, fasciculo 3.º, p. 323 ss., o Dr. H. Schuchardt, partindo do que eu disse nos *Respigos Camonianos*, I, 45 ss., sobre a palavra *galha*, occupa-se de varias palavras nossas, como *borbulha*, *galhofa*, *balofo*, etc.

—Na *Romania*, XXXIV, 165, dá-se breve noticia do opusculo do Sr. Gonçalves Vianna, intitulado *Portugais*,— *Phonétique et phonologie*, *morphologie*, *textes*, de que se fallou na *Rev. Lusit.*, VIII, 236.

— No *Literaturblatt für germ. und roman. Philologie*, vol XXV (1903), col. 163-164, dá Adolf Zauner noticia do trabalho de Jungfer *Ueber Personennamen in den Ortsnamen Spaniens u. Portugals*; cf. *Rev. Lusit.*, VIII, 228-229. A proposito da explicação dos patronymicos em *-ez* (arc. -iz) por -i c i, dada por Cornu, diz Zauner que o resultado que teve u n d e c i m, i. é *onze* em port. e *once* em hesp., faria esperar que -i c i se transformasse de outro modo, i. é, não em *-iz*, *-ez*. Mas deve notar-se que a formação d'estes patronymicos será medieval, ao passo que u n d e c i m é palavra antiga. Temos além d'isso *ourivez*, que o proprio crítico cita.

J. L. de V.

Erratas do "Fabulario,, publicado a pag. 99 e ss.

(Os algarismos romanos denotam as fabulas ; os arabicos as linhas d'estas)

V, 11 : Supprime-se a virgula depois de *cam*.
VI, 12 : devia ser *he* em vez de *he-*.
XII, 13 : *voomtade* em vez de *vomtade*.
XIII, 5-6 : *dessem* em vez de *desse*<*m*>. A nota 8 devia ser substituida por : «*dessem* refere-se á aguia e aos filhos».
XV, titulo : *raposa* em vez de *aguia*.
XVII, 15 : devia estar virgula depois de *cousas*, e depois de *fazer* (em vez de dois-pontos).
XXI, 6 : virgula depois de *mall*.
XXII, 1 : devia ser *emxemplo*, embora no ms. estivesse *ex°* (o mais usual é *em*xo).
5 : *cortesãmente* ou *cortesammente*, em vez de *cortesamente*. Ou, pelo menos, deve entender-se assim. (Foi o Sr. Epiphanio Dias quem me advertiu d'este erro).
XXIV, 8 : *jnoçente*, embora no ms. esteja *c*.
XXIX, 10 : *ey d'amdar* em vez de *ey-d'amdar*.
24 : ponto final em vez de interrogação.
XXX, 19 : *prijgo* em vez de *priigo*.
XXXIII, 6 : *vierom* em vez de *vieram*.
16 : *proueytosas* em vez de *proveitosos*.
XXXIV, 22-23 : devia ficar entre aspas a phrase que começa por *porque* termina por *cor*[*açom*], pois é discurso directo, como se vê das palavras *ora* e *aqui* ; depois de *dicto* devia haver dois pontos.
XXXV, 8 : *mamcebo* em vez de *mãcebo*.
15 : virgula em vez de ponto e virgula.
XXXVI, 13 : ponto e virgula em vez de dois pontos.
15 : ponto-e-virgula em vez de simples virgula.
XXXVII, 11 : *fázello* em vez de *fáze-llo*.
XXXIX, 15 : depois de *jmijguo* devia estar ponto-e-virgula, e não virgula
XL, 1 : *amoestamento* em vez de *amoestramento*.
XLI, 21 : *pam* em vez de *pom*, e *pera* em vez de *para*.
XLII, 4 : *grande* em vez de *grando*.
XLIII, nota 5. Substitua-se por : «Isto é : *por causa de Deus*». (Correcção feita pelo Sr. Epiphanio Dias).
XLIV, 15 : depois de *olhos* deviam estár dois-pontos, e não virgula.
26 : *mala*[*m*]*dante* ou *malãdante*, em vez de *maladante*.

XLV, 17-18 : *rrijr* em vez de *rryr* (emquanto seja *rria* na l. 19).
19 : Ponha-se virgula depois de *mesa*, e substitua-se a nota 2 por esta : «*porque* = visto que».
28 : *scudeyro* em vez de '*scudeyro*.
nota 6 da pag. seg.: *preposição* em vez de *proposição*.
Supprima-se a nota 3 correspondente á linha 37, na pag. 43, porque neste e noutros casos que citarei no cap. da syntaxe *diz* não tem sujeito declarado.
XLVI, 4 : *ssua* em vez de *ssa*.
XLVII, 16 : *fezermos* em vez de *fezermes*.
XLVIII, 10 : Ponha-se virgula seguidamente a *depois*.
XLIX, 1 : Supprima-se [*em*].
3 : *liurarom* em vez de *liuraram*.
L, 3 : *rrogarom-no* em vez de *rrogarom no*.
17 : devia ser *emsina* em vez de *emsiua*.
18 : *o bem* em vez de *e bem*.
LII, 18 : em vez de [*uici*]*o* leia-se *p*[*ecad*]*o*, porque a photographia deixa ver, embora com custo, um *p*, e parece que um *a* : além d'isso o espaço convém mais á segunda correcção que á primeira. Cf. tambem no *Leal Conselheiro*, p. 192 (ed. de Paris) : *pecado de guargantoyce*. Que *pecado* tem só um *c*, mostra-o a fabula XLVII, 15.
LIII, 10 : *taaes* em vez de *taees*.
LVII, 12 : *amoesta* em vez de *amoestra*
16 : talvez seja *prijguo*, e não *priguo*, porque o ms. tem neste sitio uma dobra.
LIX, 3 : *coobra* em vez de *cobra*.
LX, 10 : Na palavra *cabrom* ha um borrão depois do *r* (i. é *cabr•m*), de modo que a palavra póde ler-se *cabram*, como a cima tres vezes), ou *cabrom* (como em XXXII, 17). O espaço parece fazer admittir antes *cabrom*.
LXI, 55 : *escarneçia* em vez de *essarneçia*.
65 : a nota 4 deve ser redigida assim: «Vid. supra, fab. LXI, linha 40, nota 4.
73 : *benyvolenciam* em vez de *benevolençiam*.
LXII, 14 : a nota 2 deve ser supprimida, pois trato d'este caso na secção da gramamtica.

INDICE DO VOL. VIII

Artigos desenvolvidos:

Miscellania:

Necrologia :

Bibliographia :

I. Livros :

II. Periodicos :

III. Varia quaedam :

VOLUME 8.º NUMERO 1 1903-1904

Revista Lusitana

Archivo de estudos philologicos e ethnologicos relativos a Portugal

DIRIGIDO

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

SUMMARIO

ERRATA

Pag. 58, col. 2, linha 1.ª: leia-se *jaza* em vez de *gaza*. Na nota respectiva: em vez de *gaza* leia-se *jázia* e *jaze*.

O presente fasciculo tem menos uma folha que os outros; o seguinte, porém, em compensação, será maior que de costume.

LISBOA
ANTIGA CASA BERTRAND
75, Rua do Chiado, 75
1903-1904

VOLUME 8.º NUMERO 2 1904

REVISTA LUSITANA

Archivo de estudos philologicos e ethnologicos
relativos a Portugal

DIRIGIDO

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

SUMMARIO

LISBOA
ANTIGA CASA BERTRAND
75, Rua do Chiado, 75
1904

Algumas obras de J. LEITE DE VASCONCELLOS

Tradições populares de Portugal, xv-320 pag., Porto 1882 . . . 500 réis
Annuario para o estudo das tradições populares portuguesas (collaborado por todos os especialistas de Portugal), v — 97 pag., Porto 1882 . . . 100 »
O dialecto mirandês (premiado em concurso pela *Sociedade das linguas romanicas* de França), 40 pag., Porto 1882 . . . 300 »
Flores mirandesas (texto em mirandês, com notas philologicas e vocabulario), 40 pag., Porto 1884 . . . 100 »
Estudo ethnographico (ácêrca da ornamentação dos jugos e cangas dos bois no Entre-Douro-e-Minho,— com estampas), 48 pag., Porto 1881 . . . 600 »
Portugal prehistorico (vol. da *Bibliotheca do povo e das escholas*), Lisboa 1885 . . . 50 »
Romanceiro português (vol. da mesma *Bibliotheca)*, Lisboa 1886 . . . 50 »
Balladas do Occidente. Este vol. de versos divide-se em tres livros: I *Lyrismo*, II *Epopeia*, e III *Drama*, 342 pag., Porto 1885. . . . 500 »
Diccionario da chorographia de Portugal, Porto 1884. . . . 500 »
A philologia portuguesa, 57 pag., Lisboa 1888 . . . 200 »
O texto dos Lusiadas segundo as ideias do Sr. Gomes de Amorim, 70 pag., Lisboa 1890 . . . 250 »
Poesia amorosa do povo Português, 144 pag., Lisboa 1890 . . . 400 »
As «Lições de linguagem» do Sr. Candido de Figueiredo, 2.ª ed., Porto 1893 . . . 250 »
O gralho depennado (réplica ás *caturrices* philologicas do Sr. Candido de Figueiredo), 52 pag., 3.ª ed., Porto 1892. . . . 250 »
Sur les amulettes portugaises, 12 pag., Lisbonne 1892. . . . 150 »
Sur les religions de la Lusitanie, 9 pag., Lisbonne 1892 . . . 150 »
Sur le dialecte portugais de Macao, 9 pag., Lisbonne 1892 . . . 150 »
Religiões da Lusitania (na parte que principalmente se refere a Portugal), 1.º vol., com estampas. . . . 2$000 »
Estudos de philologia mirandesa, 2 vol. . . . 3$000 »
Nuvens, volume de versos . . . 400 »

Á venda na Antiga Casa Bertrand, rua do Chiado, 75 — Lisboa.

REVISTA LUSITANA

A REVISTA LUSITANA publica-se em fasciculos do volume d'este, pouco mais ou menos. Sahem quatro por anno.

Preço da assignatura annual (franco de porte) . . .	Portugal e Hespanha . . .	2$000 réis
	No resto da Europa . . .	12 fr.
	Brazil (moeda forte) . . .	6$000 réis
Preço de cada fasciculo avulso . . .	Portugal e Hespanha . . .	600 réis
	No resto da Europa . . .	3 fr.
	Brazil (moeda forte) . . .	1$800 réis

Toda a correspondencia litteraria deve ser enviada ao director **J. LEITE DE VASCONCELLOS**, Bibliotheca Nacional — Lisboa.

Toda a correspondencia relativa a assuntos economicos deve ser enviada a **JOSÉ BASTO, Antiga Casa Bertrand**, — Rua do Chiado, 75 — Lisboa.

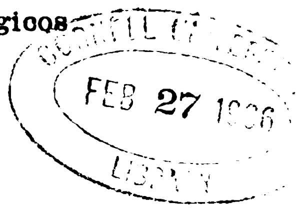
Recebem-se propostas para o estabelecimento d'agencias d'esta publicação em todo o país e lá fóra.

O Archeologo Português, revista mensal de archeologia (com estampas). —Na mesma livraria. Em publicação o 8.º vol.

VOLUME 8.º NUMERO 3 **1905.**

REVISTA LUSITANA

Archivo de estudos philologicos e ethnologicos relativos a Portugal



DIRIGIDO

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

SUMMARIO

LISBOA

ANTIGA CASA BERTRAND

75, Rua do Chiado, 75

1905

Vol. 8.º N.º 4 1905

Revista Lusitana

Archivo de estudos philologicos e ethnologicos relativos a Portugal

PUBLICADO

com a collaboração dos especialistas portuguezes e a de alguns estrangeiros

POR

J. Leite de Vasconcellos

Professor do Curso de Bibliothecario-Archivista e Conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa

---

SUMMARIO

LISBOA
ANTIGA CASA BERTRAND
75, Rua do Chiado, 75

1903-1905

RELIGIÕES DA LUSITANIA

PELO

DR. J. LEITE DE VASCONCELLOS

VOL. I ...... 1897 || VOL. II 1905

Preço do vol. I — 2$500 réis. Do vol. II — 2$000 réis.
O vol. III está no prelo.

DO MESMO AUCTOR:

ESTUDOS DE PHILOLOGIA MIRANDESA

VOL. I ...... 1900 || VOL. II 1901

Preço do vol. I — 1$500 réis. Do vol. II — 1$000 réis.

A' venda na Antiga Casa Bertrand, R. do Chiado, 73-75, Lisboa.

RELIGIÕES DA LUSITANIA

PELO

DR. J. LEITE DE VASCONCELLOS

VOL. I...... 1897 || VOL. II...... 1905

Preço do vol. I — 2$500 réis. Do vol. II — 2$000 réis.
O vol. III está no prelo.

DO MESMO AUCTOR:

ESTUDOS DE PHILOLOGIA MIRANDESA

VOL. I...... 1900 || VOL. II...... 1901

Preço do vol. I — 1$500 réis. Do vol. II — 1$000 réis.

A' venda na Antiga Casa Bertrand, R. do Chiado, 73-75, Lisboa.